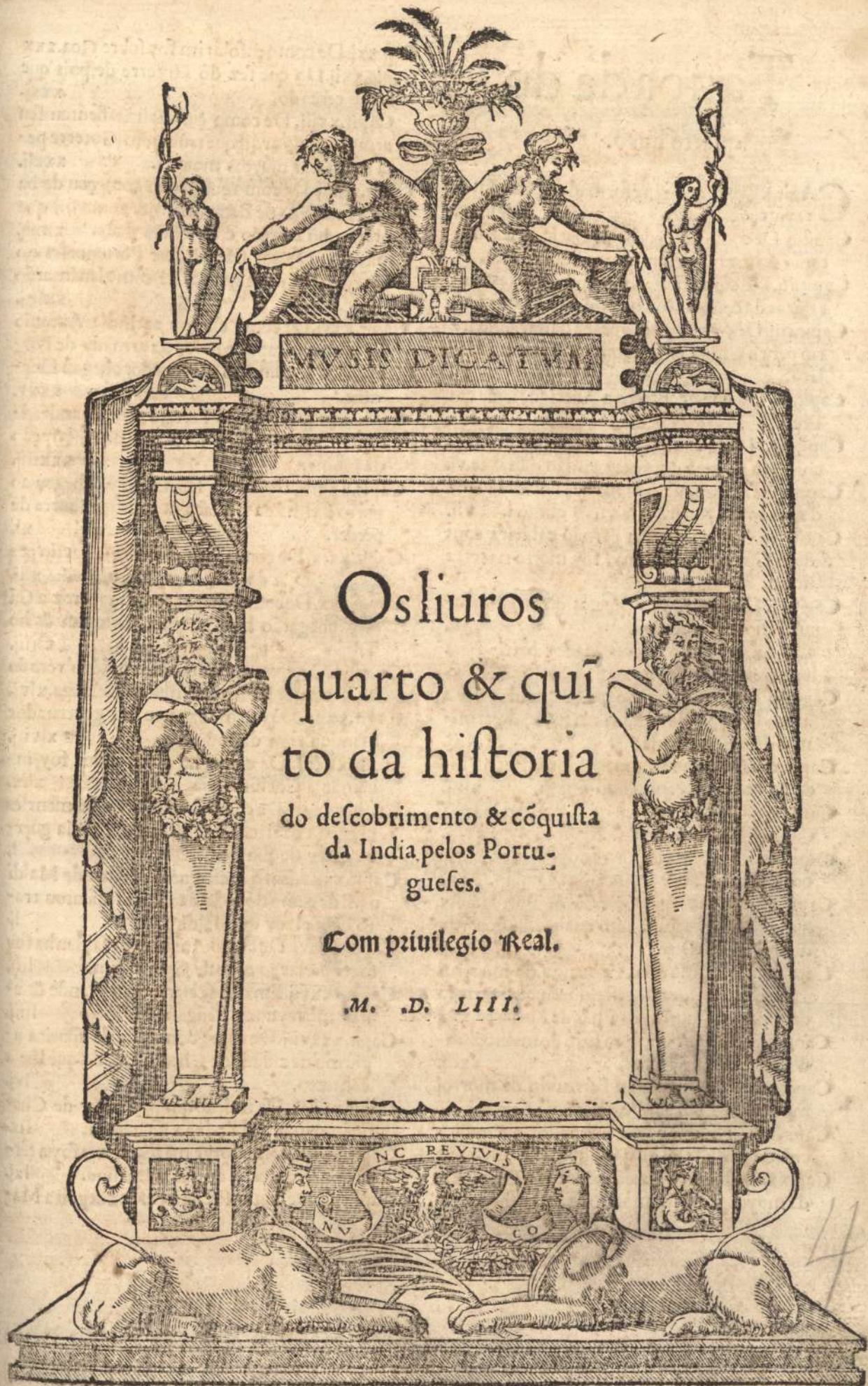




Tauoada do

quarto liuro.

- Capit. i. De como foy reformada a paz com a
raynha de Couão. pagina. j.
- Capit. ij. De como os mouros de Baticala se leuan-
tarão & matarão vinte quatro Portugueses. j.
- Capit. iij. De como ho gouernador visitou as for-
talezas da costa da India, & do mais q̃ fez. ij
- Capit. iiij. De como Fernão perez dandrade par-
tio pera a China & arribou com tempo a Ma-
laca. iiij.
- Capit. v. Do que aconteceo a Anrique leme em
Pegu. iiij.
- Capitolo. vj. De como dom Aleixo de meneses
chegou a Ormuz & prèdeo Simão dâdrade. vj.
- Capit. vij. Da segunda armada que ho Soldão mã-
dou aa India, & porque laa não chegou. vij.
- Capit. viij. Do que passou Fernão caldeira com
dom Goterre, & de como foy morto na terra
firme. ix.
- Capit. ix. De como forão mortos quatro Portu-
gueses no serrão de Cochim. x.
- Capit. x. De como ho gouernador partio pera
ho estreito embusca da armada do Soldão. x.
- Capit. xj. De como sabendo ho gouernador que a
armada do Soldão estaua em Iuda, determi-
nou de pelejar coela. xiij.
- Capit. xij. De como ho gouernador chegou a lu-
da, & a causa porque a não tomou. xiij.
- Capit. xiiij. De como o gouernador se partio pera
Camarão, & da muyta gẽte q̃ lhe morreo. xviij.
- Capit. xiiij. De como Eytor rodriguez de Coim-
bra fez hũa casa de feytoria em Couão. xx.
- Capit. xv. Do risco que correrão os Portugueses
que estauão em Couão em quanto ho gouerna-
dor foy ao estreito. xxj.
- Capit. xvj. De como dom Fernando de monroi
& loão gonçaluez de castelo branco tomarão
duas naos d' mouros nas ilhas de Maldiua. xxij.
- Capit. xvij. Do que fez dom loão de monroi in-
do a armada ate Chaul. xxiiij.
- Capit. xvij. De como dom Fernando de mórroi
foy desbaratado na terra firme de Goa. xxiiij.
- Capit. xix. De como ho gouernador queimou a
cidade de Zeila, & do q̃ lhe fizerão e Adê. xxvj.
- Cap. xx. De como o gouernador foy a Ormuz: &
da muyta gẽte q̃ lhe morreo no caminho. xxviij.

- Cap. xxj. De como gufolarim foy sobre Goa. xxx.
- Capit. xxij. Do que fez dō Goterre deſpois que
se vio cercado. xxxj.
- Capit. xxiiij. De como gufolarim assentou ſeu
arrayal, & do ardil que teue dom Goterre pe-
ra lhe matar muytos mouros. xxxij.
- Capit. xxiiij. De como gufolarim começou de ba-
ter a fortaleza de Benefarim, & como lhe que-
brarão hũ camelo com que a daua. xxxij.
- Capit. xxv. Do que fizerão ſete Portugueses no
arrayal dos inimigos: & de como leuantarão
ho cerco. xxiiij.
- Capit. xxvj. De como chegou aa India Antonio
de ſaldanha capitão moor da armada de Por-
tugal: & de como ho gouernador chegou Dor-
muz. xxxv.
- Capit. xxvij. De como Fernão perez dandrade
tornou a partir pera a China, & da diſcripção
da China. xxiiij.
- Capit. xxviiij. De como Fernão perez chegou ao
porto da ilha da Beniaga, & como ſe ouuera de
perder. xl.
- Capit. xxix. De como Fernão perez ſe partio pe-
ra Cantão, & do ſitio de Cantão. xliij.
- Capit. xxx. De como chegou Fernão perez a Câ-
tão: chegarão ho Conquão, Compim & ho
Tutão. xliij.
- Ca. xxxj. De como o capitão mór mādou recado
ao Tutão, & ſe tornou à ilha da Beniaga. xlvj.
- Capit. xxxij. Das armadas que ho gouernador
mandou fora da India. xlvij.
- Capit. xxxiiij. De como ho gouernador foy in-
uernar a Cochim. xlix.
- Capit. xxxiiij. De como dom Aleixo de meneses
chegou a Malaca & achou que lhe fazia guer-
ra el rey de Bintão. l.
- Capit. xxxv. Em q̃ ſe eſcreuem as ilhas de Maldi-
ua. E de como dō loão da ſilueira aſſentou tra-
to com el rey de Maldiua. lj.
- Capit. xxxvj. De como Antonio de ſaldanha foy
fazer preſas ao cabo de Goardafum. liij.
- Capit. xxxvij. Em que ſe eſcreue ho grande & a-
baſtado reyno de Bengala. liij.
- Capit. xxxviiij. De como dom loão da ſilueira a-
portou na cidade de Chetigão: & do que lhe a-
conteceo. lvj.
- Capit. xxxix. Da treição que ho Laſcar de Che-
tigão armou a dom loão da ſilueira. lix.
- Capit. xl. De como Iorge mazcarenhas foy a ter-
ra dos Lequios, & do que laa paſſou. lxj.
- Capit. xli. De como Fernão perez chegou a Ma-

laca. lxj.
 Capit. xliij. De como o governador foy fazer hũa fortaleza aa ilha de Ceilão. lxij.
 Capit. xliij. De como vendo el rey de Ceilão desbaratada sua gente pedio paz ao governador. E de como começou a fortaleza. lxv.
 Capit. xliij. De como chegou aa India Diogo lopez de siqueira q̃ hia por governador dela. lxvj.
 Capit. xlv. De como Afonso lopez da costa não podetomar a trãqueira de Muar, & dũ ardil cõ q̃el rey de Bintão quisera tomar Malaca. lxvij.
 Capit. xlvj. De como el rey de Bintão pos execução hũ ardil pera tomar a nossa fortaleza, & de como os seus forão desbaratados. lxix.
 Capit. xlvij. De como Duarte de melo capitão mor do mar de Malaca foy cõ outros capitães sobre a tranqueyra de Muar & a tomou. lxxi.
 Capit. lxxiiij. Do q̃ aconteceu em Malaca despois da partida de dõ Aleixo de meneses. lxxiiij.
 Tauoada do quinto liuro.
 Capitulo. j. De como Lopo soarez entregou a governança da India a Diogo lopez de siqueira, & se partio pera Portugal. pagina. lxxviiij.
 Capit. ij. De como ho governador tornou Baticala aa obediência del rey de Portugal. lxxviiij.
 Capit. iij. De como Christouão de souza foy armada a Dabul, & do q̃ lhe aconteceu. lxxviiij.
 Capit. iij. De como ho governador despachou certos capitães pera diuerfas partes. lxxxj.
 Capit. v. De como a raynha de Coulaõ deu consentimento pera se fazer fortaleza. lxxxj.
 Capit. vi. De como Eytor rodriguez de Coimbra começou edificar a fortaleza de Coulaõ. lxxxiiij.
 Capit. vij. De hũ grande seruico que a raynha de Coulaõ fez a el rey de Portugal. lxxxiiij.
 Capit. viij. De como ho governador foy ver hũ para, & do que lhe aconteceu. lxxxv.
 Capit. ix. De como mouros de Cambaya matarão a loão gomez nas ilhas d̃ Maldiuã. lxxxvj.
 Capit. x. De como despois Dantonio correa soccorrer Malaca se partio pera Pegu. lxxxvj.
 Ca. xj. Em q̃ se escreue ho reyno de Pegu. lxxxviij.
 Capit. xij. De como Antonio correa assentou amizade com el rey de Pegu. xciiij.
 Capit. xiiij. De como Antonio pacheco & outros forão catiuos pelos Achês. xciiij.
 Capit. xiiij. Do que ho governador fez em Cochí, & Antonio de saldanha chegou dormuz. xciiij.
 Capit. xv. De como partio de Portugal Jorge dalbuquerque por capitão mor da armada da India. E de como dom Luys de guzmão arribou ao Brasil por lhe quebrar ho leme. xcvi.
 Capit. xvj. Das brigas que dom Luys ouue com ho seu piloto: & de como os Brasís matarão sessenta Portugueses. xcviij.

Capit. xvij. De como dom Luys de guzmão se leuantou com ho galeão, & do que fez aos Portugueses que ho não quizerão seguir. xcix.
 Capit. xvij. De como dom Luys mandou enforçar cinco Portugueses, & do mais que fez. cij.
 Capit. xix. De como os mouros matarão Manuel de souza & xl. Portugueses, & se perdeo. ciiij.
 Capit. xx. De como Jorge dalbuquerque inuernou em Moçambique com algũs capitães. cv.
 Capit. xxj. De como ho governador foy ver a fortaleza de Coulaõ. cv.
 Capit. xxij. De como Ioão gonçaluez de castelo branco foy por embaixador ao Hidalcão. cvj.
 Capit. xxiiij. De como indo ho governador pera Iuda se perdeo a nao em que hia, & como foy surgir em Maqua. cvij.
 Capit. xxiiij. Como ho governador chegou a Maqua & soube que Mateus era embaixador. cix.
 Capit. xxv. De como ho capitão Darquico foy falar ao governador, & despois noue frades do mosteiro de Bisam. cxj.
 Capit. xxvj. Do sitio do mosteiro de Bisam: & da regra que goardão os seus frades. cxiiij.
 Capit. xxvij. De como ho governador se vio com ho Barnegais, & jurarão âbos amizade. cxvj.
 Cap. xxvij. De como o governador mādou dõ Rodrigo de lima por embaixador ao Preste. cxviiij.
 Capit. xxix. Do q̃ aconteceu a Gôçalo de loule, & como ouue a arrelharia do galeão de Manuel de souza. cxiiij.
 Capit. xxx. De como Jorge dalbuquerque foy em busca do governador. cxxj.
 Capit. xxxj. De como Jorge dalbuquerque quisera prender Raix xabadim & não pode, & do dāno que recebeo. cxxij.
 Capit. xxxij. Da grande tormenta q̃ ho governador passou saído do estreito. E como se perdeo a gale de Ieronimo de souza. cxxiiij.
 Cap. xxxiiij. De como ho governador foy inuernar a Ormuz. cxxiiij.
 Cap. xxxiiij. De como foy por capitão mor da armada da India Jorge de britto: & do q̃ acôteceo ao galeão de Ruyvaz pereyra cõ hũ peixe. cxxv.
 Cap. xxxv. De como Antonio correa foy sobre a tranqueyra do pago & a destruyo. cxxvj.
 Cap. xxxvj. De como el rey de Bintão fugio Dantonio correa com toda sua gente. cxxix.
 Cap. xxxvij. Do façanhoso feyto q̃ fizerão cinco Portugueses. cxxx.
 Cap. xxxviij. De como se leuantarão a raynha de Coulaõ & a de Comorim cõtra Eytor rodriguez capitão da fortaleza. cxxxiiij.
 Cap. xxxix. De como a raynha de Coulaõ & a de Comorim quizerão tomar a fortaleza por treição. cxxxv.

Cap. xl. De como as raynhas mandarão cercar a
fortaleza de Coulão. cxxxvii.
Cap. xli. De como dō Aleixo de meneses mandou
tocor a fortaleza de Coulão. cxxxvii.
Cap. xlii. Do que succedeo na guerra aos Portu-
gueses & aos inimigos. cxl.
Cap. xliii. De como a raynha de Comorim pedio
paz a Eytor rodriguez & foy decercada a for-
teza. cxlii.
Cap. xliiii. De como se assentou a paz com a ray-
nha de Coulão. cxliii.
Cap. xlv. De como indo ho governador pera a In-
dia forã tomadas duas naos de mouros. cxliiii.
Cap. xlvj. De como Meliqueaz quis saber se hia
ho governador sobre Diu. cxlvj.
Ca. xlvij. De como Meliç saca & Hagamahmut
se forralecerão sabêdo que ho governador hia
a Diu. cxlvj.
Ca. xlviii. Como o gouerna. chegou a Diu. cxlvij.
Cap. xlix. De como ho governador se vio cō Meli-
que saca & com Hagamahmut. cxlvij.
Cap. l. De como mudado o governador de tomar
Diu mādou ver ho rio de madre faba pera fa-
zer hi fortaleza. cxlix.
Cap. li. De como auendo ho governador dir inuer-
nar a Ormuz deixou na India dom Aleixo de
meneses em seu lugar. cli.
Cap. lii. De como ho governador mandou pedir
a Nizamaluco lugar pera hũa fortaleza, & se
partio pera Ormuz. clij.
Cap. liij. De como auido Fernão miz euāgelho p
Diogo fernādez de beja se foy pa Ormuz. clij.
Ca. liij. De como partirão lorge dalbuquerque pera
Malaca, & lorge de brito pera Maluco. cliij.
Cap. liiij. De como dō lorge de meneses foy ajudar
el rey de Cochim cōtra el rey de Calicut. cliiiij.
Cap. liiij. como el rey de Portugal mādou q ouuesse
officiaes Portugueses nalfādega Dormuz. cliiij.
Cap. liiij. De como Ruy de melo capitão de Goa
tomou as tanadarias da terra firme d Goa. cliiij.
Cap. liiij. De como Raix xarafo fez com ho sō-
gro del rey Dormuz que ho fizesse levantar cō-
tra os Portugueses. cliiij.
Cap. liiij. de como Antonio correa pelejou com el
rey Mocrim & ho desbaratou. cliiij.
Cap. liiij. De como Antonio correa mādou a cabe-
ça del rey Mocrim ao gouernador. cliiij.
Cap. liiij. De como lorge dalbuquerque chegou a Pa-
cê pera restituyr no reyno ho príncipe. cliiij.
Ca. liiij. De como el rey Dauru foy sobre Pacê pera
pelejar cō ho tirano q tinha ho reyno. cliiij.
Cap. liiij. De como ho tirano de Pacê foy morto
& desbaratado por lorge dalbuquerque. cliiij.

Cap. liiij. De como lorge dalbuquerque foy hũa
fortaleza em Pacem. cliiij.
Cap. liiij. De como lorge de brito foy morto &
desbaratado em Achem. cliiij.
Cap. liiij. De como per morte de lorge de brito su-
cedeo na capitania Antonio de brito. cliiij.
Cap. liiij. De como ho gouernador mādou por
capitão mōr Diogo ffrz de beja a Cābaya. cliiij.
Cap. liiij. Como Hagamahmut desbaratou Nu-
no ffrz & lhe meteo hũa nauio no fudo. cliiij.
Cap. liiij. De como dō Duarte de meneses q hia
por gouernador da India chegou a ela. cliiij.
Cap. liiij. De como Antonio correa ouue a ilha de
Baharē, & a fortaleza de Catifa. cliiij.
Ca. liiij. De como o pay del rey Dormuz lhe cōse-
lhou q nã fizesse treizã aos Portugueses. cliiij.
Cap. liiij. De como ho gouernador começou de
fazer a fortaleza de Chaul. cliiij.
Cap. liiij. De como Hagamahmut correo per
mar a Chaul. cliiij.
Cap. liiij. De como dom Aleixo pelejou algũas
vezes com Hagamahmut. cliiij.
Cap. liiij. De como foy morto Diogo fernandez
de beja. cliiij.
Cap. liiij. De como lorge dalbuquerque foy sobre
Bintão, & do que lhe aconteeo. cliiij.
Cap. liiij. De como Antonio de brito se partio
pera a ilha da Iaoa. cliiij.
Cap. liiij. De como lorge dalbuquerque se tor-
nou pera Malaca. cliiij.
Cap. liiij. Como Bastião de souza foy pa fazer
fortaleza na ilha d sã Louriço & a nã fez. cliiij.
Cap. liiij. De como se levantarão os Chins cōtra
os Portugueses, & o que fizerão. cliiij.
Cap. liiij. De como Hagamahmut foy desbar-
atado per Antonio correa. cliiij.
Cap. liiij. De como el rey Dormuz & Raix xa-
rafo se leuātãrão cōtra os Portugueses. cliiij.
Cap. liiij. De como dom Garcia mandou pe-
dir socorro aa India. cliiij.
Cap. liiij. De como Manuel de souza tauares
socorreo a fortaleza Dormuz. cliiij.
Cap. liiij. de como os mouros derão bateria aa
fortaleza Dormuz. cliiij.
Cap. liiij. de como os mouros despejãrão a ci-
dade Dormuz. cliiij.
Cap. liiij. do que passou antre os Portugueses
despois q os mouros despejãrão a cidade. cliiij.
Cap. liiij. de como el rey Dormuz foy morto
pormandado de Raix xarafo. cliiij.
Capitolo. liiij. de como Diogo lopez de sequey-
ra se partio pera Portugal. cliiij.
Fim da Tauada.

Prologo no quarto & quinto

liures da historia do descobrimento e conquista da India
pelos Portugueses. Dirigido á serenissima e exce
lentissima Princesa dona Joana nossa se
nhora. Por Fernão lopez
de Castanbada.



Antigo costume he em Persia, e q se guarda e toda Asia sere
nissima e excelenteissima. Princesa nossa senhora/nenhua pessoa
visitar sem presente a elrey, nem a outras pessoas reaes: porque
se tem por grande final damor e obediencia: costume muyto no
tauel e digno de ser usado em toda parte: por q são nossos seño
res na terra, e na que he sua viuemós: e temos nossas fazendas
e nos dam leys per q somos governados e regidos: e finalmete
nos mantem em paz e em justiça que he parte da bem auenturanca deste mundo
Polo que não somete os deuemos de visitar com presentes do q temos, mas
ter as vontades muyto prôptas pera seu seruico. E seguindo eu este costume auê
do de visitar. U. A. como seu vassalo lhe quis fazer hũ presente: mas de q se pode
ele fazer a. U. A. princesa tão singular dos bês da alma e da fortuna sobre todas tã
excelentemente dotada, q cõ ho muyto q lhe deles sobeja podião outras ser bẽ auê
turadas. Deyro agora a nobreza e antiguidade de vosso esclarecido sangue de to
das as partes, dos mais excelêtes e peradores Dalemanha, de tãtos e tão famo
sos e bẽ aueturados Reys do antigo e muyto nobre sangue dos godos, abasta
ser. U. A. filha daq lles doua lumes do mudo/ Carlos quinto rey dos Romãos e
Empador Dalemanha e rey de Castela e doutros e espanha e fora della, e senhor
de grãdes senhorios: cuja boa fortuna foy em tãto crecimẽto q per seus capitães
rompeo cõ estrago espãtofo hocãpo de Frãcisco Rey de França, que nele estaua
em pessoa com poder que parecia inuenciuel, e ho desbaratou e prẽdeo com muy
tos senhores de Frãça: a quem ho Turco terror do mundo entrando com seu te
meroso exercito por Ungria volueo as costas e não ousou dir auante cõ me
do de pelejar com sua magestade quetinha diãte: e cõ ardentissimo zelo da gloria
do eterno Deos todo poderoso e da religiãõ christãã, esquecido dos immen
tos trabalhos da guerra, penetrou polas frialdades grandissimas da alta Alema
nha, e desbaratou aquelas duas crueis e danosas bestas, cabeças e columnas
da pessima e a bonimauel heresia luterana ho duque de Saxonia e ho Lanstgra
uio: e someteo todas aquelas terras que estauão corruptas desta maluada he
resia a santa Se Apostolica: e fez outras muytas e muy notauéis cousas, que
deixo por não parecer que screuo historia. Ho outro lume do mundo foy sua
molher a emperatriz dona Isabel vossa may, exemplo de todas as virtudes, q
com tanto assellego gouernou Castela, e os outros Reynos despanha: em tan
tos annos que. S. A. foy ausente, que nunca seus vassalos ho acharão me
nos, e pera que lhe não faltasse nenhua cousa pera ser a mais bem auenturada
princesa do seu tempo, casou com ho muyto alto Principe dom João nosso
senhor herdeiro da real casa de Portugal, e de seus grandes senhorios, naci
do do vosso real tronco que não tem enueja a nenhũ dos principes Cristãos
assi em ser zeloso do culto diuino, piadoso pera os pobres e necessitados, ma
nifico liberal e benigno pera todos: amigo dos caualeiros, e muy mto e ouir
suas façanhas: e muyto dado a todo estudo das boas letras, em qu se achão
todas as boas e virtuosas inclinacões que conuem a hũ bom principe, e so
bre tudo lhe deu nosso senhor hũ singular dom, que he tãto sogeto a rezão que

posto que lhe pareça q̃ lhe tẽ feitos grandes erros, com lhe darem rezão fica logo satisfeito. E pera que me detenho eu em cousas tam notorias, nem pera que he ter isto por muyto, pois não se espera menos de. S. A. sendo filho do muyto alto e muyto poderoso Rey dō Johão nosso senhor, e da muyto esclarecida Rainha nossa senhora vossos padres, que assi ho soberão criar e instituir, que juntamente com a boa inclinação natural de que ho eterno Deos ho dotou sayo tal como he. Pois considerando eu serenissima Princesa a singularidade e excellencia de vossa real pessoa e vossa magnificencia, não achei de que lhe fizesse melhor presente que de cousas que sam de muyto moço preço que ouro, nem prata, nem outras riquezas. Estes são os milagrosos feitos e armas que os Portuguezes cujos descendentes hão de ser vossos vassallos fizeram no descobrimento e conquista da India: porque de que tem os Principes e senhores mais necessidade que de bons vassallos, que os fazem ser amados de seus naturais e temidos de seus inimigos, que lhes segurão seus Reynos, e acrescentão outros a seus senhorios, com que os fazem ricos, e estendem por toda a terra seu nome com muyto grandelouor e fama. E bem sentia isto aquele grande Rey Dario quando disse que queria tantos Zopiros como erão os grãos da romaã, por ser Zopiro tam esforçado e prudente na guerra que lhe conquistou Babilonia, e assi fizeram outros muytos e bons vassallos muy grandes e assinalados serviços a seus senhores, como as historias antigas e modernas dão testemunho: que cotejados cō os que fizeram os Portuguezes ficão muyto abaixo deles, pois os das outras nações acabarão, e os seus sempre permanecem: os Assirios, os Medos, os Persas, cujas monarchias forão de tantos Reynos, de cidades tam notaveis, de gente sem conto / ennobrecidas com tam grossas riquezas, fortificadas com tão medonhos e espantosos exercitos que cobrião a terra e secavão os rios, todos acabarão e se desfizerão em pouco tempo: e estes Reynos no mundo tam celebrados ficarão fugeitos a outros. A monarchia dos Gregos e dos Romanos que forão muyto maiores que estouras, e q̃ pareceo que ahião de someter todo mundo a seu imperio quasi que não durarão nada pera ho começo que leuavão: e assi outras muitas de barbaros, gregos, e latinos, que se apagarão: de maneira q̃ não ha nenhuma memoria delas. E que tudo foy por culpa dos vassallos destes monarchias, que ou por treições ou por outras maldades forão causa de se apagarem e desfazerem. E que não se pode dizer dos Portuguezes, que criando este Reyno de Portugal de tam pouca cousa como começou, servindo a seus Reis cō esforço e lealdade sobre as outras nações, não somente ho engrossará em Espanha, nem se contentarão de ho estender por Africa: mas abrindonouos mares e descobrindo novos mundos, dobrando a quele espantoso cabodeboa esperança, estenderão ho senhorio de Portugal e ho fizeram conhecer em Ethiopia, Arabia Persia, e nas Indias. E não descansando ainda aqui seus brauos corações/ ho levarão ate a riquissima China pela banda do norte: e ate as odoríferas ilhas de Maluco pela bnda do sul: cousa nunca cuidada em nenhum tempo, nem q̃ entrasse em pensamêto humano pera se fazer. e forão de geração em geração tam leais todos, que sem temor de immensos trabalhos, sem receo de medonhos perigos sosteuerão ho senhorio de Portugal nestas partes, arreigandoho de cada vez mais. Em tão q̃ parece que a terra, ho mar, e agente se cõvidão pera ho receber. Rezão tenho logo serenissima e excelentissima princesa de fazer a. V. A. presentadas cousas de mayor preço que se achão nestes reynos, q̃ sam os milagrosos feitos em armas q̃ fizeram os Portuguezes no descobrimento e conquista da India, para que saiba. V. A. que sam os melhores vassallos q̃ podẽ ser: e como a tais os trate, favoreça, empare e ajude.

Ad inuictissimum Lusitaniae, & Algarbiorum Regē. Ioanem. III. &c.

Ferdinandus Coronellus de historia
Indica nunc recens edita.



Ioannes, quem Turca timet, quem Maurus adorat,
Quemq; pharetrata Persidis ora tremit.
Cui Parthus, cui cedit Arabs, cui punica tellus
Seruit, & occiduo terra fretumq; solo.
Inclyta perpetuis cur non tua gloria fastis
Crescet, & aetherei surget ad astra poli?
Cum tua lysiades acri gens asper a bello
Ausas sit ignotam fluctibus ire viam.
Perq; procellosum numerosis classibus equor
Cogat in assueto barbara regna iugo:
Qua vagus Euphrates, quā denius exit Orontes,
Quaq; fluit gelidis barbarus ister aquis.
Iamq; pererrato superest nil deniq; mundo,
Per freta longa tuus nauita vicit iter.
Quaq; patet domitis tua magna potentia terris.
Intemerata deicrescit ubiq; fides.
Rex igitur merito tibi quis celeberrime regū
Non grates imo pectore semper agat?
Cum tua stent adeo sacris onerata trophaeis
Lumina, sint armis tot freta victatuis.
Maxime rex regum tituli, insignibus ambit
Quem decor, & tantis ornat imaginibus.
Vive diu patrie, nec te plaga lucida cœli
Auferat ē nostro ciuibus orbe tuis.
Candidus astra petes sero, cum nulla super sint
In terris hominum quæ dare iura queas.
Tunc iam lysiadasq; tuos, gentemq; beatam
Aspicias superos promeruisse Deos.
Qui bene pro patria quondā cecidere sub armis,
Qui bene pro Christi religione iacent
Felices animas, iam nunc super aethera raptos,
Non vos indecores desinet ulla dies.
Non vos liuor edax, non vos longæua uetustas

Arguet in patrio non cecidisse solo.
Dum Phabus superos pulcherrimus ambiat orbes,
Dum Thagus auriferas in mare vertet aquas.
Vix unquam virtus sine nomine vestra iacebit.
Non erit in cineres fama sepulta suos.
Nam casus rerum varios duosque labores
Castanheda sacro proferet ore potens.
Vincet & eternis inimica silentia libris,
Tollet & obscuro nomina vestra situ.
Ille quidem patriæ facta immortalia nunquam
Defraudata suis laudibus esse sinet.
Quæ tibi tot victis rex inuictissime terris.
Gratatur fortiparta trophæa manu.

Eiusdem in authorem epigramma.

uius historia quondam celeberrimus author
Duxit ab æterna posteritate decus.
Dum scribit latium, commissaque prælia, nec non
Missa sub hesperium Punica regna iugum.
Tu quoque lusiadum scriptor facunde tuorum,
Immortale tuum nomen ad astra feres.
Nam licet exigua laudis res ipse referres
Te tamen atq; sancti copiam proueheret
At cum facta tuis scriptis ingentia narres
Eueniet merito gloria summa tibi.

Amici cuiusdam Castanhedæ ad ipsum.

Amarijs exulta modis facundia tantis
Dicendi est lumen, copia, visque tibi.
Ut licet exiguum rem scribas, arte magistra
Æterna facias posteritatis opus
At modo quam scribis tanta est, ut vel sine docto.
Artifice, haud unquam thura timere queat
Ergo scriptori cum res amplissima par sit
Quod scribetur opus dicere fore quale putas.

Ho quarto liuro da historia do

Descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses:

no tempo que a gouernou Lopo Soarez/ do conse

lho del rey dom Manoel de gloriosa me

moria: e capitão dos ginetes do

Príncipe.

Feyto por Fernão Lopez de Castanheda.

¶ Capitulo primeyro. De como foy reformada a paz com a Raynha de Coulaõ.



Es pois q ho gouernador foy e Cochim como disse no liuro terceiro: entendeo logo na carrega da pimenta q auia a de madaõ pera Portugal. E como parte dela se auia de fazer em Coulaõ que algũ tanto estava aleuantado, como disse no liuro segundo: mandou ho gouernador lá certas naos pera que carregassem. E foy por escriptura desta carrega hũ João aluarez de caminha. E juntamente mandou ho gouernador quem reformasse a paz com el rey de Coulaõ: mas a quẽ se deu este cargo não lhe soube ho nome: E quẽ quer que foy assentou a paz com hũa irmaã del rey de Coulaõ que se chamaua raynha: por ter algũa parte na cidade e assi em sua comarca: e gouernaua aquella terra por el rey q ho mais do tẽpo estaa no sertão como disse. E os capitulos das pazes forã estes, que a raynha mandasse fazer aa sua custa a igreja do orago do aplo sam Thome que os mouros queimarão e derribarão quando matarão ho feytoz Antonio de Sá: como disse no liuro segundo: e que lhe fossem toruadas as rendas que tinha assi

de terras como de direitos quelhe pagauão. E assi pagasse a raynha pola fazenda del rey de Portugal que fora tomada a Antonio de Sá quinhentos bāres de pimenta: que polo nosso peso sam dous mil quintaes: e que auia de dar carrega de pimenta às naos que hi fossem carregar, polo preço de Cochim. E q el rey de Portugal mandaria ter em Coulaõ mercadorias que a gente da terra comprasse. E a tudo isto se obrigou per hũa escriptura a raynha, e assi os regedores e pulas: q sam os fidalgos/ de ho comprirem e goardarẽ. E isto fizeram por lhes ser muyto necessaria esta paz pera conseruação da terra. E logo começaram de pagar os dous mil quintaes: e foy dada carrega aas naos que despois de carregadas setornarão a Cochim: donde partirão cõ as outras pera Portugal.

¶ Capit. ij. De como os mouros de Baticalá se leuantarão: e matarão. xxiiij. Portugueses.



Vendo os mouros da Índia que era falecido Afonso dalbuqr que a q auiaõ medo como a mesma mor

te: e que auia outro governador de quem não tinham experencia: de teminarão de desprementar que tal era: e assi como vissem que fazia, assi ho temerão, ou não terão em conta. E os que logo começarão de fazer esta experencia forão os de Baticalá: em cujo porto estava Simão da drade cõ hũa nao d' que era capitão carregando pera Ormuz: e andando algũa gente desta nao em terra trauarão os mouros com eles brigas, em que forão mortos .xxiij. portugueses, e os outros escaparão no batel. E não podendo Simão da drade castigar aqle insulto ho mandou dizer ao governador e partio se pera Ormuz.

Capit. liij. De como ho governador visitou as fortalezas da costa da Índia: e do mais que fez.



Artidas pera Portugal as naos da carga, despachou ho governador pera Malaca abũ fidalgo chamado Jorge d'brito que era copeiro mor del rey de Portugal, q' hia prouido da capitania da fortaleza, e partio em hũa nao, e foy em sua cõserua em outra Antonio pacheco que leuaua a capitania mor do mar: e ambos chegarão a Malaca a saluamêto, e forão entregues de seus carregos. E partidos estes capitães partio se ho governador a visitar as fortalezas da costa, que até li não fizera por amor da cargação das naos. E a primeira q' visitou foy a de Calicu. Cuyo rey el

tava muyto agastado pola morte d' Alfonso dalbuquerque que: e por ser antes de auer reposta da embaxada q' mandara a el rey d' Manuel: e mais por ho governador não querer que mandasse certas naos com pimenta a Aldem, quelhe Alfonso dalbuquerque tinha concedido q' mandasse, porq' era de fora do contrato que ambos fezerão sobre as pazes, não ho queria ho governador consentir. E sobre isto se quis ver cõ el rey: e sobre a maneira de que auia d' ser a vista ouue grãdes altercações porque ho governador queria q' lhe fosse el rey falar á fortaleza, e el rey queria que se vissem no çarame: e cada hũ se injuriava de ir onde ho outro estava: e sobre isto se gastarão doze dias: e ho governador quisera quebrar a paz e recolher a gente da fortaleza se lho não cõtrariarão os capitães e fidalgos. E por fim d' tudo virão se antre a fortaleza e a cidade, não leuãdo cada hũ mais d' tres homens. E com tudo não tomarão cõcrusam sem adaria el rey as naos ou não: e com tudo mandou as despois. E se ele não desejava muyto d' cõseruar a paz que tinha, ela ficaua quebrada. E daqui se foy ho governador a Cananor, e dahi a Goa: e foy surgir no porto de Baticalá: e sabendoho ho seu rey cuydou q' ho hia destruyr por amor dos portugueses que hi matarão os mouros: e por isso quis temporizar coele, e mandoulhe muyto refresco, e tres mouros velhos: dizendo que lhos mãdaua pera fazer deles o q' quise se por quanto aqueles forão causa do arroido em que matarão os .xxiij.

Portugueses. E coeste comprime-
to se ouue ho governador por satis-
feyto, e separtio pera Goa: o q̃ deu
grande onfadia aos mouros pera
lhe perderem ho medo. E dali por
diante ouue ladrões pela costa que
roubauão os amigos dos Portu-
gueses, e a elles melimos se os acha-
uão desapcibidos. E ido ho gouer-
nador por sua viagem, lhe deu hum
temporal com que se acolheo a An-
jadiua: donde mandou dō Aleixo d
meneles a Ormuz por capitão mór
de setenaos carregadas d mercado-
ria pera a feytoria, e mandoulhe q̃
soubesse se auia noua darmada de
rumes no estreito pera os ir buscar:
e elle foyle a Goa, cujos morado-
res, principalmente os casados sa-
bendo que leuaua por regimento q̃
a derribasse se achasse q̃ não era ne-
cessaria, lhe derão por apõtamētos
quanto rendia a alfandega, e quãto
rendião as tanadarias dos passos,
e os dereytos dos cavalos Dor-
muz, e assias ilhas comarcãs. E co
isto muy viuas rezões, de quão im-
portante era pera se foster na India
ho estado del rey de Portugal, e of
ferecendose por cima de tudo a defē-
dela e sostentala a sua custa com lhe
el rey somente dar artelharia: e por
amor di sto não quis o governador
poer em conselho se era bẽ derribar
se Goa, e deixou ha estar, e tornou-
se a Cochim, onde auia dinuernar,



De Cochim e pedio
logo hũa carauelape-
ra Moçambique cõ
recado aos capitães
das naos de Portu-
gal que hi fossem ter ho ãno seguin-
te, q̃ se fossem ajuntar coele em Ju-
da ate õde esperaua deir buscar os
rumes, pera que ho ajudassem se ou-
uesse de pelejar, porq̃ a gente que ti-
nha era pouca. E partida esta cara-
uela, despachou ho governador a
Fernão perez dandrade pera ir a
Bégala e a China: e ouue antreles
desgosto muyto grande, porq̃ não
leuãdo Fernão perez de Portugal
embaixador dirigido pera elrey da
China senão quẽ elle quisesse: deu
o governador este officio a hũ Tho-
me pirez que fora boticairo do prin-
cipe dom Alfonso, e deulhe ho go-
uernador este cargo por ser homem
discreto e curioso, e pera conhecer
muytas drogas q̃ lhe dizião q̃ auia
na China, e com Fernão perez foy
hũ Antonio lobo falcão por capi-
tão dũ nauio. E nauegãdo por sua
viagẽ foy ter a Pacēna ilha de ca-
matra, onde auia de carregar de pi-
menta pera a China, por ser lá de
muyto preço. E pera fazer esta car-
rega estaua ja em Pacē Joãnes im-
polim que fora cõ Antonio Pacheco
na conserua de Jorge de bruto: e
hia fazer esta carrega a Pacē por
valer la a pimenta mais barata que
em Cochim. E chegado Fernão pe-
rez a Pacē, achou q̃ tẽdo Joãnes a
nao carregada lhe ardera. E vendo
Fernão perez q̃ não tinha carrega
pera ir a China, e q̃ não podia car-
regar outra vez por se lhe gastar a

Capit. iiii. De como Fernão pe-
rez dandrade partio de Malaca
pera a China, e de como arribou
com tempo.

moução determinou de ir a Bengala, e primeyro mādou por Joānes ael rey de Pacê hũa carta del rey dō Manuel em reposta d'outra sua amizade, rogādo lhe q̃ quise sse consentir sua feytoria e Pacê, q̃ lhe era necessaria para ho trato da China: e tambẽ lhe mādou hũ presente. E sabẽdo el rey como lhe leuia na Joānes a carta e ho presẽte, mādou ho receber polos principaes d' sua corte todos em cima dalifantes cō grande magestade, e per sua pessoa ho recebo muyto bẽ, e se mostrou muyto contente cō a amizade del rey de Portugal, e d' querer ter feytoria e sua cidade, pera o q̃ deu consentimẽto per hũa escriptura asfinada por ele e por algũs senhores principaes do reyno. Isto feyto, de terminādo Fernão perez de ir a Bengala foy primeyro a Malaca pera hi tomar a nao espera, q̃ era da ordenança da sua capitania: e chegado lá não achou a nao q̃ era da armada: E Jorge de Brito capitão de Malaca quādo soube q̃ ele hia pera a China e queria ir a Bengala, lhereq̃reo muy estreitamẽte q̃ em todo caso fosse a China por se presumir q̃ estaua lá preso Rafael perestrelo cō os outros q̃ forão no jungo, como disse no liuro terceyro: e posto q̃ lhe falcasse a nao espera, lhe daria a nao sãcta Barboza. E cō quanto Fernão perez se quizer a escusar de ir por ser gastada parte da moução não pode, e partio eleuando a carrega de Malaca, e forão e sua cōserua Manuel falcão e Antonio lobo falcão e dous nauios, e hũ Duarte coelho e hũ jungo: e partio d' Malaca a .xv.

Dagosto de mil e quinhentos e de setecentos, e meado Setembro chegou junto da enseada de Laucôchina: e foy de noyte com os outros capitães oar cō terra, onde milagrosamente os saluou nosso senhor q̃ se ouuerão de perder e hũs baixos. E por lheseir ja ho vento por dauante pararão aqui doze dias. E vêdo que era por demais por ser a moução gastada, arribarão a Malaca, e Duarte coelho pediu licença a Fernão perez pera ir inuernar a Sião / que conhecia ho rey de quando lá fora cō Antonio de miranda e sabia que aia de fazer proueito. E tornado Fernão perez a Malaca achou Rafael perestrelo que era chegado da China cō tamanho ganho no emprego q̃ leuou q̃ fez d' hũ vinte e certificou que os Chis querião paz e amizade com os Portugueses, e q̃ era muyto boa gente.

Capit. v. Do q̃ acôteceo a Anrrique leme em Pegu.

Despois da partida d' Fernão perez pa Malaca q̃ quizer a Bengala, vendo Joānes q̃ não tornaua foy se a Malaca na nao que hifera a carrega, cō tenção de fazer lá a mesma feytoria que ouuera de fazer em Pacê. E ho capitão de Malaca, chegado elle lá / deu por rogo de Jorge dalbuquerque que ainda estaua em Malaca a capitania da nao a hũ Anrrique leme pera que fosse a Martabão porto de Pegu com fazenda del rey / e deu-lhe sessenta Portugueses pera irem

coele, e ido tomou no caminho hũ jungo de mouros mercadores de Pegu, e leuouho consigo pera ho mandar a Balaca carregado darroz, e não podendo tomar Marta bão arribou á boca do rio onde está Pegu, nouenta legoas por ele acima á borda dagoa: e a dezoito está hũa cidade chamada Cosmĩ que he ho porto de Pegu: onde por cõsentimẽto do gouernador da terra foy leuada a fazẽda que hia na nao com hũ feitor, e algũs dos nossos pera estarẽ coele ate se acabar de vender e Anriqueleme ficou na nao á boca do rio, e com ho jungo em sua cõpanhia, e começandose a nao de cargar souberão os senhores do iũgo que os nossos tomarão que estava na barra carregãdose darroz, e escãdalizados disto se forão queixar a el rey de pegu cõ grandes brados dizendo que os nossos sem nenhũ temor trazião ho seu jungo quel he to marão sem nenhũa rezão pois tinhão paz coeles, pedindolhe q lhes fizesse justiça, e os mataste a todos pois erãoladrões que se ho não forão, não tomarão ho jungo, nẽ ho trouuerão diante dos olhos, e ouvido isto por el rey, porque queria ter contẽtes os mercadores de que lhe vinha muyto proueito mandou logo recado ao regedor de Cosmĩ que mandasse tomar todos os nossos que estauão na feytoria: e quãdo não que os matassem. E ho regedor os quísera auer por mañã, mas não pode porque ho feytor se goardaua, que foy logo auísado per mercadores gentios do que el rey mandaua. E vendo os mouros senho-

res do jungo que estauão em Cosmĩ, que se não podia ho feytor nẽ os nossos auer por manha, ajuntarãse com outros muytos, e assi algũs gentios, e derão na feytoria com grande impeto, em que aueria quatro dos nossos com ho feytor e oyto. Faos escauos del rey de Portugal que logo acodirão á porta da feytoria com espingardas / bẽstas e lanças defendendose tão valentemente, que não somente tollerão aos inimigos que entrassem mas ainda matarão algũs: o que visto polos mouros poserão fogo á feytoria que logo começou dar der por serem as casas cubertas de palha. E vendo ho feytor ho fogo, e que não tinha remedio sayose por detras das casas em que batia ho rio, onde se meterão ate a cinta / que logo os inimigos acodirão sobreles com grandes gritas e frechadas sem conto / e pedradas. E era cousa despanto / e milagre euídete como se defendião todos doze sem os inimigos lhes poderẽ empecer em espaço de quatro oras que durou esta briga. E no cabo chegou ho batel da nossa nao onde se reterão e se forão á nao que estava no rio. E logo ao outro dia apparecerão por ele a baixo obra de quatrocentos paraós cheos de gente armada e com muytas sangadas de rama seca, pera que se não podessem tomar a nao a queymassem coelas. E vêdo os Anriqueleme, e conhecendo ao que vinhão deixou ho iũgo despejando a gente dele na nao / e em hũa champãna com que secar regaua, em que mandou logo apõ-

tar toda sua artilharia: e em os paraos chegando perto a mado de parar neles. E os inimigos como erão muytos não deixarão de a cōbater/tirando multidão de frechadas, cercando a nao de todas as partes. E passando hũ pedaço que a artilharia começou a jugar atroou-se toda a nao cō a furia dos tiros/ e por ser podre e passada do bicho começa de cuspir ho bren por onde era furada, e ficauão os buraquinhos descubertos: e sendo muytos, entroulhe tanta soma d'agoa que nem com bombas, nem cō baldes se não podia esgotar, o que deu assaz de trabalho aos nossos, porq̃ se trabalhauão em esgotar a nao/ falecião pera se defender dos inimigos que os combatião continuamente sem descansar/ que ho podião fazer por serem tantos como disse: e se se querião defender deles entravaos a agoa de modo que os metia no fundo: assi que não labião a qual acodissem, e tres dias contínuos teuerão este trabalho/ que tão to durou a peleja sem nunca terem nenhũ reponso, porque comião pelejando: e toda a noyte vigiauião com medo quelhe não queimasse os inimigos a nao. E cō trabalho tão immenso aprouue a nosso seño de os tirar do rio/ levando os ho batelá toa, e assi hũ calaluz de Malaca, e a champana. E vendo os inimigos que os seguião que sayão pela barra tornaranse, sendo hũa hora ante do sol posto. E os nossos ficarão tão cansados e tão roucos de muyto bradar que não podião falar nem deitauão mais que vëto:

e tudo isto se fez sem nenhũ ser morto nem ferido, e dos inimigos muytos, e muytos paraos arrôbados, e outros metidos no fundo. E tudo isto erão milagres de nosso de os todo poderoso. E vendo ho capitão que a nao se não podia foster pola muyta agoa que fazia/ reparatio a gente dela e artilharia, e mantimentos na champana, calaluz e batel que leuou a este fim: e ainda a gente não era toda acolhida quando a nao se foy ao fundo e ficou a gauea por cobrir/ e dali seguiu sua rota pera camatra, e no caminho se perderão ho batel e ho calaluz com hũ temporal, e morrerão neles vinte e toytos dos nossos e vinte Jaos. E ho capitão com os outros e algũs mercadores de Cosim que se forão coele pera viuerem em Malaca foy ter ao porto de Pedir em camatra, e hi os recolheo ho rey e os teue cō muyto galardado tres meses/ ate Fernão perez tornar a Pacê/ onde tornou depois darribar da viagem da China, como direy a diante.

Capitolo .vj. De como dom Aleixo de menses chegou a Ormuz e prendeo Simão d'andrade.



Artido tom Aleixo de menses pera Ormuz com as naos de sua conserua chegou coelas a saluamêto/ e mandou entregar a fazenda delas na feytoria. O que fauoreceo muyto os nossos que lá estauão por estarem muyto tristes pola noua da morte d'afonso dal-

buquerque que sa sabião, e temião que os mouros se aleuantassem. E estando dom Aleixo em Ormuz da ua mesa aos que querião ir comer coele, que erão muytos: e hũ dia estado comêdo ê trou hũ fidalgo chamado Martin afonso de melo ainda moço / e deu hũa grande cutilada polo rosto a outro chamado Francisco degá que comia á mesa de dom Aleixo. E segundo se despois soube, foy a causa de lha dar ter lhe dado Francisco de Sá hũa bofetada quando hião pera Ormuz, onde Martin afonso se aqueixou disso a Simão dandrade que ja lá estava, e a outros seus parentes q̃ lhe aconselharão que se vingasse onde podesse, e ele não achou outro melhor lugar que aquele: e assi como lhe deu a cutilada se acolheo / e dom Aleixo com quantos estauão á mesa foy apos ele ate a pousada de Simão dandrade onde se meteo, e dali foy logo passado por detras aos paços del rey, donde foy posto em saluo / e por isso ho não pode dõ Aleixo prêder. E sabêdo como quãdo fora a dar a cutilada sayza da pousada de Simão dandrade, aqueixouse muyto coele polo consentir. E ele disse que Martin afonso fizera muyto bẽ de se vingar / e ele em lhe dar ajuda pa isso, e assi outras palauras: pelo que dom Aleixo ho prendeo sem lhe querer goardar hũa aluara do gouernador em que ho isentaua de dõ Aleixo: e por mais requerimentos que lhe fez Simão dandrade lho não quis goardar, e tomoulhe a capitania da nao e deu ha a Frãcisco pereyra de berredo.

E em quanto estene em Ormuz ho tene preso na sua nao: e assi holeuou ate a India, ôde ho gouernador ou ue por bẽfeito o q̃ fizera dõ Aleixo.

Capit. vij. Da segunda armada que fez ho Soldão pera mādãr á India cõtra os nossos: e a causa porque lá não foy.



O liuro segundo foy dito ho desbarato da armada do Soldão / de que Birocem foy por capitão mór á India / e como ele se foy despois da India. E como ho Soldão tinha grande desejo de lançar os nossos fora da India / e assi ho tinha determinado / não disistio de sua determinação, e começou logo de mādãr armar outra frota mayor que a primeyra / que foy armada em quatro annos: e posta no mar e aparelhada pera nauegar se affirmou que custou oytocentos mil cruzados. Erão estas velas seys gálles reaes cada hũa de vinte sete bancos de tres remos em banco / e no ue lotis cada hũa de vinte cinco de tres remos em banco, e doze fustas / bũas de vinte sete bancos outras de vinte cada hũa de dous remos em banco: e fez pera esta frota seys mil homens de peleja em q̃ entrãuão setecentos Amelucos e trezentos Turcos / e mil mouros mogaueres de Tunes e dõ Gra da que falauão espanhol, de que os quinhentos erão espingardeiros / e os cento bombardeiros, de que os vinte erão mestres d'artelbaria

z d'artefícios de fogo, z os outros se chamauão seruidores, z dous mil frecheiros z outros tantos de lanças z espadas. E destes os quinhentos armados de sayas de malha, z dez armas brancas z cinco de coyrças: z antre toda esta gente auia cincoenta Christãos. A artelharia desta frota forão cento z dez tiros grossos de metal, basiliscos, cães/ pedreiros z outros. E trezentos z vinte cinco berços de metal/ z muyta poluora/ z grande quantidade de pelouros de toda sorte. Armada esta frota deu ho Soldão a capitania mór a hũ Turco chamado çalmão rex que fugira ao Turco cõ sete galés de que andaua por capitão, z lhas fora vender z assentara coele viuenda. E ja antes disto em tempo q̃ Alfonso dalbuquerque governaua a India / sabendo çalmão rex que ho Soldão queria mandar esta frota á India foy lá primeyro por seu mandado pera ver a nossa armada/ z hũ nosso calafate ho' conbecço que ho viu em Chaul/ z ho disse a Alfonso dalbuquerque. E tornado ele da India/ disse ao Soldão que facilmẽte esperaua de desbaratar a nossa frota / porque era de nauios dalto bordo, que não podião nauegar sem vento/ z a sua era de galés, que posto que não ouuesse vento andauão a remos: z como tomasse os nossos em calmaria os auia de meter no fundo. E esta foy a causa porque lhe ho Soldão deu alcapitania mór da armada que digo, z mandou lhe que fosse pola cidade de Judá z se ajuntasse

se com Abirocem que hí estaua z faria o que lhe mostrasse per hũ regimento que lhe tinha mandado. E partio de çuez no começo d'outubro de mil z quinhẽtos z quinze, z no caminho se lhe perdeu hũa das galés com cento z cincoenta homens: z chegou a Judá a quatro de Nouembro / z a dezanoueparatio dali com Abirocem que tinha duas naos que leuara de Diu que fez como as nossas, z hũ galeão z dali forão ter a Camarão/ onde lhe Abirocem mostrou como ho Soldão mandaua que fizessem ali ambos hũa fortaleza, em que Abirocem ficaria com quinhentos Abamelucos. E passados oytto mezes que a fazião, escreveu Abirocem hũa carta d'ameaçõ ao rey Dadẽ por estar escandalizado dele de sem rezões que lhe fizera quando passara desbaratado da India. E por amor desta carta mandou el rey Dadẽm que não vendessem mantimentos aos de Abirocem, que por essa causa concertou com çalmão rex q̃ fizessem guerra a el rey Dadẽm/ z Abirocem lha foy fazer com dous mil homens / z prometeo cem cruzados a cada hũ se tomassem hũa cidade chamada Zebit sobre que foy que está sete legoas pelo sertão. E com a esperança da promessa a tomarão / z na peleja matarão hũ filho d'el rey Dadẽm. E tomada a cidade apertarão os soldados com Abirocem q̃ lhes comprisse sua promessa dos cem cruzados. Do que se ele escusaua, dizendo que lhos não podia dar pois roubarão quanto auia

na cidade. O q̃ lhe eles nã quizerão
leuar em conta 7 quizerão matar
se ele não pedira espaço pera man-
dar pedir dinbeiro a çalmão rex/
que sabendo o que passaua / porq̃
não tinha dinbeiro mandou dizer
aos soldados que ele ficaua por fia-
dor do dinbeiro que esperassem, 7
a Mirocem que fugisse: pera o que
ele buscou maneyra 7 fugio 7 foy-
se pera çalmão rex, que despois q̃
ho teue mandou recado aos solda-
dos q̃ se fossem embarcar / 7 q̃ lhes
pagaria: 7 que não esperassem por
Mirocê que era morto. Eles não
quizerão semlhes pagar primeyro.
E determinando çalmão rex com
Mirocem de ir sobre Aldem/posto
que tinha pouca gente mandou ro-
gar aos soldados, que pois ho não
querião ajudar que deitassem fama
que ficauão em Zebit pera irẽ por
terra a Aldem õde ele hia, 7 eles ho
fizerão assi / 7 Salmão 7 Mirocem
forão sobre Aldẽ/a que derão com-
bate / 7 tomarão hũ baluarte, 7 der-
ribarão hũ lãço de muro: mas não
a poderão tomar, 7 por não terem
gente não quizerão passar á India
7 tornarãse a Camarão. E isto tu-
do soube dom Aleixo em Ormuz, q̃
vindo ho tempo de sua partida se
partio pera a India.

Capit. viij. Do que passou Fer-
nãõ caldeira com dom Goterre,
7 de como foy morto na terra fir-
me.



Quando ho governador
hia de Portugal pera
a India, que chegou a
Moçambique: hia na

nao de dom Goterre hũ Fernão cal-
deira que fora page D'alfonso dalbu-
querque, q̃ por merricos fora pre-
sõ a Portugal, onde despois de se
liurar lhe fez el rey merce, 7 lhe deu
licença pera se tornar á India, 7 foy
na nao de dom Goterre que hia por
capitão de Goa/onde ele tinha sua
mulher 7 casa / 7 por auer hũa dese-
rença em Moçambique cõ dõ Go-
terre não quis ir mais coele, 7 to-
mou secretamente hũ nauio, 7 foy-
se com outros caminbo da India/
onde cuydou dachar Alfonso dal-
buquerque que lhe valeria. E co-
mo soube que estaua em Ormuz,
7 por amor da fortaleza que fazia
não auia de tornar se não tarde/
desesperou de se poder saluar de
dom Goterre que auia de ser ca-
pitão de Goa onde auia de morar/
7 por isto determinou de se acolher
á terra firme pera Ancoscão capi-
tão de Pondá, 7 leuou muyta fa-
zenda com que tratasse: 7 despois
de ser lá tomou Ancoscão coele ta-
manha amizade que não se aparta-
ua nunca dele 7 daualhe todos os
proueitos que podia, de modo que
se fez muyto rico. E determinan-
do dom Goterre de ho matar po-
lo de Moçambique, despois que
foy em Goa trabalhou por isso, mã-
dando algũs que ho matassem/
principalmente hum João gomez
escrivão da feytoria de Goa, ho-
mẽ esforçado que fez que hia agra-
uado de dõ Goterre, 7 q̃ fugia pera
os mouros: 7 por ser Christão ho
agasalhou Fernão caldeyra, 7 da-
ualhe dos seus caualos em que an-
dasse: 7 fazia com Ancoscão quelhe

fizesse honra. E não distindo cō tudo isto João gomez de ho matar esperou tempo pera isso, ate que hū dia sayo Ancoscão a folgar pola terra a caualo, e sendo hūa legoa do passo de Benestarin, adiantou-se João gomez com fernão caldey-ra e matou ho á treição com hūa lança a vista Dancoscão, que auēdo disso muyto grande menencoria mandou apos João gomez que se acolhia a Benastarin, e foy tomado e trazido diate Dancoscão, que por sua mão lhe cortou a cabeça. O que sabido por dom Goterre, ficou muyto mal com Ancoscão com que dantes estava bē, e determinou de se vingiar dele.

Cap. ix. De como forão mortos quatro dos nossos no sertão de Cochim.



Aguernando ho gouernador em Cochim, hū fidalgo chamado Gaspar da silua foy folgar a terra firme e leuou em sua companhia seu irmão Christouão de souza, Jorge de brito, Lopo de brito, Aires da silua, Pero ferreyra e Antonio ferreyra. E andãdo a caça de pauões como a gente da terra lhes queria mal saltou coeles hū caimal bema, acompanhado de Haires, dizendo q matauão os pauões que erão dos seus pagodes. E posto que os Portugueses se deiculpauão q ho não sabião, não lhes valeo, e ho Caymal os quisera matar todos, e fizeram os recolher aos tones cō muy-

ta afronta, ficando mortos quatro criados destes fidalgos, que forão presos em chegando a Cochim per mandado do gouernador, porque forão sem sua licença. E neste inuerno faleceo Diogo mendez de vascōcelos capitão de Cochim antes de ter acabado ho tempo de sua capitania. E por ho gouernador ter por elrey de Portugal estas vagantes, deu esta ao feytoz Lourenço moreno de que era grande amigo: do q se Aires da silua aqueixou ao gouernador por entrar na vagante de Diogo mendez, e por lhe não desfazer seu queixume com lhe dar a capitania ficarão de quebra. E passa do ho inuerno chegou dom Aleixo de meneses a Cochim, e contou ao gouernador o que soubera da armada do Soldão.

Capit. x. De como ho gouernador partio pera ho estreito a buscar a armada do soldão.



Om a noua que dom Aleixo deu ao gouernador da armada do Soldão, determinou ele de a ir buscar ao estreito como tinha em seu regimēto. E como ja começaua de deitar ao mar a armada q tinha varada, assi como as velas erã aparelhadas assi as mādaua caminho d Goia, dde se auia da jutar a frota q auia d leuar. E ele se partio apos elas por derradeiro, e d camincho foy visitado as fortalezas e prouēdo as do necessario. E por quãto ele determinaua d fazer hūa fortaleza e Couilão pa ter segura a feitoria q lá ouuesse dstar.

E pa este negocio era necessario hũ
homem de fiso, escolheo pera isso
hũ canaleyro de Coimbra chama-
do Eytorrodriguez/em que tinha
muyta confiança, que estava proui-
do da feytoria de Cananor / e por
saber que ele melhor que outro sabe-
ria assentar a terra de Coulaõ e tra-
tar a gente dela, ouue por mais ser-
uiço del rey mandalo lá por feytor
que estar em Cananor. E assi lho
disse, e ele ho aceitou por servir el
rey, que era seu criado e canaleyro
de sua casa. E dandolhe ho gover-
nador ho regimento do que auia
de fazer ho despachou de Cananor
a feys de Janeyro pera Cochim dõ
de se partio pera Coulaõ. E ele par-
tido, se partio tambem ho governa-
dor: e chegado a Goa achou muy-
tos mantimentos / muyta poluora
e muytas munições que lhe dom
Goterre tinha prestes. E fazendo
aqui alardo da gente e dos nauios
da frota achou menos Jeronimo
de souza hũ fidalgo capitão dũ na-
uio. E assentando que era fugido, e
que não podia ser em outra parte
senão nas ilhas de Maldina / de-
terminou de ho mandar lá buscar,
porque por as ilhas estarem de paz
poderia hi fazer muyto dãno com
as fazer levantar: e mandou ho bus-
car por dom Fernando mórroi, a q̃
mandou que por ir por capitão dũ
nauio dalto bordo fosse pola banda
do mar das ilhas, e assi por João
gonçaluez de castelo brãco capitão
de hũa galé, a que por esse respeito
mãdou que fosse por antre as ilhas
e a terra firme / e a ambos deu regi-
mento que se achassem Jeronimo

de souza, e não quisesse tornar coe-
les que ho metessem no fundo. E
despois disto ho governador se em-
barcou pera se partir, e estando em
barcado soube dom Goterre per gẽ-
tios da terra firme que estauão pres-
tes quatro capitães do fidalção
pera entrar na ilha como ho gover-
nador partisse / pelo que dõ Goter-
re apertou com ho governador que
lhe deixasse mais de quatrocentos
homẽs que lhe deixaua, e mais ar-
telharia que a que lhe ficaua. E ho
governador lhe respondeo que a-
bastauão os homens e a artelharia
que lhe ficaua: e quando os mou-
ros ho apertassem tanto que deixas-
se os passos da ilha e se recolhesse á
cidade / e despois tornaria ele e os
tomaria: o que ele não podera fa-
zer antes se os mouros tomarão
qualquer deles, tomarão tambem
a cidade. E deixando ho governa-
dor Goa desta maneyra, se partio
pera ho estreito na entrada de feue-
reyro de mil e quinhentos e de asse-
te, cõ hũa armada de trinta e feys
velas. s. quinze naos com a sua em q̃
hia por capitão dom Aleiro de me-
nezes, dom João da silueira, dom
Aluaro da silueira, dom Diogo da
silueira, Aluaro barreto, Antão
nogueira, Antonio raposo, Jorge
de brito / Aires da silua, dom Bar-
cia coutinho, Alfonso lopez da cos-
ta / Francisco de tauora, Gaspar
da silua / Duarte de melo, Gonçalo
da silueira. E dez nauios e caraua-
las, de que forão capitães, Pero
ferreyra, Antonio ferreyra fogaca,
João gomez cheira dinheiro / Tri-
stão de sa / Aopo de vilhalobos /

Garcia da costa / Pero lopez de
 sam Payo. Francisco de ga. Fernã
 d' resende, ho pintor: z oyto galês,
 capitães Lopo de brito / Christo-
 uão de souza. João de melo / Dom
 Alvaro de castro, Dinis fernãdes
 de melo / Dom Alfonso de menezes.
 Antonio dazeuedo. Antonio d' mi-
 randa dazeuedo, z hũ carauelão, z
 hũ bargantim. E hũ jungo em que
 hião quinhentos naires del rey de
 Cochim / z por capitão Diogo pe-
 reyra de Cochim. E nesta frota le-
 uou tres mil Portuguezes / z Du-
 arte galuão que hia por embaixa-
 dor ao Preste / z Mateus embaix-
 ador do mesmo Preste. E parti-
 do de Goa foy fazer agoada a ca-
 cotorã / z seguindo sua viãjẽ pera
 Adem ouue vista dela hũ dia pola
 menbaã leys legoas alamar, z ali
 surgio z teue conselho com os ca-
 pitães z fidalgos da frota, a que
 declarou que auia de pelejar com
 os rumes se esteuessem no mar z
 não na terra / porque assi ho leua-
 ua por regimẽto delrey seu senhor:
 z deu a dianteira a dõ Garcia cou-
 tinbo. E se os rumes nã estivessem
 no porto que surgiria diante da ci-
 dade pera tomar pilotos que ho le-
 nassem ate as portas do estreito /
 z ali mandou aos capitães das ca-
 rauelas z das galês que fossem ao
 longo da costa / z que as velas que
 achassem Dadẽ lbes não fizessem
 mal. E chegado ao porto Dadem
 com toda a frota / não achando os
 rumes surgio dentro na baya / z
 saluou a cidade com a artelharã z
 com as trombetas, z os capitães
 fizeram despois outro tãto / o que

durou bem duas horas / z da cida-
 de não respondeo ninguem. E estã-
 do pera fazer conselho do q̃ faria /
 chegarão á capitaina tres mou-
 ros hõrrados em hũa barquinha
 com hũa bãdeira de paz / z postos
 diante do gouernador lbe derão
 as chaues da cidade da parte do
 regedor dela / dizendo q̃ a cidade z
 ele erão delrey de Portugal. E ho
 gouernador as não quis, dize-do
 q̃ por então não se queria deter em
 assentar amizade por quanto hia
 muyto de pressa em busca dos ru-
 mes, que cuydando dachar naq̃le
 porto fora ali ter: z pois os não a-
 chaua auia dir buscalos a Cama-
 rão z a Judã / pera q̃ queria q̃ ho
 gouernador Dadem lbe desse pilo-
 tos / z da volta assẽcarã coele paz
 z amizade. Do que se logo muytos
 espantarão não tomar ho gouer-
 nador a cidade que lbe danão em
 paz / nem tomar conselho se faria
 ali fortaleza ou não. E tornãdo os
 mouros com esta reposta ao rege-
 dor Dadẽ / ficou ele muy desalua-
 do do medo que tiuera, z mandou
 de noyte fazer muytos fogos po-
 los muros z torres em sinal de fes-
 ta / z tanger muytos instrumẽtos.
 E ao outro dia mãdou ao gouer-
 nador tantos paraõs carregados
 de refresco que cobzião ho mar, z
 assi quatro pilotos q̃ ho leuassem
 ate as portas. E sem mais ho go-
 uernador fazer conselho do que fa-
 ria se partio pera as portas do es-
 treito: ao domingo seguinte que
 era ho de Azaro, mandando dian-
 te a Diogo pereyra no jungo pe-
 ra tomar Rubaês / z hi tomou

hũa nao de mouros, com que espe-
rou pelo governador/ ho qual che-
gou quasi noyte ás portas/ e logo
separtio q̃ foy bẽ mao conselheiro po-
los baixos e ilhas que auia dali pe-
ra dentro/ e quando vay hũa frota
tamanho como aquela era, pera ir se-
gura ha de surgir das portas pera
dentro com sol e leuarie coele, e assi
lhe sobrenzeo logo hũ tẽporal tão fu-
rioso, que esteue toda a frota em ris-
co de se perder. E a galé de dom Al-
uaro de castro desapareceo, e creose
que a comeo ho mar: e atre os fidal-
gos que se nela perderão foy Jorge
galuão filho de Duarte galuão. E
correndo a frota esta tormenta foy
amanhecer sobre hũas ilhas em q̃ se
ouuera de despedaçar se não ama-
nhecera.

Capit. xi. De como ho governa-
dor soube que coleimão rex era
senhor de Judá: e tinha hí vara-
das as galés: e determinou de pe-
lejar coele.



Estas ilhas tornou
a proseguir sua via-
gem, e ora cõ ponen-
tes, ora com leuantes
chegou a vitezgoas
de Judá: e aqui apareceo hũa gelua
que tão que vio a noĩa frota se foy
dereita a ela: dizendo os q̃ hião nela
que erão dezoito, q̃ erão Chriããos
que vinhão fugidos de Judá. E le-
uados ao governador, disserãlhe q̃
erão calafates e carpinteiros: e que
trazião sete turcos, e que trabalha-
uão nas galés q̃ coleimão rex tinha
varadas em Judá. E contarão ao
governador toda a historia de Abi-

rocm, e de coleimão rex: e que par-
tidos dadeim antes daboarem as
portas do estreito lhez dera hũ tem-
poral com que a galé de coleimão se
perdera da frota e fora ter a Zella:
e Abirocem a Camarão: donde sem
esperar por coleimão se fora a Ju-
dá: e mandara varar as galés: e as
duas naos e ho galeão ficarão por
nãoserem agoas viuas. E hí soube-
ra como ho Turco desbaratara ho
Soldão, e ho matara, e lhe tomara
toda sua terra: pelo que quando So-
leimão rex chegou a Judá, Abiro-
cem ho não quisera recolher na ci-
dade, com medo de lha tomar por
treição. E sabendo xarife parcate
senhor de Mecca (que he como papa
antre os mouros) a imizade q̃ auia
antrestes dous, fez paz antreles:
mas logo Abirocẽ a quebrou: que-
rendo matar coleimão com peço-
nha. Que sabendo ho saltou em casa
de Abirocem pera ho matar: e ele
fugio pera Mecca: e por isso colei-
mão ficou senhor de Judá, e leuãtou
logo badeira polo turco: e escreueo
a xarife parcate que logo lhe man-
dasse Abirocem, senão que não seria
amigo do Turco, porque aquele ho-
mẽ ho tinha muyto de seruido. E
ele lho mandou preso, auisando aos
que ho leuauã que ho matasem no
caminho, como matarã. E depois
disto se dizia q̃ coleimão rex queria
ir ao cairo dar obediẽcia ao Turco
E q̃ estaua tã desapercebido de gẽte
q̃ não teria mais de. cccc. ate. ccccc.
turcos: e Judá estaua fraca cõ hũ
muro baxo, e hũa fortaleza peq̃na,
q̃ tomariã facilmtẽ: por não auer lá
badeira noua de ir o governador

q̃ sabendo como as galees dos rumes estauão varadas em Judá publicou pola frota que as auia dir queymar. E na paragé onde soube estas nouas lhe deu hũ ponêtemuy to brauo com que a nao Dantonio raposo por ser velha se foy ao fũdo, e apartarãse da frota a nao de dõ João da silueira e ho iungo de Dìogopereyra, que despois forão ter a Camarão. Este ponête durou obra de quinze dias, e durando tãto fez crer a todos que era de todo a moução dos ponentes: e por isso e por auer dias q̃ na frota auia muita falta d'agoa cõ que adoecia muita gente dizião todos que arribassem a Camarão a tomar agoa. Dõ q̃ ho governador se indinou grãdemente, e dizia q̃ os judeus e couardos dirião aquilo e não os caualeyros: jurãdo que não auia darribar a Camarão, mas q̃ os auia d' meter ondelhes não fossem boõs os pés nẽ as mãos, e ali auia desperar ate passar ho ponente, e quando durasse tanto que arribaria a Camarão, e tornando os leuantes auia de tornar a Judá e tomala, porq̃ não partira da India se não pera isso. E vendo a gente que adoecia, e q̃ começauão algũs de morrer: aqueixauãse publicamente do governador e tinhãlhe odio, e brassemauão delle: mas a elle não lhe daua disso nẽ que ria tomar ho conselho de ninguem, e daua a entender que de seu poder absoluto queria fazer tudo. E com quanto a gẽte via que isto era mal, era tão obediente que morrião por não desobedecer: e muytos fidalgos teuerão desgosto cõ ho gouer-

nador sobre esta cõtumacia, e hũ deles foy Duarte galuão, que sempre disse que ele não auia de pelejar cõ os rumes, nẽ queimar as galès. E andando coeste temporal, forão os mouros da terra dar auiso a coleimão rex que estaua em Judá de caminho pera constantinopla a chamado do Turco. E como se soube na cidade a ida do governador, foy ho medo tamanho nos meuros q̃ a começauão de despejar. E como coleimão isto soube desembarcouse de hũa galee em q̃ estaua embarcado, e foyse a terra, e deteu a gente cõ boas palauras: e ajutando a mais que pode dos alarues da comarca fortaleceo a cidade, assestando muita parte de sua artelharía ao longo da praya: de modo que se os portugueses passassem lhes ficassem de rosto e os metessem no fundo.

Capit. xlii. De como ho governador chegou á cidade de Judá, e a causa porque a não tomou.



Assados estes quinze dias de ponête, acodio hũa bafugẽ de leuante com q̃ a frota chegou a Judá, q̃ he hũa cidade na costa Darabia cento e oytenta legoas das portas do estreito e. clxv. de quez q̃ he no cabo dele em vinte hũ graos e meyo largos da banda do norte. A duas legoas do porto tẽ muytos baixos, e q̃ ha muytos penedos, e daqui tem dous canays per q̃ entrão pera ho porto e vão e voltas, hũ de leste oeste, outro de nordeste sudueste, e que vay por eles leua ho prumo na mão

e sam tão estreitos que escassamente
 cabe hũa nao por cada hũ: e por isto
 esta barra he muyto perigosa. Ho sitio
 desta cidade he em terra
 tão seca, que não ha nenhũ arvore-
 do nem verdura veruas, e muyto
 pouca agoa doce, porq̃ choue pou-
 cas vezes: seria a este tempo de mil
 vezinhos. As suas casas de pedra
 e cal sobradadas, e de muytas ge-
 nelas e chemínés. He muyto aba-
 stada de mantimentos que lhe vão
 de fora, e de muytas mercaderias
 porque ali se ajuntauão todas as q̃
 hião da India pera o cayzo e Ale-
 xandria: e as destas duas cidades
 pera a India. A sete legoas desta ci-
 dade pera ho sertão está a maldita
 casa de Abeca, a que os mouros fa-
 zem suas romarias (como os Cri-
 stãos fazem ao sancto sepulcro de
 Hierusalê) por estar nela ho çancar-
 rão, q̃ chamão do abominauel Aba-
 fameda. Chegado ho governador
 a estes baixos que digo foy surgir
 com toda a frota hũa legoa da cida-
 de, a vista dela na praya: donde tam-
 bẽ a a frota foy vista: e começarã-
 lhe a tirar cõ a artilharia q̃ estava
 na praya. E os pelouros erão tam-
 furiosos que fazião chapeletas no
 mar, e todos de ferro coado: e mu-
 tos cayrã na frota. E na capitaina
 se pesou hũ que pesaua setenta arra-
 tões. E daqui mandou ho governa-
 dor sondar os canaéis por dõ Afõ-
 so o menses, e por Dinis fernãdes
 de melo: que despois de sondados
 lhe forão dizer a maneira dos cana-
 eis: e q̃ bẽ poderião as galés entrar
 por eles, porẽ que sempre auião de
 ficar com os costados de rosto com

a artilheria dos inimigos, pelo q̃ não
 auia de poder jugar com a sua qle-
 uanão nas proas, e por isso não po-
 derião fazer nenhũ dano coela, atẽ
 receberiã tãto da de terra, q̃ ou os
 meteria no fundo/ou os mataria a
 todos antes que chegassem a terra.
 O q̃ ouuido polo governador pra-
 ticou o q̃ faria nisto cõ dõ Gonçalo
 coutinho: e cõ Afonso lopez da co-
 sta, que erão os dous mais antigos
 capitães da frota: e assentou coeles
 que se podesse mãdar encrauar a ar-
 telharia que os inimigos tinhão na
 praya que desse na cidade: porq̃ cõ a
 artilharia encrauada ho faria sem
 perigo. E quando não se podesse en-
 crauar que não desse na cidade, por
 que estava certo matarihe a artilha-
 ria quantos leuasse quando lhe não
 metesse as galés no fundo: e porq̃ a
 artilharia se podesse milhor en-
 crauar, que mãdasse queimar as duas
 naos, e ho galeão que estauão sur-
 tos no porto: porq̃ cõ a reuolta do
 fogo perderiã os inimigos ho tẽto
 da artilharia. E isto assẽtado falou
 ho governador secretamente cõ do-
 us chriistãos q̃ fugirão de Judá na
 gelua, encomendãdolhes q̃ quando
 fossem queimar as naos lhe fossem
 encrauar a artilharia dos inimigos
 e que eles logo diuidarão de fazer
 auendo por inconueniente a muyto
 grande vigia q̃ os rumes tinhão, e
 cõ tudo ho governador os mandou
 em hũa almadia, de volta cõ certos
 capitães q̃ forão em bateis cõ algũa
 gente a q̃imar as naos e ho galeão.
 E como todos os da frota estauão
 aluorçados e desejosos de dar na
 cidade/ não sabendo a tenção com

que ho governador mandaua queimar as naos cuydarão que se qria contêtar coisso: e logo disserão que não auia de dar na cidade (e assi se soube que ho disse Soleimão rex) e foy sobreisso grande murmuração per toda a frota. E posto qas naos forã queimadas os dous chriştãos não poderão encrauar a artelharía por a grande vigia que os mouros tinhão. E com quanto isto foy muyto secreto soube de logo, porq̃ eles ho disserão a Gaspar da silua, em cuja galé se agasalhaão: e ele ho disse a outros de q̃ se rompeo. E sabêdo o governador como se a artelharía não podera encrauar ficou muyto triste e agastado, por perder tamanho gosto como trazia pera dar na cidade: e tamanha honrra como fora queimar a frota do soldão, e destruir aq̃la cidade, onde ele fora ho primeiro capitão Portugues que chegára: e tão imenso trabalho co moleuou cõ todos os da frota em chegar ali. E com muyto grãde magoa de tantas perdas, que não podia encobrir no rosto, assentou de não dar na cidade, com receo de perder quantos leuaua. E pera ho dizer aos capitães, fidalgos, e pessoas príncipaes da frota, ao outro dia às noue horas chamou a cõselho: e jũtos lhes disse, **E** sabei todos como por mandado del rey meu senhor viemos buscar a frota do soldão pera pelejar coela, esperando ê nosso senhor de a desbaratar, e de a pressar a Índia dos rebates q̃ tinha cadãno cõ a esperança de sua ida: e não a achãdo em Eldê, nê em Camarão, nos foy forçado chegar a esta

cidade cõ tãtos trabalhos, fadiga e perigos como passastes. E cuydãdo de a achar no mar a achamos varada, e os rumes em terra tão fortalecidos como vedes: e eu sey que estão per dom Alfonso de meneses e Dinis fernãdes de melo, por q̃ mandey sondar os canaéis per q̃ auiamos dentrar no porto: que me disserão que sam em voltas: e tãmeitritos, que as nossas galés em q̃ fazia conta dentrarmos não podem entrar se não hũas diante das outras: e sempre com os bordos no rosto da artelharía dos inimigos, q̃ primeiro que tomemos terra nos podem matar a todos e meternos no fũdo: e nos a eles não podemos fazer nenhũ dãno, por não ficar ê nunca a tiro da nossa artelharía que vay toda de proa. E ainda que eu tenho regimêto del rey meu senhor que não pelejasse em terra se não no mar: cõ fiãdo em nosso senhor que nos ajudaria quísera pelejar coestes rumes e terra, se não fora ho perigo grandissimo da entrada em q̃ nos podemos perder. E respeitãdo a ele, e não ao desgosto que nos ha de ficar de não pelejarmos, não diga nenhũ de vós o que disserão os cayados, que pelejassem pois ali estãão: porq̃ posto que nossa vinda aqui fosse coessa determinaçã, não se ha daver respeito senão ao q̃ podemos fazer a nósosaluo: porque cometermos esta cidade com ficarmos vencidos não me parece q̃ he efforço pois lhenão podemos fazer nenhũ no jo: e eles a nos tanto, que nos matarão antes que tomemos terra: quanto mais q̃ a gente que temos q̃ pode pelejar he

muyto pouca, assi pola que morreo
 e he doente como pola que nos fale
 ceda naõ dedõ Joã da silueira meu
 sobrinho, e os malabares q̃ nos a
 uiã de fazer grande ajuda cõ suas
 frechas. E ainda esta pouca q̃ ha pe
 ra pelejar he necessario que se repar
 ta, e fique dela goardando a frota:
 porque os inimigos a não queimẽem
 quanto formos. Assim q̃ nos fica tão
 pouca gente pera cometermos a ci
 dade que não faremos nada. E acõ
 tecẽdo o q̃ eu receo perdesse a India
 porq̃ não terãõ os seus reys q̃ temer
 pera se levantar cõtra as nossas for
 talezas, q̃ sam as que importão ao
 estado del rey meu senhor, e q̃ ymar
 as galees do soldão nenhũa cousa,
 e tomar esta cidade menos: porque
 elas achandoas no mar sam nossas:
 E ela posto q̃ não se tomenão se per
 deniõ nada, pois por ser tão lõge
 da India não se pode softer: e pare
 ceme muyto mal auenturar-se gente
 em cousa que se ha de deixar. E aca
 bando de dizer isto os primeiros q̃
 falarão forão dom Gonçalo conti
 nho, e Alfonso lopez da costa: e sem
 darẽ seus pareceres, disserão: q̃ quẽ
 tinha visto mais cousas q̃ ho gover
 nador, nem quẽ era mais esforçado
 e por el rey saber que era assi confia
 ra de lea India, e pois a cõfiava, e
 a ele lhe parecia q̃ não era bẽ come
 ter-se a cidade, que pera q̃ era mais
 cõselho de ninguẽ, se não tomar-se ho
 seu que era ho principal. Do que to
 dos os outros ficarão muyto escã
 dalizados, porq̃ crerão que ho go
 uernador tinha praticado ho caso
 com aqueles dous, e por seus pare
 ceres somẽte, e polo seu, não queria

pelejar, sem tomar mais ho de nin
 guẽ, e q̃ deles fazia conta, e não dos
 outros. E os mais vêdo a cousa co
 mo hia, se forão cõ ho parecer da
 q̃les dous. E outros mais azedos
 forão cõtra isso q̃rendo dar rezões
 por onde era necessario pelejar dizẽ
 do. Que cousa vergonhosa seria, e
 com q̃ os Portugueses perderiãõ
 todo o credito, não pelejar hũa fro
 ta tam poderosa como aquella pare
 cia, com todo ho poder do soldão,
 quanto mais cõ tam pouco como ti
 nhão sabido q̃ estaua naquela cidad
 Porque os mouros auião de saber
 muyto bẽ a muyta gente q̃ se embar
 cara naquela armada, que passauão
 de tres mil pessas, e não auião de a
 diuinhar a q̃ lhe morrera na viagẽ:
 nem a q̃ lhe faltaua, nem a q̃ estaua
 doente: e vendo que não pelejauão
 creriãõ que era de medo: pelo q̃ to
 do o que ateli tinhão dos Portu
 gueses auião de perder, e não os te
 riãõ em conta, o que era tão necessa
 rio que não fosse como softer as for
 talezas da India, a que os mouros
 logo poeriãõ cerco como perdessem
 ho medo a quẽas auia de defender:
 e por isso somente era necessario pe
 lejar, que posto que se corresse peri
 go no desembarcar, não era tama
 nho, nẽ tamanha perda morrerem
 nisso algũs homens, pois não auião
 de morrer todos, camanho era per
 der-se ho credito dos Portugueses
 e camanha seria crerẽ os mouros
 como estaua certo crerẽ que por me
 do e não por outra causa deixauão
 de pelejar. E mais que para q̃ era fa
 zer-se tamanho caso da artelharia
 dos inimigos, que parecia desesperar

da misericórdia de nosso senhor, que tantas vezes liurara na India os Portugueses de muytos mayores perigos que aqueles: e que assi os liuraria entã: porq̃ não mostraua ele seu poder se não ôde ho humano des falecia: e por isso auiaõ de pelejar. E cõ todas estas rezões, como erãõ mais os que forãõ de voto q̃ não pelessem, não se tomou ho parecer destes.

Capit. xiiij. De como ho governador se partio pera Camarão, e da muyta gente q̃ lhe morreu.



Ubicado pola frota q̃ ho governador não auia de dar na cidade, foy ho escandalo tamanho em toda a gente q̃ era coula espantosa: e deziãõ sem nenhũ medo que não podia ser mayor judaria q̃ aq̃la, não cometer hũa cidade tão pequena com tanta gente e tão efforçada: e cõ tãtas munições: q̃ tinhã poder pera pelejar cõ ho turco, quanto mais com aquella cidade: e outras cousas q̃ a gẽte da guerra diz q̃ndo os seus capitães não fazẽ as cousas que lhes parece bẽ. E os q̃ erãõ do tempo d'Alfonso dalbuquerque traziaõ a memoria seus cometimentos sem medo: seu efforço e suas grandes victorias. E deziãõ todos muytas injurias contra ho governador por não cometer a cidade: e cõtra os capitães porq̃ lho consentiãõ. E bẽ ho sabia elle, mas não ouõ aua de falar, e estava muyto triste. E pera ver se podia amansar agente deitou fama

que auia vir com os navios peq̃nos á costa d'Abéria a leuar Duarte galuão ao porto de Maçua: e assentar amizade com ho preste. Mas nẽ cõ isto se contentou a gente: e mais por amor que se deteu ho governador algũs dias por causa do tempo que era contrairo pera a partida: e forãõ neste espaço os da frota muyto apilados dos tiros dos imigos. E passados quatro dias selançou na frota hũ Chistão chamado Lourẽço catiuo d' Soleimão rex, que disse na galé de Gaspar da silua onde foy ter primeiro, que porq̃ não desembarcava ho governador, e que esperava mais, porq̃ Soleimão rex estava cõ muyto grande medo dele: e assi quãtos estauão na cidade: e a tinhãõ despejada de suas fazẽdas, pera que se ho governador a etrasse as terẽ em saluo, e que se de desembarcara em chegando, q̃ ainda achara tudo. E de tudo isto q̃ Lourenço dezia, não disse mais nenhũa cousa despois q̃ ho governador falou coele. E neste tẽpo virãõ da frota poer em terra a borda d'agoa hũa vara aruorada cõ hũa carta pendurada. E cuydando os Portugueses que era algũ auiso forãõ algũs por ela, e derãõ ao governador, que vio que era de Soleimão rex escrita em castelhano. E dizia que estando ele de partida pera o cayro soubera sua vinda, pelo q̃ deparara de partir, porq̃ pera tal o spede como ho governador, era necessario tal homẽ como ele pera o agasalhar: e tẽdo lhe as pousadas prestes ho via partir sem querer pousar, q̃ folgaria de saber a causa. Entendẽdo ho governador a reboaria de co

ley mão, e como zombaua dele. Respondeolhe por elcripto, dizendo q̃ ele ho fora buscar a Adê e a Camaráo pera pelejar coele, no que perde ra duas naos e hũa galê / e polo nã achar fora ali ter cuydando de ho achar no mar ôde lhe mostrasse a vôtade que trazia: e q̃ ho achaua em terra onde não podia sayr / e por isso não pelejaua coele, mas q̃ se hia inuernar a Camaráo, ôde se ele quisesse ir por todo Agosto veria quanto melhor gasalhado lhe fazia do q̃ ele fazia a ele. E deixada a carta em terra foy tomada e leuada a coley mão, que não reprimou nem foy buscar ho governador a Camaráo, por que sabia q̃ no mar os Portuguezes auião de leuar a vitoria. E depois disto dous ou tres dias se partio ho governador pera Camaráo, dizendo q̃ não queria ir a Abaqua por nã partir a armada e ficar pouca cousa em cada parte: porque coley mão rex tinha armada, e sabêdo que hião apartados sayria a eles, e darlhes hia fadiga. E proseguido sua viagem pera Camaráo, esteue a gente em risco de morrer toda de sede, por auer tão pouca agoa na frota / que pera abastar não se daua a cada pessoa mais de meo q̃rtilho dagoa pera todo ho dia / sendo aq̃la paragê tão quente de seu natural, q̃ não podem os homens viuer sem se lauarem todos muytas vezes e os abanarê: e mais era grande calmaria, com que se deteu na viagem ho tres dobro do que se ouuera de deter cõque a gête mais desmayaua / e muyta morria de pura sede que se lhe secauão os bofes e outra adoe-

cia. E era medonha e piadosa cousa de ver os gemidos e clamores q̃ todos fazião contra ho governador polos leuar a morrer sem fazer nenhũ seruiço a Deos nê a el rey: e assi chegou a Camaráo em Mayo, que se mais tardara hũ dia quasi toda a gente lhe morrera, porq̃ algũs nauios chegarão sem bocado dagoa. E se passarão na viagê trabalho de sede, em terra passarão immenso de fome: porque como a ilha estaua despouada não se acharão mantimentos, e na frota hião tão poucos que ninguem não comia mais que arroz cozido e hũa vez no dia / e quẽ podia pescar algũ pescado mesturado coele: e coesta fome lhe morreo aqui grande soma de gente principalmente da do remo / e cayão mortos como que fora peste / e de fracos não podião os viuos soterrar os mortos, e nunca se tamanho delbarato vio o gête como este foy. E cuydando ho governador q̃ possesse auer algũs mantimentos da terra firme mandoulá / e os mouros q̃ erão inimigos e sabião como ho governador não pelejara em Judda não somête não quiserão dar os mantimentos, mas ainda matarão algũs Portuguezes, e ho mesmo a conteceo na ilha de Dalaca, mandãdo ho governador ho carauelão a Abaqua a saber se poderia hi mandar Duarte galuão pera ir da hiao Preste, e antre os mortos foy ho capitão do carauelão, por cuja morte deu ho governador a capitania ao piloto q̃ se chamaua Pero vaz deuera, e não foy necessario mädar o governador Duarte galuão, por

que foy nosso señoꝛ de ho leuar des-
te mundo / nesta ilha tão apartada
de sua natureza / que foy grande
perda por ser homẽ de tanto preço
como disse no liuro terceiro.

Capit. xliij. De como Eytor ro-
driguez de Coibza cõ licença da
rainha de Coulaõ fez hũa casa
de feytoria em Coulaõ.



Eytor rodriguez q̃ hia
por feytor a Coulaõ/
depois q̃ partio d Co-
chim chegou a Coulaõ
ho primeyro dia de feuereyro de
mil e quinhẽtos e desassete, e logo
foy falar á rainha de Coulaõ, a
quẽ deu hũ presente q̃ lhe leuaua
da parte do gouernador, e outros
aos seus regedores. Estando jũ-
tos ela e eles lhes requereo como
leuaua por regimento q̃ per virtu-
de da capitulação das pazes q̃ es-
taua feyta mandassem logo fazer a
igreja do apostolo sam Thome / e
pagassem cento e sessenta e seys bá-
res de pimẽta q̃ ficarão deuedo do
anno passado dos quinhẽtos que
auião de pagar como disse atras.
E responderão q̃ estauão muyto
prestes pera cõprir toda a capitu-
lação das pazes / porẽm que logo
não podia ser por a rainha estaua
pera partir ao outro dia a fazer
guerra a el rey de Tranuancor seu
vezinbo que a tinha desafiada / e
por isso não podia deixar aquela
empresa / e tambem por ter sua gẽ-
te junta e ospulãs que auião dir-
coela: e que em quanto fosse deita-
ria dada ordem pera que se ajun-

tassem os materiaes pa edificação
da igreja q̃ se auia de fazer. E a mes-
ma rainha disse apartadamente a
Eytor rodriguez que lhe rogaua q̃
em quanto ela fosse á guerra não a-
pertasse sobre os dereytos e rēdas
da igreja que se auia de fazer, que
ela era obrigada a restituyr por tu-
do ser dado a Pulãs e Aaire: muy-
principaes que ho não auião dalar-
gar sem ela ser presente. E apertan-
do sobrisso em sua ausencia poderia
suceder hũ mao recado de que lhe
pesaria muyto, por isso lhe aconse-
lhaua q̃ esperasse ate sua tornada /
porque ela compriria tudo como
era obrigada: e que nisto descansas-
se, porque ela desejaua muyto de cõ-
seruar a paz que estaua assentada,
e que era grande seruidor del rey d
Portugal. O quelhe Eytor rodri-
guez agardeceo muyto de sua par-
te / e se lhe offereceo muyto pera a
servir: e vendo a boa vontade que a
chaua nela pera ho seruiço del rey
de Portugal pediolhe apousenta-
mẽto pera pousar com seu escriuão
e homẽs da feytoria, em que podese-
se bem agasalhar as mercadorias q̃
leuaua / e quando não ouuesse este
apousentamẽto lhe desse lugar pera
fazer hũa casa pera isso, que assi ho
leuaua por instrução do gouerna-
dor / de quem sabia em segredo que
determinaua de fazer ali hũa forta-
leza trazendo ho Deos do estreito,
por isso que se lhe desse licença pe-
ra fazer a casa a fizesse em lugar que
fosse boõ pera fortaleza. E a rainha
lherepõdeo / que posto que aquilo
era fora da capitulação, das casas,
que ela desejaua tanto de servir a el

rey de Portugal/ e deter paz coele
que era contente de dar lugar pera
se fazer a casa ô delhe a ele parecesse
bê/ e ao outro dia lho assinaría cõ
os regedores q̃ a isso auião de ser
presentes. E com quanto a rainha
isto prometeo tão leuemente, teue
grandes contradicções pera se com-
pir: porq̃ como os mouros da ter-
ra ho soberão e lhes pesaua em es-
tremo de os Portugueses ali assen-
tarem, porq̃ tinham certo deitalos
fora, conselharão aos regedores q̃
por nenhũ modo cõsentissem fazer-
se aquella casa, porque com nome de
feytozia se auia logo de tornar for-
taleza com q̃ os Portugueses lhe
auião de tomar a terra, que assi ho
costumauão os Portugueses, e cõ
nome de feytozias tinham feytas to-
das suas fortalezas, e fizerão com
outra rainha q̃ le chamaua de Co-
morim por ser irmã del rey de Co-
morim, e com dous filhos seus q̃
conselhassem ho mesmo á rainha d̃
Loulão e aos regedores. E com tu-
do nunca poderão mouer a ela nẽ a
eles, porque ela por desejar muyto
a paz os abrandou de maneyra que
forão muyto contentes de dar licẽ-
ça pera se fazer a casa: e tambem a
grande diligencia que pos Eitor
rodriguez em os peitar e persua-
dir q̃ lhe dessem lugar pera fazer a
casa. E juntos com a rainha lhe de-
rão a licença, mostrandose todos
muyto desejosos do seruiço d̃l rey
de Portugal: e porq̃ ho lugar on-
de se auia de fazer esta casa foy dei-
xado e escolha Deitor rodriguez,
escolhe ho detras do circuito da
igreja que fora de sam Thome / e

tão perto do mar que se podia che-
gar a ele com hũa pedra/ começou
logo de fazer hũ grande cerco de
taipa com hũ poço dentro de muy-
to boa agoa.

Capit. xv. Do risco q̃ correrão
os Portugueses que estauão e
Loulão em quanto ho gouerna-
dor foy ao estreito.



Assinado ho lugar em q̃
Eitor rodriguez auia de
fazer a casa á rainha se
partio pera sua guerra
deixando ho muyto encomendado
aos regedores, q̃ ho fauorecessem
e ajudassem em tudo o de que tenes-
se necessidade. E prosseguindo ele
sua obra despois de ter feyto ho
cerco que digo, começou de fazer
hũa casa sobradada cõ as paredes
de taipa e cuberta dola/ e nã ficou
pessoa em Loulão que a nã fosse
ver quando a fazião: e os mouros
dizião aos gẽtios q̃ aquilo era for-
taleza/ e que dali auião os Portu-
gueses de tomar a cidade. E como
os gentioo crẽ ligeiramente qual-
quer cousa crião isto, e indinauão
se muyto contra os Portugueses
principalmente despois que a casa
foy acabada/ e faziãlhe mil sobra-
çarias e dauãlhe encontros onde
os topauão/ e vindo ho inuerno
se desauergonharão mais a isso/
porque sabião que ho gouernador
era ao estreito. E os mouros lhes
fazião crer q̃ os rumes ho auião d̃
matar com quantos hião coele: e
tanto affirmauão isto q̃ passando
por junto dos Portugueses lhes

bradião as espadas nos olhos, pera os prouocarem a ira com que de sembainhassem coeles pera terê causa de se levantarém/que doutra maneyra não ousauão com medo dos regedores que estes fazião que se te uessem em si. E como Eitor rodriguez isto entêdia mandou aos Portugueses q̃ não fossem á cidade nem saysem do cerco da feytoria, e dissimulaua com tudo por não vir a rompimento e lhe acontecer como a Antonio de sa. E assi este uenesta opressam ate que veyo noua de como ho governador era viuo e ficaua em Ormuz: e q̃ não ousarão os rumes de say e de Judá a pelear coele: e isto quebrou muyto os espiritos aos mouros, e temendo que ho governador os castigasse polo passado/ não ysarão de mais sobrançarias cõ os nossos, e també os gentios. E neste tépo veyo a rainha de Couilão de sua guerra que també fauoreceo Eitor rodriguez, e os que estauão na feytoria e ficarão em paz.

Capit. xvi. De como dom Fernão do monroi e João gonçaluez de castelo branco tomarão duas naos de mouros nas ilhas de Maldina.

PArtidos dom Fernão do monroi e João gonçaluez de castelo branco em busca de Jeronimo de souza forão ter ás ilhas de Maldina/ e tomando a cada hũ por seu cabo como leuauão por regimento do governador, não acharão Jeronimo de souza, mas derálhe noua q̃ fora aliter, e q̃ se fizera logo na vol

ta de Belinde, ôde se duue tão mal com ho piloto e com ho mestre do seu nauio q̃ lhes fez lembrar como ele hia leuantado, e a pena q̃ tinhão por irê coele, pelo q̃ determinarão de ho prender e leualo ao gouernador. E assi ho fizeram, e preso Jeronimo de souza, se partirão com ho nauio pera ho cabo de Goardafum ôde esperauão dachar ho gouernador: e neste caminho por ho nauio fazer muyta agoa se mudarão ahũa nao, e nesta mudãça se soltou Jeronimo de souza / e foy despois ter a Goa, e por isso dom Fernando nem João gonçaluez ho não acharão. E andãdo em sua busca toparão duas naos del rey de Cambaya que auia annos que andauão fora de Cambaya tratãdo por muytas partes, e por isso trazião muyta riqueza/ e andaua por capitão delas hũ mouro chamado Logeaquim que foy catiuo cõ quãtos vinhão nas naos q̃ forão tomadas (posto q̃ el rey de Cambaya estaua de paz) porq̃ não leuauão cartazes. E despois de Logeaquim catiuo, comeo e durmio cõ tanto repouso/ e tanto desagastamento como se estiueram em sua casa. E espantandose daquilo dô Fernando e João gonçaluez: disselhes ele que não se agastaua porq̃ aquilo era ventura (a que os mouros chamão nacibo) e q̃ quando partira de sua casa partira pera ser seu feytor e seu catiuo, por isso q̃ não se auia dagastar. E não achando dom Fernão do e João gonçaluez mais presas/ e por se chegar ho inuerno, partirã se pera Cochim, e dali pera Goa, onde leuarão as naos.

Capit. xviij. Do que fez dō João de Monroi indo dar armada de Goa ate Chaul.



Quanto dom Fernão do z João gonçaluez forão ás ilhas de Mal diua mandou dō Goterre capitão de Goa a dom João de mórroi seu sobrinho com sete fustas dar armada ao longo da costa ate alem de Chaul pera fazer presas z segurar a nossos amigos q por ali navegassem z forão por seus capitães domingos de leixas, Anrique de touro, palos cerueira. Pero Jorge z outros do us a quem não soube os nomes. E indo assi dar armada foy ter ao rio do pagode onde ate Baçaim tomou hũa nao de mouros do mar roxo carregada d mercadorias, z os mouros escaparão por fazerem varar a nao / z acolherãse a terra sem peleja rem: z estando na barra de Baçaim foy ter coele hũ Aluaro da madureyra que auia dias que andaua leuantado z forasse pera os mouros, z disse a dom João que se queria tornar pera os nossos, q lhe fizesse esmola dalgũ dinheiro pera se vestir. O que dom João fez de boa vontade, z prometeo lhe que se quisesse tornar pera os nossos de lhe auer perdão de dom Goterre do leuamento que fizera / z com o que lhe deu z ajuntou polos da armada forão duzentos pardaos / com que Aluaro da madureyra disse que se bria Chaul atauiar do que tinha necessidade, z que lá ho esperaria. Porẽ não ho fez assi / antes se foy a

Dabul, z disse a Miralmelique onde dom João ficaua com a armada z que auia de passar a vista de Dabul, que se lhe quisesse dar a capitania mór das suas fustas qerão quatorze que ele hiria tomar dō João z quantos hião na sua armada. E Miralmelique sabendo que Aluaro da madureyra era ja mouro z nã Chistão, foy contente de ho fazer capitão mór das suas fustas. E nã sabendo dom João disto nada partio se de Baçaim caminho de Goa z foy ter a Chaul donde em saindo achou a armada de Abeliqias que era de quatorze fustas / z andaua por capitão delas hũ valente mouro chamado Xequigi que fora ali esperar dom João pera pelejar coele, z em os nossos saindo do rio começaram delhe tirar ás bõbardadas / z os nossos a eles, z apertarãnos tão riço quelhes foy forçado porẽ se de balrraento dos nossos / z fugirem pera ho mar, z os nossos os seguirão hũ pedaço z tomarão hũa fusta de q a gente se lançou ao mar, z assi fugio / z por os inimigos fugirem não os quis dō João seguir mais z seguiu auante caminho de Goa. E neste mesmo dia indo alamar de Dabul foy topar com Aluaro da madureyra que ho esperaua com sua armada toda encadeada como que queria pelejar: z dō João disse aos seus que os comessem / z logo arribarão todos pera os inimigos com determinação de os abalrroar / z hião desparado toda sua artelbaria, z os inimigos parece que ouuerão medo de os esperar z desencadearam se, z poendose hũ

pouco ás bombardadas cō os nossos ficando de balarrauento, fugirão ao remo/ saluo hũa fusta q̃ foy varar em terra e fugio a gēte/ e os nossos a tomarão com a artelharia que tinha. E vendo dom João que não auia por ali mais que fazer tornou-se a Goa com as duas fustas que tomou,

Capítulo .xviii. Da entrada que fez Dom Fernando monrroi na terra firme de Goa/ e de como foy desbaratado e forã mortos muytos dos que leuaua.



Recolhidos dō João e dom Fernando a Goa/ e começando de entrar ho inuerno, determinou dō Goterre de se vingar Dancoscão tanadar de Pondá por amor de João gomez que lhe matara. E coesta determinação fez grande festa de touros e canas em dia do Spirito sancto. E as festas acabadas ajuntou a gente de caualo que serião sessēta homēs/ e seyscentos piães da terra em que entrão trinta dos nossos bēsteiros e espingardeiros, e saindo de Goa tomou ho caminho pera Benastarin ja de noyte. E chegando ás duas arnozes fez deter a todos/ e ali lhes declarou como hião a Pondá a destruyr Dancoscão por comprir muyto a seruiço del rey fazerse assi/ e mandou que fosse por capitão da

gente de caualo dom Fernando seu irmão, e irião coele dom João seu sobrinho, e outros fidalgos. E da gente de pé fosse por capitão João machado que era tanadar mōr da ilha de Goa, E disse-lhes que os mandaua a taes horas/ porque como Pondá era perto, podião lá chegar antemanha e dar no lugar/ cujos moradores estauão sem nenhũa sospeyta de sua ida, e por isso os poderião tomar ás mãos, principalmente ao Tanadar/ que folgaria muyto q̃ lhe leuassē viuo: porem que se lhes amanhecesses antes de chegarem a Pondá que não cometessem nada, e se tornassem, porque ele não queria que pelessem sem nem que se posessem a perigo/ e coisto forão passar a Benastarin da banda da terra firme a gente em almadias/ e os caualos a nado/ e passados abalarão dom Fernando e João machado com sua gēte pera Pondá ficando dom Goterre com algũa gente em goarda das almadias, pera que quando seu irmão tornasse achasse em q̃ passar. E partidos dom Fernando e João machado, João machado q̃ hia diãte chegou primeyro perto de Pondá e por isso esperou por dom Fernando: e neste tēpo tomou dous piães de Pondá que vigiaũão a terra, e destes soube que no lugar não auia nenhũa sospeita dos nossos nem se temião deles. E chegada dom Fernando/ disse-lhe João machado o que soubera dos piães, e pois a causa principal de sua vinda era pera tomarem Dancoscão que lhe parecia que os seus piães por irem de

sarmados e saberem a terra e alin-
goa dela ho farião melhor que os
nossos de caualo q̃ hião armados
e embaraçados com os caualos, e
se auião dembaraçar mais por ser
ainda de noyte, e por isso estarião
melhor em goarda dos piães: e q̃
assi lhe parecia melhor que irem lá
os nossos, e como dom fernando
pretêdia esta honrra não quis que
a ganhasse João machado, e disse
lhe que pois a terra estava sem sos-
peita de sua ida que bem poderião
esperar que amanhecesse e verião
oque fazião / e darião todos no
lugar e farsebia ho feyto melhor
que de noyte: e a isto ajudarão
Jeronimo de souza e Jorge de ma-
galhães / e João rodriguez pes-
so / e João machado lhe disse que
pois assi queria, que assi se fizesse,
mas que prouuesse a Deos que se
não arrepedesse de não tomar seu
côselho, q̃ era muito bõ. Mas não
ho tomou dom fernando, porque
auiã de ser o que foy: e como ainda
auiã hūpedaço por passar da noite
não poderão os nossos estar tam-
calados que nã fossem sentidos: e
foy dado aniso a Ancofção, que se
levantou muyto de pressa, e com a
mayor parte da sua gente se passou
logo alê de hū rio que passaua por
junto do lugar: e fez hū corpo de
sua gente, esperando ate ver o que
os nossos querião fazer, que em a
manhecendo entrarão no lugar,
cuydando dom fernando que ti-
nha muyto certo Ancofção: e quã-
do achou ho lugar despejado vio
quam mal fizera em não tomar ho
conselho de João machado. E ni-

sto algũs dos nossos assi de pe, co-
mo de caualo vendo estar os inimi-
gos em corpo, creceolhes a cobi-
ça de pelejar: e passando a ponte
conuidauãnos pera isso, escaramu-
çando coeles, porque tambem lhe
fayzão algũs que mostrauão ter
boa vontade de pelejar. E vendo
dom fernando que aquilo não ser-
uia de nada, mandou dizer a João
machado que estava diante com a
gente de pé, que fizesse volta porq̃
se hia. E dandolhe lugar passou
João machado auante: e dom fer-
nando lhe ficou nas costas. Ancof-
ção que vio que os nossos se hião
sem fazer mais nada, pareceolhe
que era com medo, e com isso co-
brou mais efforço, e foy dar nos
nossos, tirandolhe muyta soma
de frechadas, e ferirãlhe tam de
rião os caualos, e os que estauão
encima deles, que desmayarão, e
começarão de fugir, e derão nos
de diante, que també se desmayan-
rão. Os inimigos os seguirão: e
como sabião que auião de passar
por hum passo estreito polo pé de
hūas ribas, parte delles os fo-
rão esperar sobrelas, e outra par-
te os hia seguindo. E em chegan-
do a aquele passo, como os inimi-
gos que estauão sobre as ribas si-
cassem muyto senhores dos nos-
sos, apertaramnos tam branamê-
te, ajudandolhe os debaixo, que
matarão muytos dos de pe, e dos
de caualo ficarão quarenta jantre
mortos e feridos, e estes que fo-
rão feridos ficarão ali catiuos,
E antre os mortos forão Jorge
de magalhães / João machado /

z João rodriguez pessoa. E foy tamanho o medo dos nossos que os mais deles deixarão as armas para fugir e melhor / z a dom fernando matar anhebo caualo / z se lhe logo não acodirão com outro ou uerão de matar, z assi foy ferido ho caualo de dom João / z se os inimigos seguirão ho alcanço aos nossos nenhũ não ouuera descapar: z não os seguirão, porque ho primeyro morto dos nossos que acharão foy hũ João rodriguez pessoa que cuydarão que era ho capitão por levar boas armas / z por isso não quiserão seguir os nossos, que depois que virão q os inimigos os não seguião se ordenarão z forão ate chegar onde dom Goterre estaua esperando que lhe leuassem Ancofão, z sem ele se tornou a Goa com tamanha perda como foy perderem se correnta dos nossos. E vencida a batalha por Ancofão recolheo ho despojo que forão caualos, armas z catiuos / que ferião ate dezoito / z nisto foy dado hũ recado do Hidalcão a Ancofão que ho fosse servir em hũa guerra que tinha com Mizamaluco senhor de Chaul, z sendo forçado a Ancofão de ir, temeo que ficando de guerra com dõ Goterre que lhe tomaria aquelas tanadarias que auia pouco que lhe dera ho Hidalcão, z por isso mandou dizer a dom Goterre q e lenão tinha culpa no dãno que fora feyto a dõ fernando / z q queria ser seu amigo / z se ho quisesse tambem ser seu z ter coe le paz como dantes que lhe daria os Portugueses que lhe ficarão catiuos. E pera se isto assẽ

tar se ho quisesse auia lá de mādard hũ homem honrrado pera que ho assentassem. Do que dom Goterre foy contente por ver q tinha a culpa do passado / z por João gõcaluez de castelo branco ser homem de confiança, z ter conhecimento cõ Ancofão do tempo que fora ao Hidalcão por embaixador / como disse no liuro terceyro, ho mādou a Ancofão com q assentou de nouo paz z amizade, z entregue dos catiuos q erão dezoito se tornou a Goa.

Capit. xix. De como o gouernador queimou a cidade de Zeila / z do que lhe fizerão e Adem.



Quernado o gouernador em Camarão cõ tantos trabalhos de fome / doencas z mortes como ja disse: pola necessidade dos mantimentos que ho aperta-ua se partio na entrada de Zulho posto q era cedo pera os ir tomar a Zeila / ou a Barboza ou a Adẽ. E levando a rota pera Zeila, tardou algũs dias mais dos costumados por lhe serem os ventos contrarios. Esta cidade estã na costa de Ethiopia a cõco legoas das portas do estreito de fora delas: estã em onze graos da banda do norte. Na terra em que estã assentada ha muyto grande criaçã de gado assif grosso como miudo, de q he bem abastada de manteiga z de leite. Colheite tambẽ grãde multidão dõ trigo / cenada z de milho, dõ maneira q he muy grossa de mantimẽtos.

Dá também a terra muyta soma de censo macho e de mel/de que se faz muyta cera branca que serue de mercadoria. A cidade he de bõ tamanho e trasa á borda do mar: he de casas de pedra e cal e de sobrados cubertas de terrados como as da dẽ. Seus moradores sam mouros e mercadores de grande trato: pola mayor parte sam pretos/assi homens como molheres e algũs brancos, e tratam se bem. Estes forão auiados por recado dos pilotos da dẽ que hião cõ ho governador como hião lá/ e por isso a despejãrão eles de toda sua fazenda, molheres e meninos, e ficarão algũs homens, e assi os senhores de certas naos que hí estauão de fora que tinham cõfigo algũa gẽte de peleja. E sabendo eles da maneyra que ho governador hia/ determinarão de lhe não dar cousa algũa e defender se se podessem: e por isso lhe não mãdarão recado despois de chegar/ antes se mostrarão pola praya com suas armas, e por isso determinou ele de dar na cidade e destruy-la. E acordado nisso com seus capitães/ ao outro dia em amanhecendo se embarcarão todos com sua gẽte, e os primeyros que desembarcarão forão dom Garcia coutinho e dom João da silueira: a que ho governador deu a dianteira, e ele desembarcou por derradeiro: e porque tinha mandado que ninguem não bolisse cõfigo ate ele não desembarcar/ esteue a gente queda na praya/ o que vendo os mouros começaram de tirar das naos que estauão varadas algũas bombardadas, e outros se

mostrarão nas bocas das ruas. E que vêdo ho governador esteue suspenso no que faria/ porque parecia auer gente na cidade pois lhe não fugião: e por derradeiro mandou a dom Garcia e a dõ João que dessem cada hũ por seu cabo onde parecião os mouros: mas não teuerão que fazer, porque detendose ho governador tanto em se determinar/ não poderão Gaspar da silua e Aires da silua, e Antonio ferreyra fogaça soffrer as algazaras q os mouros fazião, e remeterão a eles com sua gente/ e elles lhe sayrão ao encontro como homens determinados: e vendo que os nossos lhe tinham horrosto como erão poucos retirarãse logo pera dẽtro da cidade, e os nossos carregarão sobre eles e leuarannos ás lãçadas fora da cidade antes de chegarem dom Garcia e dõ João. E Simão dandrade m adou dizer ao governador que podia entrar/ porq a cidade era despejada. Do q ho governador ouue muyto grande menencoria, parecendo lhe q Simão dandrade lhe mandaua dizer aquilo polo injuriar: e que da uia a entender q outrẽ lhe leuara a honrra de despejar a cidade, e disse contrelle muyto más palauras, e mandou despois que se passasse da nao de Francisco de tauora seu cunhado (com quẽ andaua preso) pera a galẽ de João de melo e isto polo auexar. Entrada a cidade acharão os nossos preso ho comitre do bragatim dõ Grigorio da qdra capitão da armada de Duarte de lemos q se perdeo como disse no liuro segũdo, e disse ao governador que auia no

ue annos que estaua ali catino. E recolbidos algũs mantimêtos da cidade/ ho governador lhe mādou logo dar fogo, por q̃ se a gente não embaraçasse com ho roubo e tornasse os mouros sobreles e os desbaratassem. E posto fogo á cidade ardeo toda em quatro dias q̃ não ficou casa nẽ cousa nenhũa que não fosse queimada/ e como ho governador estaua no porto nunca os mouros ousarã dacodir ao fogo/ e queimaranse grande soma de mantimêtos que fizerão assaz de mingoa aos nossos. Queimada a cidade/ que foy hũa cousa bẽ espantosa de ver: partio-se ho governador pera Adem, e chegado mādou dizer a Dira mergena que lhe mandasse vender agoa e mantimentos por seu vinheiro. E sabendo ele como ho governador vinha, e ho pouco que fizera em Judá perdeolhe ho medo/ e por fazer escarnio dele de teueo dez ou doze dias cõ promessa delhe dar mantimêtos/ e polo de ter daualhe cada dia tão pouca coisa/ que quãdo se desenganou achou que tinha gastado do que trazia ho tres dobro do q̃ lhe derão da cidade: e então conheceo ho erro q̃ fez e senão prouer em Zeila e queimar os mantimentos que queimou. E porque muytas naos de sua armada os não tinham/ ouue de tornar a tras pera os tomar e Barbora. E dade atrauessou á costa de Ethiopia, onde ela está vinte legoas de Zeila: o que foy má pilotajem por que ouuera dir pola banda Darabia ate se poer leste oeste com barbora: por que daq̃la bāda fazião as a-

goas breues e hĩaõ brandas: e da bāda de Ethiopia erão as corrétes tamanhas que hĩaõ pera ho estreito com os ponentes que afracauão naq̃le tẽpo (por ser fim de agosto) q̃ podia mais a agoa q̃ ho vẽto/ e não se podia nauegar por aq̃la bāda.

Capit. xx. De como despois do governador partir Dadem lhe morreo muyta gente/ e a frota foy ter a diuersas partes: e de como ele foy a Dormuz.

Por isso a nossa frota nã podia surdir auãte, e foy necessario pairar o q̃ foy com assaz de trabalho da gente que morria de sede e de fome. E andado assi sobreueo hũ dia hũa toruoadade ponente: e como ho governador andaua enfadado dauar quinze dias que pairaua em dando esta toruoadade quelhe seruia pera a viagem Dormuz, determinou de se ir pera lá e não aadar ali mais, e mādou dar á vela sem fazer final que se partia: o que vẽdo os capitães das naos grossas se fizerão tambem aa vela os que poderão, e assi outros nauios que se atreuerão a soffrer ho vento e seguirão apos ho governador q̃ se foy caminho Dormuz sem mais curar de Barbora/ nem despear polas outras velas da frota, q̃ ficarão em granderisco delhes morrer quanta gẽte leuauão á sede, por que as galês e outros nauios dalto bordo pequenos, e assi algũas naos grossas que não poderão soffrer a vela com a toruoadade ficarão com a necessidade da goa que digo e cada dia adoecia e morria gente, que era piedade ver como pere-

cião cō sede: e ainda q̃ hião ao lōgo da terra / ninguē pola primeyra hia buscar agoa / porq̃ ouuirão dizer q̃ senão achaua naquela terra por ser muyto seca. E porē ho grande aperto em que estauão lhes fez irē ver se auia agoa / e os primeyros q̃ ho fizeram forão Gaspar da silua, Christo uão de souza / Aires da silua e acharão muyta agoa / assi de chuvas q̃ auia pouco que passarão, como abrindo fontes. E a gēte da terra os recebeo mansamente, e lhes venderão algũas cabras e carneiros / e a pos estes forão os outros capitães de q̃ algũs quãdo isto foy não leuauão ja mais q̃ mea pipa d'agoa: e hũ destes foy dō Aluaro da silueira q̃ acertou de ir soo sem outra cōpanhia a buscar agoa, e pola nã achar se meteo tanto no estreito que quãdo quis sayr não achou vento q̃ ho ajudasse q̃ era passada a moução / e por isso ouue diuerner no estreito, e andou dũ cabos pa ho outro a buscar onde inuernasse, no q̃ passou assaz de trabalho e fadiga: e lhe fizeram da terra mil treições em q̃ lhe matarão algũa gēte. E foy ter a hũ porto, dōde achou hũ mouro que se chamaua Aldão / por isso lhe pos assi nome / e ali inuernou não tēdo mais de vinte quatro pessoas de ceto e trinta e quatro homens q̃ leuaua quando partio de Judá q̃ todos os mais dos outros lhe morrerão de sede. E inuernando aqui saindo hũ dia dō Aluaro em terra a fazer agoada, ficando ele soo com hũ Jeronimo doliueira filho Dantão doliueira goarda mōr da rainha dona Zianor / e com hũ Medafonso cria

do do barão / foy morto por eles ambos por dizerē que tinha injuriado de palaura a Jeronimo doliueira em vido na nao como injuriara a outros com fauor de ser capitão e sobrinho do gouernador. E depois da morte de dom Aluaro, Jeronimo doliueira e Medafonso se tornarão á nao, onde não bolio ninguē coeles por os q̃ estauão nela serē os mais doentes: e depois da hã dias como os da nao ouuelsem por afronta andar assi antre eles quē lhes matara ho seu capitão, leuantou se hũ João rodriguez pao, valente caualeyro, e tendo costas e hũ Marti correa e outros matou por sua mão ás punhaladas a Medafonso sem ho ninguem ajudar / e foy preso Jeronimo doliueira, e assi foy leuado á India onde esta nao foy ter depois de ho gouernador lá ser / e Jeronimo doliueira foy de golado por sentença de Diogo lopez de sequeira q̃ chegara de Portugal por gouernador: e assi passarão muyto trabalho todos os q̃ ficarão no estreito / e lhes morreo muyta gente e forão deles ter á India em diuersos tēpos depois de ho gouernador lá ser, e outros forão ter a Ormuz / onde acharão ho gouernador q̃ indo pera lá foy ter a Calayate, dōde mādou pera a India dō Aleixo de meneses cō poderes do gouernador, pa q̃ soubesse na India q̃ era viuo: e cō dō Aleixo mādou a Pero vaz deuora capitão do carauelão, cō recado a el rey de Portugal do q̃ lhe acōtecera no estreito, e as causas porq̃ nã fora a judá, nã a Maçua, nã fizer a fortaleza

nas portas do estreito que el rey de Portugal não ouue por boas. E de Calayate se foy a Ormuz, deixado hi toda a frota/ e em Ormuz achou tudo tambem assentado por Alfonso dalbuquerque, que não teue que fazer mais que ver se cõ el rey Ormuz, e deranse presentes hũ ao outro/ e ficarão grandes amigos.

Capit. xxi. De como ho Hidalcão mandou çufolarim seu capitão com trinta mil homens sobre a ilha de Goa.



Escupado ho Hidalcão da guerra de Bizamaluco por certo que ouue átreles, determinou de tomar a ilha e cidade de Goa, parecendolhe que ho poderia fazer por ho governador ser fora da India, e que não poderia ser socorrida por não auer gente pera isso. E coesta determinação fez trinta mil homens de peleja, em q̃ entrarão cinco mil de caualo, e fez capitão deles a çufolarim, de q̃ faley no liuro terceiro: parecendolhe que entraria na ilha assi como da outra vez/ e mandoulhe que a fosse tomar, dandolhe a capitania das tanadarias de Pôda e Salfete. E sabendo dõ Goterre q̃ chegaua, onde claramente se via q̃ hia pera Goa escreueolhe hũa carta (porq̃ dâtes erão amigos e se escreuião e visitauão cõ presentes) e dizia nela que fosse boa sua vinda/ e q̃ lhe fizesse boa prol cõ as terras de Goa, que dizião quelhe dera ho Hidalcão: e que folgaua muyto polo ter por vezinho. E mandou ao por-

tador desta carta que foubesse o que çufolarim determinaua/ e a certeza do numero da gente que trazia. çufolarim recebeo bẽ este portador, e por sospeitar q̃ hia espialo mais q̃ a leuarlhe carta deteu o obra doyto dias, porq̃ dom Goterre não fosse auisado de sua determinação que era êtrar na ilha de Goa da maneyra que entrou quando a cidade se entregou a Alfonso dalbuquerque como disse no liuro terceiro. E despois de dõ Goterre madao outro mel segeiro a çufolarim por ver que tardaua ho primeyro, lhe respondeo el lepor escripto, dizendo que hia tomar Goa que ho Hidalcão dera a Alfonso dalbuquerque ate quando lhe aprouesse. E sabendo dõ Goterre q̃ a determinação dõ çufolari, era entrar pelo passo de Benestari/ e polo caminho q̃ leuaua auia dir ao longo do passo de çancalim/ mãdou lá dõ Fernando por mar cõ dez fustas darmada, de q̃ a fora ele forão por capitães Anrique de touro/ Palos çerueira/ Domingos d seixas/ Pero jorge/ Pero gomez casado e Goa e outros q̃tro/ e leuaria pto de cẽ homens, e logo e chegãdo não virão nenhũa gẽte. E parecedo a dõ Fernãdo q̃ ainda os imigos não erão chegados quiserasse tornar/ se não quãdo sae multidão deles dâtre ho mato dâdo grãdes alaridos/ e sayrão tão de supito que deitarã hũa grãde nuuẽ de frechas primeyro q̃ os nossos desparassem a artilharia, e matarão hũ marinheiro, e os nossos lhe matarão muytos d̃spois q̃ começou o jogar e estauerão coeles hũ bõ pedaço as

bombardadas, ate que se retirarão pera o mato, e tirauão d'atrele muytas frechadas. E porq̃ podiã fazer d'ano aos nossos não quis dō Fernando ali estar mais: e contêto use cō ho dano q̃ tinha feito aos inimigos, e porq̃ lho não fizessem mandou afastar as fustas hũa e hũa: e tornou se pa goa, o de partio namadrugada seguinte pa o rio Dagaci: e todo ao lôgo das prayas do de Benastari, da b'ada da terra firme achou muyto mais gente q̃ ao dia d'ates, por ir ali çufolari. E os inimigos vendo os nossos lhes derão hũa çurriada cō espigardões e frechadas: e os nossos outra de b'ardadas, cō q̃ matarão muytos: e antreles foy o que lenaua ho sombreyro a çufolarim, que se foy de spois q̃ se baçou cō medo das b'ardadas, por nã ter por onde fugir, se não por hũa ladeira em que ficauão a melhor tiro. E em quanto os inimigos passarão este ue ali dom Fernando: e matou muytos: e de spois se foy por na boca da rio Dagacim, pera goardar aq̃ les rios. E por assi parecer b'ea dō Goterre e seruiço delrey de Portugal tirou da alcaydaria mór do paço seco a João gonçaluez de castelo branco que estaua nela: pera ajudar a seu irmão a goardar aqueles rios por saber b'ea da guerra pela muyta experiencia q̃ tinha dela, e ser muyto efforçado. E mandou q̃ hũa noyte fosse ele com a metade das fustas correr ho rio de Pôda, e seu irmão ficasse na boca do rio de Benastari com a outra metade: e outra noyte fosse seu irmão, e ficasse João gonçaluez. E isto porque se temia de os

mouros entrarẽ em sangadas por aq̃lerio, como no tẽpo d'Alfonso dalbuquerque, como disse no liuro. iij.

Capit. xxii. Do que fez dom Goterre capitão de Goa de spois q̃ se vio cercado.



Endo dō Goterre como ho cerco não se escusaua dobrou logo a gente em todos os passos da ilha. E porque labia q̃ quando Alfonso d'Albuquerque deixara Goa selhe leuantara a gente da terra, porq̃ lhe não fizessem outro tâto a todos os casados, gentios e mouros tomou as mulheres e os filhos, e meteo-lhas na cidade, onde lhes deu gala lhado: e a eles mandou q̃ ajudassem a guardar os passos da ilha aos nossos, o que fizerão de boa vontade por amor das mulheres e filhos q̃ tinhão em penhor. E pera q̃ triuzesse mantimentos em abastança e lhe não falecessem, mandou tomar quantos auia na cidade: assi aos da terra como aos nossos: e mandou os meter nas casas que forão do çabayo: pera dali os dar de sua mão a seus donos: porq̃ os não gastaassem se regra e de spois lhes falecessem. E porq̃ també os cocos sam mantimẽto mandou apanhar quantos auia nos palmares e recolhelos nas casas que digo. E cō isto mandou certas espias ao arrayal dos inimigos pera ter auiso do que çufolarim de terminasse: e ele por terra visitaua cada dia todos os passos porque lhes não faltasse nada pera sua defençam: e daua efforço á gente, que

não ouuessem medo aos inimigos por mais que fossem, porq̃ com ajuda de nosso senhor os auião de desbaratar. E seu irmão dō Fernando por mar / e João gonçaluez de castelo bráco como disse corrião todos os rios sem estar e nunca quedos.

Capít. xxiiij. De como çufolarim assentou seu arrayal na terra firme / e do ardil q̃ dō Goterre teue pera se matar e muytos mouros.



Mentre tanto que dō Goterre isto fazia assentou çufolarim seu arrayal detras daqueles outeyros, que vão ao longo do rio de Benastari / e chegaua ate a baya Dauacim, porq̃ ali determinaua de mandar fazer jangadas pa passar á ilha de goa, como fizera da outra vez, que passou em tempo de Alfonso dalbuquerque: o que ele não pode nunca fazer, porq̃ era tão espiado polos nossos, que como as jangadas erão no mar logo dō Fernão: e João gonçaluez selhe punha diate com a sua armada. E q̃ vendo çufolarim não ousaua de cometer a entrada da ilha: e com tudo não deixaua d̃ mostrar que ho queria fazer, e daua muytos rebates de noite, a q̃ dom Fernão e João gonçaluez acodião logo, que cōtinuamēte estauão no mar sofrendo imenso trabalho de grãdes tormētas de chuvas e de vētos, que as armas e os vestidos lhes apodrecião nos corpos a eles e aos outros. E todo ho mes d̃ Julho sofrerão este trabalho, cō os que andauão coeles, sem nunca dor

mir e senão de dia. E muytos se acostumarão a dormir em pé, como q̃ dormissem em cama. E vendo a gente da terra que estaua cō os nollios que çufolarim não ousaua dentrar perderã todo ho medo q̃ tinhã que entrasse na ilha: e os piães pedião a dō Goterre q̃ os deixasse ir furtar ao arrayal dos inimigos / e q̃ assi lhe farião a guerra, pois não podião doutra maneira. E elelha deu, mandando apregoar que por cada cabeça de mouro ou de turco daria hũ pardao douro aquēlha leuasse: e os piães pola ganhar biãse ao arrayal e como andauão do mesmo modo que os do arrayal, não os desferẽ çauão deles, e podião andar por onde querião: e como vião tempo não fazião se não matar nos inimigos: e tomadas as cabeças as leuauão a dō Goterre, e dauãlhas cō grãdes festas de tangeres: e dom Goterre lhes pagaua logo: no q̃ gastou muyto, porq̃ as cabeças erão muytas, que ho premio que daua por elas fazia não se estimar ho perigo q̃ custauão. E vêdo dom Goterre ir tão de vagar a entrada de çufolarim, e creueolhe que pera q̃ tardaua tanto em entrar a ilha: e que se determina ua de ho fazer q̃ lhe mandasse dizer ho dia, e q̃ lhe tiraria as fustas do rio, e a gēte da terra pera poder desembarcar: cō cōdição que auia de ir em pessoa com sua gente. E ele respondeu por escripto em letra q̃ nunca se souber.

Cap. xxiiij. De como çufolarim começou de dar bateria á nossa fortaleza: e como lhe os nossos q̃ brarão hũ camelo com q̃ a dauã.



Endo çusolarim que por
nenhū modo não podia
lentrar a ilha pola defen-
sa q̃ achaua nos nossos a
que não podia resistir por não ter
nauios em que sua gente embarcas-
se, determinou de dar bateria á nos-
sa fortaleza de Benastarim e arrasa-
la por aquela maneyra. E como ti-
nha muyta gente mādou fazer hūa
noyte hū pedaço de muro defronte
da nossa fortaleza que quando ama-
ubeceo appareceo feyto e assentadas
nele algūas peças d'artelharia: e as-
si outras estancias de bombardas
ao lōgo do rio pera varejarē delas
as nossas fustas. E como foy me-
nhaā despararāo os inimigos a sua
artelharia do muro na nossa fort-
aleza em que não fez nenhū nojo por
a artelharia ser pequena e de ferro,
e por isso mandou logo çusolarim
a Bilgão por hū camelo de metal q̃
lá tinha pera derribar coele a nossa
fortaleza e derribada êtrar na ilha.
E sabendo dom Goterre que esta
bombarda hia por caminho que a
leuação boís em hūa carreira, man-
dou a hū Raíque canarim chama-
do Ralu que lhos fosse decepar; e
isto por ser homē efforçado: e ele ho
foy fazer leuādo consigo dez piães,
e decepou os boís de pois que en-
trarāo pola serra. E posto que isto
causou dilação em ir a bombarda,
todavia foy leuada com tanta goar-
da q̃ Ralu não pode mais decepar
outros boís. E assentado este came-
lo no muro/começarāo os inimigos
de tirar coele/ e do primeyro tiro
deu em hū canto da torre da mena-
gem/ e meteo por dentro hūa grā

de pedra e fela tremar de modo que
cayou quanto estaua dentro. E a este
tempo estaua dom Goterre dentro
na mesma torre/ mandādo assentar
dous camelos pera tirar a bombar-
deira deste dos inimigos e quebra-
lo, porque doutra maneyra arrasa-
ria a fortaleza. E eles assentados ti-
rou ho condestabre com cada hū e
dambos os tiros errou a bombar-
deira/ mas desapontou ho camelo
de modo que ao segundo tiro errou
a torre, e deu no muro de que der-
ribou algūa parte que logo foy re-
pairado com madeira: e dō Goter-
re prometeo vinte pardaos d'ouro
ao condestabre se lhe quebrasse ho
camelo dos inimigos: e tirando ele
ho terceiro tiro, lhetirou ho cōdes-
tabre cō ho nosso camelo, q̃ parece
que desparou a hūa cō ho dos ini-
gos/ e no ar se toparāo os pelou-
ros/ e ho nosso lhe leuou hūa lasca
com que ho fez cair na praya/ e pas-
sando auante entra pola bombar-
deira, e pola boca do camelo e espe-
daçou ho, e cō os pedaços matou
quatro bōbardeiros dos inimigos/
a que os nossos derāo hūa grande
grita cō prazer, louuando nosso se-
nhor. Quebrado este camelo man-
dou dō Goterre assentar hūa espora
em hū oyteiro que está jūto da nos-
sa fortaleza pera dar bateria ao mu-
ro dos inimigos com os dous ca-
melos da fortaleza, e assi ho fazia/
e de noyte mandaua armar trabu-
cos cō que deitaua pedras detras
do muro onde stauāo os inimigos,
de que mataua muytos/ e dom fer-
nando e João gōçaluez vareiauaō
de dia as suas estancias, e dauālhe

tanto trabalho quemais se podião os inimigos chamar cercados que cercadores.

Capit. xxv. Do que fizeram sete dos nossos no arrayal dos inimigos, e do como ho fidalção mã douleuantar ho cerco.

Durando assi esta guerra ja em Agosto chegarão a Goa duas naos d'Portugal, e em hũa bia por capitão hũ fidalgo chamado João da silueira / que partira de Portugal ho anno passado por capitão mór de tres naos, ele e hũa / e outra Francisco de Sousa macias, e em outra Antonio de lima. E chegando a Moçambique / achou ho mandado do governador pera se ir ajuntar coele no estreito. E querendo João da silueira cõprir este mãdado / se partio com os dous capitães pera Quilloa, e estando hi lhe deu hũ temporal muy furioso com que a nao D'antonio de lima deu á costa e salvou se a gente, e a capitai na escapou cõ os mastos cortados, q se lhos não cortarão perderasse, e pera se João da silueira prouer d' mastos foy necessario inuernar em Quilloa, e inuernou coele Francisco de Sousa. E prouido de mastos vinda a moução se partio pera a India e chegou a Goa neste tempo da guerra, e cõ sua vinda se reformou dom Goterre de gête e fazia a guerra mais aspera aos inimigos, principalmente por mar com a frota de dom fernando que nunca saya do longo de terra fazendolhes muyto

mal. E hũ dia estando as fustas ao longo de terra como costumauão / disse hũ Duarte tauares que andaua na fusta Danrrique de touro a outros companheiros, q ele sabia que hũa das estancias dos inimigos tinha muyto poucos q a defendessem que dessem nela, e que os matarião, e tomarião a artelharia. Estes a que ho disse erão seys. s. s. Dos inimigos de seixas / Gomez inuacho / Antonio ramos, Esteuão diaz, Diogo da uelosa e Antonio Munez bo cafre dalcunha: e sendo eles cõtentes sem ho dizer ao capitão saltarão em terra supitamente e remetem á estancia que estaua de fronte da fusta d'estauação ate doze rumes com perto de cẽ piães canaris, que vendo a ousadia dos nossos seretirarão algũ tanto tirandolhes muytas frechadas, e cinco dos rumes que virão que não acodia mais gente chegaran se pera os nossos / que pelejarão coeles com tanto esforço que e pouco espaço os derribarão mortos. Enisto Anrrique d' touro não faziã se não desparar sua artelharia, porque vendo saltar os nossos em terra tão supitamẽte, ficando muy saltado fez afastar a fusta pera fora e desparar sua artelharia pera os favorecer e ho mesmo fizeram os capitães das outras fustas: e isto estorou que os outros inimigos acodissem á estancia em que os nossos pelejaão / que depois de matarem os cinco rumes forão cometer os sete que estauão retirados cõ os piães que forão tão cortados de medo vêdo a determinação dos nossos, q fugirão e deixarão a estã-

cia/ e os nossos cortarão as cabeças aos ruínas pera as levar a dō Góterre/ e recolheran-se á fusta sem nenhũa afronta: do que çufolarim ficou muyto injuriado quando ho soube. E continuando os nossos a bateria ao seu muro, lho desfizerão em poucos dias, e sabendo cada dia ho fidalção nouas do que so cedia no arrayal, e quão pouco no jo çufolarim fazia aos nossos, e por ser ja verão mandoulhe que leuantasse ho cerco e se fosse. E ele ho fez, e ficando a ilha decercada/ os Canarins que estauão nos passos se recolherão pera suas casas com suas molheres e filhos que tinhão na cidade/ e ficarão com grãde credito nos nossos por quão bẽ se defenderão/ e perdido todo quanto tinhão d'ates nos mouros por quão pouco fizeram. E leuantado ho cerco veose logo pera a cidade ho embaixador do Xequisinael que estaua na terra firme/ onde se foy quando começou ho cerco fingindo que hia visitar hũ seu amigo/ e isto com medo delhe parecer que por os nossos serẽ poucos e os mouros muitos auião de vencer: e tambem chegou dō Aleixo de meneses que hia de Mazcate/ e deu noua do governador que ficaua em Ormuz/ e foy selogo a Cochim a fazer a carga pera as naos de Portugal.

CC Capit. xxvj. De como chegou á India Antonio de saldanha por capitão mór de cinco naos, e de como o governador chegou a Ormuz, e do que fez a Fernão dalcaçoua.



Onde este año de mil e quinhẽtos e deas sete partio Antonio de saldanha por capitão mór de cinco naos/ cujos capitães forão a fora ele dom Tristão de meneses, Manuel blacerda/ Pero coresima, e Rafael catanho/ e despois Antonio de saldanha poucos dias partio Fernão dalcaçoua hũ fidalgo q̃ el rey mãdaua á India pera vedor de sua fazenda isento do governador/ por que ele cõ ho cuydado e occupação da guerra não podia entender na fazêda como compria a seruiço del rey: e Fernão dalcaçoua foy por capitão mór de tres naos com a sua q̃ era del rey, e as duas hũa de dom Nuno manuel, e outra de Duarte tristão hũ mercador/ e esta arribou ao Brasil onde inuernou: e Fernão dalcaçoua dobrou cõ a outra ho cabo e dobrado achouse cõ Antonio de saldanha, e não querêdo ir coele se apartou de sua conserua com tempo, e despois se ajuntarão em Moçambique, donde forão ter a India e surgirão na barra de Goa: nã sendo ainda o governador vindo a Ormuz. e Fernão dalcaçoua não quis esperar pelo governador q̃ lhe desse a posse de seu officio e tomou a logo/ tirando em Goa ho cuydado da fazenda del rey a dom Góterre que ho tinha e entendia em tudo o que ho feytoz fazia. E nisto ouue entre eles algũ escandalo/ por interuirem mexericos que dom Góterre não fazia o q̃ deuia, e daqui mãdou Fernão dalcaçoua hũ Fernão martiz euágelho a Diu cõ fazêda bl rey

pa a vèder lá como feytor. E parti-
do Fernão dalcaçoua de Goa foy etê-
dendo por essas fortalezas no que
tocaua á fazenda delrey ate Co-
chim. E nisto chegou ho governa-
dor a Goa que vinha Dormuz / e
quando soube da vinda de Fernão
dalcaçoua e ho officio que trazia /
com quelhetiraua a metade do mão
do que tinha, mostrou se disso muy-
to agrauado, e dizia publicamente
que se ele teuera parentes em Por-
tugal que Fernão dalcaçoua não fo-
ra á India aquele officio, mas que
os não tinha, e logo lhe quis mal.
E esses a que Fernão dalcaçoua ti-
nha tirado dentenderem na fazêda
indinauão ho governador mais cõ-
trele, dizendo que não era pera se so-
frer ter ele vedor da fazêda que mã-
dasse mais que ele: e assi ho fez ho
governador / q̃ chegado a Cochim
mostrãdolhe Fernão dalcaçoua a
prouisam de seu oâcio, ele a beijou
e mādou que se comprisse, mas por
debaixo disso tinha maneyra com
q̃ lhe tiraua ho poder dufar de seu
officio / e todos ho ajudauão a isso
porque por amor dele querião mal
a Fernão dalcaçoua, e não ho via
ninguem. Do que ele andaua muy-
to acanhado e corrido / e não ouia-
ua de bolir consigo. E tanto foy is-
to auante que ainda que sabia que
pera ho anno seguinte auia dir por
governador da India Diogo lopez
de sequeira / disse ao governador q̃
se q̃ria tornar pera Portugal / cõ
q̃ ele folgou muyto e deu-lhe a nao e
que fora Antonio de saldanha, com
quem lhe tambem pesaua muyto
na India, porque leuaua a capita-

nia mór do mar / e tiraua este cargo
a dom Aleixo de meneses seu sobri-
nho, a quẽ ho governador ho tinha
dado, e isto se dizia publicamente.

Capit. xxvij. De como Fernão
perez dândrade tornou a partir
pera a China / e da discrição da
China: e de seus costumes.



Stando Fernão pe-
rez dândrade em Ma-
laca despois d'arri-
bar da viagẽ da Chi-
na, ouue algũ escan-
daio antre ele e ho capitão, porque
Joãnes impolim feytor de Pacem
que se fora a Malaca pera estar bi-
se arrependia e queria tornar se a
Pacem com Fernão perez que auia
dir lá carregar pera a China, e por
que ho capitão não queria, ele se a-
colheo por manha á nao de Fernão
perez, onde ho capitão ho quísera
mandar tomar por força. E tendo
prestes pera isso a frota d' Malaca /
conheceo a pouca rezão que tinha e
ho grande de seruiço delrey que se-
ria / e arrependose. E despois de
partido Fernão perez pera Pacem
faleceo de doença, e antes de seu fa-
lecimento entregou a capitania a
Runo vaz pereyra seu cunhado a
quem tomou a menagem por ela e
lha fez dar aos officiaes da fortale-
za: do q̃ Antonio pacheco capitão
mór do mar se agrauou muyto / di-
zendo que a sucessam da capitania
era sua, porque quando Alfonso dal-
buquerque tomou Malaca que se
foy pera a India, deixou hũ regimẽ
to que falecendo ruy de brito pata-

lim que ficaua por capitão lhe soces-
desse Fernão perez dandrade que
ficaua por capitão mór do mar / e
que na feytoria estaua hũa aluara del
rey de Portugal, em que mandaua
que ate não verem regimento seu se
vísasse dos que Alfonso dalbuquer-
que deixara. E com tudo isto Muno
vaz não desistio da capitania / an-
tes prêdeo Antonio pacheco e pe-
ro defaria sobre suas menagês por
fazerem bando contrele. E porem
Antonio pacheco não se ouue por
preso, e estaua na ilha das naos on-
de tinha sua armada / e fazia se doê-
te por não ir á fortaleza / que não
queria ver Muno vaz: com quanto
ho ele mandaua visitar e mostraua
não ser seu inimigo / senão que ho
que fazia era por fazer justiça. E es-
tando a cousa neste estado, chegou
fernão perez de Pacem pera ir á
China / e nesse tempo que esteue em
Malaca os quísera concertar e nũ-
ca pode: e deixádo os assi se tornou
a partir pera a China no mes d Ju-
nho de mil e quinhentos e desasse-
te, e foy na nao espera que seria de
duzentas toneladas / e em sancta
Cruz Simão dalcaçoua / e Pero
soarez em sancto Andre, e Jorge
mazcarenhas em Sanctiago, e foy
tambem coele Jorge botelho em
hũ jungo dũ mercador de Malaca
chamado Curiaraja, e Manuel da
raujo em outro de Pulata, e em
outro seu Antonio lobo falcão, e
era hũa armada de sete velas com
que partiou pera a China, cuja cos-
ta está pouco mais de quinhentas
legoas de Malaca nauegando pe-
raleste. He hũa prouincia muy grã

de segundo se diz, abastada de to-
dos os generos de mantimentos
que se podem pedir, e assi de todas
as fruytas que ha em espanha: ha
nela muytas minas douro, prata e
de todos os outros metaes, criasse
nela muyta seda e muy fina de que
fazem muytos damascos, cetins/
veludos / tafetãs / borcados e bor-
cadilhos, reubarbo, canfora e cane-
la muyto fina, azougue, pedrabu-
me, porcelanas: e em tudo isto tra-
tão os mercadores chins que sam
muytos e muy ricos e nauegão em
grandes iungos pera fora da Chi-
na, e assi ha muyto almiçãre, abar
e he poucada de muytas e gran-
des cidades cercadas de muros/
torres e cauas em que ha muy no-
bres edificios, assi de templos co-
mo de casas em que morão seus mo-
radores, que todos sam gentios:
posto que em muytas couias pare-
ce que ouue Chriştãos naquela ter-
ra. Adorão hũ soo deos e têm por
criador de todo mudo: e adorã tres
imagens domê / e tal he hũa como a
outra / e todas sam hũ homem soo.
Adorão duas imagens de molheres
que crê que sam sanctas, hũa se cha-
ma Mãe e têm os mareantes por
auogada, e eles: principalmentelhe
tem muyta deuacão, e lhe fazem
grande festa / a outra se chama Co-
nhãpuça que dizem que foy filha
dũ rey da China / e que se foy de
casa de seu pay a fazer vida solita-
ria em que acabou seus dias: esta
dizem que goarda a terra, tem a
sua imagem hũa pomba de bico
vermelho. Tem tambem outras di-
uersas imagens que adorão e todas

em sumptuosos templos, a que eles chamão varelas e sam da feyção que contão os historiadores que forão as piramides do Egipto / e sam obrados muy ricamente, e assi as suas imagens que tem em altares da maneyra dos nossos. Nestas varelas morão frades que seruem a Deos e celebrão ao pouo os officios diuinos a sua maneyra / e reuelense com ornamentos como quando entre nos os sacerdotes dizem a missa, e sam tres e rezão em hũ altar por hũ liuro escripto em linguaagem que antreles he como antrenos holatin, porque não a entẽdem todos, e destes liuros tem estes frades muytos. Nestas varelas ha dormitorios, crastas e outras officinas como nos nossos mosteiros / e tem relogios de sol / e sinos de metal muyto bem feytos com letras douradas, e tangẽnos com martelos / e os frades vestem hũas lobas compridas amarelas e andão rapados, e não tem mais rãda que quanta lhes he necessaria pera comer / e deles não comem carne nem pescado. E assi como ha varelas de frades / as ha tambem de freyras: tem os Chins lingua propria, e no tã da fala parecem alemães. Sam assi homẽs como molheres aluos e bem despostos / ha antreles homens letrados em diuersas sciencias que se lem em escolas publicas / e de que se imprimẽ muytos e bõs liuros, e sam os Chins homẽs de singulares engenhos / assi nas artes liberaes como nas machanicas, porque ha officiaes de todos os officios que fazem obras

muy primas como vemos nas porcelanas / cofres, cestos e outras couças muyto polidas que vem de lá. E fassẽ antreles geralmẽte toda a policia do mundo, e cuydão eles que a não ha em outra parte se não na China, nem tem por homem ho que não he chin. Tratanse todos muyto bem assi no vestir como no comer: e comem em mesas altas com toalhas / goardanapos e facas, e as igorias apartadas em prateis / e tudo o que comem tomão com garfo, e isto por limpeza: sam geralmente homẽs fracos pera guerra / porem tem boas armas. s. corçoletes com suas peças, terçados de ferro morto / alabardas / roncãs, lanças e frechas e algũas bombardas de ferro. Ha antreles graos de honrra, e segundo sam honrrados assi se seruem: os fidalgos que se chamão mandarins andão a cavallo, e quando vão pelas ruas despejanhas os homẽs baixos que estão nelas. He gente muy obediente a seus mayores e goardão em estremo os regimentos de seu rey / que não ha mais que hũ em todo ho senhorio da China, e he hũ dos mores príncipes que se sabe no mundo assi de tesouros como de gente, e he gentio, chamasse filho de deos e senhor do mundo: traz hũa letra que diz que a paz ho senhor de cima a deu, e quenunca a ninguem quis q a não achasse: ho seruiço de sua pessoa he com capados: tem muytas molheres e muytas mancebas, e todas morão de dẽtro de hũa muy grande cerca onde el rey tem os seus paços / e ali tem cada hũa seu apou

sentamêto / e tẽ molheres q̃ as ser-
uẽ e capados. Os reys da China
soyãõ de ser antigamente por eley-
ção / e de pouco tempo pera ca her-
da ho filho primeyro de qualquer
de suas molheres e não das mance-
bas, os outros que não herdão es-
tão em cidades deputadas pera is-
so metidos em fortalezas cõ grãdes
goardas e ali estão cõ suas molhe-
res e tẽ muytas maneyras de desen-
fadamentos, e não saem dali se não
com licença del rey e vão em andas
quenão vem por onde vão. El rey
tem posta ley em seu reyno que to-
do homẽ que for fora da China a
outra terranão torne a ela sopena
demorte, porque tẽ que não ha no
mundo milhor terra que a China
nẽ mais abastada de todas as cou-
sas necessarias pera a vida huma-
na / e quẽ vay a outra terra he pera
lhe fazer treição. E os Chins que
tratão fora da China morão na
ilha da Ueniaga que está dezoito
legoas da cidade de Cantão princi-
pal da costa da china e grande por-
to de mar. El rey da China não des-
pacha nenhũa couza da governança
de seu reyno / e pera todas as cou-
sas tẽ officiaes que governão por
ele, na justiça que he mór officio do
reyno, tẽ tres homẽs grãdes letra-
dos que se chamão colous: e hũ se
chama colou grande, outro colou
pequeno / outro mais peqño: estes
sã homẽs velhos e conhecidos
por muyto bõs homẽs / e vẽ a mere-
cer estes cargos por letras e por bõ
dade, e seruẽ primeyro em outros
officios mais baixos ate chegarem
a ser tutões que sã governadores

de comarcas: e despois Achançis
que sã secretarios, e dali sobem a
colous que he officio supremo. E es-
tes officios de colous vênos a ter
homẽs baixos / que não se olha se
não que sejão velhos bõs homẽs e
letrados. Hã outros officios que
chamão tutões, e conquões e com-
pins: e estes todos tres se chamão
conselho e governão cidades / e ho
principal deles he ho tutão: ha de
ser homem letrado, velho e bõ ho-
mem / ho compim he ho segundo e
he capitão da guerra e não he letra-
do / ho conquão he ho terceiro, e tẽ
cargo das cousas da fazenda / e ho
somenos deste conselho. Coestes
anda outro que se chama ceui, que
ha de ser letrado e conhecido por
bõ homem / este despacha com ho
tutão as cousas da justiça e tẽ car-
go de tirar as inquirições e deual-
sas geraes que manda a el rey. E tẽ
grandes poderes / e ho seu officio
não dura mais q̃ hũ anno, os dos
outros durão por annos. Hã ou-
tros officios menores que estes, q̃
se chamão puchancis, amechacis,
tocis, itaos, pios que sã almiran-
tes e ticos que não soube de que ser-
uião, e de cada hũ ha tres, grãde,
pequeno, mais pequeno. Estes of-
ficiaes todos andão em andores e
trazem sombreiros de pé / e cada
hũ segundo tem ho officio assi tem
estas insinias mais ricas ou menos
e por elas sã conhecidos, e assi
por hũas tauoas que lhes leuão
dianteem que vão escriptas as bõr-
ras dos officios, e assi lhe leuão
diãte maças hũas de prata outras
destanho segũdo he ho officio. Hã o

mais hõrrado sôbreiro he o d seda amarêla d tres rodas, z o mais baixo de tafetã preto de duas tres. Todos andão muyto ou pouco acompanhados de gẽte d'armas segũdo a dinidade do officio / z assi lhe fazem grãdes ou peq̃nos recebimẽtos q̃ndo entrão nas cidades em q̃ gouernão, z assi lhe despejão as ruas por onde passam, porq̃ quãdo vão por elas leuão diãtehomẽs q̃ bradão q̃ lhas despejẽ / z ao Ceim as despejão de todo sem parecer ninguem.

Capit. xxviii. De como Fernão perez chegou ao porto da ilha da veniaga / z de como se lhe ouuera de perder a frota estando no porto.



Continuando Fernão perez por sua viajem chegou às ilhas da China em Agosto / z hũ dia atarde ouue vista delas / z assi de hũa armada d doze jũgos q̃ ali andaua, z anda sempre naq̃le tẽpo pera goarda dos jũgos que vão tratar a China / de Sião, Malaca, Batane z outras partes / q̃ lhe nã fação mal os coisairos z ladrões d q̃na China ha muytos: assi no mar como na terra. E Fernão perez não se sobre salteou coesta frota, porque polos Chins d sua cõpanhia sabia q̃ a auia dachar, z por ser tarde z a uer de nauegar por antreilhas não quis passar auãte z pairou ali aq̃la noyte, em q̃ disse a seus capitães q̃ mãdassem fazer prestes sua artilharia / z fosse a gẽte apercebida pera pelejar se por vêtura os Chins ho quisessem fazer: porẽ que fossem de

maneyra q̃ eles ho não entẽdessem, z q̃ por nenhũ modo fizessem final d guerra sem seu recado / z q̃ fossem como homẽs pacíficos cõ suas naos ebãdeiradas. E assi ho fizeram, z ao outro dia começarão de nauegar leuando os jũgos de Malaca no meyo, z Fernão perez hia diãte z Simão dalcaçoua de tras, z nas ilhargas hiao Martim guedes z Jorge Mazcarenhas: z podião ir assi por ser ho mar brando z ho vêtto a popa / z nesta ordẽ tirarão de reytos pera a ilha da Veniaga. Os Chins estauão cõ suas gauias postas z castelos armados, z partindo se em duas partes tomarão os nossos no meyo, z começarão de tirar algũas bõbardinhas q̃ trazião / z dãdo grãdes gritas chegauãse aos nossos: z vêdo q̃ eles não bolião cõ siço nẽ fazião mostra de querer em pelejar afastauãse, z cõ quanto os Chins isto fazião como os nossos dissonão recebãdo dãno deixauãse ir como quẽ hia de paz z não d guerra, z assi forão ate chegarẽ a ilha da veniaga onde surgirão, z esta ilha está tres legoas da costa, z os Chins lhe chamão Tamão / z nos outros da veniaga: porq̃ naquelas partes chamão ao trato da mercadoria veniaga: z nesta ilha se faz ho trato da mercadoria dos mercadores estrangeiros q̃ vão tratar a China que se apousentão em hũa grãde pouoação q̃ hi ha, z dali nã pode ir nenhũ a algũ dos lugares da costa sem licença do conselho de Cantão hũa cidade q̃ está dali dezoyto legoas, z ainda quãdo vão não entrão dentro z pousam nos arrabaldes z ali fazem

seus tratos. E pera se isto assi fazer
 e armar as frotas q andão por aq̃la
 parajê/ reside ho Pdio, q̃ he como al
 mirante de toda aq̃la costa e hũa vi
 la chamada Mantô q̃ está tres lego
 as da veniaga, e dali faz saber ao cõ
 selho de Cantão os jûgos q̃ vê e dõ
 desam e o q̃ querê, e q̃ fazêda trazê:
 ho conselho determina o q̃ se ha de
 fazer/ e se he couisa noua escreue ho
 logo a el rey pera q̃ seja auisado do
 q̃ passa. Chegado Fernão perez ao
 porto desta ilha achou hí Duarte
 coelho q̃ partira coele a primeyra
 vez q̃ partio d Malaca, e inuernou
 em Sião como ja disse, e auia hũ
 mes q̃ chegara, e pelejou no cami
 nho cõ trinta e tres velas de cossai
 ros q̃ ho teuerão q̃si rendido cõ lhe
 matarê muyta gente, e milagrosa
 mente ho saluou nosso senhor e lhe
 deu maneyra pera poder fugir, e ne
 sta peleja fez Duarte coelho faça
 nhas q̃ se não podê escrever. E en
 formãdose Fernão perez desta ilha
 por Duarte coelho/ mandou dizer
 ao capitão moor da armada dos
 Chins q̃ ele era capitão mór daq̃la
 armada del rey de Portugal, q̃ de
 sejando deter paz e amizade com el
 rey da China lhe mãdaua seu ebat
 rador q̃ ali trazia, e por isso nã qui
 sera trauar coele peleja/ pedidolhe
 q̃ lhe desse piloto q̃ ho leuasse á cida
 dede Cantão. Ho capitão mór lhe
 respõdeo q̃ fosse muy bẽ vindo/ e q̃
 polos Chins q̃ forão a Malaca se
 sabia noua dos Portugueses: e po
 is vinha por amizade q̃ goardasse
 os costumes da terra q̃ erão fazer
 saber sua vinda ao Pdio de Mantô/
 e q̃ estelhe diria o q̃ auia de fazer/

porq̃ a ele nã cõuinha mais q̃ goar
 dar ho mar. E tendo Fernão perez
 esta reposta, lhe chegou logo reca
 do do Pdio, em q̃ lhe pregũtaua que
 gête erão, e dõde vinhão/ e q̃ bus
 cauão. Fernão perez ho disse ao mes
 segeiro, e q̃ polas obras q̃ ho gouer
 nador Alfonso dalbuquerque fizera
 aos Chins q̃ achara no porto de
 Malaca q̃ndo a tomou poderia sa
 ber ho desejo d amizade q̃ el rey de
 Portugal tinha cõ el rey da China
 e isso ho obrigara a mandarlhe seu
 ebaixador cõ hũ presente q̃ lhe leua
 ua/ pedindo muyto ao Pdio quelhe
 desse hũ piloto q̃ o leuasse a Cantão
 pera mãdar dali ho ebaixador q̃ tra
 zia: ao q̃ ele respõdeo q̃ mãdaria re
 cado ao cõselho d Cantão como era
 chegado, e segũdo a determinação
 do cõselho assi faria, porq̃ se não po
 dia fazer doutra maneyra. E cuy
 dando Fernão perez que aquillo fos
 se logo, sayose pera fora do porto
 com os nauios Portugueses com
 que determinaua de ir a Cantão/
 e deixou dentro os jûgos: e estan
 do assi de fora esperando por des
 pachos/ sobreueo tamanho tempo
 ral de vêto q̃ se ouuerão de perder
 todos os nauios cõ darem á costa se
 lhe não cortarão os mastos: e assi
 escaparão pola misericordia de nos
 so senhor/ e este temporal não fez
 nenhũ nojo aos jûgos por estarẽ
 dentro no porto. E ficando a nossa
 frota desenmasteada/ quísera Fer
 nãoperezauer remedio de terra pe
 ra a emastear/ mas não pode porq̃
 nunca os Chins lho quíserão dar:
 e isto porque não sabião o que ho
 conselho de Cantão determinaria.

E vendose fernão perez sem reme-
dio, remedeouse cõ ho seu, e do mas-
to do nauio de Martin guedez en-
maстеou ho d Jorge mazcarenhas,
e com ho da nao de Simão dalcaço
ua enmaстеou ho nauio de Martin
guédez: e a nao de Simão dalcaço
ua emmaстеou com ho masto da sua
que mandou meter no porto, onde
mandou a Simão dalcaço que
ficasse por capitão mór em quanto
ele hia a Cantão, pera onde logo
partio indo no nauio de Martin
guédez: e levando em sua compa-
nhia Jorge mazcarenhas no seu, e
assi os bateys das naos e dambos
os nauios/artilhados e apadessa-
dos, e partindo da ilha da venia-
ga foy surgir no porto d Mató que
está na entrada de hũ rio de hũa le-
goa de largo, e por ele acima está a
cidade de Cantão obra de vinte cin-
co legoas de Mató.

Capit. xxix. De como vendo fer-
nãõ perez que ho Pio lhe não
queria dar despacho se partio
pera Cantão, e do sitio de Can-
tão.

Erto fernão perez ho
Pio ho mandou visitar
e lhe mandou muyto re-
fresco, mandandolhe di-
zer que não podia dali passar sem
recado do conselho de Cantão, e fa-
zendo ho doutra maneyra lhe pare-
ceria que vinha mais de guerra que
de paz. E fernão perez lhe mādou
dizer pelo feytor da armada que ja
lhe mandara dizer pelo seu messe-
geiro que a principal causa que mo-
uera a el rey de Portugal seu seño-

a mandalo á China fora de desejar
a amizade de seu rey, e pera se assen-
tar leuaua ali hũ embaixador, o que
lhe parecia que nunca aueria effey-
to com tãmanha detença camanha
vsação coele, e porque coela se per-
dia muyto do seruiço del rey seu se-
ñor, lherequeria da parte del rey
da China, e da sua lhe pedia muy-
to por merce quelhe desse hũ piloto
que ho leuasse a Cantão e licença
pera ir lá: e disto lhe mandasse logo
a resposta, porque se lha não desse
conforme a seu requerimẽto, ele pas-
saria auãte e iria a Cantão como
lhe el rey seu seño mādaua, e pro-
testaua de não encorrer por isso em
nenhũa desobediencia contra el rey
da China nem em quebra dos cos-
tumes de seu reyno: e que ele Pio
ficasse obrigado a toda a perda e a
todo ho dãno que sobrisso recreces-
se, pois não fazia o que compria ao
seruiço del rey da China, não estan-
do ali pera outra cousa. E mandou
ao feytor que cõ a resposta do Pio
ou sem ela tirasse hũ estormento cu-
ja sustancia fosse este recado que lhe
mandaua, e mandou ho feytor bẽ
acompanhado de criados del rey
todos vestidos de festa, e diãte as
suas trombetas. E coeste aparato
chegou ho feytor ao Pio, que ou-
uindo ho recado de fernão perez e
suas protestaçoẽs se espantou de a-
uer nos nossos tãtareção, q̃ fazião
suas cousas por tão boa ordẽ, porq̃
os tinha por barbaros como os
Chis tẽ a todas as outras naçoẽs
e respondeo ao feytor que visse a
fernão perez que ele lhe mandaria
a resposta per seu mesleiro, e foy

que esperasse Fernão perez ate ho outro dia queteria recado do Tutão de Lâtão que era seu superior/ que o que ele mandasse isso faria. E parecendo isto dilações a Fernão perez mandou dizer ao Pio que esperaria pola reposta do Tutão ate que a viração vêtasse, porque coela iria por diante, e assi ho fez e nos bateys que hão diâte dos navios hia ho seu piloto sondando. E que sabido pelo Pio lhe mandou hũ piloto que ho leuasse á cidade de Lantão, que como disse he por aqle rio acima: que he fermosa cousa de ver por auer nele muytas ilhetas e delas se cobrem dagoa com preamar, e todas sam verdes e viçosas derua: e seruê de pacerem nelas grã de multidão dadens e de patos que leuão ali em sangadas grandes q sam cerradas como casas/ e tẽ hũ porta por onde saem as adens e os patos voando/ e ao recolher se recolhem ao som de hũ sino que tem cada jãgada, que conhecem tambẽ, que ainda que tanjão quatro sinos cada hũas acodem ao de sua sangada. Na terra de hũ banda e doutra desterio ha muytos lugares mura dos, que tem muytas quintas/ hortas/ e muytos parques, e toda a terra muyto aproueitada: e por isso he muyto abastada de todos los mantimentos. E junto da cidade he horio de largura de tiro de berço daltura de sete braças/ ate tres: e ancorão ali grandes jungos e a cidade está perto dele, e será de cerca algũa cousa mayor que Euorã: e tem os muros de largura de cinco braças, ambas as faces sam

de cataria de pedra vermelha e mole, he entulhado de terra ate ho meyo/ e ameado cõ ameas de seteiras e está sempre muyto limpo deruas por ordenança da cidade. Tem este muro em roda setenta e oytto torres de sua altura todas entulhadas: e em cada hũ está hũ vigia que tem hũ masto aruorado pa se poer hũ bandeira no tempo de suas festas. Tem mais esta cerca sete portas: e e pola largura do muro: cada porta tem quatro portas, hũa defronte da outra antes que cheguẽ á deradeira. E cada portal tẽ no muro hũ postigo d cada ilharga: e as portas sam forradas de ferro: porẽ sam mais fermosas q fortes. Sobre estas portas ha grandes casas de vigia: em q cabẽ quinhentos homens/ que tem ali suas armas defensiuas e offensiuas: com que guardão aquelas portas de dia e de noite. Ho muro da parte da cidade não he tambẽ repairado como da banda de fora: E por ele ser tão largo como digo ho entulharão de terra, e donde se ela tirou ficou hũa fermosa caua d grã de altura que se enche dagoa da banda do rio: e não do sertão porq vay por hũ alto: e não pode sobir ali agoa. Esta caua tẽ sete pôtes correspondetes á porta da cidade: e todas sam grãdes e bẽ obradas/ e tomarão toda sos doug terços da cidade q não tẽ outra fortaleza senão as casas do Puchanci, q he o q a gouerna em ausencia do Tutão, estas tẽ algũa aparência de fortes: e porẽ não ho sam e sam terreas, porq não ha na cidade nenhũa casa que ho não seja (a rezão não pude saber) e

sam todas de taipa acafeladas por fora cõ cal decascas dostras / e forradas por dentro de madeira grossa, e pintadas fermosamente / e todas tem oratorios com retauolos e imagẽs dos idolos dos Chins. Tem todas pateos lageados de fermosas pedras, e poços d'agoa que não he boa, e as mais delas tem aruozes às portas que fazem sombras, tem a cidade de seu muytas casas pera os officiaes que a governão, e sam pera ver de fermosas: todas as ruas tem portaes nos cabos ou começos a modo de arcos triumphaes / e sam de madeira muyto bem laurados e pintados e ha destes mais de quinhentos. ha tambem nesta cidade muytas varelas que sam as casas d'oração dos Chins / assi mosteiros como igrejas em que ha muyto singulares agoas. Tem esta cidade hũ arrabalde de mayor pouoação que a cerca / e estendesse ao longo do rio / e he muyto comprido e estreito: e assi nele como na cerca ha gente sem conto, fidalgos a que chamão mandarins na lingoa Chin / mercatores e officiaes macanicos: e vendẽ se aqui cousas tão lindas que he cousa de spanto. Por ordenança da cidade as suas portas se fechão em se poendo ho sol, e abrense em saindo / e isto por amor dos muytos ladrões que ali ha. E assi nisto como no mais he tambem regida que não tem enueja as milhozes regidas de Europa / e he ley do rey, no não entrar da cerca pera dẽtro nenhũa pessoa estrangeira senão se for Chin / e por isto ha no arrabal

de gente sem conto como ja disse, e no rio e na caua estão continuamente de dez mil paraõs grandes pera cima e todos cheos de gente e em muytos morão como em casas, e he de maneyra que parece que quasi ha tanta gente no rio como na cidade / porque tudo he cuberto dela: e não he marauilha porq̃ ali não ha peste, nem guerra / nem fome.

Capitulo. xxv. De como ho capitão mór chegou a Cantão, e de como de pois chegarão ho Lõquam / Compim e ho Tutão.



O piloto q̃ ho Pio mandou a Fernão perez não ousou de trar em nenhũ dos nossos nauios nem nos bateys e foy em hũ paraõ seu, e seguia ho a nossa frota e poserão tres dias em chegar a Cantão, porque Fernão perez surgia de noyte. E chegado ao porto da cidade surgio pegado com a ponte principal / onde estava hũ cais de cantaria ao nosso modo, e dali saluou a cidade com toda sua artelharia / tẽdo os nauios embandeirados, e ao estrondo da artelharia acodio ao cais toda a gente da cidade a fora a que estava no rio em paraõs como ja disse. E estando Fernão perez furto mandoulhe ho Buchaci grãde de Cantão dizer / que se espantaua muyto vindo ele de paz segundo lhe tinhão dito / mostrar que vinha de guerra no q̃ fazia contra as leys que tinhão

que defendião nenhũa pessoa natural nem estrangeira, não tirar diante daquela cidade nenhũ tiro d'artelharia, nem aruozar bandeira nem lança: e pois ele vinha de paz que assi ho deuia de fazer. Ao que ho capitão mór respondeo/ descul pandose de não saber suas leys, e por isso vsara do nosso costume que era tirar sua artelharia em final de festa e damizade, e por essa causa embãdeirara suas naos/ e não por quebrar suas leys nem costumes, que ele ajudaria a goardar com todas suas forças como vassalo del rey de Portugal muyto grande amigo del rey da China, e por isso mandaua assentar coele paz e amizade. E coisto ficou ho melleseiro do Buchanci satisfeyto / e disse ao capitão mór que se não agastasse de ho não despacharem logo, por que não podia ser ate não vir ho Tutão que era sobre ho Buchanci e sobre os outros, e este ho despacharia logo que ja erão achamalo a hũa cidade vinte legoos daquela polo rio acima como ja disse. E tambem como os nossos chegarão forão preguntados os idolos dos Chins se hião os nossos por seu bem ou não/ e hũs dizião que por bem outros por mal / por em que dali por diante goardassem melhor sua cidade/ se melhor se podia goardar. E assi ho fizeram eles, e ho capitão mór não consentia q nenhũ Chim entrasse nos nauios, nem que nenhũ dos nossos fosse a terra, e ho refresco que querião mã dauãno comprar aos paraos que estauão no rio/ nem menos consen-

tio que nenhũ jungo dos que entrarão despois delesurgissem junto dos nossos nauios, e assi ho mandou dizer ao Buchanci, que foy di so contente. E assi ele como os mandarins da cidade ho mandauão visitar a miude com muytos presentes. E passados dous ou tres dias de sua chegada chegou a Cãtão ho Conquão grande/ que como disse he hũ dos tres do conselho e da gouernança ho menor: e era capado como ho sam os destes cargos/ e veyo polo rio muyto acompanhado, e sayo com grande aparato e da hí a cinco dias chegou ho Compim grande, tambem pelo rio e com muyto mor aparato que ho Conquão/ porque tambem seu officio he mayor que ho do Conquam por ser capicão da guerra como disse: e ho Conquão ho sayo a receber com toda a cidade. E sabendo ho capitão mór sua chegada ho mandou visitar, com cuja visitaçãoele mostrou que folgaua muyto/ e assi com ver os nossos. E respondeo ao capitão moor que sua chegada fosse embora/ que como chegasse ho Tutão em que estaua todo ho poder de seu despacho que logo seria despachado, e ele veyo seys dias despois do Compim, a que se fez muyto mais solenne recebimento que a nenhũ dos outros. E vinha ho Tutão pelo rio abaixo em hũ parao marauilhosamente laurado de maçanaria e cozido todo em ouro/ e toldado e embandeirado de bandeiras de sedas de coores/ que alem de ser muyto fermoso era muyto rico.

e acompanhauão muyta gēte que vinha e outros paraos laurados da mesma maneyra e pitados dourado e azul, e toldados e embadeirados pelo mesmo modo. Era a gente tãta que ho acompanhaua/ e a diuersidade de instrumentos q̃ trazia/ que parecia etrar hũ grãde príncipe. Este dia foy embandeirada toda a cerca da cidade/ as si polos muros como pelas torres e cada hũa estaua hũ masto grosso com hũa verga atraueçada cõ hũa bandeira tamanha como hũ papa figo de hũa nao: e estas de diuersas e alegres cores, e todas de seda, e assia dos muros que erão muytas. Ho Cõquão/ e ho Cõpĩ cõ todos esoutros officiaes sayrã a receber ho Tutão acompanhados de toda a gente da cidade/ e todos vestidos de festa. E em ele desembarcando no caes, despararã cinco camaras de falcão que estauão ceuadas pera isso/ porque ho tem por grande festa. E sobido ho Tutão em seu andor foy rodeado de muyta gēte d'armas q̃ antre os Chis se chamão laboes, e abalando pera a cidade bião algũs destes bradãdo diante q̃ despejassem as ruas q̃ hia ho Tutão. E assi se fazia/ e com toda esta solēnidade chegou às suas casas onde ho deixou a gēte que ho acompanhaua.

Cap. xxvj. De como ho capitão mór mãdou recado ao Tutão, e foy escripto a el rey de sua chegada. E de como deixado ho embaixador em Cantão se tornou á ilha Daueniaga.



Sabendo ho capitão mór q̃ ho Tutão era vindo/ mandoulhe recado pelo feytoz da causa de sua vida naq̃la terra/ e do embaixador q̃ trazia pera el rey da China, e do presente que lhe auia de levar, pedindolhe que ho despachasse logo. Foy ho feytoz bem atauiado com os q̃ ho acompanhauão que erão muytos criados del rey e leuaua diante as trombetas do capitão mór. E chegado a casa do Tutão que sabia que ele hia, achou ho acompanhado do Comquão e do Compim, e ho Tutão estaua da mão esquerda por ser auído por lugar mais hõrrado antre os Chis e defronte deles estaua ho Cein que tira as deuassas como ja disse. E de todos ho feytoz foy muytẽ recebido: e ouido ho recado do capitão mór/ respondeo logo ho Tutão que sua vinda fosse muyto boa/ e que tinha coela grande cõtētamēto por estar enformado de sua bondade e dos outros Portugueles: e que el rey seu senhor recebia muyta honrra em ser visitado de reys, que estando no cabo do mundo querião sua amizade: que prazeria a Deos que seria pabẽ, e cõtētamēto de todos: e coisto outras alegres e corteses palauras/ e cada hũ dos outros officiaes fez sobristo sua fala ao feytoz/ mostrãdo o cõtētamēto q̃ tinbão pola vida do capitão mór, e pola amizade q̃ el rey de Portugal q̃ria cõ el rey da China/ q̃ sabião q̃ auia de folgar coela, e q̃ logo lhe escreueriã: e ate nã verẽ sua reposta nã poderia

ho embaixador partir de Cantão: e que entre tanto lhe mandarião dar todo ho necessario, e ele e os que ouuellem dir coele comerião á custa del rey da China, porque assi ho costumaua, e q ho mandasse logo pera terra cõ ho presente que auia de leuar a el rey da China, pedindo tambem ao capitão mór que fosse a terra pera ho verem e se alegrarẽ coele. Do que se ele escusou, dizendo que não podia por nenhũ modo por quanto el rey seu senhor lho defendia, que se isso não fora ele folgara muyto d ho fazer, e por lhe el rey seu senhor defender não podia consentir que se desse de comer ao embaixador á custa del rey da China e aos que auião dir coele, q depois de se ele partir pera onde el rey estava etão farião o que quisessem, e mādou logo ho embaixador a terra com ho presente q auia de leuar. Este foy metido em hũa casa deputada pera estarem os taes presentes, e a chauce dela se deu ao embaixador que auia nome Thome pirez e fora boticairo do principe dõ Alfonso, e por ser discreto e curioso pareceo bem ao governador mandalo coesta embaixada, q el rey de Portugal não ho mandaua coela, antes cuidando q el rey da China estava perto mandou a fernão perez que mandasse lá hũ dos seus em capitães / ou quem lhe bem parecesse. E ho governador não quis se não mandar este Tome pirez, que mandou com conselho dos fidalgos e capitães da Índia, pelas causas q digo, e porque conheceria melhor que outro as drogas que auia

na China. E dada a chauce da casa do presente ao embaixador, forão escriptos os nomes daqueles que auião dir coele. E ho tutão, Conquão, e Compim escreuerão logo a el rey da China a chegada do capitão mór, e tudo quanto fez e lhe succedeo depois que surgio na ilha da veniaga ate chegar a Cantão, e ho mesmo lhe escreuerão o Buchaci / Ceini, Amechacis, Locis, Itao, Dio e Licos: e hũs dizião bẽ dos nossos, outros mal / outros nẽ mal nem bẽ. E partidas estas cartas ho Buchaci por mandado do Tutão mandou apregoar na cidade que todos podessem cõprar cõ os nossos e venderlhe as mercadorias q quisessem, e que nenhũ fosse ousado de lhe fazer nenhum agrauo sob graues penas: e mandou dizer ao capitão mór que mādasse recado aos nauios que ficarão na ilha da veniaga que se viessem pera Cantão, porque ali descarregarião, e carregarião melhor que lá. Do que ho capitão mór se escusou por os nauios estarẽ lá mais seguros que em Cantão. E tambẽ porque se queria tornar pera lá como assentasse o de auia de star e terra a fazẽda del rey, pera que lhe logo foy dada hũa casa, e foy estar nela hũ escriuão da feytoria, e assi outros nossos pera terẽ carrego da fazenda. De que ho capitão mór mandou leuar algũ, dizendo que como aquela fosse gastada leuarião outra: e coisto se começou ho trato antre os Chis, e os nossos, e assi grande amizade, e eles hião a terra e andauão lá muy seguros, e tantas cousas contauão

ao capitão mór da grãdeza e riqueza da cidade / e de uia abastança de mantimentos e nobreza de gente, q̃ ele a foy ver desconhecido, e vio q̃ lhe diziaõ verdade. E cõ tudo Cãtão era aldea pera outras cidades que ha pelo sertão. E vêdo Fernão perez quanto os da cidade se contẽtauaõ com a conuersação dos Portugueses / mandou pedir licença ao Tutão pera fazer hũa casa d'õ pedra e cal na ilha Daueniaga, pera estar nela ho feytor del rey de Portugal com sua fazenda e a teuesse segura dos muytos ladrões que auia no mar e na terra: e o Tutão lhadeu.

Capit. xxxij. Das armadas que ho governador mandou pera fora da India.



Partidas pera Portugal as naos da carga ho governador mandou dom João da silueiraa fazer a mizade com os reys das ilhas de Maldina / e com el rey de Bengala e deulhe hũ nauio redondo em que fosse e hũa galeota de que foy por capitão João fidalgo capitão da ordenança em tempo D'afonso dalbuquerque, e hũ bargantim de q̃ era capitão hũ Tristão barbudo e hũa carauelota cujo capitão não soube ho nome. E despois da partida de dom João, mādou ho governador a João gonçaluez de castelo branco por capitão de hũa carauela, q̃ fosse correndo a costa de Cochim ate Diu, e mandoulhe que tomasse Baicalá, onde deixaria hũ homem cõ ho feytor pera comprar todo ho sa

litre que ouuesse, assi como em honor e Mergen, e q̃ qualquer zambuco q̃ achasse uo caminho assi com salitre como cõ cairo q̃ ho mandasse a Cochim pera lá lheseer pago, e da hi se iria a Chaul, e saberia do feytor como estaua e assi a terra / e se lhe comprisse estar algũs dias no porto pera assento da terra que esteuesse. E da hi se iria a Diu pera saber noua da mercadoria del rey se se despachaua e como estaua, e que toda a nao de caualos que achasse fizesse arribar a Goa, metendo algũs Portugueses em cada hũa / e que achando algũa em algũ porto / ou descarregando caualos q̃ a tomasse pera el rey seu senhor, ate os mercadores serem ouuidos: e homefmo faria a qualquer nao ou zambuco q̃ achasse com especiaría, ou droga. E despois da partida de João gonçaluez foyse ho governador á cidade de Goa, dõde despachou a Antonio de saldanha pera ho cabode Goar, dafum a fazer presas e dar vista a Adem pera ver sua desposição / e deulhe hũa armada de ate dez velas, quatro naos grossas e outros nauios / e forão seus capitães Simão gonçaluez de souza / Antonio ferreyra fogaca / Fernão gomez de lemos / Munõ fernãdez de macedo / Antonio de lemos e outros a que não soube os nomes. E tambẽ despachou ho governador Manuel d'õ lacerda pa ir recolher algũas naos que ficarão da sua armada q̃ leuou ao estreito, e assi outros nauios de Portugueses que tratassem per esses lugares d'õ mouros e fosse a Diu por Fernão martiz euãgelho, e mã

dou coelea Garcia da costa irmão
Dafonso lopez da costa / e ambos
forão em naos. E chegado a Diu
mandou recado a Beliquiaz por
João fernandez de Santarem escri
uão da sua nao: e por Beliquiaz
ser muyto amigo de Manuel de la
cerda, folgou muyto cõ sua vinda:
e assi lho mandou dizer / mandan
dolhe muyto refresco, e pedindo
lhe que não desembarcasse ate que
ho seu patrão do mar ho não fosse
receber. E ao outro dia ho mādou
cõ muytas fustas todas toldadas
e embandeiradas e artilhadas / e
com muytos tangeres: e quando
Manuel de lacerda desembarcou,
ho recebeo Beliquiaz com muyto
prazer, e lhe fez muyta festa todo a
quele dia, porque de noyte Manuel
de lacerda se recolheo a sua nao / e
assi ho fez em hũ mes que ali esteue,
e auntarãse aqui muytos Por
tugueses, porq̃ a fora a que trazia
Manuel de lacerda estaua ali João
gonçaluez de castelo branco na sua
carauela e outros nauios. E estã
do assi entrarão no porto de Diu al
gũas das fustas de Beliquiaz que
vigiauaõ ho mar: e auendo vista da
armada Dantonio d saldanha que
bia pera ho cabo de Goardasum fo
rão dar recado a Beliquiaz / e quã
do virão em Diu tãtos Portugue
ses / e aquela armada no mar cuy
darão que era algũa treyção pera
tomar a cidade, e ho mesmo pare
ceo a Beliquiaz quãdo ho soube /
e por isso meteo na cidade mais gẽ
te da que tinha: e esta que veyo de
refresco dauão muytos encõtros
aos nossos que andauão na cida

de, e fazlãhe outras sobzãças.
E não as podendo eles sofrer ho
differão a Manuel d lacerda, que
logo ho disse a Beliquiaz / pregũ
tandolhe que era aquilo. E ele lho
disse / dizendo que se não esteuera
na cidade que os mais dos Portu
gueses forão mortos. E Manuel
de lacerda lhe estranbou muyto
cuydar ele q̃ per treição lhe anião
de querer tomar a cidade, tendo a
mizade e paz: e disselhe que el rey
de Portugal não costumaua de to
mar as fortalezas por treição, se
não por guerra quando se lhe não
querião dar. E coisto se segrou
Beliquiaz e mandou despejar a
cidade: e passado bũ mes em q̃ se
vendeo a fazenda que Fernão mar
tinz feytorizaua / quilerasse Ma
nuel d lacerda partir e leualo: mas
ele se escondeo por não ir coele, e
dizião que com medo do governa
dor por estar ali da mão de Fernão
dalcaçoua. E vendo Manuel de
lacerda q̃ ho não podia levar / par
tiose com todas as velas que esta
uão em Diu e foyse a Cochim / on
de achou ho governador.

Capit. xxxij. De como ho go
uernador foy iuernar a Cochim.

DE Goa se partio ho go
uernador pera Cochim /
onde auia diuernar, e
hi achou grãdes brigas
antre Dafonso lopez da costa e Lou
renço moreno. E a causa fora porq̃
hũ seu criado sabendo que ho com
prador Dafonso lopez tomara hũ
pouco de pescado a hũ seu moço

faltou na cozinha do mesmo Alfonso lopez e tomou quanto peicado hi achou, pelo q̃ Alfonso lopez ho foy eipancar á sua casa: do que Lourenço moreno se ouue por muyto injuriado por ser homẽ honrrado / e dali por diãte andaua acompanhado de muytos homẽs armados de lâças e doutras armas como que esperaua de vingar a injuria que dizia ter recebido, e hũa noyte saltou com hũ irmão Dalfonso lopez da costa pera ho matar: o que não pode fazer. E vendo isto algũs fidalgos que estauão em Cochim / porque a cousa não viesse a mais e se seguisse mór mal / pedirão a Aíres da silua capitão da fortaleza que mandasse a Lourenço moreno que não trouuesse homẽs armados / e q̃ndo não quisesse se não trazelos que ho prẽdesse. O que ele fez: do que Lourenço moreno se ouue por muyto mais injuriado que dantes, e chegãdo ho governador a Cochim lhe fez quei xume assi Dalfonso lopez como Daires da silua, e ajudou ho a isso Digo pereyra de Cochim seu amigo muyto grande e priuado do governador / e ambos lhe afearão ho caso grandemente: e por isso e por ele estar algũ tanto desconte Dalfonso lopez, sem se mais enformar da couisa como passara, ho prendeo logo na pousada / defendendo que não pousassem seus irmãos coele, e sem nenhũa ordem de iuyzotirou a capitania a Aíres da silua e degradou ho pera Malaca / pera onde de terminaua de mandar dom Aleixo de meneses com poder de governador pera concertar a deferença que

lá aula antre Auno vaz pereyra e Antonio pacheco sobre a capitania da fortaleza: o que soube por Cierissimo pacheco irmão Dantonio pacheco que chegara então de Malaca, e lhe disse que despois da partida de fernão perez pera a China / Auno vaz se concertara com Antonio pacheco / pera q̃ gouernassem ambos Malaca: no q̃ se ele fiando se fora pera a fortaleza da ilha das naos donde estaua. E despois dalgũs dias vindo hũ dia ambos da igreja / ho tomarão vinte homẽs q̃ Auno vaz pera isso tinha e leuarãno á fortaleza, onde Auno vaz ho mandou meter na coua. E sabendo ele verissimo pacheco a prisam de seu irmão se acolhera no nauio com ceição de que era capitão, assi polo não prẽderem como pera vir dizer ao governador este caso como passaua, e pera concertar esta deferença e meter o posse da capitania de Malaca a Alfonso lopez da costa que a trouera de Portugal / queria ho governador mandar dom Aleixo.

Capit. xxxiij. De como dom Aleixo de meneses chegou a Malaca e achou q̃ lhe fazia guerra el rey de Bintão.



Prestes a armada em que auia vir partio de Cochim em Abril / indo ele e Santiago menor / e Alfonso lopez da costa na espera peq̃na, e Duarte de melo q̃ leuaua a capitania mór do mar de Malaca em hũ iungo: e irião nestes nauios bẽ trezentos Portugueses, e muy

ta artelharía e munições e manti-
mêtos de que Malaca tinha neces-
sidade. E vendo Aires da silua que
ho mandaua ho governador nesta
frota degradado se nenhũa causa/
determinaua d'ho matar ás punha-
ladas e irse pera os mouros: e tira-
rão disso Christouão de souza/
Francisco de souza tauares e Ma-
nuel de lacerda. E todauia âtes de
sua partida quis perguntar ao go-
uernador a causa porque ho degra-
daua, e foy lho pregutar indoele
estes tres. E o governador ho não
quis ouuir antes ho epurrou muy-
to riso dizendo que se fosse. E parti-
do dom Aleixo em Abril de mil e
quinhêtos e dezoyto chegou a Ma-
laca, onde achou que el rey de Hin-
tão era vindo ao Pago hũ lugar
dezoito legoas d' Malaca pelo rio
acima, e tinha feyta hũa fortte trá-
queyra em Aduar cinco legoas de
Malaca no mesmo rio, e tinha hí
muyta gente/ assi na terra como no
mar em lancharas / e por capitão
hũ valêtemouro malayo chamado
cancotea deraja: e este corria a Ma-
laca por mar e mataualhe os pesca-
dores que andauão pescando, e assi
outros nossos amigos q' hião tra-
tar cõ suas mercadorias: de modo
que ninguem oulaua de sayr fora, e
não somente fazia isto no mar, mas
tambem salteaua a terra muyto a-
miude que ninguem estaua seguro.
E chegado dom Aleixo soltou An-
tonio pacheco e meteo de posse da
capitania da fortaleza Alfonso lo-
pez da costa, e da do mar Aduar-
te de melo / que logo sayo ao mar
com sua armada / cujos capitã-

es forão ele, Diogo pacheco, Pero
de faria e assi outros, mas nem por
isso a armada dos inimigos deixaua
decorrer como dâtes, e ouue muy-
tos recontros com a nossa armada
e sempre lhe fugia leuando a peor.
E assi andarão ate q' Fernão perez
veyo da China, como direy a diãte
quando os nossos destruyrão esta
tranqueyra de Aduar.

Capit. xxxv. Em que se escreuem
as ilhas de Maldina, e o que ha
nelas. E de como dom João da
silueira assentou paz e trato com
el rey de Maldina.

Partido dom João da sil-
ueira d' Cochim, seguiu
sua rota pera as ilhas d'
Maldina, q' se affirma
serem sessenta legoas da costa do
Malabar ou pouco mais / e he hũ
grandissimo arcepelago delas: e di-
zem os mouros nauegantes q' sam
doze mil e corêta e oyto, e começo
ao mar de monte Deli ôde estão os
bairros de Padua / e vão por aq̃la
corda contra Malaca. E como dis-
sena discrição do Malabar, tê os
mouros q' estas ilhas forão terra
firme / e que se fez em ilhas com ho
mar q' cobria a terra do Malabar /
e correo pera esta e fela em ilhas / e
ho Malabar ficou terra firme. E is-
to parece ser assi por quam juntas
estas ilhas sam hũas com outras e
quam pequenas, que andãdo eu an-
tre las ho vi: as primeyras sam qua-
tro pequenas e rasas como ho sam
quasi todas, e hũa delas se chama
Maldina, e desta se chamão todas

em géral as ilhas de *Maldiva*, e nesta ha hũ rey e em outra ilha que se chama *Cãdaluz* ha outro / e a estes obedece a gẽte das outras / de que muytas sam despouoadas por amor da grãde multidão de mosquitos que ha nelas. E nas q̃ estão da banda do sul dizem que ha muyta prata e muyto boa / e em todas ha muytos palmares que dão coquos de cujas cascas se faz ho cayro, que he boa mercadoria pera toda a *India*, em q̃ fazem dele toda a cordoalha que se nela gasta, assi pera naos e nauios como pa outras cousas. Ha nestas ilhas muyto pescado q̃ seco lhe chamão *moxama* q̃ leuão por mercadoria a muytas partes / e assi hũs buzios brancos pequenos a que chamão *cauris* que serue de moeda miuda em *Bengala* / por que sam mais limpos que ho cobre de que a auiação de fazer / que dizem quelhe çuja as mãos. Fazẽse nelas muytos e muy ricos panos douro e de seda, e dalgodão que antre os mouros valem muyto pera seu vestir: põe tambem aqui ás toucas os melhores viuos douro e de seda q̃ em outra parte do mũdo / e assi ha muytas tartarugas cujas cõchas sam muyto boa mercadoria pera *Cambaya*. Achasse tambem nelas ho mais ambar e ho mais fino que se acha em outra parte algũa, e dizẽ os seus moradores que se faz desta maneyra. Bem dentro no arcepelago destas ilhas / nas mayores delas ha muytas eruas cheirosas de que se mantem hũas grandes aues que se crião nestas ilhas, e a que os moradores chamão *anacangripas*.

qui. Estas aues se amelioão e hũas rochas questão nas mesmas ilhas ao longo do mar, e ali deitão seu esterco que he ho ambar: e he de tres qualidades / ho primeyro he branco e este he muyto fino / e achasse nas mesmas rochas que fica pegado assi como as aues ho deitão, e chamã-lhe os da terra *ponãhambar* / que quer dizer ambar douro / e val mais que todos porque se acha pouco / e com muyto mór trabalho que os outros dous que sam pardo e preto / que se fazem do branco: que estando nestas rochas que digo per tempo vẽ a cair no mar cõ grandes tempestades de ventos, e caído este ambar em grandes pedaços anda no mar ate q̃ sae em algũas prayas, e chama-lhe *cuambar* / q̃ quer dizer ambar dagoa, porque por ser muyto lavado tem perdida grande parte da fineza / e a outro chamão *manimbar* / que quer dizer ambar de pescado / e he preto: porque tem que sendo pardo foy comido de baleas ou doutros peixes muyto grãdes que ha antre estas ilhas / e não ho podendo disistir ho tornarão a lançar assi preto, e este val pouco por ter perdida quasi toda sua virtude. Os moradores destas ilhas pela mayor parte sam gentios e tem a lingoã malabar, mas em *Maldiva* e *Candaluz* ha muytos mouros malabares: sam os moradores homens pequenos e não prestão pera guerra / e assi tem poucas armas. Sam geralinente grandes feyticeiros, em tanto que visuelmẽte lhes vem falar os diabos: tem como vísse dous reys que tem grandes

souros de prata e dambar. E indo dom João da silueira por sua via-gê despois de fazer algũas presas em naos de mouros nossos inimigos foy ter á ilha de Baldina pera assentar trato com el rey / com quẽ se vio em terra com arrefens que lhe derão. E el rey ho recebeo com grande festa estãdo acompanhado de muytos senhores seus vassallos, e ele atauiado ao modo dos reys do malabar, que assi se serue em toda maneyra de seu seruiço / e assi tem os paços como eles. E vendo-se dom João com el rey assentarão paz perpetua: e que ho governador podesse mandar assentar feytoria em sua terra / onde lhe mandaria vender todo ho cairo de que teuesse necessidade / e assi as outras mercadorias que auia nas ilhas, onde dõ João esteue esperando a moução pera Bégala / e assi ficou ate q̃ ueo.

Capit. xxxvi. De como ho capitão mór do mar Antonio de saladanha foy fazer presas ao cabo de Goardafum, e do que lá fez.



O capitão mór do mar Antonio d saladanha que partio de Goa pera ho cabo de Goardafum chegou a ele com toda sua armada em que leuaria passante de trezentos dos nossos / e hi fez algũas presas nessas naos de mouros que sayão do estreito pera a India a comprar suas mercadorias: e como ho mais do que leuão quando vão he dinheiro / fez ho ca-

pitão mór com os outros capitães muy ricas presas. E daqui andãdo a vista da cidade Dadem foy ter às portas do estreito com determinação dêtrar nele e saber algũa noua da armada dos rumes, de que todauia se tinha sospeita que auia vir á India. E poendo sua determinação em conselho com seus capitães / foy acordado que não entrassem no estreito, porque se entrasse seria forçado inuernar nele por ser tarde, e inuernando lhe morreria toda a gente: e por isso cessou de sua determinação e foy-se inuernar a Ormuz: e fazendo volta pera isso se determinou que desse na cidade de Barboza que está dali a vinte cinco legoas tornando pera ho cabo de Goardafum na costa de Ethiopia em onze graos da banda do norte abastada de muytos mantimentos que ha na mesma terra / em que tambem ha muyto ouro / marfim e cera que lhe trazem do sertão: e por isso he de grande trato / e vão a ella muytas naos Dadem, e do reyno de Cambaya com suas mercadorias, e leuão destas da terra. Seus moradores sã mouros e todos falão arauia: tem rey sobre si tambem mouro / e pagaparias ao preste e leuanta selhe aas vezes. E chegando ho capitão mór com sua armada ao porto desta cidade achoua despejada de todo que os seus moradores fugirão com medo dos nossos sabendo que tornauão das portas do estreito: receãdo que dessem neles. E primeyro que se fossem da cidade a despejarão de suas fazendas: e por isso os nossos quan-

do desembarcarão / nem acharão quem lhes resistisse, nem menos acharão queroubar, e não teuerão mais que dar fogo á cidade que ardeio toda. E isto feyto tornou-se ho capitão mór a embarcar com sua gente, e partio-se pera Sumuz onde foy ter em Mayo e hi inuernou / e em Agosto se tornou pera a India.

Capit. xxxvii. Em que se escreue ho grande e abastado reyno de Bengala



Em João da silveira q̃ estaua em Mal-diua esperando pera ir a Bengala, partio-se vinda a moução, e sem lhe acôtecer coula que seja de contar a noue dias de Mayo de mil e quinhētos e dezoyto foy surgir na cidade de Chetigã cidade de Bengala, que he hū reyno dos mayores e mais ricos e abastados reynos de toda a India. Tem cento e vinte legoas de costa pouco mais ou menos ao longo daquela enseada a q̃ os Cosmografos chamã signo gâgetico por amor do rio ganges que se vay ali meter no mar Indico per duas bocas / e outras tantas legoas tem pelo sertão ao longo do Gâges / dūa parte e doutra: de modo que ocupa grande parte de terra, de que algũa he montuosa e a outra chaã: he geralmente muyto abastado de mantimētos, e muyto mais que todos os outros reynos da India, assi de trigo como darroz, de gado grosso e miúdo de que ha criação sem conto: e assi ha

muyta caça de montaria e daltengaria, e de muyto pescado e fruytas / e tudo tão barato que parece cousa impossivel / porque hū boy por grã de que seja não val mais que duas tangas que pola nossa moeda sam seys vinteis, hūa duzia d boas galinhas hūa tanga, hū fardo darroz que sam tres alqueires dez rs, e assi ho mais. Faz-se em todo este reyno muyto e bõ açucar, e leuãno e fardos pera outras partes / e fazense muytas conseruas de gengibre, de que ha muyto e de fruytas despiinho e doutras. Cria-se tambem neste reyno muytos caualos do tamanho de facas. Dīng raterra: nace geralmēte por toda esta terra muyta pimenta longa / e grande soma dalgodão de que se fazem muytas sortes de panos muyto delgados / hūs brancos e outros pintados / e todo ho fiado de que se tecem he fiado em roda. Metesse por este reyno como disse no mar ho rio gâges por dous braços e da foz dūa do outro ha oytēta legoas: os gētios deste reyno tem a sua agoa por santa / a rezão dīssõ não a pude saber, vão todos alauar-se nele, e assi doutras partes: e he hūa das grandes romarias que ha antreles, e crem que lauandose com a sua agoa ficão limpos de todos seus pecados, em tanto que a el rey de Marlinga porq̃ não se podelá ir lauar he trazê cada somana pola posta hū barril da goa e lauasse coela. Ho nacimento de lenão se sabe onde he: estão situadas ao longo dele dūa parte e doutra muytas e muyto fermosas cidades, principalmente hūa que se cha

louros de prata e dambar. E indo dom João da silueira por sua via-
gê despois de fazer algũas presas
em naos de mouros nossos immi-
gos foy ter á ilha de Baldiua pera
assentar trato com el rey / com quẽ
se vio em terra com arrefens que
lhe derão. E el rey ho recebeo com
grande festa estãdo acompanhado
de muytos senhores seus vassallos,
e ele atauiado ao modo dos reys
do malabar, que assi se serue em to-
da maneyra de seu seruiço / e assi
tem os paços como eles. E vendo-
se dom João com el rey assentarão
paz perpetua: e que ho governador
podesse mandar assentar feytoria
em sua terra / onde lhe mandaria
vender todo ho cairo de que teuesse
necessidade / e assi as outras merca-
dorias que auia nas ilhas, onde dõ
João esteve esperando a moução
pera Bégala / e assi ficou ate q vreo.

Capit. xxxvi. De como ho capi-
tão mór do mar Antonio de sal-
danha foy fazer presas ao cabo
de Boardafum, e do que lá fez.



O capitão mór do
mar Antonio d sal-
danha que partio
de Goa pera ho ca-
bo de Boardafum
chegou a ele com to-
da sua armada em que leuaria pas-
sante de trezentos dos nossos / e hi
fez algũas presas nessas naos de
mouros que sayão do estreito pera
a India a comprar suas mercado-
rias: e como ho mais do que leuão
quando vão he dinheiro / fez ho ca-

pitão mór com os outros capitã-
es muy ricas presas. E daqui andã
do a vista da cidade Dadem foy ter
às portas do estreito com determi-
nação dêtrar nele e saber algũa no-
ua da armada dos rumes, de que
todauia se tinha sospeita que auia
dir á India. E poendo sua determi-
nação em conselho com seus capi-
tães / foy acordado que não entras-
se no estreito, porque se entrasse se-
ria forçado inuernar nele por ser
tarde, e inuernando lhe morreria
toda a gente: e por isso cessou de sua
determinação e foyse inuernar a
Emuz: e fazendo volta pera isso se
determinou que desse na cidade de
Barbora que está dali a vinte cinco
legoas tornando pera ho cabo de
de Boardafum na costa de Ethio-
pia em onze graos da banda do nor-
te abastada de muytos mantimen-
tos que ha na mesma terra / em que
tambem ha muyto ouro / marfim
e cera que lhe trazem do sertão: e
por isso he de grande trato / e vão a
ela muytas naos Dadem, e do rey
no de Cambaya com suas mercado-
rias, e leuão destas da terra. Seus
moradores sam mouros e todos
falão arauia: tem rey sobre si tam-
bem mouro / e paga parias ao pres-
te e levanta selhe aas vezes. E che-
gando ho capitão mór com sua ar-
mada ao porto desta cidade achoua
despejada de todo que os seus mo-
radores fugirão com medo dos
nossos sabendo que tornauão das
portas do estreito: receãdo que des-
sem neles. E primeyro que se fossem
da cidade a despejarão de suas fa-
zendas: e por isso os nossos quan-

do desembarcarão / nem acharão quem lhes resistisse, nem menos acharão queroubar, e não tenerão mais que dar fogo á cidade que arde toda. E isto feyto tornou-se ho capitão mór a embarcar com sua gente, e partio-se pera Ormuz onde foy ter em Mayo e hi invernou / e em Agosto se tornou pera a India.

Capit. xxvij. Em que se escreue ho grande e abastado reyno de Bengala



Em João da silueira q̃ estaua em Mal-diua esperando pera ir a Bengala, partio-se vinda a monção, e sem lhe acôtecer cou

sa que seja de contar a nove dias de Mayo de mil e quinhētos e dezoy to foy surgir na cidade de Chetigã cidade de Bégala, que he hū reyno dos mayores e mais ricos e abastados reynos de toda a India. Tem cento e vinte legoas de costa pouco mais ou menos ao longo daquela enseada a q̃ os Cosmografos chamã signo gâgetico por amor do rio ganges que se vay ali meter no mar Indico per duas bocas / e outras tantas legoas tem pelo sertão ao longo do Gâges / dūa parte e doutra: de modo que ocupa grande parte de terra, de que algũa he montuosa e a outra chaã: he geralmente muyto abastado de mantimētos, e muyto mais que todos os outros reynos da India, assi de trigo como darroz, de gado grosso e miudo de que ha criação sem conto: e assi ha

muyta caça de montaria e daltengaria, e de muyto pescado e fruytas / e tudo tão barato que parece cousa impossivel / porque hū boy por grã de que seja não val mais que duas tangas que pola nossa moeda sam seys vinteis, hūa duzia d boas galinhas hūa tanga, hū fardo darroz que sam tres alqueires dez rs, e assi ho mais. Faz-se em todo este reyno muyto e bõ açucar, e leuãno e fardos pera outras partes / e fazem-se muytas conseruas de gengibre, de que ha muyto e de fruytas despinho e doutras. Criã-se tambem neste reyno muytos caualos do tamanho de facas Dingraterra: nasce geralmēte por toda esta terra muyta pimenta longa / e grande soma dalgodão de que se fazem muytas sortes de panos muyto delgados / hūs brancos e outros pintados / e todo ho fiado de que se tecem he fiado em redea. Metesse por este reyno como disse no mar horio gâges por dous braços e da foz dūa do outro ha oytēta legoas: os gētios deste reyno tem a sua agoa por santa / a rezão disso não a pude saber, vão todos alauar-se nele, e assi doutras partes: e he hūa das grandes romarias que ha antreles, e crem que lauando-se com a sua agoa ficão limpos de todos seus pecados, em tanto que a el rey de Marfinga porq̃ não se podelá ir lauar lhe trazē cada somana pola posta hū barril da goa e lauasse coela. Ho naciemento dele não se sabe onde he: estão situadas ao longo dele dūa parte e doutra muytas e muy fermosas cidades, principalmente hūa que se cha

lho de todos mandou lá Tristão barbudo capitão do bargantim, q̃ foy / e não achãdo nada se tornou: e tornandose ja a vista da frota ho alcançarão cinco lancharas em q̃ hão trezentos frecheiros. E receã do dom João que tomassem Tristão barbudo ho mandou socorrer per hũ Gaspar fernãdez caualeyro fidalgo morador em Bombal, que mandou no seu batel com quinze Portugueses, e o batel leuaua hũ falcão. E como Gaspar fernandez era muyto esforçado fez remar ho batel tão rijo que chegou primeyro às lancharas que ho bargantim / e cõ a furia dos remeyros foy enuisttir com hũa quehã na dianteira, e em chegando a eia se deitou dentro cõ seus companheiros, posto que os inimigos perfiarão bem cõ lâçadã e frechadas por lhes defender a entrada, mas não poderão: e em os Portugueses entrando mata-rão algũs deles e os outros com medo se lançarão ao mar e saluarã sena terra que era perto. E sendo esta despejada tornou se Gaspar fernandez ao batel com os outros e remete a outra lanchara q̃ vinha parale: e porẽ os mouros não ousarão desperar e forão varar em terra dõ de forão as frechadas tantas sobre Gaspar fernandez e seus cõpanheiros que os tratarão muyto mal de feridas, e porque lhe não podião chegar virarão sobre as tres a que Tristão barbudo tiraua às bõbardadas. E os mouros como virão que ho batel hia contra eles tendo ja desbaratadas as outras duas lancharas fugirão ho mais que pode-

rão / e Gaspar fernandez as não seguiu por estar muyto mal ferido de hũa frechada em hũa perna q̃ não se podia ter / e assi os outros também, de que morreo hũ filho do mesmo Gaspar fernandez / que com a ajuda de nosso senhor foy o que desbaratou as lancharas com seus cõpanheiros, sem Tristão barbudo ter que fazer / posto que sua vontade foy boa pera ho ajudar. E desbaratadas as lancharas se forão pera dom João a cuja vista se fez este feyto / e a quem Gaspar fernandez leuou a lâçara que tomou. E prosseguindo ho inuerno por diante foy a agoa tanta que choueio que apodreceo toda a enxarcia dos nauios da armada / e dom João com toda sua gente passou muyto má vida, afi cõ a grãde inuernada como com fome: e vendo a frota sem enxarcia e que não podia nauegar mandou em hũa aldea de pescadores que estaua hi perto tomar quãtas redes tinhão / e delas mandou fazer em terra cordas pera as enxarcias. E estando nisto veyo ho Lascar com muyta gẽte pera ho estornar / e ouue hũa muyto grande peleja antre les e os nossos. E despois disto tornou a auer paz antre ho Lascar e dom João, de q̃ se ele não fion sem l heo Lascar dar arrefes / e etregue deles se tornou ao porto dõde ainda estae quinze dias fazendo fazẽda.

¶ Capit. xxxix Como vêdo ho Lascar de Chetigão q̃ não podia tomar ho capitão mór lhe armou hũa treição / e de como ho nosso senhor liurou dela,



Neste tempo que era ja no cabo do inuerno lhe chegou hũ ebaixador q̃ dizia ser do senhor da cidade Darracão / e da sua parte lhe deu hũ rubi que despois foy aualiado em seys scētos cruzados, e quatro paraos carregados de mantimentos, dizēdolhe da parte do senhor Darracão, que pola fama que tinha delrey de Portugal desejava de ter amizade coe ele e que teuesse trato em sua terra. E sabendo ele que estaua naquele porto, lhe mandaua pedir que quisesse ir ao seu, onde acharia mais verdadeyra amizade que naquele, porque a gēte daquela terra onde estaua era muy falsa e enganosa: e bem lhe pesaua das mentiras e enganoso que ho Zascar de Chetigão vsara coe ele e sabia que auia d'usar se bi mais estuesse, por isso que se fosse pera a sua cidade e lá assentaria feytoria. E isto tudo era mentira / que vêdo ho Zascar que não podia desbaratar dom João: quis ver se ho podia desbaratar com este ardil que concertou coeste senhor Darracão tam bem vassallo delrey de Bengala / a que se mandou queixar da destruyção que dom João fizera em Chetigão. E cuydando dom João que a embaixada era de verdade, partiose com ho embaixador quelhe disse q̃ dali a Darracão não auia mais doyto legoa / que era por hũ rio acima em cuja foz achou muytos calaluzes e lancharas que agoardauão por ele com muyto refresco: e dos que estauão nelas foy recebido cō grande festa, e por dito do embaixador

entrou por esterioro acima, onde lhe dizia que estaua a cidade / e que poderiam ir por ele os seus nauios / e dez legoa por ele acharão hũa estacada, e ali estreitaua ho rio tanto que escassamente a capitaina podia caber: e a fora isso era ho aruozedo tão basto dũa parte e doutra que cobria ho rio. Dom João não quis passar dali, parecendolhe quelhe querião fazer treição, e dissimulou com ho embaixador / dizēdo que ho seu nauio não podia passar, e q̃ ho não auia de deixar soo: q̃ se ho senhor Darracão ali quisesse vir se não q̃ se tornaria. E coeste recado se foy ho ebaixador e não tornou mais: e vêdo dō João q̃ passauão seys dias sem tornar não esperou mais e tornou se crendo de todo q̃ aquilo era treição, e tornando se achou no meyo do rio começadas grãdes estacadas q̃ os mouros fizeram despois q̃ ele passou, pera q̃ lhe tolhessem a passajē e lhe tomassem os nauios e ho matassem com quantos hião na frota: o que se fizera senão se tornara tão asinha / e ele não achou ninguem nas estacadas por q̃ os q̃ as fazião fugirão sabēdo q̃ se tornaua. E vêdo ele q̃ nã vinha ho senhor Darracão nem seu recado não quis mais esperar e partiose pa a ilha de Ceilão onde sabia q̃ ho Governador auia d'ir fazer hũa fortaleza. E partido leuanto uelhe João hão fidalgo, e tornou se aa boca de esterioro Darracão a fazer presas e naos que sabia q̃ auião de sair delle, e pera dissimular mādou hũ presente ao senhor Darracão por dous dos nossos / mandandolhe dizer que ho

lho de todos mandou lá Tristão barbudo capitão do bargantim, q̃ foy / e não achado nada le tornou: e tornando-se ia a vista da frota ho alcançarão cinco lancharas em q̃ hão trezentos frecheiros. E recea do dom João que tomassem Tristão barbudo ho mandou socorrer per hũ Gaspar fernandez caualeyro fidalgo morador em Bombal, que mandou no seu batel com quinze Portugueses, e o batel leuaua hũ falcão. E como Gaspar fernandez era muyto esforçado fez remar ho batel tão riço que chegou primeiro às lancharas que ho bargantim / e cõ a furia dos remeyros foy enuisttir com hũa que hia na dianteira, e em chegando a ela se deitou dentro cõ seus companheiros, posto que os inimigos perfirão bem cõ lâçadās e frechadas por lhes defender a entrada, mas não poderão: e em os Portugueses entrando mata-rão algũs deles e os outros com medo se lançarão ao mar e saluarã sena terra que era perto. E sendo esta despejada tornou-se Gaspar fernandez ao batel com os outros e remetea outra lanchara q̃ vinha parale: e porẽ os mouros não ousarão desperar e forão varar em terra dõ deforão as frechadas tantas sobre Gaspar fernandez e seus cõpanheiros que os tratarão muyto mal de feridas, e porque lhe não podião chegar virarão sobre as tres a que Tristão barbudo tiraua às bõbardadas. E os mouros como virão que ho batel hia contrelles tendo ja desbaratadas as outras duas lancharas fugirão ho mais que pode-

rão / e Gaspar fernandez as não seguiu por estar muyto mal ferido de hũa frechada em hũa perna q̃ não se podia ter / e assi os outros também, de que morreo hũ filho do mesmo Gaspar fernandez / que com a ajuda de nosso senhor foy o que desbaratou as lancharas com seus cõpanheiros, sem Tristão barbudo ter que fazer / posto que sua vontade foy boa pera ho ajudar. E desbaratadas as lancharas se forão pera dom João a cuja vista se fez este feyto / e a quem Gaspar fernandez leuou a lâchbara que tomou. E prosseguindo ho inuerno por diante foy a agoa tanta que choueou que apodreceo toda a enxarcia dos nauios da armada / e dom João com toda sua gente passou muyto má vida, afi cõ a grãde inuernada como com fome: e vendo a frota sem enxarcia e que não podia nauegar mandou em hũa aldeia de pescadores que estava hí perto tomar quãtas redes tinhão / e delas mandou fazer em terra cordas pera as enxarcias. E estando nisto veyo ho Zascar com muyta gẽte pera ho estoruar / e ouue hũa muyto grande peleja antrelles e os nossos. E despois disto tornou a auer paz antre ho Zascar e dom João, de q̃ se ele não fion sem lheo Zascar dar arrefes / e etregue deles se tornou ao porto dõde ainda esteve quinze dias fazendo fazêda.

Capit. xxxix Como vêdo ho Zascar de Chetigão q̃ não podia tomar ho capitão mór lhe armou hũa treição / e de como ho nosso senhor liurou dela.



Neste tempo que era ja no cabo do inuerno lhe chegou hũ ebaixador q̃ dizia ser do senhor da cidade Darracão / e da sua parte lhe deu hũ rubi que despois foy aualiado em seys scētos cruzados, e quatro para os carregados de mantimentos, dizēdo lhe da parte do senhor Darracão, que pola fama que tinha delrey de Portugal desejava de ter amizade coe ele e que teuesse trato em sua terra. E sabendo ele que estaua naquele porto, lhe mandaua pedir que quisesse ir ao seu, onde acharia mais verdadeyra amizade que naquelle, porque a gēte daquelle terra onde estaua era muy falsa e enganosa: e bem lhe parecia das mentiras e enganoses que ho Zascar de Chetigão vsara coe ele e sabia que auia de usar se hĩ mais estuesse, por isso que se fosse pera a sua cidade e lá assentaria feytoria. E isto tudo era mentira / que vido ho Zascar que não podia desbaratar dom João: quis ver se ho podia desbaratar com este ardil que concertou coeste senhor Darracão tam bem vassallo delrey de Bengala / a que se mandou queixar da destruyção que dom João fizera em Chetigão. E cuidando dom João que a embaixada era de verdade, partio se com ho embaixador quelhe disse q̃ dali a Darracão não auia mais do yto legoas / que era por hũ rio acima em cuja foz achou muytos calaluzes e lancharas que agoardauão por ele com muyto refresco: e dos que estauão nelas foy recebido cō grande festa, e por dito do embaixador

entrou por esterior acima, onde lhe dizia que estaua a cidade / e que poderião ir por ele os seus nauios / e dez legoas por ele acharão hũa estacada, e ali estreitaua ho rio tanto que escassamente a capitaina podia caber: e a fora isso era ho aruozedo tão basto dũa parte e doutra que cobria ho rio. Dom João não quis passar dali, parecendo lhe quelhe querião fazer treição, e dissimulou com ho embaixador / dizēdo que ho seu nauio não podia passar, e q̃ ho não auia de deixar soo: q̃ se ho senhor Darracão ali quisesse vir se não q̃ se tornaria. E coeste recado se foy ho ebaixador e não tornou mais: e vido dō João q̃ passauão seys dias sem tornar não esperou mais e tornou se crendo de todo q̃ aquilo era treição, e tornando se achou no meyo do rio começadas grãdes estacadas q̃ os mouros fizerão despois q̃ ele passou, pera q̃ lhe tolhessem a passasē e lhe tomassem os nauios e ho matassem com quantos hião na frota: o que se fizera senão se tornara tão asinha / e ele não achou ninguem nas estacadas por q̃ os q̃ as fazião fugirão sabēdo q̃ se tornaua. E vido ele q̃ nã vinha ho senhor Darracão nem seu recado não quis mais esperar e partio se pa a ilha de Ceilão onde sabia q̃ ho Governador auia d̃ ir fazer hũa fortaleza. E partido leuantou se ho hão fidalgo, e tornou se aa boca de esterior Darracão a fazer presas e naos que sabia q̃ auião de sair delle, e pera dissimular mādou hũ presente ao senhor Darracão por dous dos nossos / mandando lhe dizer que ho

capitão mór ho deixara ali pera as-
sentar paz coe le por quanto não po-
dera esperar sua vinda por ser tarde
e ter muyto q̃ fazer e outra parte.
E vendo ho senhor Darracão os
nossos que lhe leuam este recado
com ho presente mandou os logo
matar: e ja que se não pode vingar
no capitão mór quilo fazer e João
fidalgo/ mãdando muytas lancha-
ras e calaluzes com gente de guer-
ra pera que ho tomassem, q̃ assi ho
ouuerão de fazer senosso senhor ho
não liurara milagrosamente, pele-
jando com os inimigos quasi todo
hũ dia em que quasi ho teuerão en-
trado e lhe ferirão corêta dos seus,
e não tene outro remedio senão cor-
tar as amarras com que estaua sur-
to/ e com ho vento que ventaua a-
colheose sem os inimigos ho pode-
rem alcançar, e dali se foy e andou
por outras muytas partes em que
lhe matarão algũs homens e catiua-
rão outros sem fazer nenbũa presa,
e por derradeyro tornou se a Índia
onde gouernaua Diogo lopez de se-
queyra quelhe perdoou.

¶ Capit. xl. De como Jorge mazca-
renhas foy a terra dos Lequios
e do quela passou.



Es pois o Fernão pe-
rez estar em Cantão
soube que passada a
cidade de Cātão hia
hũ terra muy gran-
de ao sueste q̃ se chamaua Lequiã:
terra muyto rica douro e d̃ prata,
sedas soltas e tecidas, porcelanas
e outras mercadorias como na
China: e por isso auia lá grandes

mercadozes. E pera saber se era as-
si mandou laa Jorge mazcarenhas
que foy ter a hũ cidade chamada
Chincheo/ em que lhe pareceo que
auia mais rica gente que em Can-
tão/ e que vsauão de mais policia,
e soube que dali hiao cadãno qua-
tro jungos a Malaca antes q̃ fosse
del rey de Portugal carregados
douro e de prata em barras/ e cõ
outras mercadorias mais ricas q̃
a da China/ e trazião em retorno
mercadorias da Índia/ e com me-
do dos nossos não forão laa mais:
e dos Chins se prouião das taes
mercadorias/ e por isso cõprarão
bem as que Jorge mazcarenhas le-
uaua/ e ele os prouocon a dizerem
que hirião dali por diante a Mala-
ca. Mas não ho fizerão despois as-
si, porem em quãto ali estene achou
muyta amizade e boa cõuersação
na gente daquela terra, que he gẽ-
tia e alua e toda fermosa/ e trata-
se muyto bem.

¶ Capit. xli. De como sabendo ho
capitão mór Fernão perez ho a-
perto em que estaua Malaca se
partio da ilha da veniaga/ e de
como chegou a Malaca.



Es pois o partido Jor-
ge mazcarenhas pera
Lequia/ chegou de
Malaca a ilha da ve-
niaga ho iugo de Jor-
ge aluarez que deu recado ao capi-
tão mór de como a sua partida che-
gara a Malaca dõ Aleixo de mene-
seg cõ Afonso lopez da costa e ao q̃
hia: e q̃ Malaca ficaua apressada
del rey de Bintão por estar no pa-
go e trazer no mar grãde armada.

E por ho capitão mór saber como ficaua Malaca, e a necessidade que tinha de socorro, determinou de se partir na entrada do mes de Setembro por ser etão a propria moução / porque no meyo auia grandes tem-porões e carrações: e tambem por que a este tempo era ja chegado recado del rey da China que fosse ho embaixador. Assim que por tudo isto determinou ho capitão de se partir pera Malaca / pera o que mandou por terra recado a Jorge mazcare-nhas que estaua na cidade de Chincheo que se fosse á ilha da veniaga como foy: e ele vindo mandou ho capitão mór recado ao Tutão de Cantão como se partia, encomendando-lhe muyto ho embaixador q hi ficaua de caminho pera elrey da China. E ficando alli assentada a paz na China / e sabidas polo capitão mór muytamente as cousas dela pera as contar a elrey de Portugal que por isso se deteu quatorze mezes naquela terra / partio-se pera Malaca na entrada de Setembro de dezoyto / leuando muyta riqueza alli douro como doutras cousas, que todos os da armada hão grandemente ricos. E chegado ao estreito do Lincapura achou hi hũa naonossa de q era capitão Diogo pacheco que dom Aleixo mandara ali dar armada, pera que esperasse Fernão perez e se ajuntasse coele pera ho ajudar selhesaísse a armada del rey de Bintão, porque se temia que viesse de saperecebido de gente e dar telbaria. E ajuntandose Fernão perez cõ Diogo pacheco foyle a Malaca, onde chegou estando a fortale-

za em muyta necessidade, alli de mantimentos como de dinheiro e mercadorias que não auia nela cousa alguma: e Fernão perez deu dessas mercadorias q trazia. s. seda solta / damascos, cetins, pedrahume, cobre, pregadura, e outras cousas que em Malaca tinhão muyta valia / e logo se venderão muytas delas a Gujarates, que estauão em suas naos no porto de Malaca / e do dinheiro que derão por elas se pagou soldo á gente que coísto se remio em alguma maneyra da fome q padecia, e dali quisera Fernão perez ir a Bengala pera assentar lá paz e trato como trazia por prouisam del rey de Portugal / visto como em Malaca não auia necessidade dele por auer hi gente que abastasse. E não foy por dom Aleixo lho defender por hũa prouisam do governador, dizendo que era mais seruiço de sua alteza ir se deryto á India, e isto por ter dada aquela ida a dom João da silueira seu sobrinho que lá foy como disse. E sabendo Fernão perez como não auia dir a Bengala, entregou la mercadoria que leuaua pera la na feytoria de Malaca que se vendeo aos Bengalas q ali vinhão naquele tẽpo / e coísto ouue dinheiro na feytoria por hũs dias, e Fernão perez esperou em Malaca pola moução pera se ir á India com dom Aleixo.

Capit. xliij. De como ho gouernador se partio pera a ilha de Ceilão a fazer hũa fortaleza: e de como mouros de Calicut acõselhãrão a elrey de Ceilão que lhe não desse fortaleza.

O governador como disse innernou em Cochim este anno de dezoyto, e nele fez prestes sua armada pera no verão seguinte ir fazer hũa fortaleza á ilha d' Ceilão como lheel rey mãdaua em seu regimêto: e neste inuerno mandou por terra ao capitão de Goa que na fim d'agosto mandasse a Cochim a seu irmão dom Fernando monrroi com as oytto fustas de Goa pera ir coele a Ceilão. E tẽdo tudo prestes e prouida a fortaleza de Cochim se partio pera Ceilão quasi meado Setembro. E apressou se tão a partir por que não chegasse antes de sua partida Diogo lopez de sequeyra que esperaua que fosse aquele anno por governador da India, e se fosse antes de sua partida ficaua ele cõ seu trabalho perdido. Assim q̃ partindo como digo foy ele em hũa galé de que era capitão Denis fernãdez de melo: e a fora esta galé hião outras quatro / de que hião por capitães Christouão de souza, Gaspar da silua / Antonio de mirãda dazeuedo / Manuel de lacerda, Lopo de brito e dom fernando mórroi com suas oytto fustas q̃ hião debaixo de sua capitania, e assi leuaua mais outros capitães cujos nomes não pude saber nẽ ho numero dos nauios da armada, q̃ leuaua doytocentos ate nouecentos homens todos portugueses q̃ não queria outros pera a guerra. E passados q̃tro ou cinco dias q̃ partio de Cochim, chegou a Ceilão com toda a frota: e indo pera tomar ho porto de Columbo sobreueolhe vento ponteiro / e por

não querer pairar errou ho porto de Colúbo e foy aferrar ho de Gale / õde em outro tempo fora ter dõ Lourenço dalmeida como ja disse / e neste porto se detene hũ mes e meyo por amor do tempo que não terçaua pera poder ir a Columbo / e em todos estes dias esteue sempre no mar, e dos nossos capitães sayrão muytos em terra a fazer a carnagem. E andãdo hũ dia Antonio de miranda e Manuel de lacerda em terra / sobreueo muyta gente armada e cometeo os nossos que se poserão em som de pelejar coeles / mas eles se retirarão logo, e os nossos se ajuntarão que andauão espalhados e se cõcertarão / e Manuel de lacerda sepos diãte / e Antonio de miranda de tras, e coesta ordem se forão ebarcar seguindo os inimigos apos eles e os nossos fazião muytas voltas pa os fazer deter, e assi se embarcarão sem nenhũ perigo. Desta maneyra esteue neste porto ate que concertou ho tempo com que se foy a Columbo, e surgindo aqui mandou recado a el rey dizen- dolhe da parte delrey de Portugal seu senhor que pola amizade que tinhamão auia dias / lherogaua muyto que lhe deirasse fazer hũa fortaleza em hũa põta q̃ tinha aquele porto / e não pera mais que pera ter segurança hũa feytoria que ali tinha determinado de assentar pera proueito dambos de dous, e pera ter gente com que ho ajudasse quando teuesse dela necessidade, e a segurança da feytoria não a queria dele nem de seus vassallos os q̃ erão gẽtios, que bem sabia que todos erão muy

to leaes e verdadeyros / se não por amor dos mouros que erão inimigos dos nossos / e como tratauão em sua terra receaua que fizessem o que fizerão em Calicut: e por esta causa queria a fortaleza. Ao que el rey respondeo que era contente. E neste tempo estauão em Columbo algũs mouros de Calicut, e sabendo como el rey concedia a fortaleza ficarão muy agastados vendo que de todo lhe cortauão as raizes nos melhores portos q̃ auia na India pera seus tratos / porque bẽ sabião da fortaleza q̃ se fazia em Coulaõ: e por isto se ajuntarão algũs desses principaes / e disselhe hũ deles.

A amizade q̃ ha tãto tempo que temos contigo, e a grande obrigação que sabes em que te somos por boas obras que nos fizeste, nos da ousadia pera te reprender do q̃ nos dizem que tẽs feyto / e pera te aconselhar se ainda podes tomar conselho: porque este bem podes crer que to daremos bõ polas causas q̃ digo. E espantamonos muyto de no lo não pedires antes de conceder a fortaleza aos frangues que nos dizem que concedeste / o que não podemos crer pola pouca necessidade q̃ tẽs disso ou nenhũa: porque se tu foras hũ rey zinbo tão pobre que ouueras de enriquecer com a amizade dos frangues / nos mesmos fomos de parecer que os conuidaras com a fortaleza, e não q̃ esperaras que te pedirão: mas tu es tão grãde senhor de terra, tão poderoso de gente / tão rico de tesouros que te não falta nada pera seres hũ muyto grãde senhor, muyto rico e muy-

to poderoso. E tudo isto queres escurecer e apagar com dar licença q̃ gente estrangeira tenha fortaleza e tua terra, que não he outra coisa se não hũ freo pera te enfrear em de cada vez que teuerem de ti delgosto, e mais os frangues de que temos tãta experiẽcia que ho fazem assi: que ja que se eles querẽ assentar em tua terra hão de star á tua vôtade e não tu á sua, porque: que ganha mais nisso tu ou eles: tu sem eles muyto bem podes vender tua mercadoria a tantos e tão diueros mercados como ta cada dia vem buscar, e eles não te trazẽ outra e tẽ necessidade da tua, nem podem viuer sem ela, e tu sem a sua: e ainda se de tua terra ouuera nauegação pera outras e temeras que te tomassem tuas naos cõ que eles ameaçaõ a muytos, também por esta causa parecera bem dares lhe fortaleza por te liures de suas mãos, mas não tendo nenhũa necessidade por hũa via nẽ por outra de te meteres nelas e fazerelo es muyto de culpar / e q̃ digas que tomas exemplo em el rey de Calicut que lhe quis resistir e não pode, faze tu como ele fez, porque ja pode ser que te terce melhor a vêtura que a ele, e sendo assi ficas ho mais honrrado rey de toda a India acabando aquilo em q̃ muytos principaes dela faltarão / e não sendo não seras de culpar pois fizeste o q̃ podeste: nem perdes nada, porq̃ tua propria terra te da a renda que tẽs, e não ho mar como a el rey de Calicut / e os frangues não podẽ viuer sem ti, e tanto as de ganhar coeles por paz como por guerra, antes em

atentares coeles pera te liurar de sujeição te terão em melhor conta / por isso não lhe des fortaleza tão leuemente, e defendelhe a desembarcação, que tês gente e poder pera isso, e nos te ajudaremos. E se os frãgues querem o que ha em tua terra venhão carregar a ela como fazê os outros mercadores, e não ta tomê com nome de tratar nela / porq̃ nenhũ dos que nela tratão te pedirão nunca fortaleza. Coisto q̃ os mouros disserão a el rey o persuadirão tanto que se arrepedeo de dar a fortaleza / e fizeramhe quebrar a paz: e tẽdo assentado de ho fazer assi andando ainda recados antrele e ho governador pera se assentar onde se auia de fazer a fortaleza / mandou lançar mão dalgũs nossos que forão a terra dessa gente baixa / e mãdou os prender.

Capit. lxxij. De como ho governador sayo em terra e desbaratou os inimigos e se fortaleceo nela, e de como lhe el rey pediu paz e ele começou a fortaleza.



Tãto que forão presos como el rey tinha sua gente junta, e tudoprestes pera a guerra mãdou na noyte seguinte fazer na ponta que ho governador pedia hũs valados que seruião de tranqueira / e sobreles mandou assentar algũas bombardas de ferro que lhe derão os mouros / e assi algũs espingardões e pos sua gente que era muita em goarda daqueles valos / e os mouros coeles / e amanhecendo co

meçarão de tirar coeissas bombar, das q̃ tinhão aos nossos q̃ estauão no mar. E sabido isto pelo governador cõ cõselho dos capitães e fidalgos da frota / determinou de sayr em terra a pelejar com os inimigos e tomarlhe a ponta por força / e fazer a fortaleza, e hũ dia âtemanhaã se embarcou com toda sua gẽte nos bateys, e em amanhecendo abalou pera terra / onde desembarcou primeyro que todos cõ a bãdeira real, e despois os outros capitães. Os inimigos neste tempo não fazião se não jugar com sua artelharia / defendendose muyto riço, e ferirão e matarão algũs dos nossos, e hum deles foy Clerrissimo pacheco. E cõtudo os nossos passarão auante tirando muytas espingardadas e seteadas, e chegarão aos valos, e pelejarão com os inimigos que se defenderão hũ pouco cõ muita viueza, e apertados dos nossos desemparrarão os valos e fugirão se nenhũ concerto: e Christouão de Sousa os seguiu com a gente de sua capitania ate hũ ribeiro dagoa que era hũ pedaço dos valos fazendo neles muita destruyção / e passando os inimigos ho ribeiro fizeram rosto aos nossos, e por ser hũ pouco longe dõ de ficaua ho governador, não quis Christouão de Sousa passar dali e tornou se pera õde ele ficaua. E chegando a ele lhe disse. A senhor que trazeis aquí caualeyros que cõquistarão homũdo. E ele em vez de os louuar mais / respondeo que peleia uão como bestas. E por ser ia tarde e ho lugar não ser forte, não pareceo ao governador que os nossos fi

carião ali seguros aquela noyte, e por isso se tornou a frota cõ propo-
 to de tornar ao outro dia a terra co-
 mo tornou com toda sua gente, e a-
 chando despejada a ponta dos im-
 migos mandou fazer nela hũa trã-
 queira q̃ chegaua de mar a mar por
 ela ser estreita. E feyta a trãqueira
 breuemente foy logo assentada al-
 gũa artelhariapera a defender dos
 inimigos se viessem, e os nossos se
 alojarão detras desta tranqueira q̃
 ficauão goardados d' todo perigo.
 E sabido por elrey a determinação
 do governador que pois fazia tran-
 queira determinaua d' fazer por for-
 ça a fortaleza / arrependeose de ter
 tomado ho conselho dos mouros:
 e vendo que em que lhe pes se auia
 de fazer a fortaleza / quis mostrar q̃
 era por sua vontade, e polo seu rege-
 dor mandou dizer ao governador
 q̃ ele conbecia ho erro que fizera em
 quebrar a palaura que lhe dera de
 fazer paz coele e darlhe fortaleza.
 E arrependendose de seu erro lhe pe-
 dia perdão, e pedia q̃ lhe esquecesse
 ho passado e fossem amigos: e q̃ ele
 era muy contente de consentir que
 fizesse a fortaleza, e pera isso lhe da-
 ria toda ajuda de que tenesse necessi-
 dade. Ao que ho governador respõ-
 deo que pois elrey lhenão goarda-
 ra a palaura q̃ lhe tinha dada que
 não auia de fazer paz coele sem pa-
 gar algũ tributo a elrey seu senhor,
 porque a fortaleza ele ganhara por
 força a terra em que a auia de fazer
 ainda que elenão quisesse. E vendo
 elrey que ho governador estava a-
 poderado na terra, e que lhe pode-
 ria fazer muyto mal por a sua gente

não ser boa de guerra / mandoulhe
 dizer que pagaria ho tributo se fos-
 se coula arrezoadada e com que poder-
 se. E ele lhe pediu dez alifantes ca-
 dāno, e quatro cētos bahares de
 canela, e vinte a neis cō senhas pe-
 dras finas das q̃ se achauā na ilha,
 do que elrey foy contente. E feyta
 disso hũa escriptura que elrey assi-
 nou, começou ho governador de fa-
 zer a fortaleza de pedra e barro po-
 la acabar mais asinha, porque era
 detēça fazerse cal parela, selhe hia
 chegando ho tpo em q̃ se auia dir pe-
 ra Portugal se viesse governador
 como esperaua: e por ter elrey con-
 tente, e que selhenão levantasse ou-
 tra vez mādoulhe algũs presentes
 com q̃ ho cōfirmou e sua amizade.

Capit. xliiij. De como Diogo lo-
 pez de sequeira partio pera a In-
 dia por governador dela, e de co-
 mo chegou lá.



Este āno de mil e quinhē-
 tos e dezoito em que se
 acabauão tres annos q̃ a-
 uia q̃ Lopo soarez gover-
 naua a India, mādou elrey de Por-
 tugal por governador dela a Dio-
 go lopez de sequeira seu almotacē-
 mōr, que como disse no liuro segū-
 do fora descobrir Malaca. E despa-
 chado de todo ho necessario pera
 sua partida, partio de Belem a vin-
 tesete de Março do sobre dito an-
 no leuādo hũa armada de dez naos
 grossas / cujos capitães forão ele /
 Garcia de Sá, Ruy de melo que leua-
 ua a capitania de Goa / dom João
 delima que hia prouido da de Calí

cut, dom Aires da gama irmão do conde almirâte: por capitão de Cannanoz Gonçalo rodriguez Dalimada, João gomez cheira dinheiro/ Pedro paulo filho d Bertolameu, Pero cabreira z outro. E toda esta frota bem fornida d artelharía z de boa gente de peleja, porque leuua ho governador por regimento q fizesse húa fortaleza em Diu, z que fosse descobrir ho porto de Baçuá z leuasse lá Mateus que dizia ser embaixador do Preste: z achando que era verdade mandasse coele outro ebaixador ao Preste pois Duarte galuão falecera. E partido ho governador de Belem, chegou a Moçambiç/ z aos sete d Setebro á barra de Soa z sem vsar do officio de governador, se partio indo correndo essas fortalezas em que tão pouco não vsou dele / porque sabia que Lopo soarez tinha húa prouisão que governasse a India ate partir pera Portugal, z por isso não se quis etremeter nas coulas da gouernança nem pousar na fortaleza: o quel he todos louuarão muyto z ho teuerão por muyto humano.

Capítulo. xlv. De como Alfonso lopez da costa foy cõ os outros capitães pera tomar a tranqueira de Auar z se tornou sem ho fazer, z dũ ardil com que el rey de Dintão quísera tomar Malaca.



chegado Fernão perez a Malaca com sua armada, z não cessando a guerra que el rey de Dintão fazia aos nossos requereo Alfonso

lopez da costa a dom Aleixo que tinha os poderes do governador, que pois ali estauão juntos tantos dos nossos que fosse sobre a tranqueira de Auar z a tomasse/ pera que lançasse el rey de Dintão donde estaua z a nossa fortaleza ficasse liure da guerra que lhe fazia. E dom Aleixo mostrou hũ regimento do governador em quel he mandaua q ele em pessoa não saísse em terra a fazer guerra: por em que mandaria coele todos aqueles capitães que a fosse ele fazer. Pera o que se logo aperceberão per mādado de dom Aleixo que ficou em goarda da fortaleza: z Alfonso lopez da costa se partio pera Auar hũ dia de madrugada z hia em húa galeota, z hião coele Duarte de melo capitão mór do mar, Diogo pacheco, Pero de faria, Fernão perez dandrade, Simão dalcaçoua/ Jorge mazcarenhas z outros capitães em galeotas/ lancharas/ z em bateis todos artilhados z apadessados, z leuauão trezentos Portugueses / z antreles cento z vinte fidalgos z caualeiros todos escolhidos / z tres mil homens da terra de que erão capitães ho Bédara z ho Zascar, z hia húa soma de gente pera fazer hũ honrrado feyto. E indo assi chegarão a tiro de bombarda da fortaleza / z não poderão passar dali por ser baixa mar de todo. Do que todos ficarão muyto tristes por irem muyto aluoroçados pera pelear com os inimigos com esperança em nullo senhor que os desbaratarião. Alfonso lopez da costa se pos e cõselho

cõ aqles fidalgos e capitães e cõ ho Bédara e Zascar sobre o q̃ faria / e differão algũs q̃ seria bõ desembarcar ali e ir por terra ate a tranq̃ira, e q̃ os bateys fossem no mais q̃ cõ os remeiros e hũ bombardeiro em cada hũ pera poderem ir, e assi pelejarão com os inimigos: o que ho Bédara e Zascar contradifferão, dizendo que aquella terra era toda alagadiça dambas as bandas do rio / e os Malayos costumauão muyto meter estrepes vntados de uia, e que assi lhe parecia que deuia estar aquella / por isso que não era fiso ir por terra, que ou auião dir a balrroar com a tranqueira ou se auião de tornar. E coisto acordarão Alfonso lopez e os outros do conselho que esperassem a maré, e coela irião aferrar a tranqueira, e entre tanto estarião ás bombardadas com os inimigos que lhe não auião de fazer nojo, polas arrombadas que leuauão. E assi ho fizeram, e ás bombardadas começarão dũa parte e da outra / e algũs dos nossos forão feridos que morrerão despois / e antreles foy hũ fidalgo chamado Aluaro de Sousa. E estando nisto recreceose hũa paixão antre Alfonso lopez da costa e Jorge mazcarenhas por onde se desmanchou a determinação em que estauão / e sem fazer mais nada se tornarão pera a fortaleza, o que foy causa dos inimigos cobzarem mór coração contra os nossos, e os perseguirem mais que dantes / e como a sua armada andaua sempre no mar não oulhaa ninguem de trazer mantimentos a Malaca / pelo que veyo a

ser a fome tamanha que coela e cõ ho muyto grãde trabalho da guerra começarão todos dadoecer / e não ficarão sãos mais que cento e vinte / e estaua a fortaleza em grande perigo de se perder se elrey de Bintão fora sobrela / mas ele que ho não sabia / e parecendolhe que a não poderia tomar por guerra / a proueitouse de seus ardis pera a tomar por manha. E pera saber que taes estauão os nossos / porq̃ não podia tomar lingoa que lho dissesse mādou seu embaixador ao capitão sobrelhe cometer pazes: e pera mór dissimulação lhe mandou hũ alifãte de presente, a que mandou dar peçonha determinada que não durasse mais de trinta dias / porque neste termo esperaua dachabar sua treição. E assi mandou pedir ao capitão que lhe mandasse seu embaixador pa se acabar e dassentar estas pazes. E cuydado dõ Aleixo q̃ isto tudo era verdade polas mostras q̃ via de ser assi / cõ conselho de todos aqles fidalgos e capitães q̃ ali estauão mādou hũ embaixador a elrey d Bintão cõ sota ebaixador / e deu lhes instrução dos capitulos das pazes. E chegado este ebaixador a elrey de Bintão / estene ele determinado de o matar e a q̃ntos hião coele, e teue sobrisso cõselho cõ os seus q̃ lhe cõselharão q̃ o nã fizesse, porq̃ fazêdo o impediria dauer effeito o q̃ tinha ordenado pa tomar a nossa fortaleza, e por isso o nã fez e fazêdo lhe muyta hõrra / e dādolhe dadiuas muy ricas o tornou a mādara Malaca, cõcedêdolhe as pazes cõ q̃ntas condições o ebaixador leuaua.

E cuydando el rey que os nossos estarião descuydados / cõfiados na paz que estaua assentada posẽ obra lha treição / e logo despois de poucos dias que ho nosso embaixador foy em Malaca mandou hũa frota de setenta lancharas bem fornidas de gente e d'artelharía / em que hia por capitão mór hũ que sendo regedor de Pacem matou ho rey q̃ era nosso amigo e se fez rey, e pera se segurar no reyno se confederou com el rey de Sitão / e ho foy ajudar na guerra cõtra os nossos. E por terra mandou també el rey de Sitão muyta gente deitar-se em cilada sobre a fortaleza: o que pode fazer por a terra ser muyto cuberta daruore do muy basto / e de grãdes e altos heruacais e sã nenhũs caminhos / e por isso se a gente podia esconder sem ser vista, e ainda q̃ ho fosse os da terra não ho auião de dizer / por que parecendo lbe que os inimigos estauão dauantã sem querião antes seguir a sua parte que a dos nossos.

Capit. xliij. De como el rey de Sitão pos em execução hũ ardil pera tomar a nossa fortaleza / e de como os seus forão desbaratados pelos Portugueses.



Esta esta cilada acodirã os inimigos por mar / e hũa manhaã muyto cedo sendo baixa mar chegarão a ilha das naos onde estauão algũs dos nossos, e assi nas naos que ali estauã furtas: e assi como os inimigos vinbã auidados, de caminho desembarcarão muytos deles na

ilha: e supitamente derão sobre os nossos q̃ ainda dormião bẽ descuydados de tal vinda, por estarẽ cõfiados nas pazes. E como os inimigos os tomarão de supito poderão matar algũs primeiro que entrassem e acordo s se defender: o q̃ os inimigos não esperorão / e recolherã se logo. E em q̃nto isto fizerão hũs: outros se chegarão às nossas naos e deitarão nelas fogo, que por estarẽ molhadas do orvalho da noite passada, e a menhaã ser muyto fria não pode pegar nelas mais q̃ em algũas obras mortas. A grita da gente foy logo ouuida na cidade / donde não poderão acodir por ser baixa mar. E como ouue marẽ sayrão algũs capitães nossos / sem ho capitão do mar, com obra de quarenta homens em algũas lancharas: e forã se de reitos aos inimigos, que em os vêdo abalar começaram se de retirar pera ho mar / como q̃ fugião: e isto porq̃ os nossos lhes parecia q̃ erão a mór parte dos que estauão na fortaleza: e os mais sãos, e q̃ alargando se eles ao mar sayrão os da cilada, e tomarião a fortaleza, e eles entretãto tomarião a frota, e assi ficarião senhores de tudo. E porem os nossos porq̃ vião que a frota dos inimigos era muy grande: e que no mar largo os cercarião e tratariã mal, por serem poucos / não quiserão passar auante: e també por ser tarde, e não terem ainda comido / e estarem fracos. E vendo os inimigos que os não seguião fizeram se ao mar: e os nossos se tornarão a Malaca, onde desembarcarão a tempo q̃ os da cilada começauão s sayr pera tomar

a fortaleza, e pera isso vinhão todos ajuramentados/per juramento que fizerão a elrey de Bintão/que ou eles auião de tomar a fortaleza ou morrerem sobrisso todos/ e pera segurança de ho compzirem como lhe eles tinhão prometido/ lhe deixarão suas molheres e filhos em penhor. E ja a este tempo os nossos erão saydos da fortaleza á pouoação dos da terra qe estava alem da ponte/ e repartiranse pelas bocas das ruas/ em qe muyto de pressa assestarão algũs tiros d'artelharía com qe impedirão aos inimigos que não chegassem á fortaleza: e nisto chegarão os nossos que hião do mar, e ajuntaranse coeles e teuerão os inimigos que não passassem, e ajudauãnos os da terra que se ajuntarão logo coeles/ e deixarãse ali estar porque vião qe senão afastarião os inimigos como homens que todauia determinauão de romper. E assi era/ porque esperauão por mais gente, que chegou aquella noyte cõ muytos alifantes, e cometerão a nossa tranqueira que estava daquella banda ao longo do mar: o que os nossos virão por fazer lûar muy claro/ assi os que estauão em terra como outros que andauão em bateys armados ao longo da terra. E assi hũs como outros começarão de tirar com sua artelharía/ que desparou nos alifantes que estauão diante: que espantados do estrôdo das bombardadas e cõ medo delas fizerão volta muyrito sem os seus ayos os poderem ter: e em voltando tomarão tão de supito os que lhe ficauão detras qe

derribarão muytos deles e os trilharão/ e arrebentarão: passando por cima deles / e ficauão tantos mortos e aleijados que era pasmo, e se os nossos forão mais que poderão sair a eles matarão muytos lê conto/ mas por serem poucos não quiserão que saíssem, que eles bem se conuidauão pera isso. E jcoesta perda deixarão os inimigos de cometer aquella vez os nossos, não porerem que se afastassem de sua vida/ e lete dias com suas noytes tornarão a cometer os nossos/ que a tanto se estendia ho termo em que eles tinhão jurado a el Rey de Bintão que tomarião a nossa fortaleza / que todos quantos ali peiejauão tinhão isto jurado. E os nossos ho fizerão tão efforçadamente ajudando os nosso senhor qe aqui supria com sua misericordia, que sempre os fizerão afastar, e por derradeyro fugir desbaratados ficando deles muytos mortos, e indo muytos feridos, e dos nossos não morreo nenhũ. E não aproueitando nada este ardil / tornou se elrey de Pacem muyto triste pera elrey de Bintão: E por vingança ja que não podia empecer aos nossos em outra cousa mandou matar algũs que estauão tratando em Pacem/ por onde se soube que ele era levantado. E porerem elrey de Bintão não deixou por isto de fazer guerra aos nossos e correr, lhe com sua frota que continuamente trazia por mar e daua lhe assaz de fadiga, e a mór era dos mantimentos quelhes tolhia.

Capítulo. xlvij. De como Duarte de melo capitão mór do mar de Malaca foy com outros capitães sobre a trãqueyra de Buar e a tomou. E de como dom Aleixo mandou dom Tristão de meneses a Maluco assentar amizade com os seus reys.



Stando a cousa neste estado / deu nosso senhor maneyra aos Portugueses para tomarem esta tranqueira de Buar, de que lhe fazião tanto dano. E assi foy que neste tempo vinha da ilha Bajahá hũ grãde senhor Jao que com sua mulher e casa hia morar a Malaca, parecendo-lhe que da hí trataria melhor q̃ Bajahá / e leuaua tres jãgos carregados de fazenda e de seus escrãnos, que erã muytos e todos casados: que assi ho costumão naquela terra como ja disse. E em indo pera Malaca foy tomado da frota del rey de Bintão e leuãrãlho com sua mulher, que por parecer bẽ a el rey de Bintão trabalhou por auer parte coela sã ho Jao ser disso sabedor / e pera ficar coela mais á sua vontade deu a capitania da frota que trazia contra Malaca / dandolhe esperança que ainda ho auia de deixar ir pera Malaca com sua casa. E cuydando ho Jao que seria assi / aceitou a capitania e seruiã a ho melhor q̃ podia pera lhe ganhar a vontade que ho deixasse ir. Do q̃ el rey de Bintão estaua bẽ fora por amor de sua mulher / e dilataualhe a licẽ-

ça de dia em dia: o que entendendo ho Jao determinou de fugir / pera Malaca / e fugio hũa noyte do Bago odestaua com el rey de Bintão, e acolheose em hũas lanchas pelo rio abaixo / e chegando á tranqueira que se fechaua de noyte com portas chamou as goardas / e nomeãdoselbe abzirão, e ho deixarão ir cuydãdo que hia correr a Malaca como fazia outras vezes. E saído da tranqueira não tardou meahora que chegarão certas lanchas que hĩão apos ele por mãdado del rey de Bintão que logo soube q̃ era fugido / e por acharem que era ja fora da tranqueira ho não quizerão seguir, e ele não parou ate Malaca e foyse pera a nossa fortaleza / e deu-se a conhecer ao capitão: dizẽdo-lhe a causa porque hia / e contou-lhe que a trãqueira não era tão forte com muyta parte da banda da terra como da banda dagoa, e que se a cometesse por terra a tomaria, e que ele mesmo iria com a gente que fosse por terra, e que obrigaua a cabeça a tomar-se logo. E que foy posto em conselho, em que algũs disserão que aquilo parecia treição das que el rey de Bintão costumaua / e que se fundaria em mandar gente ou tela em cilada como auia pouco que fizera pera tomarem a nossa fortaleza em quanto os Portugueses fossem sobre a tranqueira / porque sabia que auiaõ de ficar poucos / e pois eles erão tão doẽtes e os sãos tão poucos / que seria muyto grande perigo repartilos e duas partes, q̃ senão deuia dir sobre a trãqueira se nã goardar-se a fortaleza del rey q̃

era o que mais importaua ate que a tranqueira se podesse tomar sem perigo: e outros disserão que se aqui lo fora traição q̃ ho Jao não ousara de vir com aquele ardil/ porque tinha certo matarêno tanto q̃ a traição se entendesse/ e mais estãdo ele em poder dos Portugueses com quẽ queria ir por terra a dar na tranqueira/ que de necessidade se auia d tomar com ajuda de nosso senhor/ porq̃ doutra maneyra não podião ser liures do trabalho q̃ padecião, porque tomandoa, logo os inimigos se auião de mudar pera outra parte como costumauão / e não tinhão outra se não ho pago que ja era mais longe, e lhe darião menos opressam/ e mais que ja terião algũ folego primeyro que os inimigos lá assentassem. E quanto ao perigo em que dizião q̃ ficaua a fortaleza por se a gente repartir quenão irião sobre a tranqueira mais de cento e vinte dos nossos/ e os outros ficariã: que ainda q̃ não fossem todos sãos abastauão pera defêder as estâcias aos inimigos, posto que viessem e ficaria hũa lanchara esquipada pera quem vindo fossem chamar os que fossem sobre a tranqueira que por ser perto tornarião logo. E praticados estes dous pareceres e bẽ examinados foy determinado que fossem sobre a tranqueira / porque sem a tomarem não se podião delapressar daquela guerra / e que não fosse lá mais que Duarte de melo com seus capitães que iria por mar com sessenta Portugueses / e quinhentos frecheiros Malayos / e por terra iria hũ fidalgo chamado

Abanuel falcão cõ outra tanta gẽte e iria coeelho Jao, e Alfonso lopez, dõ Aleixo e os outros que lá forão da outra vez ficarião e goarda da fortaleza com ho resto da gente. Isto assentado partiuse Duarte de melo indo ele em hũa galé e leuaua hũ batel grande cõ quatro falcões por bãda e hũ tiro grosso por proa pera aferrar a tranqueira: e assi to dos os outros capitães leuauão seus bateis e lancharas bem artelhados e com arrombadas/ e por terra foy Abanuel falcão cõ a gẽte que digo/ e partirão vespera de todos os sanctos de noyte / a horas que ao outro dia pela menbaã chegarão todos juntamente sobre a tranqueira, de que Duarte de melo desembarcou com sua gẽte obra de dous tiros de bẽsta/ e mandou aos bombardeiros que a varejassem dali com a artelharía, que tãbem começou de tirar cõ a sua aos Portugueses/ que nẽ por isso deixarão de desembarcar e ajuntarse com os outros q̃ bião por terra/ em que se acharão com muyto trabalho e perigo por ela ser toda alagadiça e chea destrepes / e auer muyta lama de grande chuua que fora na noyte passada/ e ainda então auia algũa: e os nossos não tinhão por dẽ de ir se não por algũas veredas tão estreitas que não podião ir se não a fio / e por isso se ferirão algũs nos estrepes de q̃ morrerão por serem eruados/ e antres estes morreo ho Jao que hia cõ Abanuel falcão/ que com quãto hũ seu escravo ho leuaua às costas não deixou de se estepar. Coeste tama

nho trabalho e perigo chegarão á tranqueira rompêdo per antre muytos pelouros q̃ lhe dela tirauão / e dos primeyros q̃ chegarão forão Manuel falcão, e Antonio lobo falcão seu sobrinho / e Manuel falcão foy logo ferido de hũa bôbardada q̃ lhe espedaçou hũa perna / e cayo ao pé de hũa palmeira quasi morto, e os nossos ficarão sem capitão / porque Duarte de melo ficaua com a sua gēte detras da de Manuel falcão q̃ quando desembarcou ja ho achou diante / e por ser a terra tão apertada ficou detras, e caíndo Manuel falcão da maneyra q̃ digo, hũ João fernandez de Santarê escriptuão da naõ de dō Aleixo que se ali acertou disse a Diogo pacheco q̃ hi estaua. Senhor pois ho capitão he ferido / e vedes ho perigo em que estamos façamos corpo cō uosco e day Santiago na tranqueira, porque se tardarmos matarnos hão estes tiros / e ele disse q̃ não queria tomar aq̃le cargo pois lho nã derão: porẽ q̃ desse Santiago e q̃ pelejaria como lascarim. E dizẽdo isto ajūtaranse coele Manuel pacheco seu irmão / Antonio lobo falcão / Diogo brandão do Porto, João guedes dō Santarê / João fernandez / e todos juntos na dianteira da outra gente remeterão á tranqueira com q̃ ja os nossos nauios estauão á bateria, e começouse hũa muyto brava e mui ferida peleja, porq̃ dambas as partes erão os pelouros tão bastos q̃ senão enxergaua nada cō ho fumo da artelharia / e as espingardadas não tinhão cōto, e as frechas / assi darco como dō zarauatanas cobriã

ho ar / e ho chão cuberto de sangue dos feridos. E assi durou a peleja bẽ duas horas, porq̃ os inimigos defendianse como homens q̃ querião antes morrer q̃ perder ho lugar em q̃ estauão, e soubese q̃ durando assi ho cōflito da peleja / hũ valēte mouro chamado çançarnã dera ja disse ao seu capitão q̃ da outra vez q̃ os nossos vierão sobre a tranqueira q̃ ele pelejara muyto valentemente / e q̃ a ele capitão se dera toda a hõrra e a elenão, q̃ se ania desaluar e quanto tinha tempo e q̃ ele morreria. E acabãdo de dizer isto fugio, e parece q̃ adiunhou a morte do capitão, porque empouco espaço despois de sua fugida foy morto de hũa espingardada q̃ lhe tirou hũ dos nossos chamado Gonçalo fernandez gancho / e ele morto os seus se desbaratarão e fugirão, e a tranqueira ficou em poder dos nossos cō grãde mortindade dos inimigos e antreles forão mortos quasi trezentos rajas que sam homens como antrenos cōdes ou outros senhores de titulo q̃ hião dar socorro a elrey de Sintão e forão catiuos muytos com hũ filho delrey de Siao que hi estaua tambem ajudando a elrey de Sintão. E despois deste ser conhecido ho mandou ho capitão a seu pay que mandou por isso hũ jũgo carregado de mantimentos com que se os portugueses restaurarão. E vendose Duarte de melo com aquella vitória seguiu auante com proposito de ir ate ho Pago onde estaua elrey de Sintão que era dali treze legoas / e deitalo fora / e a quatro ou cinco legoas pelo

rio acima achou ho tão entulhado
 z atraueiladas neletantas aruozes
 que os inimigos tinham lançado a
 este fim que nunca pode passar / z
 por isso se tornou, z mandou des-
 truyr de todo aquela fortaleza em
 que achou sessenta tiros e cepados
 z outras muytas armas. E coeste
 despojo z muyto grande vitoria se
 tornou pera Malaca, onde foy re-
 cebido com grande solénidade. E
 com tudo el rey de Bintão não de-
 sistio da guerra que fazia a Mala-
 ca, z sempre lhe corria sua armada
 que de cada vez era mais poderosa,
 z ele fez outra fortaleza no Pago
 odestaua: z dali fazião tambem por
 terra os saltos que dantes fazião.
 E despois desta vitoria de Auar-
 ja em Dezembro despachou dom
 Aleixo dom Tristão de menses / z
 mādouho a Maluco no nauio San-
 tiago em que Jorge mazcarenbas
 viera da China / z deu-lhe cartas
 del rey de Portugal / z presentes
 pera os reys das ilhas de Malu-
 co que fossem seus amigos z lhe dei-
 xassem ter trato em suas terras pe-
 ra auer ho crano que lá auia. E des-
 pachado dom Tristão partio-se do
 Aleixo pera a India em Dezembro
 do anno de mil z quinhentos z de
 3oyto.

¶ Capitulo. lxxiiij. Do que acon-
 ceo em Malaca despois da parti-
 da de dom Aleixo de menses.



E coele se foy a mayor
 parte da gente que esta-
 ua em Malaca por sa-
 berem que estaua muy
 eicandalizado Da fonsolopez da co

sta, que por ser de forte condição se
 soltara em falar cõtrele algũas con-
 sas em sua ausencia: o que ele sabia,
 z por isso lhe não deu muyto da gẽ-
 te que se foy coele. Do q̃ pesou grã-
 demente a Afonso lopez por quão
 pouca lhe ficaua ficado de guerra,
 z era tão pouca que por conto não
 chegauão a mais de setenta Por-
 tugueses. E que logo soube el rey
 de Bintão / z determinando de to-
 mar a fortaleza z a nossa pouoação
 mandou cometer pazes a Afonso
 lopez, z tão desapegadamente que
 se gastarão algũs dias sem auer cõ-
 crusam / z os embaixadores delrey
 hião muytas vezes com embaixa-
 da a Afonso lopez q̃ de de cada vez
 que hião os mandaua saluar com a
 artilharia da fortalez em que se ga-
 staua muyta poluora que despois
 fez grande mingoa. E nestes dias
 destas embaixadas fez el rey mil z
 setecentos homens, z por mar hũa
 armada doytenta z cinco lancha-
 ras: z como quer que as embaixa-
 das andauão sobre pazes parecia a
 Afonso lopez que a cousa estaua se-
 gura. E esperando hũ dia polo em-
 baixador del rey de Bintão pera se
 tomar concrusam nas pazes / ex q̃
 aparece na propria manhaã a arma-
 da que digo cõ quinhentos homens
 que derão logo no porto z poserão
 fogo a duas naos de mercadores
 que hi estauão z a hũa galé nossa de
 semmaстеada sem lhe os nossos po-
 derem acodir por ser a maré vazia z
 sem ela não poderem nadar os nos-
 sos nauios pera irem ao porto. E es-
 tando os nossos da banda do mar
 ouuirão hũa grãde grita no sertão

da parte da nossa pouoação q̃ está
junto da fortaleza. E esta gr̃ta da
nã mil e duzentos dos inimigos
que h̃ão por terra cometer a cidade
com muytos alifantes armados: e
repartidos em duas partes auia
de cometer h̃ua a pouoação grande
e outra a pequena que era a nossa/
com que Alfonso lopez ficou muy a
gastado por os nossos serẽ tão pou
cos como disse: e por isso e por não
saber se os da terra lhe terião orde
nada algũa treição não ousaua de
sair da fortaleza em pessoa pera pe
lejar com os inimigos que não lhe
falecia efforço pera isso: posto q̃ os
seus erã poucos. E com tudo por
mostrar aos inimigos que os não
temia / e que ho foubesse tambem
a gente da terra / mandou a h̃u fer
nã delemos que com dez dos nos
sos se fosse á entrada da ponte e aco
disse á pouoação grãde, e a h̃u frã
cisco fogaça mandou que acodisse
com doze pela parte da nossa pouoa
ção / e assi h̃us como os outros cõ
quanto virão a demasiada auanta
jem que lhe os inimigos tinhão de
terminarão de pelejar coeles esperã
do que Alfonso lopez os socorresse/
e esperãnos com muyta ousadia, a
judando os tambẽ a gente da terra
que logo acodirão ho Bẽdarã e ho
Lascar cõ seus piães, e os inimigos
se forão emburilhar coeles ás fre
chadas e azagayadas, e começouse
h̃ua peleja muy trauada. E vendo
Alfonso lopez como a gẽte da terra
era em ajuda dos nossos acodiolhe
com a gente que lhe ficaua levando
diante dous berços encarretados
com que fizerão muyto grande dã

no nos inimigos / matando muy
tos por andarem juntos / e coisso
os fizerão afastar: e os nossos tam
bem se retirarão obra dũ tiro de pe
dra pera a fortaleza. E como neste
tempo começou dencher a marẽ,
mandou Alfonso lopez a Duarte de
melo capitão mór do mar que aco
disse ao porto, e apagasse bo fogo q̃
andaua ateado nas naos, e deu lhe
trinta homẽs que se repartirão por
cinco lancharas e h̃u bragantim,
h̃u batel grande de que erã capitã
es a fora Duarte de melo / Francisc
co fogaça / dom Rodrigo da silua,
Diogo mendez, Fernão figueira/
Carlos carualho, e Grauiel gago/
e cõ tão pequena armada pera ca
manha era a dos inimigos com a es
perança em nosso senhor se forão che
gando a eles dãdo grandes gritas
de prazer por parecer que os não te
mião. E chegando a tiro de berço
começa de desparar a artelharia dũ
cabo e do outro / e acertou que em
a lanchara de Grauiel gago tirãdo
a primeyra bombardada selhe acẽ
deo fogo na poluora com que abrio
a lanchara e se foy supitamente ao
fundo, e quantos adauão nela dos
nossos se afogarão por estarem ar
mados. E durãdo a peleja foy mor
to Diogo mendez capitão doutra
lanchara de h̃ua bombardada que
lhe leuou a cabeça, e por derradey
ro os nossos ho fizerão tão effor
çadamente que deitarão os inimi
gos fora do porto, matando al
gũs. E desocupado ho porto apa
garão bo fogo que andaua nas na
os e na galee. E assi acabou a pele
ja daquele dia no mar e na terra /

z com quanto os inimigos se retirã
rão não se forão de todo, porq̃ era
sua determinação de tomar a forta
leza, z posto que pola primeyza, não
leuassem ho melhor dos nossos nẽ
por isso cessarã de sua empresa, porq̃
como erão muytos z os nossos
poucos parecialhes q̃os vencerião
por derradeyro, z que por poucos
que matasem os enlecarião. E por
isso os da terra assẽtarão suas estã
cias hũ pedaço da cidade onde se re
colherão, z os do mar surgirão jũ
to de hũa ilha perto do porto acua
sombra esteuerão: z como foy me
nhaã tornarão a cometer os nossos
por mar z por terra, z pelejarão coe
les ate as dez horas do dia que se re
colherão a suas estancias / z torna
rã a pelejar da vespera ate a noyte.
E isto fizerão dezaete dias conti
nos em que derão muyto grande o
pressam z trabalho aos nossos / q̃
milagrosamẽte saluou nosso seõor
de serem todos tomados segundo
andauão cansados / z feridos z des
uelados de não dormir / porq̃ vigia
uão cõ medo que os inimigos os não

tomassem / z de que sempre leuarão
a vitoria pola piedade de nosso se
nhor. E cuydando os inimigos do
mar q̃ acabo de tanto tempo não es
tarião os da nossa armada pera lhe
resistir, os quiserão aferrar / z acha
rão neles tão poderosa resistẽcia co
mo se aquele fora ho primeyro dia
da peleja: z por isso nã quiserão ma
is brigas coeles, z fugirão que não
tornarão mais, z ho mesmo fizerão
os da terra, de que morrerão nestes
dias muytos, q̃ dos do mar acha
rão por conta que forão duzentos,
z quinze q̃ acharão soterrados na
ilha em que se acolbião / z dos nos
sos não morrerão mais de quinze e
todas estas pelejas. E com quanto
el rey de Bintão soube quão pouco
nojo os seus fizerão aos nossos nã
desistio da guerra, z foyse assentar
em hũ lugar q̃ se chamaua *Wago*
donde a fazia de cada vez mayor al
si por mar como por terra.

*Aqui faz fim ho quarto liuro da historia
da India. E segue se ho quinto no tempo q̃
a governou Diogo lopez de sequeira.*

Liruo quinto da historia do desco

brimento & conquista da India pelos Portugueses no tempo que a gouernou Diogo lopez de sequeira por mandado do inuictissimo rey dom Manuel de gloriosa memoria.

Feyto per Fernão lopez de castanheira.

¶ Capitulo.j. De como Lopo soarez entregou a gouernança da India a Diogo lopez de sequeira & se partio pera Portugal.

Reformada a amizade entre ho gouernador Lopo soarez & el rey de Ceilão desembarcou ho gouernador & apouentouse em hũa têda de dentro da nossa tranqueira, & têdo quasi acabada a fortaleza que seria na fim de Nouembro, chegou dom João da silueira de Bengala dõde partio como disse / & o gouernador lhe deu a capitania da fortaleza / & por ser ainda mancebo deu a capitania mór do mar a Antonio de mirã da dazeuedo homem antigo na India & que sabia bẽ da guerra / & deu lhe hũa armada cõ que andasse naquela parajem pera goarda da fortaleza, como pera fazer presas nas naos de nossos inimigos. E isto assim ordenado partio se o gouernador pera Cochim com determinação de fazer em Couão outra fortaleza por ter licença do rey de Couão pera fazer hũa casa forte, & ter prazme da raynha pera coeste nome de casa forte lhe deixar fazer hũa fortaleza por peita que por isso lhe auiaõ de dar. E ho gouernador cessou de sta determinação por saber que era chegado Diogo lopez de sequeira

por gouernador, & prosseguiu pera Cochim, onde foy recebido cõ muyta honrra de Diogo lopez de sequeira que foy coele ate a fortaleza, & dali por diante ho visitaua muytas vezes: & não quis entêder em nada da gouernança da India em quanto Lopo soarez esteue nela saluo em repartir os nauios, & despachou João gomez cheira dinheiro pa as ilhas de Baldina, onde elrey de Portugal mandaua que fizesse hũa fortaleza & fosse capitão dela. E porque sabia que Baticala estaua leuâtado mandou a dom Afonso de meneses em hũa galé dar mada que fosse surgir sobre a barra de Baticala, & lhe tomassem as naos q̃ saíssem de dentro: & ho mesmo mandou a Christo uão de souza q̃ fosse fazer a Babil, q̃ foy em hũa galé por capitão mór de Ruy gomez dazeuedo & de Lourenço godinho que hião em duas carauelas, & mandoulhe que fosse por Goa & tomasse duas fustas das q̃ lá estauão: & por rogo d Lopo soarez sentenceou Diogo lopez ho feyto da justiça contra Gerônimo doliueira que matou dom Aluaro da silueira como ja disse / & foy degolado. E feyta a carrega das naos en-

tregou Lopo soarez a India a D^o golopez de sequeira per hũ estormentopubrico/ declarando a gente que ficaua nas fortalezas / e as peças darteiharia. E isto feyto partiose Lopo soarez pera Portugal, onde chegou a saluamento.

Capit. ij. Decomo ho governador tornou el rey de Baticalá aa obediencia del rey de Portugal.



DArtido Lopo soarez ho governador separtio pera Goa em Janeiro de mil e quinhẽtos e dezanoue deitãdo por capitão de Cochim hũ fidalgo seu sobrinho chamado Antonio correa em quãto Aires da silua não vinha d^a Malaca, e tirouha a Lourenço moreno, e leuou toda a armada da India, e de caminho visitou as fortalezas de Calicut e de Cananor / e foy ter com dom Alfonso de meneses que estava sobre a barra d^a Baticalá, cujo rey sabendo que ho governador ali estava foy o seu medo tamanho de ho destruyr q^{ue} logo lhe mandou pedir perdão do leuãtamento passado, e pedir lhe que ho tornasse a receber por vassalo d^o rey de Portugal, porq^{ue} estava prestes pera pagar ho tributo que dantes pagaua, e mais pagaria tantos mil pardaos pera os gastos da armada. E ho governador foy contente, e assi se fez: e isto feyto partiose pera Goa.

Capit. iij. Decomo Christouão de souza foy dar armada sobre Dabul: e do que lhe lá aconteeço.



DArtido Christouã de souza pera Dabul foy ter a Goa onde pediu a Ruy de melo que estava por capitão na vageate de dom Goterre que lhe desse as duas fustas que ho governador mandaua, e dãdolhas tornou a sua viagem pera Dabul / e por ser ja tarde achou os noroestes muy rijos q^{ue} lhe erão por dauante / e ho não deixauão surdir indo alamar: e por isso e por a carauela de Ruy gomez ser zorreyra deu a longa, porque cõ ho emparo da terra lhe pareceo que não fossem os ventos tão rijos. E com tudo a carauela de Ruy gomez não podeter coele nẽ cõ as outras velas e ficou a tras. E indo Christouão de souza assi soube que dẽtro norio de Citapor estava carregando hũ nao de mouros nossos inimigos posse na boca do rio / e mādou a hũ capitão dũ Catur que leuaua em sua conserua que fosse tomar a nao. E vendo ho os mouros que a carregauão entrar dẽtro norio fugirão pera terra e deixarão a nao só / e ho capitão do Catur a atou e aleuou a Christouão de souza / q^{ue} metendo nela quẽ a goardasse a leuou em sua conserua / e daqui leuãdo sua rota abatida foy surgir na barra de Dabul, onde soube por algũs da terra que lhe forão vender refresco, que em quanto se deteuera em Citapor a tomar a nao passara Ruy gomez e fora ter a Dabul, onde lhe logo sayrão as fustas. E estádo coele as bombardadas se lhe acendera ho fogo na sua poluora cõ

que a carauela foy toda queimada
 e quantos estauão nela saluo hũa
 mulher Portuguesa que os mou-
 ros catiuarão: e que aueria sete ou
 oytto dias que aquilo acontecera.
 E q̃ Christouão de Sousa creio por
 achar ainda algũa madeyra da ca-
 rauela: e ficou muyto triste por a-
 quele desastre: e quiserase vingar
 dos mouros selhe sayrão, mas nũ-
 ca ousarão/nem elenão foy busca-
 los por estarem muyto dentro do
 rio. E auêdo obra de doze dias que
 aqui estaua forão os ventos tantos
 e tão brauos que não podendo ele
 nem os outros sofrer a amarra lhe
 foy forçado arribarem a hũa ense-
 da chamada dos Malabares que
 era abrigada pera estar hi ate ama-
 nar aquele vento, e hi queimou hũa
 pouoação por ser d̃ nossos inimigos.
 E amainado ho vêto da hi a algũs
 dias se tornou a Dabul / onde sou-
 be que em quanto estueira na ense-
 da dos Malabares encalando ho
 vêto chegara hũa nao de Cananor
 em que hia por capitão hũ escrivão
 da nossa feytoria que leuaua fazêda
 del rey de Portugal pera se vender
 em Cambaya (e esta passou de noy-
 te pola enseada onde estaua Christo-
 uão de Sousa e por isso a não viu) e
 chegando defronte de Dabul lhe
 sayrão as fustas e meterãna no fun-
 do com bombardadas. E vendo
 Christouão de Sousa que ho dâno
 que as fustas fazião hia em crecimẽ-
 to / determinou dentrar no rio e
 vingar-se, e porque não tinha man-
 timentos os foy tomar a Chaul aa
 nossa feytoria onde estaua por feytoz
 hũ Diogo paez / e em tornãdo delã

pera Dabul quis dar em Calaci hũ
 ugar de mouros cinco legoas dele
 por ser de sua jurdição: e estaua me-
 tido por hũ rio acima obra de me-
 legoa. E chegando á foz do rio dei-
 xou ali a galé e a carauela furtas
 por não poderem nadar nele, e êtrou
 no Latur fustas e bateys em q̃ leua-
 ria ate cento dos nossos: e chegou
 ao lugar tres horas ante manhaã /
 mas fazia hũ lûar tão claro que pa-
 recia dia. Os inimigos tanto que
 sentirão os nossos fugirão logo: e
 a rezão de os sentirẽ tão asinha foy
 porque esta gête a mór parte da noy-
 te anda acordada: os nossos segui-
 rão hũ pouco a pos os inimigos e
 deixarãnos por ser noyte, e torna-
 ranse a queimar ho lugar q̃ era grã-
 de e auia nele muytas mezquitas /
 e queimarãno todo despois de ho
 roubarẽ: e assi duas naos que hi es-
 tauão varadas. Isto feyto recolheo
 se Christouão d̃ Sousa á praya pera
 se embarcar, e hi esperou por algũs
 marinheiros q̃ ainda ficauão rou-
 bando. E estando assi esperando so
 breueo hũ Canadar dũa tanadaria
 dali a duas legoas, e sabêdo do dia
 dâtes que os nossos estauão na foz
 do rio d̃ Calaci hialhe socorrer e le-
 uaua trezentos piães Canarins to-
 dos frecheiros: e em os nossos os
 vendo aluora çarãse muyto: e dis-
 ferão a Christouão de Sousa que fos-
 se pelejar coeles, do que ele foy cõ-
 tente: e assi pera isso como pera re-
 colher os marinheiros quelhe fica-
 uão no lugar abalou logo paeles, e
 eles mostrando muyto efforço ho
 sayrão a receber: e ho cercarão por
 diante e polas ilbargas tirãdo fre-

chadas sem coto: Christouão de souza porq̃lhenão frechassẽ os seus estando jutos mãdou os espalhar da mesma maneyra q̃se os inimigos espalhauão, posto q̃lhe algũs disserão q̃melhor seria apinhoarẽse pa hũa parte e ficarẽ os inimigos descubertos á nossa artelharia q̃lhes tirasse do rio q̃o despachasse logo: e Christouão de souza não quis / parece q̃por de desejar de pelejar. E espalhados os nossos / trinta espingardeiros e algũs bẽsteiros q̃ auia antreles desfecharão nos inimigos e fizeramos afastar, e os nossos se começaram de recolher espalhados como digo, e tãto q̃ quasi senã vião hũs aos outros. E os inimigos q̃ virão este descõcerto acodirão logo sobreles apertãdo os muyto cõ frechadas e ferindo dessa gẽte baixa q̃hia mal armada, q̃começou de fugir cõ menos cõcerto do que leuauão: sem Christouão de souza nẽ os outros capitães os poderẽter, e vêdo ele isto deixou se ficar cõ os inimigos, ficando coele Frãcisco de souza tauares e outros principaes e fazião volta aos inimigos pera os deter, e eles se retirauão pera os cansar, e despois voltauão sobreles. E assi forão ate a praya voltãdo hũs aos outros bẽ q̃tro vezes em q̃a peleja foy bẽ ferida assi dũa parte como doutra: e tã perfiada q̃ em chegarẽ os nossos á praya gastarão bẽ tres horas, e cõ os feridos q̃ se bião embarcar e cõ os outros q̃ fugião se desfizerã os nossos tãto q̃nã chegarão cõ Christouão de souza á praya mais q̃ ate trinta homens / e ainda aqui da pertado dos inimigos senã achou mais

q̃cõ dez pera sembarcar de q̃hũ era Frãcisco de souza tauares, e aqui passou Christouão de souza grãde perigo, e esteue q̃si pdido porq̃erão ja ebarcados todos os nossos senã ele cõ os dez q̃digo, e a marẽ echia e daualhes a agoa pola cinta / e os inimigos chouião frechas sobreles / e coesta fadiga q̃si q̃nã podião ajudar a ebarcar Christouão de souza q̃ho não podia fazer sem ajuda por ir armado em hũ arnes inteiro / e era necessario tomarẽno e peso pera ho meterẽ no batel / e os inimigos nã dauão vagar pera isso. E vêdo eles o q̃os nossos tinhão em ho fazer e cuydãdo q̃nã auia quẽ lhe resistisse meteran se pola agoa, e chegauan se aos bateys e às fustas lãçãdo mão dos remos pa os tomar: e quis ds q̃a este tpo estaua ja Christouão de souza embarcado e os outros q̃ho ajudarão, e vêdo a ousadia dos inimigos mãdoulhes tirar cõ a artelharia / de q̃logo fugirão ficãdo muytos mortos / e dos nossos morreo hũ bõbardeiro e forão feridos trinta. Feyto isto porq̃ Christouão de souza trazia por regimẽto do gouernador q̃ate a eentrada de Janeyro foy sẽ em Goa as duas carauelas q̃leuaua pera irẽ cõ Antonio de saldaanha a Ormuz / mandou a Lourẽço godinho q̃se fosse / e ele ficou com a galẽ / fustas e caturs, e cõ tã pouca gẽte q̃nã era nada pa a das fustas de Dabul q̃era muyta e elas bẽ artilhadas foylea Dabul e surgio na barra, õde achou Joãõ gõçaluez de castelo branco q̃por mãdado de Lo po soarez estaua e goarda dela com tres fustas / e per hũa carta quelhe

Christouão de Sousa deu governa-
dor se partio pera Goa.

Capit. iiii. De como ho governa-
dor despachou certos capitães
pera diuersas partes.

De Baticalá se foy ho go-
uernador a Goa, donde
mãdou Antonio de sal-
danha capitão mór do
mar cõ hũa armada ao cabo d goar-
dasm a fazer presas, e a saber se es-
tauaõ os rumes e Judá pera os ir
buscar como trazia por regimento.
E sabêdo aqui como fora queima-
da a carauela de Ruy gomez daze-
uedo e metida no fûdo a nao de Ca-
nanor/parecêdolhe q fora por cul-
pa de Christouão de Sousa ho man-
dou logo chamar por Antonio ra-
poso capitão dũ nauio cõ quẽ man-
dou João gôçaluez d castelo brãco
q auiaõ de ficar e Dabul/ e por ser
ja e trada diuerno qndo chegarão
não foy necessario ficar e lá, e torna-
ranse cõ Christouão d Sousa a Goa
dõde se forão a Cochí por ja lá estar
ho governador. A q Christouão d
Sousa mostrou como não tinha cul-
pa na carauela nẽ na nao: e por isso
ho governador lhe pediu perdão d
ho mãdar assi vir de Dabul. E por
q ho governador foy auisado q em
Coulão auia algũ aluoroço d guer-
ra por hũa fortaleza q hi queria fa-
zer ho feytoz Eytoz rodriguez/ mã-
dou lá João gôçaluez d castelo brã-
co cõ tres fustas d armada/ e q não
auêdo q fazer e Coulão fosse fazer
presas ao cabo de Boardasũ e tor-
nasse a inuernar a Cochí: e assi por
ho governador saber de dõ Aleixo

de meneses, e de Fernão perez dã-
drade/ e doutros fidalgos q chega-
rão de Malaca ho aperto em q fica-
ua cõ a guerra del rey de Bintão q
era necessario mãdarlhe socorro: de
terminou de lho mãdar por Anto-
nio correa filho Daires correa que
foy morto e Calicut e tempo d Pe-
draluarez cabral/ a que tinha dada
hũa viagem pera a China, e q de ca-
minho iria por Malaca. E por nes-
te tẽpo lhe mostrar Simão dandra-
de hũ aluara del rey per q mandaua
q querêdo ele ir a China despois de
vir de lá Fernão perez seu irmão q
fosse. Não deu ho governador esta
ida da China a Antonio correa, se-
não a de Malaca somete, e a ida da
China deu a Simão dãdrade a que
despachou logo, e se partio em hũa
nao: e apos ele partio em outra hũ
fidalgo chamado Garcia de lá com
gẽte em socorro Dafonso lopez da
costa: e despois mãdou e hũa arma-
da de tres velas por capitão mór a
Antonio correa/ a q deu em regimẽ-
to q de cercada Malaca fosse assen-
tar pazes cõ el rey de Pegu/ e das
tres velas forão capitães, ele d hũa
nao, Antonio pacheco d hũa cara-
uela que leuaua a capitania mór do
mar d Malaca/ e hũ Frãscisco dese-
qira e hũ bargãti. E nesta armada
q partio de Cochí a seys d Bayo
forão ceto e cicoẽta Portugueses.

Capit. v. De como a raynha de
Coulão deu consentimento pera
se fazer fortaleza.

Deseiãdo Lopo soarez no
tẽpo q gouernaua a In-
dia de fazer hũa fortaleza
em Coulão, ouue licença

del rey de Coulaõ pa fazer hũa ca-
 la forte em que a fazenda del rey de
 Portugal eiteuesse segura, porque
 bonã estaua na casa q̃ estaua feyta.
 Esta licẽça ouue cõ determinacã
 decõ nome de casa forte fazer hũa
 fortaleza, porq̃ tinha pera isso con-
 sêtimẽto de Alepãdari: q̃ assi se cha-
 maua a raynha d̃ Coulaõ, e coeste
 fundamẽto tornaua d̃ Leilaõ (quã-
 do lá foy fazer a fortaleza) senão a-
 chara certeza d̃ ser chegado por go-
 uernador da India Diogo lopez d̃
 sequeira / q̃ auisado por Eytor ro-
 driguez feytoz de Coulaõ do q̃ pas-
 sau a cerca da fortaleza, lhe deu co-
 missam pera q̃ por hũ aluara prome-
 tesse á raynha tres mil rajas q̃ sam
 moedas da terra q̃ val cada hũa tri-
 ta e tres rs e hũ terço em q̃ pola va-
 lia da nossa moeda se mōtauão cẽto
 e trinta e dous mil rs, e a Chaneipulã
 seu governador e muyto grã-
 de priuado mil fanões de Lochi q̃
 val cada hũ desasseys rs, em q̃ pola
 moeda portuguesa mōtão desasseis
 mil rs: e isto porq̃ dessem consenti-
 mẽto pa se fazer a fortaleza, e algũa
 desta copia lhes auia logo de ser pa-
 ga / e a outra despois da fortaleza
 acabada: e isto porẽ se ser feyta gue-
 ra aos Portugueses / nẽ por el rey
 de Comori, nẽ pola raynha e seus
 filhos / nẽ menos por ela raynha
 de Coulaõ. Do q̃ ela foy muyto cõ-
 tẽte / offrecendose cõ seus pulãs a
 morrerẽ cõ toda sua gẽte sobre se a
 fortaleza fazer e darẽ pera a edifica-
 ção d̃la toda a ajuda q̃ podesse ser /
 posto q̃ sabião q̃ auião danojar nĩ-
 so muyto ao rey grãde de Coulaõ,
 e cobrar por inimigos ho rey de Co-

mori e a raynha e seus filhos: e po-
 rem q̃ lhes nã daua nada disso por
 seruirẽ a el rey de Portugal por cu-
 jos vassallos e seruidores se tinhão
 como se propriamẽte forão Portu-
 gueses. E pera mayor segurança a
 mesma raynha por sua pessoa entre-
 gou Eytor rodriguez a hũs tres ir-
 mãos Maires q̃ morauão ao derre-
 dor dõde auia d̃ ser a fortaleza que
 viuião cõ a raynha de Comori, e
 erão grãdes senhores e punhão em
 câpo seyscẽtos Mayres de peleja, e
 ho mais velho auia nome Unirey-
 pulã, ho meão Salapulãgoripo, e
 o mais moço se chamaua coulegoripo.
 Estes todos tres tomarão so-
 bre si ho feytoz e prometerão de ho
 ajudar em q̃nto podessem: e Eytor
 rodriguez se cõcertou muyto secre-
 tamẽte cõ Unireypulã q̃ ho ajudas-
 se, e q̃ em q̃nto durasse a obra da for-
 taleza lhe daria cada dia hũa raja.
 E sendo ho governador auisado d̃
 tudo per Eytor rodriguez, lhe deu
 comissam pera q̃ começasse a obra.
 E como e Coulaõ foy sabido q̃ se a-
 uia de começar, foy cousa despato
 ho rumor e aluoroço q̃ se leuãtou,
 assi antre os mouros como antre os
 gẽtios: aq̃irãdose todos disso. E
 el rey d̃ Comori e sua irmaã ajũta-
 rão muyta gẽte, dizẽdo q̃ era pa irẽ
 sobre Eytor rodriguez, e o matarẽ
 cõ q̃ntos estauão coele. E sendo ho
 governador auisado d̃ste aluoroço
 mādoulã como disse a João gõçal-
 ues d̃ castelo brãco por capitão mōr
 de tres fustas e socorro: mas nã foy
 necessario porq̃ a raynha de Coulaõ
 e Chaneipulã erão tão verdadey-
 ros seruidores del rey d̃ Portugal

e desesauão tãto seu seruiço q̃ apazigoarão tudo, e a raynha d' Comorim cessou de sua furia, cõ quãto ficou e grande odio cõtra os nossos. E vêdo João gôçaluez como ali nã auia q̃ fazer foyle ao cabo d' Comorim, dõde sê fazer nenhũas presas setornou a Cochim.

Capit. vi. De como Eytor rodri-
guez de Coimbra começou d'edi-
ficar a fortaleza de Coulão.



Pacificando se mais a
coula d'terminou Eytor
rodriguez de começar
sua obra: e encomẽdado
se a nosso senhor / ho mais dissimu-
ladamente q̃ pode começou hũ dia
dabzir os aliceces dãdo ele as pri-
meyras enxadadas / e ajudado ho
Christouão de bairros e Duarte
varela seus gẽrros, e assi hũ e uys
Aluarez q̃ estaua por capitão d' hũa
galê, e Gaspar ferraz e Alfonso fer-
raz seu irmão / e ho padre Frãcisco
aluarez vigairo da igreja d' sã Tho-
me, e outros q̃ per todos fazião nu-
mero de vinte sete Portuguezes e
dous pedreyros da terra / e quãdo
dous mil Haïres q̃ ali tẽ ho rey grã-
de de Coulão (pera cõseruação do
estado da terra) virão os grãdes a-
liceces q̃ abria Eitor rodriguez tor-
naranse a aluoroçar, dizẽdo q̃ erã
pera fortaleza e não pera casa, pelo
q̃ ele os mãdou atupir e ficarão ma-
is estreitos, porẽ de largura de dez
palmos, e assi como hia abzindo as-
si hia fazendo a parede da cerca da
fortaleza q̃ fez de cõprimẽto doytẽ-
ta e cinco palmos e de largura de

setenta e cinco, e tẽdo a parede dal-
tura dũ homẽ: assẽtarão os nayres
del rey d' Coulão q̃ tamanha cerca
não era senã pera fortaleza / e aquei-
xaranse disso a raynha de Comori
porq̃ tinhão a de Coulão por sospai-
ta nas cousas dos Portuguezes / a
quẽ se queixou logo a raynha d' Co-
morim, dizẽdo q̃ ho não auita de so-
frer / e mãdou a sua gẽte q̃ se possesse
ẽ armas. E q̃ sabido por Eytor ro-
driguez nã quis ir cõ tamanha obra
auãte, por apacificar a gente e nã
ter dõde se defendesse selhe fizessem
guerra / e atalhou ho vãdo da cerca
cõ hũa parede ficado a hũa parte a
casa da feytoria, e a outra a fortale-
za / com q̃ prosseguio auãte, dizẽdo
q̃ era a casa da feytoria. Porem os
Haïres del rey de Coulão, nẽ a ray-
nha de Comori e seus dous filhos
não assẽsegauão nẽ perdião os ciu-
mes q̃ tinhã daquilo ser fortaleza /
e hora lhe tolhião os pedreiros, ho-
ra os cauouqiros: outras vezes se
ajutauão pa irẽ sobre Eitor rodri-
guez, e d' tudo ho auisaua a raynha
de Coulão e seus pulas / apressan-
do ho, q̃ se possesse na mayor altura
q̃ podesse: porq̃ lhe parecia q̃ auião
os imigos de pelejar coele. E ele ho
fazia assi, encomẽdando se sempre a
nosso senhor de quẽ era muyto ami-
go q̃ ho ajudou ate poer hũa torre
no primeyro sobrado. E por ser au-
sado q̃ dia de Pascoa auião os imi-
gos de pelejar coele destapou etão
as bõbardeiras q̃ ateli tenera car-
radas por não etẽderẽ que era for-
taleza / e assẽstou nelas sua artelha-
ria. E recolhido dentro na torre cõ
a gente q̃ digo / amanheceo assi dia

de Pascoa: o q̃ deu tamanho espã-
to aos inimigos q̃ não ousarão de ho-
cometer cō medo da artelbaria: do
q̃ a raynha de Coulaõ z seus pulas
ficarão muyto ledos, z mandarão
dizer a Eitor rodriguez q̃ não te-
messe dali por diante aos inimigos,
porque ja não auiaõ dousar de ho-
cometer, z quando ho quisessem fa-
zer q̃ela com todos seus vassalos a
uiaõ de morrer sobre ho defender.
O que lhe ele agardeceo muyto/pe-
dindolhe que os deixasse chegar aa
fortaleza pera ver como pelejauão
os Portugueses: porẽ os inimigos
não ousarão de ho fazer/ z dali por
diante abrandarão da furia q̃ tra-
zião, nẽ fizeram mais sobrançarias
aos Portugueses. E neste tempo
foy ali ter hum fidalgo chamado
Garcia da costa de Santarẽ cō hũa
galẽ de que era capitão/ q̃ ho man-
dou ho governador pera fauorecer
z ajudar Eitor rodriguez: o que ele
fez cō muyto cuydado z diligẽcia.

Capit. vii. Dũ grande seruiço q̃
a raynha de Coulaõ fez a el rey
de Portugal.

Com muyto grande tra-
balho, assi do inuerno q̃
era muy forte cō chuua:
z cō vêtos/ como cō te-
mores de guerra hia Eitor rodri-
guez prosseguindo ẽ sua obra / não
somẽtena fortaleza mas na da igre-
ja do apostolo sam Thome, q̃ tãbẽ
começou / porq̃ a raynha de Cou-
laõ, z ho regedor z outros pulas
lhe fazião dar toda a pedra z ou-
tros materiaes q̃ erão necessarios

pera estas obras. E assi tinhão to-
dos cuydado delas como se forão
Portugueses / não lhes lembrãdo
q̃ fazião nisso pesar ao rey de Cou-
laõ, nẽ que escãdalizauão a raynha
de Comori z seus filbos/ nem que
cayão em odio do pouo. O que pa-
rececia milagre de nosso senhor terẽ
os gentios tanta fee z amizade cō
os Portugueses q̃ assi os fauore-
cião. E de tudo isto Eitor rodri-
guez auisaua ho governador, q̃ lhe
mandou q̃ fosse assi cō a obra como
hia, porq̃ seria coele na entrada da
gosto. E cō quãto Eitor rodriguez
tinha este trabalho de fazer a forta-
leza, não deixaua de ẽtẽder na pimẽ-
ta q̃ auia de cõprar pera a carrega-
ção das naos q̃ se esperauão aquele
anno: z soube q̃ erão abertas na ser-
ra duas grandes estradas per que
andauão a formiga tres mil boys
de Charamandel, dõde leuauão ar-
roz a Coulaõ z Caicoulaõ, z ẽ retor-
no pimẽta de seus termos. E vêdo
ele camanho per iuyzo isto era pera
acarregação das naos de Portu-
gal/ queixouse disso aos regedores
de Caicoulaõ, reqrẽdolhe q̃ vedas-
sem q̃ nã se leuasse a q̃la pimẽta. Ao
q̃ respõderão q̃ nã podião fazer nĩs-
sonada por sayr a pimẽta de luga-
res de Bramenes a q̃ não podião ir
á mão: z por isso ho rey de Caicu-
laõ perdia seus dereytos/ mas não
podia al fazer se não perdelos. E
vêdo Eitor rodriguez ho mao re-
medio q̃ ali tinha / escreueo ho ao
governador: q̃ não achando pera is-
so remedio lhe não respõdeo, z en-
tão se socorreo ele a raynha de Cou-
laõ por saber quanto desejava ho

seruiço del rey de Portugal / e pe-
diolhe que madaſſe por quinhêtos
dos ſeus Aiares fazer hũ ſalto na
caſila dos boys de Choramandel /
e que os eſcarmentafſem de maney-
ra que não fiſſeſſem mais aquele ca-
minho / e que prometia de dar cem
cruzados por cada cabeça de homẽ
q̃ lhe deſſem da caſila. E a raynha
por ſeruir el rey de Portugal ſe cõ-
certou com hũ rey irmão doutro /
per cuja terra as caſilas caminha-
uão quelhe daria quinhentos Aia-
res pagos á ſua cuſta com que fiſſe
ſe guerra a ſeu irmão porque deſa-
ua paſſar a caſila por ſua terra, por
que não paſſando por ela nã tinha
caminho por outra parte. E eſte
meſmo rey que auia de fazer a guer-
ra a ſeu irmão, antes de a começar
fez com os quinhentos Aiares da
raynha de Coulaõ hũ ſalto na caſi-
la de Choramandel em que matou
cinco homẽs dos que hião nela / e
tomou muytos boys e grande ſo-
ma de pimenta, com que os outros
ficarão tão eſcarmentados que de-
ſiſtirão de todo daquelle officio / e
logo as eſtradas forão çarradas:
do que a raynha d̃ Coulaõ mãdou
pedir aluiſaras a Eytor rodriguez
notificandolhe o q̃ era feyto, e que
em ſatiſſação daquelle ſeruiço que
fizera a el rey de Portugal, e do ga-
ſto que fizera com os quinhentos
Aiares a que pagara hũ mes de ſol-
do, queria que lhe eſperafſe aquele
anno por duzentos e oytẽta bares
de pimẽta que diuia: e iſto por eſtar
pobre e gaſtada das guerras paſſa-
das. O q̃ lhe Eytor rodriguez fez:
cõ que ela ficou muyto contente.

Capitulo. viii. De como ho go-
uernador foy ver hũ parã que ſe
fazia antre hũs Caímaes na ter-
ra firme / e do que lhe acõteceo.



O começo deſte in-
verno que ho gouer-
nador teue em Co-
chim ſucedeo auer
hũ parã antre cer-
tos Caímaes vafsa-
los del rey de Cochim e del rey de
Calicut ſobre certa deferença que
tinhão. E eſte parã quer dizer na
ſua lingoa batalha de deſafio / em
que ſe ha dauerigoar a verdade, e
aſſi como hum rey ou ſenhor faz a
outro qualquer offeſa: ho offen-
dido deſafia o que ho offendeo pe-
ra ſe darem batalha campal, e a-
juntão pera iſſo toda ſua valia da-
migos e vafsalos: e ſe ho offendi-
do tem mais gente que o que ho
offendeo dalhe a batalha em pu-
brico, e ſe não ho mais ſecretamen-
te que pode. E ſabendo ho gouer-
nador que ſe daua eſta batalha a
mea legoa de Cochim polo ſertão
foy a ver acompanhado de quinhẽ-
tos homens em que auia algũs fi-
dalgos, e todos com capas e eſ-
padas ſomente: e foy ho gouerna-
dor e tões polo rio ate õde ſe auia
de dar batalha, e ali deſembarcou,
e atre os q̃ auiaõ de dar batalha / e
os q̃ a auiaõ de ver ſerião q̃tro mil
homens a fora os noſſos. E começa-
da a batalha / quis hũ noſſo bõbar-
deiro fauorecer ho Caímal del rey
de Cochim cõtra ho del rey de Cali-
cut, ajudãdo ho cõ hũa eſpada dam

bas as mãos. E q̃ vêdo ho Catimal como q̃ria mal aos nossos / remete co parte de sua gēte a algũs deles q̃ adauão espalhado: tirãdolhe muytas frechadas: ao q̃ ho governador acodio logo / e recolheo os nossos: e feytos todos e hũ corpo se quise- ra tornar se ho deixarão / porq̃ os naires como homẽs escãdalizados dos nossos os seguião, apertando os com frechadas muyto bastas: e por se o governador desembaraçar não quis q̃ os nossos trauassẽ coeles / e não q̃ se defendessem: porque erã muytos e se a batalha se trauasse passarião os nossos mal por serẽ poucos: e por isso ho governador se recolhia ho melhor q̃ podia / e os inimigos apertauão todauia tã riu q̃ ho punhão e muyto perigo, o q̃ vêdo algũs fidalgos se poserão diãte dele pera ho emparar das frechas, e ho primeyro foy Christouã desousa q̃ logo foy ferido de hũa e hũ braço, de q̃ despois foy aleijado e assi forão feridos outros e mortos cinco / e antreles forão Diogo de pina filho de Ruy de pina. E despois q̃ os inimigos virão q̃ os nossos não querião pelejar coeles / e tambe por acodirẽ aos companheiros q̃ ficauão na batalha deixarão os ir. E vendose ho governador desapressado dos inimigos fez recolher os mortos, e foyle a Cochĩ onde te ue ho inuerno / em q̃ mandou cõcertar a armada pa ho verão seguinte.

Capit. ix. De como mouros de Cambaya matarão a João gomez nas ilhas de Baldina com outros nossos.



Tras fica dito como João gomez cheira a mouro ro foy ás ilhas de Baldina pa fazer lá hũa fortaleza: e despois q̃ foy e Baldina chegou q̃ era ali escusada fortaleza e q̃ abastaua hũa feitoria pa ho trato q̃ ali auia dauar. E assi ho fey e ele ficou por feytor, e tẽdo mada hũa nao fora em q̃ forão algũs criados seus q̃ nã ficarão coele mais q̃ ate oyto dos nossos e algũs da terra q̃ seruião na feitoria forão ali ter certas naos d' mouros d' Cambaya, q̃ como erão nossos inimigos e virão João gomez cõ tão pouca companhia / determinarão de ho matar e tomar q̃nto estaua na feitoria. E assi ho fizerão, e João gomez morreo defendẽdose tã esforçadamẽte como ele pelejou sempre nas pelejas e q̃ se achou q̃ era muyto valẽte caualeyro: e assi acabou seus dias com q̃ntos estauão coele, e despois de mortos roubarão os mouros a feitoria e leuarão tudo sem ho rey da terra ousar de resistir por nã ter gẽte de peleja. E ho governador quando ho soube nã pode fazer nada na quilo por os mouros não serem de lugar certo.

Capit. x. De como despois Antonio correa socorrer Malaca se partio pera Pegu a assentar amizade.



Artido Antonio correa e socorro de Malaca seguiu por sua viagem, e indo atraues d' Ceilão por ser inuerno lhe deu hũa tozmetã cõ q̃ se apartarã dele os outros nauios

e eleficou só, e assi foy ter a *pacê*:
e dali foy ter a *Alalaca* ôde estava
Alfonso lopez da costa e tamanho a
perto de guerra como disse, assi por
mar como por terra que lhe fazia el
rey o *Bintão* q̄ estava e hũa pouoa
ção por dentro dũ esteiro q̄ se cha-
ma *Pago* q̄ sae do rio de *Abuar*, e
tinha ali hũa forte fortaleza de ma-
deira, e mandaua sua armada pola
costa de *Alalaca*, e fazia arribar ao
pago todos os jũgos q̄ hião a *Ala-
laca*, e outras quaelq̄r velas q̄ leua-
uão mercadorias ou mantimẽtos,
E por esta causa não hia nenhũa ve-
la a *Alalaca*, pelo q̄ estava e grande
aperto de fome, e valia hũa ganta
darroz q̄ não leua mais q̄ hũa cana-
da hũ cruzado e hũa canada de vi-
uho ho mesmo, e por falta dle auia
dias q̄ndo *Antonio correa* chegou
q̄ não se dizia missa, e os inimigos vi-
nhão muyto amuõde correr por ter-
ra a fortaleza, e por os nossos serẽ
poucos e muyto doẽtes não ousa-
uão desayr a eles / nẽ somẽte fazer
trãqueiras fora da fortaleza pera
dali defenderẽ ho impeto dos iní-
gos, porq̄ temião q̄ ali os tomassẽ
segundo erão muytos e sobejos e
eles poucos por ja a este tpo *Simã*
dãdrade ser partido pera a *China*
e leuar cõsigo toda a gẽte q̄ fora coe-
le da *India*. E por ho capitão de
Alalaca estar neste tamanho aper-
to folgou em estremo cõ a chegada
de *Antonio correa* q̄ com os mâtimẽ-
tos q̄ leuaua da *India* desaliuou al-
gũ tanto os da fortaleza da fome q̄
padecião: e dali por diãte se differã
missas por amor do vinho q̄ leuou,
e começouse de sêtir menos ho cer-

co: e porq̄ os nossos ficassem mais
desapressados tomou *Antonio cor-
rea* cargo de defender hũa trãquei-
ra q̄ estava da bãda da fortaleza hũ
pedaço afastada dela, e cõ sua defẽ-
sam ficauão os da fortaleza liures
dos rebates passados. E assi foy/
porq̄ vindo os inimigos como dâtes
acharão na trãqueira *Antonio cor-
rea* bẽ acõpanhado de spigardeiros
e de bẽsteiros e dalgũas peças dar-
telharia, de q̄ os inimigos receberão
algũ dãno, e por serem muytos ho
não estimarão nẽ deixarão de cor-
rer como dâtes, e q̄si q̄ dauão cada
dia rebates, p̄cipalmẽte despois
q̄ entẽderão ho socorro q̄ era vindo
porq̄ então insistião mais q̄ da pri-
meyra e vẽcer os nossos, porq̄ não
cuydassem q̄ cõ medo do socorro a-
froxauão de lhe fazer guerra, e cõ
isto dauão assaz q̄ fazer a *Antonio*
correa cõ continuo trabalho dos re-
bates q̄ lhe dauão, a q̄ acodia com
muyto perigo de sua vida e q̄brãta-
mẽto do corpo, e fadiga do spirito
porq̄ não comia nẽ dormia senã ar-
mado: cõ tão imẽso trabalho viuẽo
dous meses sem nunca lheneste tpo
matarem nenhũ dos da sua com-
panhia / antes matando ele e eles
muytos dos inimigos: com que se
escarmentarão de maneyra que afa-
starão seu arrayal pera mais lãge,
e afroxarão muyto de suas corri-
das. E ficãdo os nossos mais desa-
liuados da guerra e mais seguros
pareceo bẽ a *Antonio correa* de ir a
Pegu, assi pa assêtar paz cõ elrey
pera os nossos irẽ lá tratar e virẽ
delá mâtimẽtos a *Alalaca*, como
pera os trazer logo pola necessida-

de q̃ auia deles. E despachados os jūgos da China e doutras partes q̃ com sua estada e Malaca se atreuerão a partir, partio se pa Pegú na nao em que fora da Índia / e foy pr meyro a Pacê carregar o pimēta q̃ era bõ emprego pera lá. E carregada a nao partio do porto de Pedir quarta feyza q̃torze de Setembro do anno de dezanoue, e da hí seguiu sua rota pera Pegú.

Capit. xi. Em q̃ se escreue ho rey no de Pegú e seus costumes.



P Stereyno o Pegú he na enseada de Bégala da bāda do sul por o de comarca cō outro chamado Tenaçari / e do norte cō ho de Bégala, de q̃ está ceto e vinte legoas pola costa do mar per hūa pōta q̃ se chama de negrais, e em a do brādo etrão logo em hū rio grāde q̃ se chama Cosmī onde começa ho reyno de Pegú: q̃ tera de costa ate cincoēta legoas. Da bāda do ponēte tem ho mar indico e do leuāte ho reyno de Brama e Dauā, q̃ se estende per hūa corda de serras muy altas q̃ tē desta parte de q̃ ha ao mar em hūas partes trinta e outras corēta legoas, q̃ he a largura deste reyno, em q̃ ha muytas mōtanhas cō grādes matas o alto e espesso aruozedo em q̃ se crião multidão dālifantes, de vacas e bufaras biauas e pōrcos mōteses e veados, com q̃ os da terra fazem muytas mōtarias principalmete os grādes senhores. Ha nester reyno muytas minas douro / mas nã setira polo rey defēder por q̃ nã q̃reria tirar a gēte outros metaís de q̃ ha muytos na terra: e

que se da tambē muyto lacre e muyto fino / e ha nouidade dele muyta e pouca: procede de hū genero o foz migas q̃ ho crião / ho bõ he o canudo / ho somenos he de pão. Ha rōbis sem coto / e os melhores q̃ ha e outras partes / çafiras / espinelas e outra pedraria: de Sião lbe vem muyto beijoim e almiçquere. Ha grādeciação de caualos do tamanho de facas dirlanda / e assi tē ho andar, e todo ho āno nã comē mais q̃ erua: destes se seruē assi na paz como na guerra: dalle nesta terra geralmete muyta soma darroz, e criãse infinitos pōrcos e galinhas grādes e boas, o vacas e outro ga do miudo ha arrezodamēte / e assi ha muyta diuersidade de fruytas: de modo q̃ he muyto abastada de mātímētos, e por isso os leuão por mercadoria pera o de os nã ha. He esta terra toda muyto sādia / assi pa os naturais como pera os estrāgeiros, e nã se cria nela nenbū bicho peçonhēto: he toda cortada de grādes rios q̃ nacē nas serras q̃ disse e deles sam muyto altos, e etra a marē neles: a mayor parte das pouoações sam ao lōgo deles, e se he em parte estreita sam as casas de hūa parte e da outra / e cada casa tem hū paraõ peq̃no pera seu seruiço. A pricipal cidade o todo este reyno se chama Pegú / de q̃ ele toma ho nome situada ao lōgo do rio de Cosmī em q̃ estāo outras cidades notaves assi como Dixāra, que está na pōta da barra / e Dalā mais acima e Pegú quatro legoas da barra / Sirião e Cosmī que está dezoito legoas da costa e ateli chegāo os jū

gos ou naos estrágeiras, e dali vão em champanas da terra ate Pegú q̃ he auante oytêta legoas ou pouco menos. E assi estão outras cidades d' Cosmí ate Pegú a q̃ não soube os nomes / e muytas delas sam cercadas de muros e cobelos a nosa maneyra, e tudo d' cal e ladrilho. Ha outro rio principal ate cincoêta legoas deste, q̃ se chama Marta bão de cujo nome está em sua praya situada hũa fermosa cidade sete legoas da barra tâbê porto principal em q̃ se fazêas jarras martabanas q̃ leuão á Índia / e assi outra muyta louça de massa de porcelana, porêm não tão fina como a da China, nê daquelas cores e pinturas. Nestes rios e em outros muytos ha muytos e bõs pescados diuersos dos nossos saluo saues: vende se ho pescado viuo em paraõs cheos da goa. A gente deste reyno comúmẽte he fermosa / principalmente as molheres: os homẽs sam d' meaa estatura de membros grossos, baços como mulatos fracos pera guerra: suas armas sam espadas de ferro morto do tamanho das nossas e muyto mais largas cõ bainhas de pao: tẽ padefes tão altos como hũ homẽ de coyzos dalifantes cõ verniz por cima e capacetes do mesmo. E também costumão armar a cabeça e costas cõ hũas peles dũs bichos q̃ tem conchas muyto fortes, e landeis acolchoados: tẽ lanças de ferros compridos e pelejão apê e a caualo e em alifantes, e nos rios em paraõs. Tem algũas espingardas e bombardinhas de ferro e algũas poucas de metal com letras chins,

no q̃ parece que aquela terra foy senhoreada deles em outro tẽpo, por que também ha ainda sinos dos chins cõ as suas letras / e assi idolos. Ho capitão que he vencido na guerra quando torna pera sua casa não se ferue polas portas porq̃ se dantes seruia, se não por outras ate restaurar sua honrra. Ha neste reyno grãdes officiaes dosfícios macanicos / assi douro como prata / ferro e pao, e pintores muy singulares. A gête natural deste reyno he gêtia (ainda q̃ algũs sam mouros) adozão idolos d' diuersas feyções hũs de figura domẽ dũ palmo d' altura / e dabi ate do tamanho dũ gigante, e outros tâ altos como a mais alta torre e muyto bem obrados, e estes de cal e tijolo os outros de metal e de pao, e todos dourados e pintados de muytas cores, e deles tẽ tres rostos: e dizẽ os Pegús q̃ significão ao deos grande criador do mundo, e os outros a outros sanctos q̃ forão de boa vida e caualeyros. Adozão tâbê a hũs edificios q̃ chamão varelas feytos ao modo das dos Chins como disse atras, saluo que sam todas mocicãs d' cal e tegelo reuocadas por cima dũ betume de lacre, e por cima dourado douro de pão, e nas pôtas tẽ hũs barões de ferro cõ hũa poma e sombreiro de metal cercado de câpainhas / e nestas pomas metẽ peças douro e pedraria q̃ offrecẽ: a menor varela destas he d' altura de quatro braças, e daquí pera cima em grande quantidade, assi como se escreue que erão as pirâmides do Egipto. Em todas as pouoações deste reyno ha

hũa mayor que todas,
cidade de Begu esta hũa tão al-
ta que se vê a mór parte do reyno / e
capita vey muyta gente em romaria
por hũ certo dia do anno. Estas va-
relas adorão por deos, e dizem q̃
assi como ele he grande assi as fazẽ
grandes, e ao derrador delas ha
casas de idolos e outras em q̃ pre-
gão. Tem esta gẽte tambem outros
templos como mosteiros em que
morão os seus sacerdotes a q̃ cha-
mão Rolis homẽs caridosos, prin-
cipalmente aos estrangeiros, e em
hũs morão trezentos e em outros
quatrocentos: estes trazẽ as cabe-
ças rapadas / e arrancão os cabe-
los da barba: vestem hũas roupas
de mágas quelhes chegão ao peito
do pẽz encima outros panos com-
pidos e estreitos a maneyra desta
las. Estes não conhecem molheres
despois que se metẽ nestas casas e
helhes defeso: viuẽ apartados da
conuersação dos outros homẽs.
Estes mosteiros sam de madeira
muyto fortes e dourados em muy-
tas partes, tẽ finos grandes e peq̃-
nos como os nossos / e deles mayo-
res que os que estão em Santiago
de Saliza, com letreiros e muytos
laoures ao derredor, e vsam destes
finos nas cerimõias de sua seita.
Antrestes Rolis ha hũs principa-
es a que os outros obedecẽ, e em to-
do ho reyno ha hũ sobre todos que
tem por homẽ sancto. Destas casas
hũas tem rãda quelhes dotou quẽ
as edificou / ou dos lugares onde
estão, outras sam pobres / e os que
vivem nelas se mantem de smolas.
Tambem ha destas casas de molhe-

res querogão a deos pelos defun-
tos que as fundarão. Eẽ tambem
outras casas que não serue se nã de-
ter idolos como em tesouro / princi-
palmente hũa em especial em q̃ ha
tantos grandes e pequenos que as-
somão a cẽto e vinte mil, e cada dia
metem muytos que offerecem pes-
soas: a casa em que estão he muyto
grande e de grande comprimento,
cõ hũs poyaes altos de tigelo, e po-
las paredes hũs vãos como alma-
rios cheos de idolos peq̃nos e por
cima os grandes: em cada lugar ha
hũa casa publica que serue de starẽ
nelas ataudes doutra feyção dos
nossos com muytos laoures doura-
dos e tamanhos q̃ sam necessarios
doze e quize homẽs pera os leuar,
e nestes leuão os finados a q̃imar
a certo lugar fora das pouoações,
e segundo a calidade da pessoa assi
leua ho ataudẽ, e assi lhe fazem ho
fogo com que a queimão, que a hũs
ho fazem com sandolos e a outros
com outra lenha. Crem q̃ ha outra
vida despois desta, mas não como
nos cremos, jesuão por sua deuaçã
trinta dias no anno e não comẽ se
não á noyte: neste tẽpo ha muytas
pregações e outras cirimõias de
suas idolatrias. Eẽ que quẽ leua ho
alheo quena outra vida fica catiuo
da pessoa a quẽ ho leuou, tem q̃ ma-
tar cousa viua pa comer q̃ he mao, e
muytas vezes mãda elrey apregoar
por sua deuação q̃ não matẽ nẽ pes-
quẽ / e a pena não se executa muyto
porq̃ quẽ tẽ cargo dissolhes da lu-
gar porq̃ lhe peitã, e por isso afogão
os porcos ẽrios q̃ndo os q̃rẽ matar
nã morren hũa pessoa por justiça, e

quando comete crime porq̃ mereça morte degradão pera os lugares da costa ou pera algũas ilhas. Iha taíra pera hũ homem que mata outro pagar certa cousa segundo a calidade do morto a seus erdeiros ou a seu senhor/ todo ho natural deste reyno que tem senhor quando morrer he fica a fazêda/ e os herdeiros fazem hũ presente ao senhor segũdo he a cantidade da fazenda, e ele lhe faz mercede dela: e desta maneyra do pião ao caualeyro, e dahi pera cima ate el rey. Casamos homẽs cõ hũa só molher, e deles com duas e tres o que os outros tem por má cousa: ao tempo que as molheres andão pera parir lhes fazẽ no quintal das casas em quemorão hũa casa de terra e canas como sam as outras/ e nestas estão trinta ou corenta dias despois de paridas/ e tem por mal entrarem em suas casas sem passarem estes dias. A gente deste reyno comũmente he bẽ ensinada e de melhor condição que outros nenhũs gentios/ e falão verdade/ e mais chegada aos nossos costumes que outros algũs, e comẽ o que nos comemos o que outros não fazem: e parece q̃ serião Chriştãos sem trabalho se os conuersassem e doutrinassem / tratasse todos bem. Iha antreles homẽs letrados em outra lingoa que tem a fora e propria como antre nos ho latim, e screuẽ em papel com tinta e tem escripturas antigas: a cortesia que vsam he levantar as mãos diante do rosto, e se a pessoa he de mór calidade que a que lha faz não responde assi, mas faz hũ geito disso: vsam de muyta

polícia os nobres em seu seruiço/ e seruense das portas a dẽtro com anãos de que ha muytos no reyno/ e assi com molheres pequenas couadas detras e diante e quebrãnas em crianças pera este fim porq̃ não emprenhem, e nestas tem suas senhoras grande confiança. Tem estes nobres muytas maneyras de folgar a fora montear q̃ costumão muyto/ e hũa he meterense em paraós que tẽ, assi grandes como pequenos deles de hũ soo pao, e d tal maneyra que leuão por banda cem remeyros de pãgayo/ e dourados e pintados, e no meyo hũa casa de madeira do mesmo modo, e nas proas hũa deuusa: e ha outra feição de paraós que tem por cima outra ordem de remos compridos, e os remeyros vestidos de libre. E metidos os senhores nestes paraós/ apostão com outros a quem mais remara, e leuão instrumentos que tãgem e remão ao seu som: cousa muyto pera ver/ e el rey vay ver esta festa a hũa casa que tem pera isso no meyo do rio, e ali está ho preço da aposta, e os iuyzes que ho determinão. E os da aposta sam muytos, e infinita gente polorio e pola terra a ver esta festa em que se fazẽ grãdes gastos. Andão estes senhores em andores muyto ricos pintados e dourados/ deles cubertos e outros descubertos e leuãnos dez e doze homẽs. Iho andor del rey e de seus filhos sam deferentes dos outros e terẽ os tirãtes forrados de marfim, e tẽ por honrra irẽ acompanhados de muyta gente de pé: os estrãgeiros não podẽ andar nestes

andores se não per merce del rey. Neste reyno não se laura moeda, e correm por ela hūas bacias velhas de q̃ se leruirão e sam de fuzileira/ por peso se compra tudo coelias: ho peso comū se chama biça q̃ he dous arratēs e meyo e tem cem míticaes e comprado ē ouro e leuado a Cho ramandel ou a Índia val de mil e quinhentos ate mil e seyscētos r̃s como outra mercadoria. Ha neste reyno grandes e ricos mercadores que tratão todos em lacre, e na pedraria que disse, e em almisquere/ouro, prata e beisoim, e mantimētos/ e jarras martabanas e outra louça branca que se faz na terra: e todas estas mercadorias vem doutras partes, de que trazē emprego de cousas q̃ não ha na terra. Elrey he gētio e serueffe cō grãde estado/ poucas vezes tem guerra com seus vezinhos: ho mais do tempo reside na cidade de Pegu em que tē hūs muyto grandes paços de madeira aleuantados do chão muyto polidos com ouro e pinturas: sam cubertos de telha mourisca, tē grãde terreyro diãte, e ao derredor deles sam tudo alpēderes ou estrebarias dalifantes e de caualos. He muyto dado á caça, principalmete dalifantes/ de que toma muytos e feytos mansos manda vender os que lhe sobejão: traz na sua corte muytos fidalgos e senhores: tē por agouro ver abutre, e por isso nos seus paços estão sempre vigias pera q̃ os enxotem. Tem por costume ho principal senhor do reyno ser amo do príncipe e sua molher lhe dá ho leyte, porq̃ sendo seu amo não aja trei-

ção por sua causa. Serueffe elrey de capados de Bengala que vem por tempo a ser grãdes senhores no reyno e a mandalo: e acha elrey q̃ lhe sam leaes/ e que não pretēdē se não seu seruiço porque não tem outrē. Em hūa cidade deste reyno a q̃ não soube ho nome está junto dela na borda de hū grande rio hū templo e diante dele no rio ha hūa grande soma de peixes quasi do tamanho de tubarões que tem tres ordēs de dentes e as bocas muyto grãdes/ e sam tão domesticos que batendo com a mão nagoa e chamando os por certo nome, acodem muytos a brindo a boca, e a gente lhe mete arroz nela. Couisa muyto pera espantar por horio ser grande e de maré perto do mar não se mudarem dali e serem continos: e dizem que sam daquele templo, e tem que quē mata algū que não viue despois hū anno.

Capit. xij. De como Antonio correa assentou pazes e Pegu.



Artido Antonio correa pera este reyno d̃ Pegu foy surgir na barra de Martabão a vinte sete de Setembro, onde as agoas correm tanto que em deitando ancora acēdeo ho auste fogo no escondem, e ele furto acodirão logo pilotos da barra pera ho meterē no rio como meterão, e foy surgir diãte d̃ Martabão, e dali mandou por embaixador a elrey de Pegu que estava bē corēta legoas polo sertão a hū Antonio paçanha natural Dalanquer e por seu escriuão hū Belchior car-

ualbo, e pa ho acõpanharẽ algũs dos nossos ate sete ou oyto, e assi forão coelepíães da terra. E chega do Antonio paçanha á cidade de Pegu falou a elrey / e depois de lhe dar hũ presente que lhe leuaua, lhe deu a ebaixada da parte delrey de Portugal, cuja conculsam foy assentarẽ amizade e trato / e que pera isso hia aquele seu capitão Antonio correa q̃ ficaua no porto d' Martabão, onde poderia mandar hũ ho mẽ principal de seu reyno / pera q̃ ambos em nome delrey de Portugal e dele assentassem as pazes. Do que elrey foy cõtente, e despachou logo pa isso a hũ camibegão principal de sua casa / e assi ho rolaç mór do reyno, que como disse tempo santo pola grande austinẽcia q̃ faz. E chegados todos a Martabão viose Antonio correa em hũa mezquita com camibegão e com ho Roliz mór. E leuou consigo ho seu capelão com sua sobrepeliz / por que ele e ho Roliz auião tambẽ de jurar as pazes em suas leys / e na mezquita se assentarão todos quatro no chão sobre hũa alcatifa. E camibegão tirou de hũa buceta de marfim hũa folha d'ouro batida do tamanho de hũa nossa de papel escripta de suas letras, em que se cõtinhão os capitulos das pazes da parte delrey de Pegu q̃ ele auia de jurar: e disse a Antonio correa que lha mandaua elrey de Pegu pera a leuar ao gouernador da India q̃ a mandasse a elrey de Portugal / e ho Roliz disse q̃ prouuesse a deos que fosse aquilo por bem. E tudo isto declaraua hũ lingoa, e logo ti-

rou hũ grande maço d'olas em que estaua escripta sua leita: e as letras erão tudo os com pontos hũs com mais outros com menos: e ele e camibegão e Antonio correa poẽdo todos tres as mãos sobre aquelas olas jurarão cada hũ por si em nome de seu rey de manterẽ e goardarem a paz e amizade segundo se continha nas capitulações. E depois fizeram ho mesmo juramento Antonio correa, camibegão e ho nosso capelão sobre ho cançoneiro geral q̃ ho capelão acertou d'abrir nas obras de Luyz da silueira: na que fez sobre ho ecclesiastes d' Sala mão q̃ começa vaidade das vaidades, e não quis que fosse ho liuro dos euangelhos / porque lhe não pareceo rezão jurar por eles a quẽ não cria neles, e mais porque sabia que aqueles não auião de goardar ho iuramẽto se não em quãto lhes fosse necessario gardalo. E juradas as pazes / e ficando os nossos em grande amizade com os da terra começou se antreles ho trato: e ficou aqui Antonio correa ate ho mes de Junho do anno de vinte que era a moução pera Malaca.

Capit. xiiij. De como Antonio pacheco e outros forão cativos pelos Achẽs e a causa porq̃.



Depois de partido Antonio correa pera Pegu Afonso lopez da costa capitão de Malaca que estaua muyto carregado cõ Antonio pacheco ser capitão mór do mar q̃ lhe auia medo por ter dous irmãos

e sentia de si que por sua forte condição lhe podia dizer alguma cousa de que se elcandalizasse, e levantar-sebia contrele. E deitando sobristo suas contas achou que ho melhor seria não ho ter ali, e por isto buscou achaque pera fazer autos dele, dizendo que ho desacataua / e q̃ ja se leuantara cōtra humo vaz pereyra sendo capitão / e prēdeo ho e preso ho mandou pera a Índia na nao espera de que era capitão Gaspar da costa irmão dele Alfonso lopez / e indo de viagē forão dar hũa noyte na ilha de Gamispola onde se perdeu a nao / e a gente se saluou. Estãdo ali sem remedio pera se tornarē a Malaca forão hi ter certas lâcharas delrey Dachē, que andauã dar mada / e como erão inimigos dos nossos pelejarão coeles, e por serē muytos os matarão despois de se defenderē muyto bē / e matarē muytos inimigos. E ātonio pacheco, Gaspar da costa, Diogofernãdes, Brigozio gonçalues do Algarue / e outros tres d̃ muyto feridos cayrão, e assi os tomarão e forão catiuos. E despois os mandou Garcia de sa resgatar sendo capitão de Malaca na vanguarda d'Alfonso lopez da costa, que adoeceo despois d'isso: e porq̃ sabia quão difficultosamente ali auia da uer saude polos ares de Malaca serem muyto roins / determinou de seir pera a Índia pera ver se podia lá sarar. E porq̃ não tinha em q̃ se ir reconciliou cō Garcia de sa, com quē estaua mal: e cōcertou coele que lhe daria ho tēpo q̃ tinha por seruir da capitania: e q̃ lhe desse ele a sua nao. E sabendo isto ho alcaide mōr

quisera ir á mão a isso: e poerse em dereito cō Alfonso lopez: e ābos ouerã sobristo palauras rois. E por derradeiro a capitania ficou a Garcia de sa: e Afonso lopez partio pera Cochim em Dezebrio do āno d̃. xix. e la morreo despois, antes q̃ ho gouernador chegasse do estreito.

Capí. xiiij. Do q̃ ho gouernador fez em Cochim na entrada do verão: e de como Antonio de salda nha chegou Dormuz.

De terminãdo o gouernador de ir no āno seguinte a queimar as galēs dos rumes q̃ estauão e Juda e fazer hũa fortaleza, fez se prestes na q̃le inuerno do āno de. xix. e passa do ho inuerno, porq̃ não podia partir senão dali a cinco meses, mādou entre tãto fazer guerra á costa de cābaya porhũ fidalgo chamado Chri stouão de sa, que agora he frade da ordē de sam Frãcisco / a q̃ deu a capitania mōr de tres galēs: cujos capitães a fora ele forão dō Jorge de menezes / e Jorge barreto d̃ beja: e mādoulhe q̃ na entrada de Janeiro fosse coele em Goa. E a causa do gouernador mādaz fazer esta guerra a cābaya era / porq̃ Beliquiaz capitão de Diu cōtra as pazes q̃ assētara cō Alfonso dalbuquerque q̃ trazia dissimuladamente fustas pola costa q̃ matauão os nossos se os achauão de bōlão, e tomauão as naos de nossos amigos / finalmete q̃ era hũa guerra encuberta: e porisso ho gouernador mandou a Cristouã de sa q̃ não perdoasse a nenhũa cousa de Cābaya: o q̃ ele fez assi despois q̃ foy na

costa/ e desejava muyto de topar
cô hequegi capitão das fustas de
Abeliquiaz q nũca ouson de sair sa-
bêdo q Christouão de saã daua po-
la costa/onde fez muytas presas e
matou muytos mouros, e depois
se foy o Goa como lhe ho governa-
dor mandara: e també na entrada
do verão chegou Antonio de salda-
nha á póta de Diu vindo Dormuz
õde fora inuernar, e ali fez algũas
presas cõ os seus capitães, principal-
mente Diogo de saldanha seu sobri-
nho capitão de hũa nao, e Lourê-
ço godinho capitão de hũa caraue-
la/ q abalroarão ambos hũa nao
de mouros q foy ter á barra d Diu
e aferrando a pelejarão cõ os mou-
ros q se desfederão hũ pouco/ e des-
pois se rēderão e os nossos capitães
ẽtrarão a nao e a roubarão de
muyto dinheiro, e nã foy tão secre-
tamēte q ho não soube Antonio de
saldanha, e fez sobrisso tantas dili-
gências q ouue a mayor parte do di-
nheiro/ e dahi se foy a Goa e de
Goa a Cochim ao governador q lá
estaua.

Capit. xv. De como partio de
Portugal por capitão mór da ar-
mada da India Jorge dalbuqr-
que, e de como dõ Luys de guz-
mão arribou ao brasil por lhe q-
brar ho leme.



Este anno de mil e qui-
nhētos e dezanoue par-
tio pera a India hũa ar-
mada de dezasete velas
grossas de q foy por capitão mór
Jorge dalbuquerque q que ẽ tẽpo Da-
fonso dalbuquerque fora capitão de
Malaca, e hiaprouido da mesma

capitania na vagãte Dafonso lopez
da costa. Forão os capitães da fro-
ta ho doutor Pero nunez pera vé-
dor da fazenda da India cõ hũ regi-
mēto em que el rey tiraua ao gover-
nador todo ho poder/ e mado que
dantes tinha na fazenda e ho daua
a ele Pero nunez, e assi ho auia por
isento da jurdição do governador
nos casos ciueis e crimes. E coeste
officio leuaua mil cruzados por de-
nado cadãno/ e q podesse mandar
cadãno polo India cẽ quintaes de
pimenta cõprados polo seu dinhei-
ro/ e assi cẽ quintaes de cobre que
compraria a el rey pelo preço q lhe
custauão na casa da India, e q mã-
dasse cadãno a Portugal tres cai-
xas forras e dous escrãnos, e leua-
ua vinte homens pagos aa custa del
rey pera ho acompanharẽ. Ho ou-
tro capitão foy Diogo fernãdez de
beja pera capitão da fortaleza que
el rey de Portugal cuydava que es-
taua feyta ẽ Diu/ Rafael catanbo,
e Rafael perestrelo pera irẽ aa Chi-
na nas naos em q hião: e ho outro
capitão q hia em hũa nao de dõ Au-
no Manuel/ Pedreanes frances,
Christouão de mēdonça, Manuel
desousa/ Pero da silua/ Jacome
tristão, dom Diogo delima, Lopo
de bruto pera capitão de Ceilão/
João rodriguez Dalmada, Garcia
chainho pera feytoz de Malaca, e
outro capitão a q não soube ho no-
me/ e dõ Luys de Guzmão hũ fi-
dalgo castelhano q hia ẽ hũ galeão.
Partidas estas naos de Lisboa ar-
ribou dõ Diogo delima a Portu-
gal/ e nã foy aqle año: e os outros
seguirão auãte todos em conserua

ho mais do tẽpo, saluo dõ Luys de guzmão q̃ logo se apartou: e auẽdo quinze dias q̃ passara as Canarias: ouue vista de hũa carauela. E sabẽdo dõ Luys do seu piloto, q̃ era da Abina e ho dinheiro q̃ poderia trazer / disse q̃ pera q̃ querião mais India q̃ tomala, e irense polo estreito de Gibraltar, e em leuãte se farião mais ricos. E isto disse secretamẽte ao piloto como q̃ ho atentaua pera ver se ho faria: e ho piloto fez q̃ cuydaua q̃ ho dizia zombando / e assi lhe disse tambẽ que não tomassem a carauela. Este piloto era Portugues natural de Lisboa, e parecia dolhe muyto malo q̃ lhe dissera dõ Luys em se apartando dele ho cõmunicaõ cõ quatro irmãos q̃ hũão no galeão naturaes Deuora, cui os apelidos erã galuões caualeryos muyto efforçados e de grandes espíritos / porq̃ isto sempre foy natural nos deste apelido: quelhe prometerão / q̃ se dom Luys quisesse fazer o q̃ não fosse rezão q̃ lhe resistirão. Estes se apartarão logo da cõuersaçãõ de dõ Luys e não comerão mais coele nẽ jugarão, em tanto q̃ bẽ entendeo ele q̃ ho entẽdião / e q̃ lhe compria dandar deryto / porq̃ lhe nã auião de soffrer outra cousa / pelo q̃ determinou dõ fazer corpo de gente q̃ teuesse de sua mão, e fez hũ rol de todos os castelhanos q̃ hũão no galeão e achou serẽ cincoẽta: e aestes mādou dar do vinho e da agoa q̃ ele bibia q̃ era ho melhor dizẽdo q̃ ho fazia porq̃ erã fidalgos: e assi começou de fazer outras sobberbas aos Portugueses. E a prímeira despois desta foy querer to-

mar hũa pipa dagoa e outra de vinho a hũ Francisco fernandez ouriuez q̃ fora seu ospedeẽ e Lisboa e lhe fizera lá muytos seruiços, e pera lhos pagar ho fizera ir á India. E tomadolhe ele assi ho seu vinho e agoa / por se queixar disso, dizẽdo q̃ outras merces esperaua dele, que sera ho mandar meter na bõba. E logo acodio ho piloto com os galuões, dizẽdo q̃ não fazia justiça cõ soõ quelho não auião de cõsentir. E receando dom Luis que ho fizesse / e que se leuantasse a gente coeles, porque os que tinha por si erã poucos dissimulou cõ Francisco fernandez e não lhe tomou as suas pipas nẽ ho mandou meter na bõba, e disse ao piloto que pera q̃ trazia punhal: e isto por hũ que trouue da quele dia em q̃ lhe disse que tomassem a carauela da Abina / e respondeolhe muyto crespo: q̃ queria ele ao seu punhal quelhe não fazia nenhũ perjuizo: mas q̃ fizesse ele como fazião os frades q̃ todos bebiã ho vinho roim e ho bõ, e q̃ nã auia antreles excepção, e assi fazião os q̃ hũão pera a India: e q̃ se não daua vinho escolhido nẽ agoa se não aos capitães e ao piloto e mestre, e selho não quisesse dar q̃ lhe não daua nada / porẽ que folgaria de ho ver dar a outra gente. E dõ Luys se calou / nẽ nenhũ dos seus não falou nada: e dali por diante sempre ouue desgostos atre ho piloto e ele e ele não ousaua de bolir polo ver homẽ desprito. E indo assi tanto auãte como ho cabo de boa Esperança, lhes sobreueo hũ temporal com q̃ lhe quebrou ho leme por baixo da

cana obra de hũ couado: e por dali por diante não governar bẽ (ainda q̃ ho remediarão) disse ho piloto q̃ se não atreuia a dobrar ho cabo cõ aq̃le leme/por aquella tormẽta não ser nada pera outras que auiaõ de vir/ e por isso fez ho capitão conselho sobre arribarẽ, e acordarão q̃ arribassem ao Brasil porq̃ dali não perderião viajẽ e irião inuernar a Boçambiã: porq̃ tornado a Guiné, onde algũs dizião que tornassẽ auiaõ o tornar a Portugal. E coeste acordo se fizeram na volta do Brasil, de que ouuerão vista despois de trinta dias/ e correndo algũs portos dele sem acharẽ madeira de que podessẽ fazer leme/ forão ter a hũa bay a grãde õde ho piloto/capitão e carpinteiro sayrão a ver a terra cõ obra de trinta homens: e despois de acharẽ muyto aruozedo de que se poderia fazer ho leme/ em se querẽdo tornar ao galeão, parecẽdo ao capitão q̃ se poderia ali vingar do piloto das deferenças que teuera coe leuolhe a falar nelas, e a dizer-lhe más palauras. E ho piloto posto q̃ não tinha da sua parte mais q̃ hũ primo seu e ho carpinteiro, e ho capitão tinha os outros que erão vinte seys, não lhe soffreo o q̃ lhe dizia, e leuãdo de hũa lãça que trazia enrestou no capitão que arrancou da espada/ e assi os da sua parte: e ho primo do piloto e ho carpinteiro fizeram ho mesmo, e começaram se antreles hũ brauo jogo de cutiladas, que ho piloto era valẽte homem e fazia terreyro cõ a lança e ho primo e carpinteiro lhe goardauão as costas. E que vẽdo ho capitão/

e q̃ nã se acabaua a cousa tão asinha como ele cuydaua/ disse ao piloto. Na irmão comigo. E ele respondeo cõnosco pe fatal. E coisto lhe come-teo ho capitão amizade e a fizeram logo, e jurarão todos de ter segredo no que passara/ porque se não escandalizasse do capitão a gente do galeão/ que ficou ho carpinteiro ferido, e por isso se não pode ter segredo e q̃si que serõ peo, mas como nã foy de todo ninguẽ fez cõta disso.

Capit. xvi. Das brigas que dõ Luys õ guzmão ouue cõ ho seu piloto, e de como os brasís matarão pto de sessẽta dos nossos.

Passado isto mandou ho capitão ho mestre a terra pera mãdar fazer ho leme e leuou ho carpinteiro alli ferido como estaua, e forão coe leuõs bombardeiros que leuarão dous berços com que fizeram hũa estancia pera se defenderẽ se a gente da terra lhe quisesse fazer mal: e isto porque sabião que de sua natureza comẽ os estrangeiros. E começãdo se de fazer ho leme começou de crecer muyta gẽte da terra/ que he da maneyra que ja disse no liuro primeyro, e auia aqui formigas muyto grãdes e peçonhẽtas, e cria uão em aruozes em ninhos que hi fazião da feyção q̃ antre nos os fazem as andurinhas. Trazia esta gẽte os mantimẽtos q̃ auia na terra, como tambẽ cõtey a tras/ e dauãnos aos nossos por anzolos/ alfinetes e outras cousas baixas, e não auia quẽ os entẽdesse se não por acenos,

e de cada vez crecião mais a ver os
 nossos e ho galeão: de q se muyto
 espantauão mostrando q nunca tal
 virão/ e conuersauão com os nos-
 sos pacificamente e eles coeles/ e
 forão algũs a hũa pouoação q esta
 ua dali a hũa legoa. E auendo oyto
 dias que se isto cõtinuaua leuou ho
 piloto ho leme velho a terra pa lhe
 tirarem os ferros q tinha pera ho
 nouo que se acabaua: e não podêdo
 os nossos alalo pela area em q ato-
 laua muyto ajudarãlhe duzentos
 Brasís mandando os a isso hũ que
 os chamou cõ hũa cabaca chea de
 pedras com que fez muyto grande
 rogado/ e destes auia muytos átre
 aquela gente. E alado ho leme õdes-
 taua a estancia dos nossos foy se ho
 piloto ondestaua ho arrayal dos
 Brasís que era de redes armadas
 sobre estacas ou presas a aruozes/
 e nelas dormião. E vendo os Bra-
 síis hũa mulher que ho piloto leua-
 ua todos se chegauão a vela como
 a cousa noua e dizião tumargatu q
 parece que antreles he palaura des-
 panto. E estado assi chegou hũ ho-
 mē que parecia de corenta annos al-
 to de corpo e bem desposto e nũ, e
 trazia ho cabelo enrrodilhado ao
 derredor da cabeça, e trazia hũ cin-
 to dlobo marinho forrado dosso
 dalimarias/ e na cinta hũa espada
 despinha de peixe de cinco palmos
 de comprido e na mão hũ manchil
 de ferro muyto velho: e em chegã-
 do q falou, logo todos os outros se
 calarão e estiverão pròtos a ouuir
 o que diria, no que pareceo que era
 seño de les, e logo foy dali hũ bra-
 dando como pregoeiro/ e quantos

ho ouuião se assentauão calados a
 ouuir o qpregoaua. Isto feyto mã-
 dou este que parecia rey ou senhor
 dar ao piloto muyta soma de mõi-
 mentos/ e isto segũdo parecia cuy-
 dando que fosse ho capitão do ga-
 leão, porq ele leuaua hũ pelote ver-
 melho e hũa espada na cinta/ e hũa
 adarga noua embracada, e os ou-
 tros nossos ho acompanhauão/ e
 dandolhe tambẽ ho piloto dessas
 cousas q leuaua tornouse pera õde
 se fazia ho leme. E estando comẽdo
 chegou ho carpinteiro (que adaua
 ja em pé) do arrayal cõ outro nosso
 e disserão. Day ao demo esta gente,
 q nos leuarão a hũa aruozem cujo
 pé auia hũa abelheira, e acenarã-
 nos que fizessemos ho buraco mór
 do que era: e feyto cõ hũa machadã
 nha q tirauão os fauos disserãnos
 que nos fossemos/ e não querendo
 nos fazelo logo encararão bẽ cento
 os arcos em nos cõ as frechas em-
 bibidas, e por isso nos viemos. E
 dizendo mais que se despachassem
 dali e q se acolhessem ao galeão, e q
 não fosse mais ninguẽ ao arrayal:
 cõtrariou lhes ho piloto/ dizendo q
 era muyto boa gẽte e pacifica. E a-
 cabado de comer tornouse ao arra-
 yal cõ certos dos nossos, dõde dahi
 a obra de hũa hora vẽ grande nu-
 mero de Brasís a correr e gritado y
 trazẽdo algũs as armas do piloto
 e de seus companheiros como que
 os deixauão mortos, e dão sobre
 os nossos que erão sessenta e tres q
 estauão na estancia, donde começa-
 rão de jugar os berços que não fi-
 zerão nenhũ noio nos inimigos por
 se baquearem todos, e como erão

muytos inuestirão com a estancia, de que os nossos se começarão a defender ás cutiladas o q̃ fizeram por espaço de hũa hora recolhendo se á praya: e neste tempo poucos e poucos forão dos nossos mortos cinco e tres, e os dez q̃ ficauão se lançarão ao mar e antre eles forão ho mestre e ho carpinteiro, q̃ com os oytos se saluarão no batel, q̃ chegou nesta conjunção: e ho mestre se foy logo ao galeão, e disseo ao capitão / a q̃ não pesou nada da morte do piloto e dos galuães e dos outros q̃ hião coele por se ver desapressado pera o que parece q̃ ja determinaua de fazer / e ele foy a terra cõ corenta homens pera trazer os lemes, e os inimigos se afastarão com medo porque hião todos armados e recolherão os nossos os lemes e do velho acharão menos hũa femea, e assi a ferramêta do carpinteiro e do calafate. E tornado ho capitão ao galeão de teuesse ainda ali tres dias pera se acabab ho leme, e nestes dias reparatio ho fato do piloto polos castelbanos de sua valia / e pera si tomou hũ pelote de graã, que mādou desmanchar e fazer pola feyção dũ q̃ tinha a figura do Samadís dũ gauila q̃ estaua pintado embũ seu liuro, dize do q̃ no mundo auia dauar dos Almadiães, e q̃ hũ era ja morto, e ele era ho outro / e coisto outras muytas rebolarías: e sabendo dũ marinheiro chamado João velho que ho leuariã a Boçambiã deu-lhe a pilotajẽ do galeão e partio se despois do leme acabado. E auẽdo cinco dias q̃ partira sem fazer caminho se não ao mar / fez meirinho do

galeão a hũ castelhano chamado sãto torrezno / porq̃ morrera no Brasil o q̃ ho era: e logo aq̃le dia atarde ho meirinho pedio a todos da parte do capitão as chaues das caixas dizendo q̃ as queria ver pera ver se achaua nelas fazẽda q̃ era furtada dos q̃ morrerão em terra / e cuydãdo todos que era aquilo assi lhe derão as chaues leuemente: e auidas pelo capitão mādou tomar quãtas espadas / punhaes e coyracas os nossos leuauã nas caixas: e isto aos portugueses somete, pelo q̃ algũs deles se forão ao capitão, e disserã lhe que pera q̃ lhe tomaua as armas e ele respõdeo q̃ pera não pelejarem hũs cõ os outros: e se não fizessem mais maos recados do q̃ erã feitos

Capit. xvij De como dõ Luys dõ guzmã se aleuãtou cõ ho galeão de que hia por capitão, e do q̃ fez aos portugueses q̃ ho não quizerão seguir.



sto feyto logo ao outro dia pola menhaã amanheceo ho capitão na tolda armado embũ arnes transado, e hũ estoque nuu nas mãos, e coele cincoenta armados os mais castelbanos e os outros estrangeiros de que se confiou: e fez vir diante de si a frãcisco fernãdez ourinez / cujo ospede fora em lisboa: e despois de lhe mandar deitar hũs grilhões lhe disse q̃ se cõfessasse porq̃ ho auia de matar, porq̃ tinha determinado de lhe dar a morte cõ o piloto e cõ os galuães pelas rezões que passarão. E sem ho mais querer ouuir ho mandou

confessar por hũ clerigo, que estaua cercado daqueles armados. E ho capitão passeaua pola tolda rezado muyto alto, e de quando em quando apressaua ho clerigo que acabasse a confissam. E neste tempo os Portugueses estauão no conués muyto tristes vendo e ouindo tudo o q passaua, e por não terem nenhũas armas não podião resistir ao q ho capitão fazia: e etão virão que por lhe não resistirem lhe tomarão as armas e acharãse muyt alçados, e como eles estauão desarmados e os castelhanos armados deixarãse estar no conués, e tambem porque algũs q quizerão subir á tolda os nã deixarão os castelhanos per mādado do capitão, q não fazia senão apressar ho clerigo que acabasse de confessar ho seu ospede, e ele se detinha pa ver se se lhe bria aq̃la furia, e não se lhe indo acabouse a confissam: e acabada soyse ho capitão ao seu ospede q ho esperou assentado e g̃olhos com as mãos alenatadas pedindolhe pola paixão de nosso senhor que ho não matasse, e ele não dando por isso com muyta crueza lhe tirou hũ reues com ho estoque que tinha: e cortouhe hũa mão cõ q se ele quiseria emparar, e chegouhe às queixadas, e logo ho vazou com hũa estocada com que morreo, e apos isso ho mandou deitar ao mar. feyto isto despejou a tolda dos armados pera ho conués ficando so na tolda com ho mestre a q mandou dar ao apito: ao que se todos ajuntarão ao pé do masto per mandado do capitão, q lhes disse. As leys imperaes e as q agora fa-

zem os reys defendem com graues penas os leuantamentos cõtra os reys e príncipes, ou contra os que tem suas vezes, principalmente cõtra seus capitães q andão na guerra, ou que vão parela: porque pera ela ter boõ effeyto ha dauar tanta paz antre os que a hão de fazer como em hũ conuento de frades, por que doutra maneyra em vez de a terem com os contrairos a terão consigo, e por isso em leuante onde se a guerra mais exercita que e outras partes. Os capitães tẽ tamanhos poderes que por muy pouca cousa enforção soldados, e lhes mandão cortar as cabeças, quãto mais por tamanhas como he leuantarse contra hũ capitão: e porque eu soube certo por proua abastante pera mi que aquele homẽ me queria matar ho matey e nã por crueza como cuydarão algũs, porque eu tinha recebido dele boas obras sêdo seu ospede, e isto me lembraua pera ho saluar se podera, mas não pude porq̃ hũ tredoro não se pode poupar por mais boas obras que tenha feytas: e se não castiguey este delito logo como ho soube foy porque erão mais na conjuração, e ho principal era ho piloto de quem não podia fazer justiça por ser a segũda pessoa depois de mim e mais poderoso que eu: e se eu quiseria castigalo como merecia ouuera bandos e perderamos nos todos: e Deos que sabia a determinação que ele trazia contra mi sem lho eu merecer permitio q morresse no Brasil tão neiciamente como morreo, que ho mau pensamento que trazia ho cegou pera q

não conhecesse que ho auião de matar mostrádo ho nosso senhor tão claramente: e porque aquella peçonha que ainda ficaua naqle homem vos não empeçonhentasse a todos ho matey / no que fez o que deuia / porque com sua soo morte atalhey as de muytos / e não pus a couisa em processo de justiça, porque a proua não era bastante pera ho condenar por esta via, e ajudey me das leys da guerra e do poder que dão aos capitães, de que sey que el rey de Portugal não deixa vsar aos seus / e não quer que va tudo senão per via ordinaria de processos / e não perdoa a homem que mata outro, e por isso eu não ousarey de tornar diante dele, nem menos dir aa Índia diante de seu governador / e quero me ir a outra Índia que he mais segura e onde todos faremos mais proueito / e esta he no mar de leuante onde andaremos a toda roupa, e eu vos seguro que em hũ anno ganhemos mais do que valera a carregada da especiaria que este galeão podera trazer da Índia / e ali leuaremos muyto boa vida refrescãdo cada dia em terra o quenão ouuera mos de fazer na Índia, por isso que quiser ir comigo diga mo / e quem não tambem / porque eu lhe dou a fee de fidalgo delhe não ter por isso má vontade, e de ho deitar na primeyza terra que tomarmos. Isto dito chamou logo cada hũ por seu nome pera fazer rol dos que quisessem ir coele e dos que não, e aos q̃ lhe dizião que si daua juramêto de lhe serem leaes e morrerem coele / e soos dezaseys Portugueses ouue

quenão quiserão ir coele nem ele os pode conuerter a isso por mais que lho persuadio, e outros ouue que se assentarão no rol dos que auião dir, e a estes que não quiserão lhe mandou lançar grilhões / dizendo que ho fazia por não fazerem algũa reuolta / prometendo de os lançar na primeyza terra que tomasse: e pera os ter mais seguros do q̃ ele receaua mandou os meter de noyte em hũa corrente e dormião no conués, e mandou poer ao peo do masto hũ mandado seu e assinado por ele, em que dizia que dali por diante qual quer Portugues que fosse ao fogão em quanto lhe fizessem de comer que fosse acontado e pregada a mão dereyta no masto, e a mesma pena teria todo o q̃ de noyte não dissesse: ou da vigia / sou foão vou fazer tal couisa, e quem como fosse Que Abaria por nao não fosse requerer sua regra / e quem mistasse na amurada do nauio. E dalf por diante como quem se temia tinha de contĩno doze homens armados que ho goardauão aos quartos. Diuulgado este mandado acertarão dous Portugueses de pelesar no fogão e ele os mādou acontar / e pregar as mãos no masto. Do q̃ os Portugueses ficarã muyto indignados contrele / e se arrepedarão muyto de se assentarem no rol, nem lhe darem as fés de lhe serem leaes / porq̃ vião quelhe não goardaua a quelhes dera, e conceberão tamanho odio contrele que ho matarão se teuerão armas / mas não as tinhão / que cõ q̃nto se assentarã pa irẽ coele / ele não se fiaua deles.

Ecada dia enuentana achagues pe-
ra lbes fazer mal/ porque ho não
queriã seguir, com quanto lbes deu
lua fe/ que lbes não tiuesse por isso
mã vontade.

Capit. xviii. De como dō Luys
mandou enforcar cinco Portu-
gueses: e do mais que fez: e de co-
mo deixou ho galeão e fugio.



Etornado dō Luys de se levantar dis-
se ao mestre do galeão
que se tornassem/ e q
ho metesse polo estre-
ito de Sibraltar/ porq̃ la ele sabia
por onde auia de ir, prometendolhe
de lhe cortar a cabeça se ho assi não
fizesse. E ho mestre não podendo al-
fazer/ lhe pediu hū estormento pera
sua guarda, e saber el rey de Portu-
gal que ele não tinha culpa: e ele lhe
deu logo ho estormento ho mais au-
tentico que pode ser: e dali fezerão
volta peraponete. E indo assi disse
hū dia dom Luys que ele sabia que
os presos determinauão de ho ma-
tar: e por isso os queriã mandar en-
forcar que se cōfessassem: e logo mã-
dou dar tratos de polé a hū deles
cō doze camaras de falcão/ pera q̃
confessasse a verdade se ho queriã
matar: e dissesse se sabia se entraão
todos nesta conjuração ou deles.
E com dōr dos tratos o que os re-
cebia disse sem ser assi/ que os da cō-
juração erão trinta. E nisto se pare-
ceo que com medo ho dizia/ porque
os nossos não erão mais dō desaleis
e os outros não falauão coeles. E

porisso disse dō Luys q̃ndo lho ou-
uiu q̃ la bião algūs dos leus: e man-
dou logo chamar hū João esteuẽs
portugues, que cuidando q̃ era pe-
ra lhe dar tratos se deitou ao mar.
E então affirmou mais dom Luys
que era verdade o q̃ dizia: e mãdon
enforcar cinco dos presos, e querẽ-
do enforcar ho carpinteiro do gale-
ão, pediram lho os castelhanos, di-
zendo que lhe desse a vida, pois fize-
ra ho leme sem que não poderão na-
uegar: e dom Luys lha deu, e aos
outros que estauão pera enforcar: e
dali por diante deixou os outros: e
indo ja na volta das ilhas/ desejan-
do ho mestre de lhe fugir/ disse lhe
que ali auia hūa pouoação de Por-
tugueses de sessenta vezinhos/ que
iria ali fazer agoada e carnagẽ de q̃
tinha necessidade. E isto com deter-
minação de ver se podia ali fugir.
E dom Luys lhe disse que fossem/
e assi forão ate auer vista das ilhas
e surgirão antre ho ilheo do coruo
e a ilha das froles: e estãdo hi pera
mãdar a terra chegou hi hū merca-
dor da ilha terceira em hūa carauela
pera a levar carregada de trigo:
e vêdo a dom Luys meteose no seu
esquife com algūs homens armados
secretamente: deitãdo por capitão
hū castelhano chamado Bezerril: e
chegando á carauela disse ao senho-
rio dela, que dom Luys de gusmão
capitão daquele galeão por el rey d
Portugal/ que bía pera a India lhe
mandaua hūa carta que lhe logo
deu/ em que dizia/ que indo ele pe-
ra a India arribara por lhe q̃brar
ho leme q̃ fora fazer ao Brasil, onde

os Brasis lhe matarão ho piloto
 z outra muyta gente, z por isso lhe
 fora forçado tornarse pera Portu-
 gal, z hia muyto destroçado q̃ lhe
 pedia por amor de Deos z da parte
 del rey de Portugal que fosse coele
 ate lá pa lhe acodir se teuesse necessi-
 dade. E cuydando ho mercador q̃
 era assi por servir a seu rey foyse lo-
 go ao galeão cō o piloto z outros/
 z de todos dō Luys deitou mão z
 prèdeos z tomou ho dinheiro que
 ho mercador leuaua pa cōprar ho
 trigo q̃ erão sessenta mil rs. E passa-
 dos todos os da carauela ao galeão
 deu a capitania dela a Bezerril, ar-
 tilhãdolha, z apadessãdolha muy-
 to bẽ: z deulhe por mestre z piloto a
 hũ Portugues q̃ era casado tres
 vezes em Portugal z por isso fugi-
 ra delá, z por isto se fiaua tãto dele
 dō Luys como dũ castelhano. E
 pregũtando dō Luys ao mestre do
 galeão pola pouoação da ilha le-
 uou ho á ponta delgada, z não ho
 quis leuar ao proprio porto / porq̃
 dali determinaua de fugir / z dom
 Luys mandou a terra hũ castelha-
 no a dizer da sua parte q̃ quẽ quises-
 se trocar carnes por azeites z vi-
 nhos que fosse ao galeão. Isto sabi-
 do logo forão a ele tres homens prin-
 cipais q̃ lhe leuarão hũ grãde ser-
 uiço de refresco / z ele os prendeo, z
 porque lhes disse que os não auia
 de soltar ate lhenão darem cada hũ
 dez ou doze vacas que as mandas-
 sem pedir a suas molheres. E tẽdo
 ele mandado este recado appareceo
 outra carauela, q̃ determinãdo dō
 Luys de tomar mandou sete mari-
 nheiros ao esquife dandolhe os re-

mos q̃ tinha em seu poder, porque
 selhenão fossẽ cō ho esquife. E estã-
 do os marinheiros esperando por
 ele no esquife / disse hũ deles aos ou-
 tros. Que oulbais. E outro respõ-
 deo. Corta cabo pesatal. E estes
 erão Portugueses: z cortado ho ca-
 bo foranse pera terra remando a to-
 do tira / z derão auiso á carauela q̃
 dom Luys quísera tomar q̃ tambe
 fugio. E os marinheiros chega-
 dos a terra, requererão na pouoa-
 ção que prendessem ho castelhano
 q̃ lá andaua / porq̃ dom Luys era
 leuantado, z assi foy feyto: z os ve-
 zinhos da pouoação q̃ serião vinte
 vigiauaẽse dali por diãte de dia z de
 noyte biã dormir por esses matos.
 Passãdo assi isto appareceo hũ na-
 ueta que vinha de guiné: z vista por
 dom Luys mandou a ela Bezerril
 na carauela, z que lhe mandasse a-
 mainar de sua parte / z se não que a
 metesse no fundo / z ela amainou lo-
 go, z ho capitão, mestre z piloto fo-
 rão leuados a dō Luys, q̃ os amea-
 çou cō tratos senão dissessem o que
 trazião: z eles ho disserão logo que
 erão trezentos escrauos / algalea /
 marfim z pao vermelho, z q̃ a arma-
 ção era dũ Duarte belo hũ armador
 de Lisboa / z abaldeado no galeão
 quanto vinha na naueta, assi merca-
 doria como mantimentos passou a
 ela os presos que leuaua. E em quã-
 to se isto fazia, determinando ja ho
 mestre do galeão de fugir pediu licẽ-
 ça a dom Luys pera ir ver hũa sua
 irmã que auia dias que lhe dissera
 q̃ tinha ali q̃ auia muyto tempo q̃ a
 não vira: z por se dō Luys não fiar
 dele ho não deixou ir a terra, mas

mandouho na bateira da carauela
cô dous castelhanos q̃ho nã deixas
sem sair se não q̃lhe falasse do mar.
E chegados perto da terra ho mes-
tre tene tal manha q̃ juntamête os
empurrou z deu coeles no mar, z
ele se lançou apos eles, z em quâto
os tomamão se acolheo a terra leuã
do consigo ho estormento q̃ lhe dõ
Zuys dera, q̃ sabendo q̃ ho mestre
era fugido mādou hũ cunhado seu
irmão de sua molher q̃ era Portu-
guesa cõ hũ seguro seu ao mestre pe-
ra q̃ se tornasse. E o cunhado como
foy em terra mandoulhe dizer que
se fosse paladrão. E despois disto
esqueu ali dõ Zuys q̃tro dias com
calmaria, z vındolhe vêto se partio
pera as Canarias / z no caminho
tomou hũa carauela carregada de
pastel q̃ hia pera Frandes z hũ na-
uio carregado de pescado / z tendo
q̃tro velas chegou às Canarias z
tomou porto na Gomeira onde vê-
deo toda a fazêda q̃ leuaua, z logo
se rompeo q̃ hia levantado cõtra el
rey de Portugal / z sobristo ouue
taes rezões cõ ho capitão q̃lhe mādou
tirar às bombardadas a forta-
leza / dõde lhe também tirarão z que-
brarão a verga do galeão / q̃ vendo
ele q̃ não podia nauegar sem ela por
não ter outra mudou ho fato z ar-
telharia dele a carauela de bezerril:
z deixado ali ho galeão z as outras
velas se foy na carauela caminho
de Senilha.

Capit. De como os mouros ma-
tarão a Manuel de souza z corê-
ta dos nossos em hũa agoada / z
como despois se pdeo ho galeão

Neste tẽpo q̃ isto succedeo a dõ
Zuys dõ Suzmão, se apartou
tãbẽ da cõserua de Jorge dal
buquer q̃ por mais não poder fazer
outro capitão da frota q̃ auia no-
me Manuel de souza z hia e hũ ga-
leão, que despois de passar muyto
trabalho de tormêtas foy ter na pa-
raçẽ de Moçambiã na fim de Setẽ
bro / z parecẽdolhe q̃ poderia ainda
passar á Índia nã quis tomar Mo-
çambiã (posto q̃ tinba necessidade
dagoa) z passou auante, z como ja
os leuãtes cursauão fez muy pou-
co caminho por serẽ por dauante /
pelo q̃ lhe foy forçado ir buscar a
costa do cabo de Boarda fũ pera to-
mar agoa, porq̃ por falta dela leua-
ua a mais da gẽte doẽte, z cada dia
lãcaua mortos ao mar. E indo coe-
sta fadiga seguio tanto por aq̃la vol-
ta q̃ ouue vista de çacotorã / q̃ não
podetomar por ho vento ser porci-
ma dela q̃lhe ficaua ponteiro, z por
isso arribou á costa: z auendo vista
de terra se deixou ir ao lōgo dela ca-
minho de Belinde pera ver se acha-
ua õde tomasse agoa, z foy ter a hũ
lugar dõ mouros chamado Mātua
em cujo porto surgio, z furto se foy
a terra cõ ho piloto leuando corêta
homẽs armados pera tomar agoa
por força quãdo não podesse dou-
tra maneyra. E chegado a terra a-
chou hũa muy boa fonte afastada
do lugar, z começando de tomar a-
goa chegarão algũs da terra a ven-
der galinhas z outros mātímẽtos
mostrãdo q̃rer paz. Mo q̃ cõfiados
os nossos, descuidarãse tãto q̃ lhes
ficou ho batel em seco bẽ mealegoa
do mar cõ a vazante da maré o que

vêdo Manuel de Sousa chamou os
nossos e meteo-se coeles a leuar ho
batel pa ho mar a força de braços
e de peitos. Evendo os da terra q̃
andauão na q̃la fadiga ajutãse per
to de dous mil homes cõ suas ar-
mas / e dando nos nossos os mata-
rão todos q̃ não ficou nenhũ e to-
marão ho batel: os do galeão leua-
rão logo ancora porq̃ lhes não fizel
sem outro tanto / e sem ter quẽ mã-
dasse auia tomarã por remedio mã-
dala ho contra mestre q̃ sabia disso
algũ pouco, e forãse ao lōgo da co-
sta quasi sem esperança de saluação /
porq̃ por serem os mais muyto doẽ-
tes auia tão poucos q̃ mareassẽ as
velas q̃ não podião marear mais q̃
ho traquete, e coele nauégauão pe-
ra Belinde, porq̃ por não auer quẽ
foubesse mandar a via não podião
seguir outra rota / e indo assi chega-
rão a outro lugar de mouros cha-
mado Moja, em cuos moradores
acharão paz e amizade e lhe vende-
rão mantimentos / e por isso se de-
teuerão seys dias no seu porto / e
por hũ delastrelhes ficou ho mestre
em terra cõ seys homes sãos: o que
lhe fez muyta mingoa, porq̃ não fi-
carão mais q̃ seys sãos q̃ podessem
marear ho galeão / e assi forão ca-
minho de Belinde a Deos e a vẽ-
tura sem saberẽ onde era porq̃ não
tinhão quẽ mandasse avia / e por is-
so errarão Belinde passando ao
mar dele / e forão dar em hũa ilha
jũto de Quiloa onde ho galeão deu
em hũ baixo e ali se pdeo / e os mou-
ros da terra se ajuntarão todos e
matarão quantos bião no galeão /
saluo hũ moço que era sobrinho do

mestre, q̃ elrey de Zambizar tomou
pera si. E mortos os nossos ajuta-
ranse os reys de Quiloa / de Zan-
zibar, de Pêba e de Abonfia e par-
tirão antre si quanto se tomou no
galeão, que acabou desta maneyra
com os que bião nele.

Capit. xx. De como Jorge dal-
buquerque com algũs capitães
de sua armada inuernarão em
Moçambique e outros passa-
rão a India.

Passando estes capitães
estas desauenturas / ho
capitão moor Jorge dal-
buquerque q̃ foy ter a Mo-
çãbiq̃, onde por ser tarde inuernou
com sete capitães da frota q̃ també
hi forão ter. E estes forão ho dou-
tor Pero nunez, Diogo fernandez
de beja / Rafael catanho / Rafael
perestrelo / Pedreanes frances /
Christouão de mendoça e Jacome
tristão. E Pero da silua / Lopo de
brito / Garcia chainho, João rodri-
gues dalmada e outros passarão a
India, e forão ter a Cochim estãdo
hi ainda o governador a q̃ disserão
a frota q̃ partirã de Portugal, e q̃
lhes parecia q̃ Jorge dalbuquerque
cõ os outros capitães inuernauão
em Moçambiq̃. E por ho governa-
dor saber se era assi e por ter necessi-
dade deles pera a viagẽ do estreito
q̃ auia de fazer êtrando Agosto os
mãdou buscar a Moçãbiq̃ per hũ
Bôcalo d Loulé capitão de hũa ca-
rauelã / a q̃ mãdou q̃ lhes dissesse q̃
ho fossẽ buscar pelo estreito ate Ju-
dá pera onde ficaua de caminho.

Capit. xxi. De como o governa-
dor foy ver a fortaleza de Loulá.



Despachado Gonçalo de Aoule, e dando ho mar fazigo partiose o gouernador pa Loulão a dar remate á fortaleza e fauorecer os Portugueses q lá estauão: e equãto hia deixou por gouernador a dõ Aleixo de meneses pera q a cabase de fazer a carrega da especiaria q auia vir pera potugal. Ele foy em hũa gale acõpanhado doutras duas, a cujos capitaes não soube os nomes nẽ do q passou e Loulão, saluo q esteu hĩ passãte d tres meses dãdo remate á fortaleza aq foy posto nome são Thome por hõra deste bẽ auenturado apostolo: cujo sitio he forte por natureza e em lugar q pode bẽ defender a eẽtrada do porto aos inimigos cõ hũ poço de agoa muy sabroza q si pegada coela. A cerca da fortaleza tinha de canto a cãto oytẽta e cinco palmos e de vãto setenta e cinco: fizera se tres torres, a da menagẽ e outras duas q ficãto e Triãgulo/ q quãdo jugasse a artelharia hũa nã podesse fazer noio a outra. E cõ tudo não se pode acabar esta obra cõ quanto ho gouernador hĩ foy e esteue ate Nouembro, q como digo forãto tres meses: e na fim de Nouembro setornou pera Cochim dõde despachadas as naos da carrega se foy a goa õde tinha toda a armada q auia de leuar a Judã/ onde determinaua de ir aqle anno de vinte e pelesar cõ os rumes e quey mar lhe as gales e fazer hũa fortaleza e Judã ou em Aldẽ onde visse que era melhor, pera q tinha juntos todos os petrechos necessarios, e d Goã despachou por capitão de Ceilão a

Logo d brito, e por capitão mór do mar Antonio de brito seu irmão, e por q tinha carta do hidalcão q queria coele amizade e q mãdasse hũ ho mẽ de confiãça com q a assentasse, determinou de mandar a João gõçaluez de castelo branco q lá fora e tempo Dafonso dalbuquerque/ e sabia a terra e lingoa.

Capit. xxij. De como João gõçaluez de castelo branco foy por embaixador ao hidalcão.



Deulhe hũa carta de crẽça pa o hidalcão e hũa instruçãto do q lhe auia de dizer, q era folgar muyto cõ sua amizade, e q folgaria de fazer o q lhe requeria. E q auendo amizade a treles ele daria maneyra como mandasse hũ embaixador a Portugal e escreueria a el rey tudo o q lhe comprisse/ e pera ser melhor despachado q iria coele a Portugal ho mesino João gõçaluez q lhe mandaua, q não hia lá por outro respeito se nã pera lhe dizer o q queria del rey de Portugal. E pera q visse q queria cõcrisãna amizade lhenão queria pedir as tanadarias de Banda ate Cintacora como Alfonso dalbuquerque/ somẽto pedia a Dẽtruz pola necessidade q tinha de madeira pera as armadas da India. E q lhe pediria as fustas de Dabul e apertaria muyto q lhas desse todas, e não q rẽdo lhe desse a mayor parte/ e sobrisso lhe apontaria os muytos Portugueses que mata-

rão em nauios que tomarão.

E lhe diria q̃ era cõtete de dar seguro ás naos d̃ Dabul pera nauegarẽ como as d̃ Lãbaya, z tãbẽ d'assêtar feitoria em Dabul: z lhe daria licença pera mādãr duas naos a ceilão a carregar dalifantes: z pera mādãr por caualos a Ormuz: cõ tanto que fossem pagar os dereitos a Goa: z lhe daua seguro pera seus mercados levarẽ a Goa suas mercaderias z tirarem outras.

E q̃ se algũs portuguezes andassem na terra firmel lançados cõ os mouros delhes desse seguros em nome dele governador: z poreste capitulo os auia por bõs z firmes.

E mais lhe deu hũ presente pera ho bídalcão, cõ que se partio d̃ Goa na entrada de feureiro bẽ acõpanhado: z foy ter onde staua ho bídalcão quenão quis dar a tanadaria q̃ ho governador pedia. E a cabo de hũ año se tornou pera Goa.

Capi. xxiij. De como indo ho governador pera a cidade de Juda selheperdeo a nao em q̃ hia. E de como não podẽdo ir a Juda foy surgir á ilha de Maçua.



Endo ho governador p̃stes sua partida pera Juda/ entregou a gouernança da Índia a dõ Aleixo de meneses a q̃ mandou q̃ fosse inuernar a Cochi: z partio se ho governador pera Juda a treze de feureiro d̃. M. D. xx. cõ hũa frota de. xxiij. velas. s. dez naos grossas, de que erã capitães ele, Diogo d̃ saldanha, Antonio fer

reira fogaça/ Simão guedez de souza. Fernã gomez de lemos. Pero da silua. Pero gomez teixeira ouuidor geral. Antonio d̃brito caçador mor del rey d̃ Portugal. Antonio raposo. E dous galeões/ capitães Antonio de saldanha z dõ João de lima. E cinco galés cujos capitães forão Cristouão de souza. Geronimo de souza. Cristouão de sa. Dinis fernãdes de melo. Jorge barreto de beja. E q̃tro nauios redondos/ capitães: Diguel da mouta. Gaspar doutel. Aluno fernãdes de macedo. Anriq̃ de macedo. E duas caranelas latinas capitães Lourenço godinho: z Pero vaz de vera, z hũs bargãtins pera seruiço da frota. Partido ho governador d̃ Goa aos noue d̃ março/ chegou a Mote onde despois d̃ fazer agoada mandou queimar ho lugar/ q̃ estaua despejado: E seguindo daqui sua rota pera ho estreito, apparecerã por dauãte da frota hũs marruazes de mouros/ a q̃ os outros capitães se forão em os vendo: E querẽdo ho governador ser dos primeiros q̃ chegasse a eles, porq̃ os não roubassem/ mandou deixar ho caminho do pego q̃ leuaua z rodear por derredor de hũa rastinga/ por onde cuydou q̃ atalhaua: posto que contra vontade do piloto, q̃ disse q̃ auia medo de ir dar em algũ baixo: como foy dar por ho governador não querer se não que fosse por õde dezia: z ali seperdeo a nao: z acodindologo algũs nauios que hião perto saluarão a gente com algũ fato/ porema fazenda grossa, artelbaria z munições pera a fortaleza que se auia de fazer / tudo se ali perdeo,

e o governador se passou ao galeão
 Dantonio de Saldanha / e dali tor-
 nou a sua viagem pera Judá, e che-
 gou ás portas a dezaseys de Mar-
 ço / e ali estenerão muytos dos na-
 vios da armada quasi em seco: e nif-
 to atranessou hũa gelua que foy to-
 mada pola galé de Jeronimo d' sou-
 sa, e de treze mouros que hião nela
 soube ho governador que erão vin-
 dos a Judá mil e duzentos homes
 em ajuda dos rumes, que armarão
 seys galés que mandauão a Zebit
 d'estaua hũa cõpanhia de rumes /
 e isto pera que os concertassem cõ
 elrey Dadem com quẽ estauão em
 discordia: e cõcertados esteuessem
 em Adê a sua obediencia / cõ condi-
 ção q' dali lhes deixasse fazer guer-
 ra aos nossos que hi fossem fazer
 presas. E estas galés sabendo q' ho
 governador hia, fugirão logo pera
 Judá onde forão dar nouas de sua
 ida. E sabêdo o governador q' erão
 passadas, prosseguio sua viagem pe-
 ra Judá indo polo mar mayor, e cõ
 muyto trabalho de surgir muytas
 vezes e dar vela outras tantas, e
 andar muyto pouco, se pos cento e
 vinte legoas de Judá / e estãdo ali
 furto com vento contrairo hũs a
 vista dos outros / desesperado de
 poder ir auante chamou a conselho
 todos os capitães da frota / e pre-
 guntoulhes q' faria cõ tempos tão
 desuairados como ali achauão. Ao
 que todos responderão q' erão gera-
 es / e q' não podião ir por diante se
 não cõ muyto trabalho e risco de
 andarem ali hũmes, e por derradei-
 ro nã poderẽ chegar a Judá. E po-
 is Lopo soarez quando lá fora che-

gara naqle tempo a quinze legoas
 dela e neias polera quinze dias / q'
 farião eles que estauão ceto e vinte:
 por isso era perfia escusada querer
 ir mais auãte, e era perder tempo.
 E parecendo isto a todos os capitães
 e pilotos / acordarão que deixas-
 sem a viagem de Judá, e pois a dei-
 xauão fossem á costa da Abexia ao
 porto da ilha de Maçua q' lhe Ma-
 teus dizia / dõde se podia ir á corte
 do Preste. E não se atreuendo os
 pilotos mouros que hião na frota
 ir a Maçua sem tornarem a auer
 vista da ilha de Ceibão onde torna-
 rão, e com muyto trabalho e fadi-
 ga foy a ver vista da ilha de Bolaca
 na primeyra oytana de Pascoa: e
 leguindo dali pera Maçuã no pro-
 prio dia em se poendo ho sol virão
 os nossos nele hũa bandeira preta
 de seycão de rabo de galo, e muy-
 tos affirmauão per juramento que
 a vião bolir. E aos dez dias Da-
 bril chegou ao porto da ilha d' Ma-
 çuã, que estava deus tiros de bēsta
 da terra firme em quinze graos da
 bāda do norte / em q' auia hũa muy-
 to grande pouoação de mouros / q'
 posto que a terra era do Preste nã
 lhe obedecião por estarem no mar.
 Sam todos pretos assy homes co-
 mo molheres, e adão nũs da cinta
 pera cima: sam grandes mercado-
 res e muyto ricos, principalmente
 douro que lhes trazião do sertão
 onde tratauão, e assy marfim, mel,
 cera e escrauos Chriştãos que eles
 fazião tornar mouros / e de pois
 de tornados erão muyto mais ãmi-
 gos dos Chriştãos q' os mesmos
 mouros: de q' erão muy estimados

por serem valentes homens. Os moradores desta ilha sabendo que ho governador hia fugirão com medo despejãdo de todo: e forãse pera hũ lugar da costa chamado Arquico que estaua duas legoas da ilha/ e ali tinha ho Preste hũ capitão a quem se os mouros entregarão cõtandolhe a causa porque: e sabendo ele como ho governador hia despejãdo hũ recado parele.

Capit. xliiij. De como ho governador chegou ao porto d' Baçua/ e de como soube que Mateus era verdadeyro embaixador do Preste.



O porto desta ilha de Baçua estauão duas grandes naos de mouros de Cábaya/ e assi muytas geluas de mouros doutras partes, que como virão a nossa frota se leuarão logo, e dando a vela se acolherão por esse estreito a diante, e Jeronimo de Sousa deu caça ás naos e aferron com hũa que queymou e ho bargantim foy apos as geluas ate defronte Darquico hũa boa vila de casas de pedra e cal, de que se espantãdo os nossos/ como não podião alcançar as geluas se poserão a olhala: e nisto virão vir de terra hũa almadia com tres homens que abordãdo com ho bargantim se lançarão dentro/ preguntando aos nossos por a rauia q' homens erão, e por ela lhes foy respõdido que erão Christãos vassallos del rey de Portugal / e dous deles e ho ouuindo beijauão ospes ao capitão com prazer, dizẽ

do. Christão, Christão Jesu Christõ filho de sancta Maria/ pedindo lhe q' os leuasse ao capitão mor da nossa frota/ por q' lhe leuauão hũa carta do capitão Darquico e cõtãrãlhe como ele soubera dos mouros de Baçua q' aq'la frota era de Christãos/ e hũ deles pediu licença peralhe ir affirmar q' si era logo se foy, e os dous ficarão, de q' hũ era Christão Aberim e outro mouro/ e abos forão leuados ao governador que se estaua surto, que sabẽdo cujos erão lhes fez muyto galhalha do com grande aluoroço por se ver e terra de Christãos, e despois ho Christão lhe deu a carta quelhe leuaua, e assi hũ anel de prata quelhe ho capitão mãdaua e final de paz, q' eletomou com muyta festa por ser seu, e mandou ler a carta que dizia q' ho capitão Darquico daua muytas graças a nosso senhor deos por que erão compridas as profecias q' eles tinhão naquela terra q' dizião que auião de vir Christãos á ilha de Baçua/ e por isto q' eles sabião desejauião muyto sua vinda: e pois ho governador era ho señor do mar que ordenasse da terra o que lhe bẽ parecesse, porque ele com a fé que tinha de ser aq'la frota de Christãos não despejaua a vila e os estaua esperando/ pedindolhe que lhe mãdasse hũ final de paz e damizade. E ouuidas estas palauras polos da capitaina/ chorauão os mais com prazer de se ver naq'la terra de Christãos que auia tão tempo q' estaua escõdida. Ho governador despois de dar de vestir aos do capitão, mãdoulhe hũa bandeira de damasco

branco com hũa cruz vermelha em final de paz, e respondeolhe cõ outra carta, e tornou os a mandar no bargantim, e quando partio desparrou toda a artelbaria da frota em final de festa, e antes do bargantim chegar a terra hũ pedaço lançouse ho mouro a nado, pera q fosse dar noua primeyro que ho bargantim chegasse da bandeira q leuauão ao capitão. E que sabido em Arquico foy ho aluoroço tamanho assi nos Chriştãos como nos mouros, que bẽ duas mil almas forão corredo á praya: e vendo ho bargantim que chegaua ao porto deitauãse no mar com grande alegria e pegauão dele pera o levar a terra. E nisto veo ho capitão da vila e recebeu a bãdeira com grande reuerencia / adorando a cruz e fazendo muyto gasalhado aos nossos / mandou ordenar sua gente em procissam e coela foy a bãdeira leuada á vila / e foy aruorada sobre as suas casas: e porq lhe ho gouernador escreuia q se queria ver coele / e assi ver algũs frades dũ mosteyro chamado Bissam q estaua dali a vinte legoas mandou os logo chamar, e ho barnegais a quẽ eleer a sugeito. E barnegais he nome do officio que naquela terra he como condestabre / marichal ou fronteiro mór: e estendia se sua iurdição da vila Darquico ate a cidade de cuaquẽ que sam sessenta legoas polo sertão / e era vassallo do Preste e tinha cõtinuamẽte guerra com hũ rey mouro comarcão daq̃la terra. E isto feyto mãdou ho dizer ao gouernador / que entre tanto foy ver a ilha de Daqua pera repartir po-

las naos muytas cisternas dagoa doce q lhe dição q auia nela: e assi achou q erão .xlix. e todas cheas e fechadas cõ chaue pera ho tempo da necessidade. E repartidas as cisternas pa as naos fazerẽ agoada, vio toda a ilha pera levar dela enformação se ainda em algũ tẽpo quisesse mãdar fazer ali hũa fortaleza, e vio q tinha muyto bõ porto çarrado e de bõ fundo: e a parte da ilha onde estauão as cisternas era de pedra e a outra parecia furtada ao mar, e mandandoa medir achou q tinha mil e duzentas braças de roda / e q era comprida, e no meyo onde era mais estreita tinha õ largura .ccxl. e em hũ dos cabos duzentas e sessenta e em outro .ccl. E auia na terra grãde criação de vacas / e muytas gazelas / e tantas lebres que as matauão os nossos apẽ, e do mais era muy desposta pera se fazer nela quãto quisessem. E tornandose ho gouernador pera o galeão vio vir por terra hũ homẽ de caualo cõ quatro boys diante / e parecẽdolhe q seria algũ recado parele mandou chegar ho esquite a terra / e ho de caualo se chegou á agoa bradãdo. Chriştãos Chriştãos. Jesu Christo filho de sancta Maria, e trazia hũa carta grande de porgaminho estẽdida, e pitada nela a imagẽ de nossa senhora cõ ho menino Jesu no colo / e de cada parte hũ anjo e abaixo os apóstolos. E apresentando os boys ao gouernador etrou cõ outros dous no esquite tão sem medo como que conuersara sempre cõ os nossos. E ho gouernador os recebeu muyto bẽ e beijou a imagẽ muyto cõtente

dever ho acatamento e veneração que os Abexins fazião á imagem: e preguntando ao q a trazia a causa de a trazer, respõdeo q pera testimunho de sua christindade, e q ho capitão lhe mandara q a leuasse/ de q tambẽ lhe deu hũa carta em q lhe escreuia o que tinha feyto. Estando este homẽ com ho governador/ preguntou a Alexandre dataide q era ho lingoa se ouuera na Índia noua d hũ homem q se chamaua Abateus q fora a buscar os nossos á Índia. E sabẽdo isto ho governador pera saber a verdade d Abateus disse ao lingoa q fizesse q não sabia dele nada/ e quelhe pregutasse que homẽ era. E ho Abexim lhe contou quem era, como eu ja disse no liuro terceiro quando araynba Helena ho mãdou á Índia: e chegados ao galeão ho governador mandou por Abateus que hia cõ Pero gomez teixeira, e como ele chegou foy cousa estranha ho grande prazer q os Abexins mostrarão coele e beijauãlhe a mão: e ele cõ muytas lagrimas daua graças a nosso senhor q ho deixara chegar a tẽpo em q se mostrasse ser sua embaixada verdadeyra e outras boas palauras: e mandou dizer ao capitão q mandasse dizer ao Barnegais e aos frades de Bisam q viessem logo em todo caso. E sabido em Arquico que Abateus estava no porto de Maçua ao outro dia ho foy ver muyta gẽte e preguntanão por abima Abateus. E abima em sua lingoa quer dizer padre como ja disse/ e assi ho honrrauão eles beijandolhe as mãos e os vestidos, que os nossos folgauão

muyto de ver por se certificarem q fora verdadeyro embaixador, e não echacouo como algũs inimigos Da fonso dalbuquerque deitarão fama q era quando foy á Índia e depois em Portugal / por õde esteue em descredito ate aquele tempo.

Capít. xxv. De como ho capitão Darquico foy falar ao governador/ e depois ho forão ver noue frades do mosteiro de Bisam.



Outro dia sabendo ho governador que erão fugidos pa terra tres dos nossos da galé de Jorge barreto, mãdou ho ouuidor geral a terra que os fosse buscar/ e q pedisse ajuda ao capitão Darquico se lhe fosse necessaria: e tambem lhe pedisse da sua parte que não tardasse mais em se ir ver coele / porq ele por não deixar a frota soo ho nã fazia. E sabendo ho capitão como os nossos erão fugidos os mandou lo go prender da hi a cinco legoas onde os tomarão: e ao outro dia se foi com ho ouuidor a ver ho governador acompanhado de muyta gente e foy por terra, e chegãdo a tiro de besta do mar desparou a nossa frota toda sua artelbaria, de que ele ficou tão espantado que não foy mais por diante e tremia todo. O que entendendo ho ouuidor lhe disse a causa do desparar da artelbaria: mas ele não se segurou coisso e deixou se estar quedo, posto que chegarão algũs fidalgos q ho governador mãdou pera ho acompanharẽ ate a capitaina. E ho ouuidor que

entêdia seu medo não quis apertar coele que fosse a capitaina, porq̃ receou que entrasse nele algũa descon fiança, e por isso ho foy dizer ao gouernador, aconselhando lhe que fosse a terra a ver se có ho capitão. E q̃ ele fez levando Mateus consigo, e despois dese receberem com grãde amor abraçãdose, assentaram se em tres cadeiras: e ho capitão fora do medo que tinha começou de dizer que daua muytas graças a nosso se nhor Deos por se comprir hũa profecia que tinhão que dizia q̃ auião de vir Chriştãos ao porto de Ma guá: e pois era comprida quelhe pedia da parte de Deos todo podero so que se goardasse an treles aquela paz e amizade que ele mesmo Deos mādara ter aos seus discipulos em nome de todo pouo Chriştão. E q̃ presopondo ele que isto auia assi de ser, ho vinha ver e a q̃ntos vinhão coele como a Chriştãos, e que auia tão longo tempo que se deseja uão naquela terra: e que fosse certo que hia pera fazer quanto lhe mādasse, fomento porque era Chriştão e por trazer consigo Chriştãos: e que ao mesmo viria ho Barniegals que chegaria ate tres dias. E ho gouernador lhe respõdeo que a paz e amizade estava muy segura da sua parte: e assi de todos os nossos: porque ele não viera ali se não pera esse fim: e seguro ho quanto pode, e por a calma ser grande se deteuerão pouco. E ho gouernador lhe deu em final amizade hũa espada e outras cou sas com que ele folgou muyto: e cois to se despedirão, e o capitão caual gou em hũa caualo q̃ trazia a destroz

e tomando hũa lança correo ho câ po com muyta desenuoltura zar. E chegado a Arquico / chegarão hi noue frades do mosteiro de Bisam que hião falar ao gouernador, que sabendo sua vinda mandou logo lá ho ouuidor pera que viesse coeles: e coele Alexandre dataide pera lingua: e forão por terra em caualos: e assi tornarão com os frades que hião a pé por lho mandar assi a sua regra. E sabêdo ho gouernador como hião os sayo a receber á borda da goa nos bateys que hião todos embãdeirados e cõ as trôbetas, e dali os leuou com grãde festa de folias ao galeão / onde todos os clérigos da frota e os câtores do gouernador os estauão esperando no bordo do galeão com suas sobrepelizes vestidas e hũa cruz leuãtada, e ate os frades entrarem cantarão ho câ to de Bñdictus dñs Deus Israel. E em os frades entrando tomarão a cruz e adorarãna com tanta deuacão e reuerencia que não auia que não dessem muytas graças a Deos d ho ver: e despois de adorarẽ a cruz fizeram muyto acatamento a Mateus. Despois disto o gouernador lhes mandou dar de comer na sua camara tamaras / nozes e outras fruytas / porque não comião carne nem pescado, e enformandose deles particularmente do seu mosteiro e da sua regra deu lhes licença pera q̃ fossem com Mateus á nao em que ele vinha. E despois de estarem lá hũ pedaço se tornarão pera Arquico e foy coeles ho ouuidor q̃ ho gouernador mandou pera ir ver ho mosteiro de Bisam, e ver o que lhe os

frades' differão dele / e deu-lhe hũa carta pera ho proprio capitão Darquico que chegara de casa do Barnegais onde era, que eston tro q' dissenão era ho proprio e ficara em lugar do outro, e mandou-lhe hũ presente.

Capítulo. xxvj. Do sitio do mosteiro de Bisam / e da regra que goardão os seus frades.



Begado o ouuidor a Arquico / e sabendo ho capitão que queria ir ao mosteiro de Bisam mādou

a hũ seu irmão que fosse coele com quinze piães, e deu-lhe duas mulas pera dous dos nossos que hião coele: e ho mayoral dos frades porq' não auia dir logo mandou coele hũ frade chamado Estenão / e partido Darquico começou de caminhar por hũa terra despouada em que auia muyta caça o veação e muytas gazelas. E ao outro dia começou de topar em magotes muyta gente de pé e de caualo / que vinhão em mulas: e estes erão da companhia do Barnegais q' vinha. E despois desta gente achou quatro mulas a destro e quatro caualos tamanhos como os Dandalozia, e hũ pedaço atras vinha ho Barnegais, e hũ tiro de besta dele se deceo ho irmão do capitão Darquico e lhe foy falar, e ho Barnegais não deixou dā dar em quanto lhe ele falou. Ho ouuidor em chegando ao Barnegais deceo se pera lhe falar / e ele deteu hũa mula em que hia: e era homem

de boa estatura magro e lançado hũ pouco por diate. Seria de lesseta annos: vinha vestido de pano branco de algodão e cuberto com hũ bedem muyto fino. Chegando ho ouuidor a ele beizoulhe a roupa sobre hũ giolho, e disse-lhe que era Christão que vinha na frota que el rey de Portugal mandara ao porto de Baçua / pera seruiço de Deos e do Preste e exalçamento da fee catholica. Ho Barnegais lhe disse que sua vinda fosse muyto boa / e que auia de ser com muy grãde trabalho pois era de tão longe, e por falar com ho governador se abalara de sua terra / e pois hia ao mosteiro de Bisam que tornasse logo / porque desejava de falar coele antes de leuer com ho governador / e mādaua coele mais gente, e ele não quis. E apartado do Barnegais começou de caminhar por antre hũas serras ao longo de hũa ribeira terra muyto grossa e viçosa, em que auia, tãta criação de gado vacuũ que vio por onde hia bem oyto mil vacas, e na coroa de hũa daqlas serras e hũ escãpado estava hũa horta do talica e larãgeras, e junto coela hũa cerca q' cercava hũ mosteiro, em q' o ouuidor entrou, e a porta da igreja ho recebeu hũ frade velho e deu-lhe a beizal hũa cruz, e despois entrarão na igreja que era quadrada sem capela mór e na cabeceira tinha hũ altar quadrado que não chegaua a parede cuberto de panos pretos e não auia outro / e estava nele a imagẽ do anjo sam Miguel, e afastada deste altar atrauessaua hũa corredica de seda que chegaua de parede a parede.

de/ e por todas elas estauão pintadas muytas imagẽs de sanctos / e antrelas a figura de sam Jorge como a nos temos / e a de Moyses com as tauoas da ley / e todas cubertas com panos. E neste mosteiro não estauão mais q̃oyto frades / e as celas erão redôdas cubertas de palha com curucheos e cruces nas pôtas de les / e tinha hũa boa horta em que auia parreyras / limoeiros / figueiras e pessigueiros com pessegos limpos da frol e era em Abril / e daqui se partio ho ouuidor pa ho mosteiro de Bisam que está sobre ho pico de hũa serra cercado ao derredor onde chegou despois de vespera / e aa porta da cerca ho receberam algũs frades cujos habitos erão tunicas e mantos de teada grossa amarela e os capelos feytos como murças / e cada hũ tinha encima da cabeça hũa cruz / e coeles estauão quize moços de q̃torze annos cada hũ / que erão orfãos e criauãnos os frades por amor de Deos: daqui foy leuado a outra cerca q̃ cercaua a igreja a cuja porta ho fizeram descalçar porq̃ auia dentrar dentro: foy aqui recebido de sete frades com capas de borcado de Abeca da maneyra que têm os nossos frades nas festas / e os cinco tinha cada hũ sua cruz leuata / e os dous senbes retauolos de nossa senhora. Coestes estaua ho mayoral do mosteiro tambem com hũa capa com hũ pedaço de seda lançado em cruz ao pescoço / e assi outros frades sem capas / e hũ deles tomou ho ouuidor pola mão e ho meteo na igreja q̃ era feyta pela vitola da do outro mosteiro: e no al-

tar tinha hũ retauolo grãde de pao em q̃ estauão as figuras da sanctissima Trindade todas tres de hũa igualdade e idade / e nos cãtos do retauolo as imagẽs dos q̃tro euãgelistas como as ha atre nos. Auia mais outro altar em que estaua hũ crucifixo com nossa senhora de hũa parte e sam João da outra / e hũa imagẽ de nossa senhora do pranto muyto deuota / e outras duas imagẽs. E assi auia outros dous altares de nosso senhor e de nossa senhora / e polas paredes muytas pinturas de sanctos. Tambẽ lhe foy mostrada a sanctuaria / em q̃ auia muytos ornamentos de seda e muytos calizes douro e de prata / e outras peças do culto diuino: e assi lhe foram mostradas todas as officinas do mosteiro / de quenão faltaua nenhuma pera ser como os nossos / mas não tinha mais que hũ sino e este de cobre sem badalo / e tãgião com hũ maço: e por derradeyro lhe mostrão hũa sepultura alta cercada de candieiros que acendião às vezes. E visto ho mosteiro assentouse ho ouuidor com ho mayoral dele que auia nome Samara christus / e coeles cinco frades velhos e muyto magros que parecião de boa vida / e ho mayoral lhe contou que auia trezentos e cincoenta annos que a q̃le mosteiro fora edificado por hũ homẽ sancto chamado Phelipo cuja sepultura era aquella grande que vira / e q̃ os frades daquele mosteiro e todos os outros da terra do Preste erão da ordẽ de sancto Antão / e q̃ se mâtinhão todos de seus trabalhos / que cauauão e roçauão

z fazião por aq̃las ferras muytas
lauoiras, z tinhão grande criação
de gado z de mulas que vendião pe-
ra suas necessidades, porq̃ as elino-
las erão poucas z os dizimos leua-
uos ho Barneçais: z disse lhe que
a ley euangelica fora pregada naq̃la
terra polo euāgelista sam Mateus,
cujā ossada estaua em Alexandria/
z q̃ tinhão a bzuia em q̃ não tinhão
mais que tres liuros de sdrá/ z que
tinhão as epistolas de sam Paulo:
z q̃ costumauão dese cōfessar como
cometião ho peccado. E q̃ crião q̃
nosso senhor der a poder a sam Pe-
dro de absoluer z condenar / z que
ele deixara ho mesmo poder a seus
subcessores. E a causa porq̃ não re-
conhecião por superior ho nosso
Papa era por ser muyto longe dali
a Roma, z auer muytos mouros z
turcos no caminho. E a isto lhe dis-
se ho ouuidor selhe queria dar hũa
carta do bediêcia pera ho nosso Pa-
pa z outra pera el rey de Portugal
z ele disse q̃ si / mas tornou logo a di-
zer que era ja noyte. E ao outro dia
era sabado, z que não auia de falar
coele nê fazer nada, porq̃ ho goarda-
uão a honrra de nossa senhora assi
como ho domingo / z por isso não a-
uia descreuer / nê ele auia de poder a
goardar pois vinha tão depressa/
mas quelhe daria hũ liuro que mos-
trasse a el rey d Portugal z ao Pa-
pa, pera que vissem em que crião os
Christãos do Preste / z logo lho
deu, z era de oytauo em letra da sua
lingoa. E coisto se despedio dele / z
ele foy leuado a hũa cela em q̃ esta-
uão duas tauoas por cama z hũa
pedra á cabeceira / z hũa manta pe-

ra cubertura. E estas camas ti-
nhão os frades / porque em tudo
tratauão muyto mal seus corpos
z fazião aspera pendenza, de que
parece que se nosso senhor seruia
z ouuia suas orações, z que esta-
uão por fortaleza da Christinda-
de que jazia daquelas ferras pera
dentro: nem be pera crer outra cou-
sa estando tão cercada da seita de
Masamede z não se lhe pegar na-
da: porque da banda do estreito ti-
nha ho rey de Zeila z de Barboza
z toda aq̃la corda, z da outra parte
Magadaró, z outros reys com q̃
tinha guerra: z da bāda do Cayro
a traues de quaquẽ sessenta legoas
acima d Maquã tinha hũ rey mou-
ro senhor daquela terra dantre ho
Preste z ho Cayro cō que ho Bar-
neçais tinha sempre guerra como
ja disse. Assi q̃ estar esta terra tão in-
teira com sua Christandade tendo
tão má vezinhāça não era sem grã
de misterio de nosso senhor. E assi
recolhido ho ouuidor a sua cela / la-
uou lhe hũ frade os pés com agoa
quẽte, z despois lhe deu de cear pão
de trigo / z de cenada, z mel z cebo-
las, z vinho de mel, porque ho não
auia dunas, nê lhe deu outras i goa-
rias porque os frades não comião
carne nem pescado, z pera ho cami-
nho lhe deu da parte do mayoral
duas gamelas de farinha z muy-
tas cebolas / z limões: porque não
auia dachar que comer. E ao outro
dia que era vespõra da pascoela em
amanhecendo se partio ho ouuidor
pera Arquico / z chegou laa ho do-
mingo seguinte.

Capít. xxvi. De como ho gouernador se vio com ho Barnegais e jurarão ambos de dous amizadeem nome de seus senhores.



nde achou aida ho Barnegais q ho gouernador sabêdo q bía pera Arquico ho mādou receber por Antonio de saldanha, e por Antonio de brito caçador mór delrey de Portugal: q forão muyto bem atuiados/ assi de suas pessoas como dos q os acompanhauão, em q entraua trinta espingardeiros e outros tantos besteiros, e forão ter cō ho Barnegais duas legoas alê Arquico: e sabêdo ele q eirão fêz lhes muyta hōrra e mostrou muyto prazer cō sua vista / e quando se tornarão pera a frota lhes disse que dissessem ao gouernador q logo ao outro dia ho iria ver. Mas ele não foy, porq hūs mouros questauão e Arquico moradores de Abacua pe sandolhe desta amizade q nosso senhor ordenaua antre ho gouernador e ho Barnegais, porq sabião q auião de ser lãcados da terra: e por isso persuadirão ao Barnegais q não fosse falar ao gouernador / por q como estaua tão poderoso no mar prêdolo bía e nã ho soltaria ate lhe não dar grãdes tesouros / porq os nossos erão muyto cobiçosos: e tã bẽ por ele ser mais honrrado q ho gouernador / deuia ho gouernador dir onde ele estaua. E vêdo ho gouernador como ele não bía mādou lhe recado per hũ Fernão dıaz que sabia a lingua: pedindolhe que fosse porq compria muyto a seruiço de

Deos e do Preste. E ele respõdeo q fosse ho gouernador a Arquico e bĩ se verião. E tendo dada esta reposta cbegou ho ouuidor, e sabendo alhe foy logo falar / e mostrando que a não sabia / lhe disse q queria esperar pera ho acompanhar quando fosse ver ho gouernador. E dizendolhe ele o que tinha dito a Fernão dıaz / respondeo ho ouuidor q por nenhũ modo podia ho gouernador deixar a frota: e ainda que podera pois ele era Chriştão e dezia que de seiaua de seruir a Deos, que não deuia dauar por mal ir ver quem ho bĩ buscar de tão longe / e não pera seu interesse senão pera exalçamẽto da fẽ de Jesu Christo nosso senhor. E sobristo ouue antre eles muytas palauras / persuadindolhe ho ouuidor que fosse, e ele escusandose: ate que ho ouuidor lhe disse que ho gouernador não deixaua dir se não porq as naos não podião chegar a Arquico nem os outros nauios grandes / e que podendo ele fora: e q os verdadeyros Chriştãos nã deuiao de ter pontos domrra sobre o q compria a seruiço de Deos: e ho mesmo lhe disserão ho capitão Arquico e outros fidalgos (q se souberão q os mouros erão causa daquelas diuidas matarãnos a todos). E vendolhe ho Barnegais a perfia q todos tinhão coele / disse q se visse ate onde as nossas galês podião chegar, e que bĩ viesse ho gouernador e ali se virião. E disto não aprouue ao gouernador quando ho soube, parecendolhe q aquilo era algũa roindade / e mandou lá Antonio de saldanha sobristo, que não pode mais

acabar se não que se visse ôde as gales podessem chegar. E ho governador honão quis por não parecer outra cousa ao Barnegais: e ao outro via se partio nas gales e navios pequenos, e nos bateys em que auia de desembarcar, em qleuaua muytas armas alaistradas pera irem secretas quem não sabia o que aconteceria. Ho Barnegais estaua ja esperando bem afastado do mar com duzentos de caualo e dous mil de pé. Ho governador desembarcou com toda a gente / e deixando a posta em ordem ao longo do mar apartouse com os fidalgos (cujos paje hião armados pera ho Barnegais ver as novas armas) e meteo se em hũa tenda que mandou armar pera esta vista: e ainda sobriisso ouue debates, por que ho Barnegais não se queria abalar donde estaua, dizêdo que fosse lá ho governador. E por importunações de Mateus e Antonio de saldanha cõsentio q mouessem a pé ele e ho governador ábos a hũa dõdestauação, e q no lugar em q se ajuntasse se falarião: e ajutaran se hũ bõ tiro de besta do mar em hũ grande câpo verde, e por este espaço ficou deles agête dũ e do outro. Cõ o governador hião os capitães da frota, e cõ ho Barnegais cico señores dos q vierão coele: e abraçãdo se cõ muyta cortesia se assêtarão em hũas alcátifas / e cõ todos os rigores passados estauão tão cõtêtes d se verem q todos lho êxergauão / e ábos derão muytas graças a deos polos ajutar. E ho governador começou logo, dizêdo. Ho muyto poderoso rey de Portugal meu señor

desejãdo de proseguir a guerra q seus antecessores fizeram sempre aos mouros: cõ quem não somete lhe ganharão a terra de Portugal / mas outra muyta é Africa, desejãdo de os destruyr e a continuou sempre do tẽpo q reynou ate agora: e não se contentãdo cõ a q faz em Africa a mãda fazer na India, e no estreito d Abeca por ser certo q nele tẽ os mouros suas rayzes, q ele queria destruyr d todo mão estimando os grãdes gastos e despelas que nisso faz com ho trabalho de seus vassallos / porque he pera seruiço de nosso senhor de os. Et tẽdo ele por noua q ho eperador da alta Ethiopia era Christianissimo, desejãdo sua amizade por este respeito mãdou aos seus capitães mōres e governadores da India q mãdasse descobrir polo estreito se ha algũ porto de seu señorio: e como ho misericordioso ds ajuda bõs desejos, assi ajudou a executar este / inspirãdo na raynha Helena mãy do Preste q mãdasse sua embaixada a elrey meu señor por Mateus q aqui está: o q parece nã ser sẽ mistério muy grãde: e q quer nosso señor q se ajutẽ estes dous pricipes pa total destruyção dos mouros: e q assi como lhe a ele aprouue q ho apostolosa Mateus denũciasse na qta terra a ley euãgelica: q assiste ne por bẽ que por outro Mateus que era ho embaixador soubesse elrey meu senhor ho desejo q ho Preste tinha de sua amizade: pera que ajuntando ambos seus poderes desarrengassem daquelas partes a seita de Afamede, e por esta causa mandou elrey meu senhor seu embaixa-

dor com Abateus pera assentar cõ
ho Preste paz e liança pera sempre,
q̃ morrera como Abateus sabia: e
dali se não podera mais tornar ao
estreito. E eu meey por muyto dito
so dos impedimentos que succede-
rão pera isso/ pera eu ser ho corre-
tor desta amizade e liança, e ser ho
primeyro por quem elrey meu se-
nhor ha deter verdadeyra noticia
do Preste, e quando vim ao estreito
foy meu intento ir primeyro a Ju-
da a pelejar com a armada dos ru-
mes, e da volta despejar dos mou-
ros as ilhas de Dolaca e de Ma-
cuã e entregalas aos capitães do
Preste e fazer com sua licença hũa
fortaleza, que não podera ser por se
me perder hũa nao em que trazia os
pertrechos pera isso. E coisto aca-
bou. E ho Barnegais respondeo.
Louuado seja ho poderoso Deos
pera sempre / que permitio que se
comprissem as profecias que tinha-
mos do ajutamẽto dos Chriştãos
cõnosco. E bem creo eu que pera is-
so auer effeyto inspirou ho Spiritu
sancto na raynha Helena que man-
dasse Abateus por embaixador a el
rey de Portugal/ pera que com ho
Preste fossem irmãos por liança,
pois ho sam em Fe u Christo nosso
senhor/ e no cuydado que tem de fa-
zer aos meuros. E pera isto auer
effeyto abaley eu de tão lōge como
venho, e pa a guerra dos mouros
ho Preste dara toda a ajuda de gẽ-
te e dinheiro que for necessaria: e se
elevisse de pedradas Dolaca e Ma-
cuã auer se hia por mōr senhor do
que he: e mais se visse em qualquer
delas hũa fortaleza dos Portugue

ses que ele fara á sua custa somente
que eles agoardem. E despois des-
ta pratica e concerto que fizerão, q̃
ho governador mandasse hũ emba-
ixador ao Preste em nome delrey de
Portugal. Jurarão ambos cada
hũ em nome de seu senhor amizade
e liança pera todo sempre: e ho Bar-
negais jurou primeyro, dizendo em
voz alta. Eu juro neste final da cruz
em que padeceo nosso senhor em no-
me do Preste meu senhor e no meu
de sermos amigos dos amigos do
Chriştianissimo rey de Portugal,
e inimigos de todos os seus inimi-
gos/ e amigos de todos os seus
vassallos e seruidores / e inimigos
dos inimigos da fẽ de nosso senhor
Jesu Christo: a que peço q̃ se goar-
de antenos aquela paz e amizade
que ele mandou q̃ se goardasse an-
tre os seus apostolos. E ho gouer-
nador fez outro juramento pelas
mesmas palauras.

Capit. xxviii. De como ho go-
uernador mādou dom Rodrigo
d'lima por embaixador ao Preste.

Estada esta amizade com
muyto grande alegria de
todos que se chegarão lo-
go de hũa parte e doutra esteuerão
ainda ho governador/ e ho Barne-
gais falado em algũas cousas: e ho
governador lhe deu dous corpos d'
coirãças ricas e hũ arnesiteiro e es-
padas/ adargas e punhais e dous
bedês d' seda e outras peças ricas.
E despedido hũ do outro recolheo
se ho governador aos bateis, e ate
se embarcar não quis ho Barne-
gais partir: e isto por cortesia, e des-
pois se partio pera Arquico, dõde

aquelle dia mandou ao governador hũa caualo e hũa mula e cincoêta vacas que ele repartio pela frota, em q̃ auia grande aluoroço, principalmente entre os fidalgos, por se abzir caminho pera a real çamêto da fê catholica em lugar ô de todos traziaão tão pouca esperança de se achar: porq̃ todos (como disse) tinhão a Mateus por mintiroso nem fazião conta de mais que de ho poer em terra / e vendo ho contrairo aluoracuanse todos com prazer de succeder tambem, e a muytos tomaua desejo de irem por embaixadores / assi pera seruirem a Deos e a el rey de Portugal, como pera verê a corte do Preste: e algus pedirão esta embaixada ao governador, e ele a deu a hũ fidalgo chamado dõ Rodrigo delima / e por sota embaixador e escriuão da embaixada hũ Jorge da bren deluas / e lingoa dela João escolar / e forão coeles hũ Lopo da gama e Francisco aluarez clerigo e outros ate treze. E despachado dõ Rodrigo e Mateus se partirão pera Arquico leuando dõ Rodrigo estas peças pera ho Preste / quatro panos dar mar de figuras muyto finos / hũas coyraças de veludo carmesim cõ as outras peças douradas, e hũa espada e hũ punhal de ouro / e dous berços de metal cõ suas camaras dobradas, e dous barris de poluora. e hũ mapa com todas as terras que el rey tinha na India cõ cruces postas nelas, e e algũas imagẽs de nossa senhora, e hũs orgãos. e hũ cravicordio, e hũ tangedor pareles, e pera a raynha ffeleena mandou hũa meada daljofar

grosso com hũa cruz de rubis / e pera ho mosteiro de Bisam incenso e pimenta e panos de seda pera ornamentos e hũa campã, e panos pera vestiaría dos frades, e a Mateus mãdou dar algũas peças de que se ele contentou / e ho governador e Antonio de saldanha forão coeles hũ pedaço. E Darquico forão ao mosteiro dõ Bisam ô de se finou Mateus. E dali partio dõ Rodrigo pera a corte do Preste: de cuja partida os mouros daquelas partes ficarão muyto tristes q̃ temião muyto ajutar se ho poder delrey de Portugal cõ ho do Preste e destruyrênos, e dizião que pois frota de tamanhas naos como o governador leuaua chegara á ilha de Baçuá, e cujo caminho auia tantoa baixos e ilhas que dali por diante cada dia irião lá as nossas armadas, e chegarião ate çuez, e pareciahes aqui lo caminho pera se destruyr sua feita como tinhão por profecia dõ muyto tempo: e cõ medo do governador despejão os mouros a ilha de do loca e se forão pera a terra firme. E despois da partida de dõ Rodrigo ho governador a mãdou queimar / e dahi se partio pera Ormuz.

Cap. xxix. Do q̃ acõteceo a Gõçalo dõ loule indo pera Moçãbique e como ouue a artelharía do galeão de Manuel de souza.

Gõçalo de loule que hia cõ recado do governador aos capitães q̃ inuernaão e Moçambique despois q̃ atranessou ho golfão q̃ ouue vista de terra foy ao longo dela

ate a Bagadaxo: em cujo porto quei-
mou duas naos q̃ estauão a gelya
sem achar nenhũa resistencia nos
mourous, e dali foy ter a Mate, e q̃-
rendo entrar no porto pera tomar
agoa/ como ho seu piloto não sabia
ho canal por onde se entrava deu em
seco sobre area em que a carauela fi-
cou assentada. Entendendo os nos-
sos que com a maree tomarião a na-
dar esteuerão esperando ate ho ou-
tro dia que tornasse: e amanhecendo
virão vir da cidade obra de trezen-
tos paraós pequenos carregados
de gente que chegando a tiro de bô
barda da carauela pararão poêdo
se todos a fio oulhando a carauela,
e assi esteuerão ate que veio a maree:
e então se apartou hũ dos paraós
remando e chegou se perto da cara-
uela/ e hũ dos que vinhão nele sal-
uou os nossos em lingua Portu-
gues, e pregutando q̃ buscão na
quela terra. Ao que os nossos res-
ponderão q̃ buscão mâtímetros/
e porque achão pouco fundo nã
ousão entrar no porto, rogan-
do-lhe que os leuassem a ele e q̃ lho
pagaria. E parece q̃ os mourous
por se não fiarem dos nossos nã se
quiserão atoar cõ a carauela/ e dis-
serão que se fizessem á vela, e que os
seguissem/ e que assi os leuarião. E
os nossos tornarão a replicar que
os leuassem á toa/ e por eles nunca
quererêlhes atirarão cõ hũ falcão
pera lhes fazer medo: que eles ouue-
rão tamanho que fugirão pera os
outros/ que logo começarão de re-
mar e chegar se pera a carauela tan-
gêdo muytos instormêtos de guer-
ra: os nossos que se temerão que os

aferrassem os imigos despararão
hũ camelo q̃ deu no principal paraó
e meteo ho no fundo e a gête ficou
sobre a agoa nadando, e por lhe aco-
dir coçobrarão outros tres pa-
raós com ho peso da gête. E vendo
os outros que ficauão nos paraós
ho dâno q̃ lhes podia fazer a nossa
artelharía fugirão pa a cidade dei-
xando os q̃ andauão nadando/ que
visto por Gôçalo deloule como fica-
uão desemparados mandou a hũ
Martim correa q̃ cõ outros sete fosse
no batel a matalos. E ele ho fez assi
e matou muytos/ e recolheo de fa-
dado de matar hũs tres, de que hũ
era homem velho, e recolhendo os
chegou hũ mancebo a bordo pedin-
do q̃ ho recolhessem porq̃ se afoga-
ua de cansado/ e por não caber no
batel e Martim correa auer medo
de coçobrar ho não quis tomar, e
ele morreo logo de hũa lâçada que
trazia: ao que ho mouro velho deu
hũ grande sospiro/ e os outros do
us começarão de chorar, e os nos-
sos se forão pera a carauela, e como
ho capitão estava desesperado d̃ po-
der entrar no porto por não ter quẽ
lho insinasse/ disse q̃ dessem tormê-
to aos tres catiuos e q̃ eles ho infi-
narião: e q̃rendo começar no velho
ele acenou aos dons q̃ ho dissessem,
e hũ deles ho mostrou: e achado ho
piloto da carauela doze braças se
fez á vela e entrou no porto onde sur-
giõ antre hũas naos q̃ hĩ estauão, e
nã auêdo quẽ resistisse as roubarã
os nossos de muyta riq̃za q̃ acharã
nelas, e nã cabêdo todo ho despoio
na carauela o q̃ sobejou carregarão
e hũ zâbuco pa o leuarẽ atoadõ ate

Abelinde/onde esperauão de vêder
o q̃ leuauão, e ali lhe resgatarão ho
mouro valho q̃ era senhor de p̃ate
posto que então ho não sabia Gôçalo
deloule: e partido daqui foy ter
a Abelinde e mealegoa da cidade a-
chou ho mestre que fora do galeão
de Abanuel desousa e outros seys
q̃em hũ paraõ bião fugidos de Mo-
ja onde stenerão catiuos ate então,
e em Abelinde soube como se perde-
ra ho galeão e quẽ ouuera ho despo-
jo. E determinando Gôçalo delou-
lé de cobrar toda a artelbaria do ga-
leão leuou de Abelinde hũ mouro
de Moçambique q̃ sabia onde sta-
ua, que era na ilha de Zanzibar, na
de Pêba e na de Abonfia. E passan-
do Gôçalo deloulé por estas ilhas
lha derão os reys com medo e co-
brou toda a artelbaria que nenhũa
ficou senão a q̃ tinha el rey de Abô-
baça. E cobrada esta artelbaria foy
ter a Moçambique na fim de feue-
reyro despois de passar hũa muy-
to grande tormenta.

Capit. xxx. De como Jorge dal-
buquerque polo recado do gouer-
nador se partio em busca dele cõ
algũs capitães dos que inuerna-
rão coele.



Chegado a Moçãbiq̃
deu ho recado q̃ trazia
do governador a For-
ge dalbuquerque, e el-
le ho praticou com os outros capi-
tães: e acordouse que Jorge dalbu-
querque com Diogo fernandez de
beja/ Christouão de medoça/ Ra-
fael catanho e Rafael perestrelo fos-
sem buscar o governador, e ho dou-
tor Pero nunez ficasse por ser vê-

dor da fazenda, e com os outros ca-
pitães se fosse dereyto á India, por
que se ho governador tardasse no es-
treito como podia ser teuesse naos
que mādasse carregadas pera Por-
tugal. E isto assétado partio se For-
ge dalbuquerque cõ os capitães q̃ vi-
go e cõ Gôçalo deloule q̃ndo foy tẽ-
po e seguirão sua derrota pera ho
cabo de Boardafum que he de qui-
nhentas legoas de Moçambique/
e ali achou nouas como ho gouer-
nador era entrado no estreito: e que-
rendo Jorge dalbuquerque entrar
nele os feytores das mais das naos
da conserua q̃ erão de mercadores
lherequererão muyto estreitamen-
te da parte del rey de Portugal q̃
nã leuasse as naos dos mercadores
ao estreito que se podião perder, e
perderião vender sua mercadoria
se inuernassem no estreito e muyto
mais em não ir a Portugal ho an-
no seguinte/ tirando d'isso estorment-
os e fazendo suas protestações so-
bre Jorge dalbuquerque que fosse
obrigado a pagar todas as perdas
que recrecessem aos mercadores de
as suas naos entrarem no estreito/
pelo que Jorge dalbuquerque não
quis entrar tomãdo certidão do q̃
lhe os feytores requerião: e moueo
ho tambem a não entrar parecerlhe
q̃ seguraua mais coisso ho seruiço
del rey, e tomou seu caminho pera
Ormuz, onde determinaua desperar
ho governador. E seguido por sua
viagẽ cõ grãdes tormentas ate ho ca-
bo d' Moçalcate/ e como ho dobrou
o deixarão e foy surgir no porto de
Calayate, e ali esperou ho gouer-
nador por lhe parecer assi melhor.

Capit. xxxi. De como Jorge dalbuquerque mandou prender Raix rabadim regedor de Calayate, e do grande dano q̃ receberão os nossos querendohos prender.



O tẽpo q̃ Jorge dalbuquerque chegou a esta vila estava nela por regedor hũ mouro chamado Raix rabadim cunhado de Raix xarafo goazil Dormuz. Este Raix rabadim estava mexericado com el rey Dormuz / q̃ho tinha mandado chamar muytas vezes: e ele receando o q̃ era nunca quis ir, o q̃ mais indinou el rey e deleyaua de ho prẽder / e não oulhaua fazelo de praça por saber que era bõ caualeyro / e q̃ se auia de defender cõ a gente que tinha. E descontente disto soube que hũ Duarte mendez de vascõcelos q̃ andaua dar armada na q̃la costa tinha muyto estreita amizade e conuersação cõ Raix rabadim em tanto que muytas vezes se hia coele dar armada, e por isto lhe escreueo hũ carta muyto secretamente em q̃ lhe pedia q̃ manhosa mente prendesse Raix rabadim / porq̃ sabia que ninguem ho podia fazer melhor: prometẽdo lhe por isso muytas merces. E se por ventura naquela conjunção chegassem ali algũas naos de Portugal, que lhe pedisse da sua parte aos capitães que lhe prẽdessem Raix rabadim: e ho mesmo escreueo dõ Garcia cou tinho capitão da fortaleza de Dormuz. E tendo Duarte mendez este recado como chegou Jorge dalbuquerque lhe foy dar conta dele mostrando lhe as cartas q̃ tinha / que

tambẽ Jorge dalbuquerque mostrou aos capitães da frota com que pẽso ho caso em conselho, e allentou-se que se prendesse Raix rabadim na noyte seguinte, e no comeco dela irião os capitães da frota cõ a melhor gente de suas naos ajuntarse por popa da galé de Duarte mẽdez e no seu batel iria em seu lugar dom Sancho anriquez seu cunhado e genro que hia por capitão mór do mar de Malaca, e no de Diogo fernandez porq̃ estava doente: e sangrado iria Diogo rabelo seu cunhado, e Duarte mẽdez iria a casa de Raix rabadim às horas q̃ costumaua / e dom Sancho lhe iria nas costas cõ a gente: e em Duarte mendez entrãdo entraria coele e prẽderião Raix rabadim. E assi ho quiserão fazer, mas não poderão / porq̃ parece que ele entendeu a cousa e estava a recado / e nã quis mãdar abrir a Duarte mẽdez: e chegãdo dom Sancho com a gente quando vio q̃ não queria abrir quis q̃brar as portas e entrar por força, ao q̃ acodio a gente darinas de Raix rabadim q̃ estava defrõte das suas casas alojada e tẽdas / e começouse hũ jogo, delãçadadas muy aspero / e etre tanto dom Sãcho entrou por força em casa de Raix rabadim cõ Duarte mẽdez / e hũ Eytor de valadares / e Rafael catanho, e como não erão mais acharão dẽtro que lhes resistisse, peijando muy fortemẽte, e todos quatro ho fazião muy esforçadamẽte. E estando neste perigo / a gente de Raix rabadim pelejou com os nossos de maneyra q̃ os fez retirar pera a praya ferido e matãdo neles / e

como os fizerão retirar acodirão a Raix xabadim q̄ entêdendo q̄ ho, q̄ riação prêder se deitou de hū terrado abaixo por hūas cordas z fugio, z ficarão os leus q̄ tinha das portas a dêtro / q̄ dom Sâcho z os outro tres fizerão recolher aos terrados das casas, z eles ficarão senhores dos baixos. E sintindo q̄ os imigos tornauão sobre as casas z não vendo nenhū dos nossos fecharão as portas z poserãse de dentro pera se defender se lhas quebrassem / z quando os mouros virão que os não podião entrar poserão fogo ás portas pa os queimar: z nisto quis nosso senhor q̄ acodio Diogo fernã dez de beja cō gente / que cō quanto estaua doente z sangrado não se po de sofrer sem se achar na q̄le feyto, z acodio despois que a peleja foy tra uada. E indo polo mar ouuiu a grã de grita que bía em terra, z chegã do a ela com muyta pressa achou os nossos encâtoados na praya z muy tos feridos / z algũs mortos: z sabêdo a couda como passaua esforçou os nossos z remeteo coeles aos mouros / z apertou os tão rijo que os fez fugir porque cuydarão que q̄ntos auia na frota bião sobreles: z leuando os de vencida foy ter ás casas de Raix xabandim onde dom Sancho estaua com os outros em grande perigo. E Rafael catanho lhe bradou de hūa genela que mandasse matar ho fogo que estaua pegado nas portas / porque mataua a ele z aos outros / z querendo os nossos apagalo começarão de cho uer sobreles zagunchadas z frecha das q̄ os mouros tirauão de sobre

os terrados doutras casas, que ja os q̄ estauão nas casas de Raix xabandim erão fugidos por cordas per q̄ se deitarão. E apagado ho fogo sayo de dentro dom Sancho q̄ estaua muyto ferido z apos ele os outros. E sabêdo Diogo fernã dez que Raix xabadim era fugido, não teue mais q̄ fazer z mandou embar car os feridos que forão cincoenta z mortos vinte / z dos mouros nã morrerão mais de tres: z todo este dâno receberão os nossos por Duarte menezes saber mal ordenar ho feyto z dom Sancho ho seguir nele. E por este feyto ficarão os nossos em muyto descredito com os mouros, z Raix xabadim com grãde fama d'caualeyro esforçado por lhe saber tambeem resistir.

Capit. xxxij. Da grãde tormêta que o gouernador passou saindo do estreito / z como se perdeu a galé de Jeronimo d' souza, z dos que morrerão nela.

PArtido ho gouernador / Diogo lopez de siqueira da ilha de Bolaca pera ir inuernar a Ormuz seguiu suaviagem / z aos sete dias de Mayo passou por Camarão, z aos quinze passou as portas do estreito z foy surgir ôde se perdeu a sua nao de q̄ ainda cobrou tres ancoras / z a vinte hū dias dele chegou a Aldê, onde passados tres dias se partio pera Ormuz z na parajem da ilha da Madeira achou muyto grandes çarrações z tormentas com que os mais dos bateys dos nauios çoçobrarão: z assi abrio a galé d' Jeronimo d' souza z se foy ao fûdo

nha e meteos dentro com treze ou quatorze fidalgos que hão coele, dizendo que pois todos auão de morrer que melhor seria saluarem-se os fidalgos que os outros. E hũ destes era hũ Pero da silua dalcunha bo cafre irmão Dafonso telez senhor de Câpo mayor e ouguela / e quizeram meter na barquinha hũa arca encoirada / que Jeronimo de Sousa não consentio que se metesse dizendo que os faria coçobrar / e q se ele não deixaua meter mais gente por irem boyâtes e não coçobrarẽ como queria levar hũa arca que pesaua por tres homens, e nã lha quis deixar meter: do que Pero silua auendo menencoria, disse que pois a sua arca não hia na barquinha que não auia dir nela e tornou-se a galé dizêdo que esperaua em Deos que se auia de saluar melhor que os que hão na barquinha. E vêdo hũ seu primo chamado Manuel galuão filho de Duarte galuão que se torna uia a galé, tornou-se coele por ser muyto seu amigo: e Jeronimo de Sousa se foy vendo q de todo em todo Pero da silua não queria se não ficar na galé, onde não tardou muyto que não morreo cõ quantos ficaram coele por se a galé ir ao fundo e não auer quem lhe acodisse. E Jeronimo de Sousa se foy na barquinha com Anrrique homẽ filho d João homem e Pero borges / e outros fidalgos ate onze / e tirarão caminho da costa Darabia onde por milagre de nosso senhor chegarão a cabo de dous dias, escapando de mares muy grossos e altos. E desembarcados acodio logo a gente da ter

ra que erã mouros, que conhecẽdo serem Chriştãos como lhes que rião grande mal começarão logo de os atormentar com pancadas / bofetadas, e arrepelões: e como elles não vião tempo nem tinhão cõ que resistir sufrirão tudo com paciẽcia pera ver se podião escapar da morte. E despois de roubados de quanto leuauão vestido / q ficarão nus se forão ao longo do mar preguntando por Calayate, õde se querião ir assi por ser de nossos amigos como por terem por certo q ali auião dachar a nossa armada ou algũs Portugueses / e forão assi ao lãgo do mar caminho de cem legoas de calços e despídos / q era cousa piedosa de ver como hão torrados do sol e magros de muyta fome, e de grande sede que passauão, e cortados d muytas pãcadas q recebião dos mouros e fracos do immenso cançasso e fadiga sem comparação que lhes causaua ho caminho: e assi forão ter a hũa cidade vinte legoas de Calayate / cujo senhor era vassallo del rey Dormuz, e quando soube que os nossos hão assi os mandou levar perante si / e os deteu algũs dias pera tornarem ensi e se esforcarem, e fez lhenestes dias tanto galalhado e bõ tratamento q mais não podia ser. E despois de vestidos dã dolhe dinheiro pera ho gasto do caminho os mandou a Calayate e coeles certos criados seus pera q fossem seguros.

¶ Capit. xxxiiij. De como o gouernador foy ter a Calayate: e dahi a Dormuz onde innernou.



Escapado ho governa-
dor daquela grãde tor-
menta q̃ digonão dei-
rou de ir com mares
muyto grossos z carrações ate ho
cabo de Roçalgate, que se faz na en-
trada do estreito da Persia/ òde en-
trado com a armada achou grande
calmaria q̃ não se afastauão as ve-
las dos mastos: z a causa era come-
çar ali ho verão/ z da tormenta pas-
sada ser ja inuerno na costa que du-
ra do cabo de Boardafum ate ho
deroçalgate q̃ começa no mes Da-
bril z acaba em Setembro: z por is-
so os nossos acharão tamanbas
tormentas por aq̃la costa. E pareceo
couisa de admiração que em espaço
de duas legoas auia em hũ cabo cal-
maria z ho sol estaua muyto claro,
z em outro ho ceo muyto escuro z
nuuēs muyto grossas z grande tor-
menta. E chegado ho governador
a Calayate onde staua Jorge dalbu-
quer que soube do desmãcho que se
fizera na prisa de Raix xabadim:
z muyto agastado dissotirou a ca-
pitania da galé a Duarte mēdez de
vasconcelos polo achar culpado/ z
ho prendeo z assi outros: z porque
auia dir inuernar a Ormuz nã quis
leuar mais que as galés z nauios
pequenos/ z as naos grossas z ga-
leões deixou os q̃ fossem inuernar a
Abazcate debaixo da capitania de
Jorge dalbuquerque q̃, onde se despois
forão. E pera estes capitães darem
mesa á gēte que ficaua coeles fez lhe
mercedo d' dinheiro del rey pera sua
despesa/ z todos ho tomarão/ sal-
uo Francisco de Sousa tauares capi-
tão da nao sancta Cruz: a q̃ ho go-

uernador a deu naq̃le porto/ z por
seruir el rey deu mesa á sua custa em
que gastou muyto por ser nobre fi-
dalgo, z prezarse muyto de fazer tu-
do bem feyto. E ho governador se
foy a Ormuz onde teue ho inuerno
com grandes festas que lhe fizeram
el rey/ z Raix xaraso.

Capit. xxxiiij. De como foy por
capitão mór da armada pera a
India Jorge de brito, z do que
aconteceo ao galeão de Ruy vaz
pereyra com hũ peixe.



Antes disto se foy o por-
tugal agrauado del rey
dom Manuel hũ Fernã
de magalhães (de que fiz
menção no liuro terceyro) z coeste
agrauo se foy pera ho emperador
Carlos rey de Castela/ a q̃ fazêdo
crer que as ilhas de Maluco erão
suas (como direy a diante) foy por
seu mādado por capitão mór o hũ
armada a descobrilas. E sabido is-
to por el rey dom Manuel, quis ata-
lharlhe com mandar hũ armada
a estas ilhas pela via da India/ pe-
ra que prendesse a Fernão de maga-
lhaes selá fosseter. E pa este feyto
escolheo hũ fidalgo chamado Jor-
ge de brito (de que faley també no
liuro terceiro) por confiar dele que
ho faria bem, z em muyto segredo
lhe disse sua determinação com ju-
ramento que a não descobrisse a ne-
nhũa pessoa se não na India/ z ma-
is lhe disse que faria hũ fortaleza e
hũa das ilhas de Maluco onde lhe
melhor parecesse/ z deu lhe quinhẽ-
tos homens pera leuar a Maluco, z

artelharía e munições para esta fortaleza, e assi officiaes q̃ nela seruíssem. E todos estes officios deu el rey a quẽ Jorge de Brito lhe pediu que os desse, e por não ser descoberto pera onde Jorge de Brito hia dizia em todas as prouisões dos officios que erão pera onde Jorge de Brito fosse. E por el rey êcobrir mais sua ida lançou fama que hia fazer hũa fortaleza na ilha d̃ camatra, e a fora isto deu el rey prouisões pera ho governador da India que lhe desse a armada e a gente que lhe pedisse: e sobretudo lhe deu a capitania mór da armada que aquele anno de vite auia dir pera a India. E os capitães de sua conserua forão Gaspar da silua q̃ leuaua a capitania da fortaleza de Chaul que el rey mandaua fazer, Pero lopes de sam Payo capitão doutra que se auia de fazer nas ilhas d̃ Maldina, Pero loureço de melo que leuaua hũa viagem pera a China, Andre diaz alcaide pequeno de Lisboa que hia pa fazer a carga, Lopo dazeuedo / Pedro Paulo, Manuel de souza capitão do galeão reys magos que auia de ficar na India, Ruy vaz pereyra doutro galeão q̃ auia nome sam Rafael / que tambem auia lá de ficar. E o que acôteo a esta armada na viagem eu ho não soube, somête a Ruy vaz pereyra que a vinte sete de mayo sendo cincoẽta legoas das ilhas de Tristão da cunha, lhe deu hũa grande tormenta de vento: e logo a hũ sabado vespera da Trindade na paragẽ do cabo ho seguiu hũ peixe muyto grande dos q̃ chamão peixes sombreiros / e rodeando ho

galeão tres ou quatro vezes da deradeira ho aferrou pola bãda de bõ bordo leuãdo ele metidas todas as velas com vento galerno, e tanto q̃ ho peixe ho aferrou teueo quedo como se esteuera furto / e tinhao cingido com a cabeça na amura, e bora bo no leme: com que deu nele duas pancadas que derribou dou gormetes que hião a ele / e era tão grosso que chegaua com hũa espadana á mesa da goarnição e muytos lhe poserão a mão nela. E receando ho piloto e ho mestre q̃ çocobrasse ho galeão: mandarão amaynar bo traquete da gauea, e ho côdestabre ho quisera ferir cõ hũ pique e não lho cõsentirão / e socorreose ho capitão a nosso senhor / e hũ clérigo se reueitio / e com hũas reliquias na mão começou de rezar, e quis nosso senhor que auendo hũ oytauo do: a q̃ ho peixe tinha aferrado ho galeão ho desaferrou, e deitou pola boca duas ou tres vezes grãdes golpes dagoa no chapiteo / e tornou apos ho galeão que seguiu ate ho quarto da madozra rendido. E cõtinuãdo daqui Ruy vaz pereyra sua viagem foy ter a Moçambique, ôde soube que ho governador internaua em Ormuz, e por ser muyto cedo ho foy esperar a Mazcate.

Capit. xxxv. De como Antonio correa despois de chegar a Malaca foy sobre a tranqueyra do Pago e a desbaratou e fez fugir os inimigos.



Inda a moução de Pegúpera Malaca / partiose Antonio correa leuando a sua nao car-

regada delacre e doutras mercado-
rias, e seys, ũgos carregados dar-
roz,inhos,azeites e carnes. E de
caminho foy ter a Pacem, onde a-
chou tres naos de mercadores de
Bengala carregadas de mercado-
ria: de que era capitão mór hũ capa-
do chamado Gormal, e querendo
Antonio correa que fossem a Mala-
ca para pagarem lá os dereytos de
sua mercadoria na nossa feitoria lhe
dava Gormal hũ conto de rs / e q̃
ho deixasse ficar em Pacem, e que
ali pagaria os dereytos a hũ feytoz
nosso que hi ficasse, e não querêdo
Antonio correa ho leuou cõigo ca-
minho de Malaca, dandolhe seguri-
do delhe nã ferlá feyto nenbũ mal.
E passando polos baixos de Capa-
cia em dia de corpo de Deos q̃ foy
vespera de sam João deu a sua nao
em seco e ficou na vasa sem perigar
atẽ que tornou a nadar com a marẽ
e dahi foy ter a Malaca õde achou
por capitão Garcia de sã, e foy mui-
to bẽ recebido dele e de toda a gẽte:
porque polos muytos mātimentos
que trouue ficou a terra tã abasta-
da q̃ oytenta gantas darroz valtão
hũ cruzado valendo dantes ho mes-
mo quatro. E ho Alascar dizia que
Antonio correa era sancto que tira-
ra a fome da terra: e tambem coesta
fatura a gente del rey de Bintão
que tinha cercada Malaca leuãto
ho cerco, e se recolheo ao Pago on-
de el rey estava. E porq̃ estando ele
ali sempre aũa de mandar correr a
Malaca e darlhe muyta opressam,
assentarão Garcia de sã e Antonio
correa que era necessario lãçado da-
li fora, e que Antonio correa ho fõs

se fazer, e fosse por capitão mór, e
pera isso partio de Malaca a quize
de Julho, e forão coele estes capitã-
es: Duarte de melo, Duarte furta-
do, Duarte coelho, Anriq̃ leme,
Manuel pacheco, Bertolamen da
fonseca capitão das lancharas de
Malaca, frãscisco de sequeyra, Car-
los carnalho, Diogo diaz, Christo-
uão diaz, Ruy mendez, João salga-
do, e outros a quem nõ soube os no-
mes que por todos erão trinta em
nauios redõdos, carauelas, galẽs/
lancharas e hũ Bargantim / e em
todos quatrocentos e cincoẽta ho-
mẽs ate quinhẽtos. scẽto e cincoẽ-
ta dos nossos e trezẽtos dos da ter-
ra, e ele hia em hũa galẽ e foyse de-
reyto ao rio de Anuar que he largo
e alto como sa disse e bẽ pouoado õ
gẽte dũ cabo e do outro e dambas
as bãdas he aruoredo tã alto e tã
bãsto que nõ se ve ali sol se nõ ao
meyo dia: por este rio dẽtro ate seys
legoas se faz hũa boca dũ estreito q̃
se chama Pago, e por ele acima esta-
ua hũa pouoação muyto grãde do
mesmo nome em que el rey de Bin-
tão moraua em hũas grãdes e sum-
ptuosas casas cercadas todas des-
tancias dar telharias, e ho esteiro
atrauessado de muytas e fortes es-
tacadas: e na entrada dele pelo rio
grande estava hũa fortissima tran-
queyra de duas faces muyto larga
e ambas de paos ferros q̃ sam qua-
si tã grossos como mastos e da
mesma dureza do ferro que nõ a-
podrecem nãgoa, e entulhado de
troços dos mesmos paos e dou-
tros com hũa porta no meyo que se
fechaua por onde entrãõ e sayãõ

as suas lancharas: e nesta trãquey
ra estauão assêtados arrezoadamẽ-
te de tiros d'artelharía/ e em goar-
da d'ela hũ capitão del rey de Bĩn-
tão com muyta gẽte de peleja, e por
isso como pola fortaleza da trãquey
ra parecia a el rey de Bĩntão q̃ esta-
ua ali muyto seguro, e não somẽte
a nossa armada que ele sabia q̃ auia
de ser pequena, mas a mais grossa
do mũdo a não auia de desbaratar.
Entrado Antonio correa por este
rio que he todo em voltas foy por
ele ate a trãqueyza dos inimigos e
surgio na derradeyza volta detras
de hũa ponta onde staua seguro de
sua artelharía, e ficaua tão pto da
tranqueyza que ouuia ho tũda fala
dos inimigos/ e de noyte mandou
espíar a tranqueyza por hũ Jorge
medurado feytoz da sua nao que sa-
bia bem a lingua malaya/ e foy em
hũ balanco q̃ se rema de pangayo/
e por isso não leuaua mais q̃ hũ soo
remeiro, pelo que não foy sentido
nem visto com a grande sombra do
aruozedo. E chegando á tranquey-
ra ouutos falar hũs cõ os outros/
e dizião que esteuessem prestes por
que os frangues estauão á porta: e
passado ho quarto da madoira tor-
nou com recado a Antonio correa a
que contou o que ouuira/ e que no
rumor da gẽte parecia que era muy-
ta. Antonio correa chamou logo a
conselho/ e os capitães da armada
e pessoas principais dela: e despois
de lhes contar o quelhe Jorge me-
durado dissera/ disselhes. Se nesta
guerra senhores foreys tão novos
como eu sou, e eu tão antigo como
vos: parecerame que era necessario

efforçar uos pera esta batalha: mas
pois eu q̃ sou nouo nela estou effor-
çado com a confiãça que tenho em
nosso senhor, e por vos ter em mi-
nha companhia, que fareis vos que
quasi tendes de juro vencer a estes
mouros/ e vos mostrou nosso se-
nhor tantas vezes seu poder em os
vencerdes sendo tão poucos e des-
tãtos que cobrião a terra e ho mar:
por isso ey por escusado querer dar
efforço a quem ho tem pera si e pera
mim, se não dizer uos que prazendo a
nosso senhor como for manhaã dare-
mos na tranqueyza, leuãdo diante
Duarte de melo na sua carauela pe-
ra q̃ nos faça caminho e possamos
sobir polos mastos e extrãcia dela:
e nenhũ de uos tirara com sua arte
lharía ate que eu não faça final com
hũa espera que leuo. E isto assenta-
tado tornarãse os capitães aos na-
uios/ e postos em ordem como foy
manhaã abalarão a remo pa a trã-
queyza/ e a carauela hia á toa, e em
descobzindo a ponta desparou a ar-
telharía dos inimigos com ho seu
espantoso impeto, e por estar dalto
não fez nojo aos nossos, que també
em descobzindo a pũta começarão
de jugar com suas bombardas, co-
meçando primeyro Antonio correa
com a sua espera e ajuntou se ho fu-
mo delas com o que as dos inimigos
lãcauão, e fez se dambos hũa neuo a
tão grossa e negra que tudo ficou es-
curo: porẽ os nossos pelouros va-
reiaũão tão riço pola tranqueyza q̃
os inimigos se espantarão e fugi-
rão vendo que neste tempo chegou
Duarte de melo á tranqueyza e a-
balroou coela/ o que eles não cuy-

dauão que podia ser / e por isso fugirão, pelo que os da carauela que em abalroando começaram de subir pola enxarcia não acharão na tranqueyra quem lhes resistisse, o q differão aos outros e abzirálhes as portas por onde entrarão muyto le dos com grandes gritas de louvores a nosso senhor, principalmente Antonio correa por alcáçar tão facilmente hũa tão famosa vitoria como aquella foy, porque tanto môtana vêcer cõ ho medo q lhe ouuerão, como pelejando. Entrados os nossos acharão muytas panelas d'arroz cozido e outras igoarias q os inimigos tinhão pera almoçar que estauão ainda quentes / de q almoçarã: e despois apanbarão algũas alcatifas que acharão e recolberão aos nauios vinte peças d'artelharia de metal / em que auia algũs berços com as esperas del rey de Portugal.

Capít. xxxvj. De como el rey de Bintão com toda sua gête fugio do pago por medo. Antonio correa, e como foy queymada e destruyda aquella força.



Como a principal causa daqle feyto era lançar fora do pago a el rey de Bintão: determinou Antonio correa de ho fazer / e assi ho disse aos seus capitães: com que assentou que Duarte de melo ficasse na boca do estreito com ho seu natio de fora no rio, e ele cõ os pequenos e bateys entrasse polo estreito: e assi se fez indo ele diante de todos

em hũ batel apadeffado por lhe não fazerẽ nojo as frechas q os inimigos lhe poderião tirar de terra. E por que foy auisado que tinhão serrado quasi todo aqle aruozedo dambas as bandas do rio pera ho derribarem nele com cordas q lhes tinhão atadas nas pontas tanto q os nossos entrassem por ele pera coisso lhe impedirẽ a passagem: leuaua diante de si hũa mächua e vinte carpinteiros nela cõ machados pera desfazerem as arvozes em troços e de sembaraçarem ho caminho / que tãbem estaua atrauancado com as estacadas, e por isso leuaua ele apparelhos no seu batel pera q os q hião nele fossem arracado as estacadas: como arrancarão com muyto trabalho / e coele cortarão tambem os carpinteiros o que os inimigos derribarão em os nossos entrando. E coestes embaraços fizeram os nossos algũa detença em chegar ao pago / porẽm chegarão cõ muyto grã de espanto dos inimigos que sempre cuydarão q os estornassem tãtos impedimentos. E vendo el rey como hião ajuntou sua gente que era muyta e muytos alifantes de castelos junto das suas casas que estauão em hũ teso dũa bãda do esteiro que partia a cidade polo meyo a q daua seruentia hũa ponte de madeira q ho atrauessaua / e os inimigos estauão a vista dos nossos fazendo lhes grãdes rebolarias de gritas / e disparando sua artelharia: de que os nossos não fizeram conta, e com grande impeto poyarão em terra / e primeyro Alfonso valête q era ho alferez, e Antonio correa que quise

raleuar a gente em ordem, mas não pode: porque nem ela tinha sufrimẽto pera isso: nem a multidão de frechas que os inimigos desparauão os deixaua: e do meyo do teso arre-metem a eles chamando polo apos-tolo Santiago, correndo a quem primeyro chegaua aos inimigos/que vendo a furia dos nossos, e re-presentandose lbe diante o q̃ tñhãopassado pera chegar ali, ou poendo lhes nosso senhor hũ terror muy grande como he de crer, sem mais pelejar começãõ de fugir a quẽ mais podia, e os nossos apos eles derribando muytos mortos por esse chãõ e deixarannos logo por não saberem a terra que não quis Antonio correa quelhes sobreniesse algũ perigo. E a porta das casas del rey fez muytos canaleyros por memoria de tão famosa vitoria como aquella foy sem dos nossos ser nenhũ ferido nem morto: e dos inimigos muytos e catiuos: e saqueadas as casas del rey e a cidade, em que se ouue muyto e muy rico despojo a fora a artelbaria foy tudo queymado: e assia frota del rey que estaua recolhida no estreito em que auia bem cem calaluzes, lancharas e mãchuas e algũs dourados nas proas e popas em que el rey costumaua dandar: e estes estauão cheos de poluora e delenba, e porque os nossos os não leuassẽ lhes poserão os inimigos fogo em fugindo: e a dous destes dourados mādou Antonio correa apagar o fogo e meos queymados os leuou a Malaca: e desta vez ficou el rey de Bintão tão destrogado q̃ se acolheo a Bintão

que era perto de Malaca/ perãõõ de se partio Antonio correa despois de queymar a tranqueyra / e laa foy recebido com muyta festa pola liurar de tamanho cerco e de fome tão apertada.

Capit. xxxvi. Do façanhoso feyto que cinco dos nossos fizerão defendendose de Raja cudamec e de sua gente que matarão quasi toda e lbe tomarão bñalãchara.



Sendo Antonio correa e Pegũ / el rey de Pacem que era tirano e tinha tomado ho reyno ao proprio rey que matara leuantou se contra os nossos que estauão em Pacem e erão vinte quatro criados de dom Aleixo de meneses e de dom João de lima, e todos forão mortos e tomarãlhe muyta fazenda que tñhãõ del rey de Portugal / e destes fidalgos, e doutras partes que valia setenta mil cruzados, e pola guerra que el rey de Bintão fazia a Malaca não setomou disto vingança: e despois que Antonio correa a liurou do cerco, mandou Garcia de sa a Manuel pacheco em hũa nao em que andasse armada de Pacem ate Achem, e não deixasse entrar em nenhũ destes dous portos nauio algũ nem sayr, nem consentisse que say ssem deles a pescar / porque esta era a mayor guerra que selbe podia fazer, e deu lbe vinte dos nossos antre soldados e marinheiros: e partio Manuel pacheco pera laa quasi na fim

Dagosto, e como chegou foy logo sentido/porquenem lhe ficou pescador que não tomasse/nem deixava entrar nenhũ nauio estrangeiro e se aperfianão metia os no fundo. E andãdo assi por lhes faltar agoa mandou Manuel pacheco fazer agoada em bũ rio chamado Jacapari hũa legoa do de Pacem e forão no batel a fazela no mais de cinco homens/ Antonio paçanha Dalanquer, João dalmeida de quintela criado Dantonio correa/ Antonio de vera do Porto/ Francisco gramaxo moço da camara da condessa trabesa e ho barbeiro da nao, e os remeiros, e a nao ficaria hũa legoa a lamar. E feyta agoada, e tomados palmitos começarão dese sayr do rio: e nisto acode sobreles tanta soma de gêtedambas as partes do rio que foy cousa despanto velos e as gritas que dauão, e as frechas quelhes tirauão/porquetodos estauão magoados deles pola guerra quelhes fazião, e como os nossos não leuauão arrombadas que os emparasse, fizerãnas das adargas poendo as dianteiras nos bordos do batel/ e as costas bũs nos outros/ e em pouco tempo todas as adargas forão empenadas: e quis nosso senhor que nenhũ não foy ferido, e com muyto trabalho sayrão do rio tirando caminho da nao: e indo quasi a meya legoa de la/ não poderão furdar por mais que os remeiros remauão por crescer a maré e ventar a viração q̃ tudo era contra eles. E estando nesta fadiga ex que saem do rio de Pacem tres grandes lancharas cõ mil ho-

mẽs de peleja segũdo se despois souber: e hia por capitão delas hũ mouro Jao muyto valente caualeyro/ que auia nome Raja cudameci capitão mór do mar del rey de Pacem/ e as Lancharas hião bũas das outras a tiro despingarda/ e a capitaina hia diante, e enxergaua se logo pola bandeira que leuaua, e todas hião a boga arrancada por chegar ao nosso batel/ e os q̃ hião nele vendo que da nao lhe não podião acodir por não auer em que: e que a capitaina dos inimigos lhes hia chegando/ e que não tinhão remedio se nosso senhor não acodia, encomendarãse a ele muyto deuotamente/ e assi a nossa senhora: e esforçados coisso acordarão que tanto que os inimigos abalroassem coeles trabalhassem polos entrar pola proa da lanchara, porque como era estreita poderse hião ali ajudar deles melhor que em outra parte/ e mais que em a lanchara abalroado pegasse ho barbeiro com as mãos nela e a teuesse ho mais que podesse. E assi ho fez/ que em os inimigos chegando lançou as mãos na lanchara e a teue como a poderater hũa abalroa, e com quanto as gritas que os inimigos dauão/ e os instrumentos que tangião, e as frechas que tirauão era pera espan tar a muytos, quanto mais a tão poucos como erão os nossos: eles confiados em nosso senhor e em sua gloria madre, bradando por eles de todo coração se arremessarão na proa da lanchara, e dali com efforço milagroso começãdo as lâçadas com os inimigos e matar/ assi os

lascarins como os remeyros que a
neuhū perdoauão. E os inimigos
quehião muyto fora delhes pare-
cer que seria por os nossos não serẽ
mais de quatro e eles polo menos
trezentos assi remeyros como lasca-
rins: vêdo que os nossos pelejauão
daquela maneyra começarão de se
lançar ao mar / e outros se retira-
rão pera a popa da lanchara onde es-
taua Rajaçudameci que se pos diã
te dos seus pera resistir aos nossos
e durou aqui a peleja qñ hūa hora
em que os nossos forão todos feri-
dos: mas eles pelejarão també com
ajuda de nosso senhor / q he de crer
que os ajudaua: que não somente
matarão a mayor parte dos inimi-
gos / e outros fizerão lançar ao mar
muyto feridos / e ho derradeyro
foy Rajaçudameci ferido de cinco
lançadas, que parece que se lançou
mais pera se vigar da fraqueza dos
seus que pera saluar a vida, porque
despois que foy no mar nadando
com os pés e com hūa mão / com a
outra mataua quantos podia alcã-
çar com hū rico terçado q trazia: e
assi andou ate que se sumio debaixo
dagoa, e as duas lancharas que fi-
cauão a tras vendo aquella desbara-
tada / ou despois que começarão
de ver que ho auia de ser não ousa-
rão de passar e tornaranse: no que
parece bem que quis nosso senhor
dar vida aos nossos / porque segun-
do estauão feridos e cansados se os
inimigos chegarão a eles ali acaba-
rão suas vidas: e com vitória tão
milagrosa como esta foy ficarão se-
nhores da lanchara e se forão pera
a nao despois que vazou a mar: on

de todos derão muytas graças a
nosso senhor por tamanha merce co-
mo aquella foy: com que os imigos
ficarão tão espâtados q assi auiaõ
medo dos nossos assi como do fogo
e não ousauão de bolir consigo. E
recebendo el rey de Pacem perda
grandissima desta guerra, mandou
dizer a Manuel pacheco que paga-
ria a fazenda dos nossos que fora
tomada em sua terra, e que fizesse
paz coele: e assi ho assentarão ate sa-
ber de Garcia de Sá se era contente,
e ele ho foy despois q el rey de Pa-
cem comprio o que dizia, e Manuel
pacheco levou a lanchara que os
nossos quatro tomarão a Malaca:
e por memoria do milagre que nos-
so senhor fez lhe mandou fazer hū
alpêdere cuberto e apos nele sobre
hūs vasos pera que durasse pera
sempre. E vinda a moução pera a
Índia como quer que Malaca fica-
ua liure da guerra: partio se Anto-
nio correa pera Cochim e levou co-
sigo aqueles cinco por quem nosso
senhor fez ho milagre.

Capit. xxxviii. De como se leuan-
tarão contra Eytor rodriguez
capitão da fortaleza de Coulaõ
araynha de Coulaõ e a d' Como-
rim.



Eytor rodriguez capitão
e feytoz da fortaleza de
Coulaõ tendo a quasi a-
cabada despois d' ho go-
uernador ser partido pera ho estre-
ito, mandou dizer á raynha de Cou-
laõ per Gaspar ferraz e Ruys alua

rez escriptuões da feytozia / que lhe mandasse pagar setenta e cinco bares de pimenta que lhe quebrarão no pelo da que comprara pera a carrega das naos / como lhe os seus feytores e corretores ficarão de pagar : e assi duzentos e oytenta bares de pimenta que deuia da forma que ficara de pagar pola fazenda que se tomou a Antonio de Sá quando ho matarão / e quelhe mandaua pedir esta diuida por quanto acabaua no anno seguinte seu tempo e se auia de ir pera Portugal / e auia de dar conta pelo que tinha necessidade de arrecadar o que lhe diuida, porque o que lhe succedesse não auia de querer arrecadar as diuidas que ele fizera. Ao que ella respondeo que pagaria os duzentos e oytenta bares que deuia do côcerto das pazes : por em que se ouuera dauar respeito pera lha quitar e ao grãde fauor e ajuda que dera pera se fazer a fortaleza que sem isso não podera ir por diante : e quanto aas quebras da pimenta que as não auia de pagar, porque não se pagauão em Cochim nem em Calcuttão. Ao que ho capitão replicou / dizendo que se fizera seruiço a el rey de Portugal / que ele era tão manífico que lho pagaria muyto bem / porque assi ho vsaua com aqueles que ho seruião. E quanto aa quebra da pimenta tambem a deuia de pagar ou mandar aos corretores que a venderão que a pagassem : porque aqurandose ele da pimenta que era molhada lhe disseirão ho regedor, e escriptuões, e corretores que se pesasse a pimenta / e

se deitasse ao sol tres ou quatro bares / e depois de seca se repesasse / e o que se achasse que quebrava que ele a faria pagar aos corretores, ou a pagaria, e q̃ isto se assentara. Ao que a raynha respondeo como dantes e ho mesmo fez ho regedor, mostrando se ambos muyto descontentes Deytor rodriguez : e a mesma reposta derão outra vez quelhe ele tornou a mandar outro recado como ho primeyro. E de tudo Eytor rodriguez mandou fazer bũ auto, pelos mesmos escriptuões que leuauão os recados, porque ho gouernador quando tornasse do estreito foubesse como passaua a cousa / e lhe não possesse culpa se a raynha se alevantasse contra a fortaleza : o que ele receaua porque sabia quão aluoroçada era aquella gente, e quãto se escandalizaua de qualquer cousa, principalmente se tocava em seu interesse. O que ele bem receou, por que tanto que a raynha viu quelhe pedia a pimenta de verdade / e que não podia deixar de a dar, agastouse coisso muyto : porque sempre seu fundamento foy que a não auia de pagar e lha quitarião polo muyto fauor que deu a se fazer a fortaleza / e coesta tenção ho daua. E vêdo que lhe laya em branco tomou pera remedio de nã pagar neubũ pimenta leuantarse e fazer guerra aa fortaleza / e mais que via ho tempo desposto pera isso por apouca gente que auia na fortaleza que a defendesse / e ho pouco socorro que podia ter por ho gouernador ser fora da India e leuar consigo toda a gente das armas dela. E pera

poer em obra sua determinação/ persuadio á raynha de Comozim que a ajudasse a esta guerra com dous filhos quetinha/ e que logo tornarião a fortaleza e matarião quantos Portugueses estauão dentro. E concertadas ambas/ chamarão também em sua ajuda algus mouros. E tendo entre si feyto este concerto/ esperando tempo pera ho executar/ acertarão hũ dia sessenta Bigairis de irem da parte de Comozim pera a fortaleza carregados de conchas dostras e de lenha pera fazerem cal, e hia coeles hũ homem Deitor rodriguez: o que sabido por Atanatriniiri hũ dos filhos da raynha de Comozim/ mandou certos Maires seus/ e assi algus mouros que lhe espalhassem a lenha e concha e os espancassem. O que eles logo fizeram, e ho Portugues que hia com os Bigairins fugio pera a fortaleza, e contou o que passaua a Eytor rodriguez, que não lhe parecendo ainda o que era porque aquilo fora feyto per Maires da parte de Comozim se mandou aqueixar ao regedor delrey de Comozim per Zuyz aluarez e Gaspar ferraz escrivães da feytoria. E sendo lhe feyto este queixume, ele dissimulou: dizendo que lhe pesaua muyto do mal que os Maires fizeram: e quando Eytor rodriguez quisesse mandar levar algũa cousa pera a fortaleza da parte de Comozim que lho mandasse dizer, e que ele daria hũ mädado pera que não fizessem mal a quem a trouuesse: e ho mesmo queixume mandaua Eytor rodriguez á raynha de Coulaão, mas ela nã ho quis

receber/ e fez se partida de Coulaão. E porque ele foy auisado que se dizia na parte de Comozim que se lá fosse ter algũ Portugues que lhe auia de cortar as pernas e matalo, mandou ho preguntar á raynha de Comozim se era assi/ e isto per hũ Malabar escriuão da feytoria que não ousou de mandar laa Portugues. E a raynha e seus filhos responderão que ateli fora sua vontade de os Portugueses irem a Coulaão: mas que dali por diante se algũ lá fosse que ho auia de mädar matar. O que sabido por Eytor rodriguez mandou que nenhũ Portugues não fosse mais a Coulaão. E a uendo dous dias que isto assi andaua soube que hũ nao de Malabares q'estaua no porto tomaua hũa noyte pimenta/ e auia dacabar de carregar no mar/ e lhe auia de levar a pimenta em tones: e tendo vigia quando hião os mädou tomar por hũ João de Chaues meirinho da fortaleza que foy em hũ catur, e tomou sete tones carregados de pimenta com quantos remeiros hião neles. O que sabendo a raynha de Coulaão os mandou logo pedir a Eytor rodriguez, e ele não lhos quis mandar/ dizendo que lhe pedia que lhos deixasse castigar por que lhe tinhão levado mais de seys mil bares de pimeta, e por isso erão catiuos del rey de Portugal: porẽ q' ele falaria cõ os officiaes da fortaleza/ e q' tudo se faria muyto a seu seruiço como sêpre se fizera: do q' a rainha ficou muyto descõtete. E cõ quanto Eytor rodriguez lhe mädou os remeiros ao outro dia ela os nã

quis ver? e ho regedor de Coulaõ
que estaua coela disse a Quys alua-
rez que os leuaua, que pera que os
leuauão então se lhos não quise-
rão mandar quando lhos pedião.
E como ja tudo esteuasse muyto dã-
nado contra os Portugueses, co-
meçarão os Maires que hi estauão
de dizer que matassem Quys alua-
rez e os que bião coele: o que lhe ho
língua disse: pelo que e lenã esperou
reposta da raynha e foyse ho mais
asinha que pode pera a fortaleza on-
de achou acolhidos muytos Chri-
stãos de Coulaõ, que fugirão pera
lá com medo de Batanatriuiri que
os mandaua matar por amor dos
remezros que estauão presos: e lo-
go a raynha de Coulaõ e a de Co-
morim defenderão geralmente que
nenhum official da terra não fosse
mais trabalhar nas obras da fortaleza/
nem leuassem lá mantimētos:
E assi se fez. O que vêdo Eytor ro-
driguez ho escreueo logo a dom Al-
leixo de meneses que estaua em Co-
chim/pedindolhe que lhe mãdasse
vinte bêsteiros e espingardeiros
pera defender coeles a fortaleza: pe-
dindolhe tambem que lhe mãdasse
algũ dinheiro de que tinha necessi-
dade pera acabar duas torres que
estauão por acabar. E que dom Al-
leixo respondeo que não auia espin-
gardeiros nem bêsteiros q̃ todos
ho governador leuara ao estreito/
nem tão pouco tinha dinheiro que
virião as naos de Portugal e en-
tão lho mandaria. E vendo Eitor
rodriguez tão mau remedio, bus-
cou dinheiro que tomou a õzena cõ
que acabou sua obra.

Capit. xxxix. De como a raynha
de Coulaõ e a de Comorim qui-
serão tomar a fortaleza por treí-
ção e não poderão.



Determinado as ray-
nhas de Coulaõ e de
Comorim de tomar
a nossa fortaleza: pa-
recendolhes que por
guerra lhes seria di-

ficultoso, determinarão de a tomar
por treição: o que concertarão com
aqueles tres trinãos malabares q̃
atras disse. s. Unirey pulá, Salapu-
lá goripo, Coulegoripo que mora-
uão com a raynha de Comorim. E
a maneyra da treição auia de ser fin-
gindo terem agrauos dos filhos
da raynha de Comorim, e auia de
cometer Eytor rodriguez que que-
rião viuer com el rey de Portugal
e ser uiro: e fingindo medo de serem
sintidos não auia de querer falar
lhe na fortaleza se não na igreja de
sam Thome e isto de noyte/ onde se
fosse ho matarião com quantos fos-
sem coele/ e com gente que estaria
prestes tomarião a fortaleza. E isto
assentado fazianse os tres irmãos
muyto amigos de Eitor rodriguez/
mandandolhe muytos anifos fin-
gidos do que as raynhas determi-
nauão: no que e lenã atêtaua pola
amizade que dantes tinhão coele.
E com tudo não hião á fortaleza,
mas mandauanlhe muytos anifos
figidos, e mostrauanse grandes
seus amigos e seruidores del rey
de Portugal ate fingirẽ de quererẽ
tornar a assêtar a paz q̃ estaua q̃bra

da e nisto andarão algũs dias ate que mandarão dizer a Eytor rodriguez q̃ ho não podião acabar. E chegado ho inuerno em que determinarão de executar a treição q̃ trazião forçada, mandarão dizer a Eytor rodriguez per hũ Chistão de Laycoulão chamado Abatias/ que a fora horey grãde de Coulão estar muyto mal coeles por ajudare a fazer a fortaleza/ e assi os principaes e pouo da terra: indo hũ dia a casa de Ramatreniri filho da raynha de Comozim/ e ele os não quisera ver e fizera q̃ dormia, no q̃ lhes fizera muyto grãde de fauor/ e mais que aquilo lhes parecia vespera de os destruyr/ o que temião muyto por verem a terra tão aluoroçada contra a fortaleza, e que se querião vingar do odio q̃ lhe tinhão pola ajudarem a fazer: e por outra parte posto que assi não fosse/ e quillessem as raynhas que eles lhes ajudassem contrelle naquela guerra q̃ sabia que lhe auião de fazer, que ficauão destruydos, porque sabião que elas não auião de leuar ho melhor da guerra, e eles não ganharião mais que ficarem lhes os Portugueses por inimigos/ o que eles não querião por nenhũ preço: por isso se os ele quisesse receber pera viuerem cõ elrey de Portugal, e lhes dar ho soldo que lhes daua ho rey grande, que assentarião viuenda cõ elrey de Portugal e serião seus pera sempre/ e morrerião na guerra q̃ esperauão. E vendo Eytor rodriguez como ambas as raynhas esta uão de guerra: e que aqueles tres irmãos ho ajudarião muyto nela,

assi por serem principaes da terra, como por ajuntarem a hũ repique seys centos Baires/ e serem tão vezinhos da fortaleza: pareceolhe bẽ aceitar ho partido que lhes cometião/ sobre o que se conselhou com Abatias/ e deipois cõ Chistouão de bairros seu genrro / e alcayde mór da fortaleza, e assi cõ outros officiaes e homens hõrrados dela. E per todos foy acordado q̃ os tres irmãos se deuão de tomar por criados del rey de Portugal/ com lhe darẽ a moradia e soldo que tinhão do rey grande de Coulão, que erão coarenta cruzados a cada hũ por anno: e ho soldo e ordenado da terra quando de suas pessoas e de seus Baires se quisesse servir na guerra. E isto assinado por todos os que forão no conselho / mandou Eytor rodriguez dizer aos tres irmãos por Abatias que fossem sós á fortaleza pera assentar coeles a viuenda com elrey de Portugal: do que se eles mostrarão muyto alegres, por remescusarãse dir á fortaleza, por quenão fosse sentido da gẽte da terra o que querião fazer: mas que á boca da noyte se ajuntarião coele na igreja desam Thome onde leuarião os principaes da fortaleza e peranteles lhes juraria de cumprir o que assentasse coeles: e isto com tenção de terem quinze mil homens em cilada/ e em quanto hũs matassem Eytor rodriguez e os que ho acompanhauão/ os outros entrarião de supito na fortaleza que auia destar aberta, e a tomarião. E não caindo ainda Eytor rodriguez nesta treição, lhes respõdeo

que buscassem outra maneyra pera assentar seu partido, porq̃ bẽ sabião que auia hũ anno que não saya da fortaleza nẽ auia de sayr por nhũa maneyra, e q̃ndo os irmãos virão que não podião acolher Eytor rodriguez/ disserão que pois ele não podia ir á igreja que dizião que fossem na noyte seguinte seus gẽrros ho alcaide mór/ e Duarte varela e Luys aluarez escriuão da feytoria, e eles abastarião pera fazerem o q̃ ele fizera: e isto pera os matarem/ porque sabião que como matassem estes que erão os principais com q̃ se Eytor rodriguez auia de defeder facilmente leuarião a fortaleza nas mãos. E quis nosso senhor que quando foy a boca da noyte em que auia de ser a treição q̃ Eytor rodriguez se achou mal sentido/ e mandou dizer aos tres irmãos que por essa razão não podia praticar com ho alcaide mór/ nẽ com os outros que auião de fazer que ficasse pera outro dia/ e que ele lhes mandaria dizer quando. E passados dous dias lhes mandou dizer que aquella noyte fossem á igreja e se fãria ho concerto. E como eles estauião desapercebidos pera a treição, responderão que aquele não era bõ dia pera fazer mudança que ficasse pera outro q̃ fosse bõ: e logo apos aquella reposta lhe mādou dizer Salapulã gozipo ho principal da treição que na mesma noyte queria ir á fortaleza pera assentar coele por si e por seus irmãos. E como tudo erão mêtiras nã foy, e fez esperar Eytor rodriguez ate meã noyte: e em amanhecẽdo lhe mandarão todos tres

outro recado, que eles não hião aa fortaleza por lhe dizerem seus parêtes que não se fiassem dele/ e por isso não oulauão dir/ que lhes mandasse por arrefens seus genrros e outros homens honrrados que ficassem em sua casa em quãto fossem aa fortaleza/ e q̃ irião logo. E isto com determinação de então acabarem sua treição pera o que tinhão quize mil homens como dâtes: mas quis nosso senhor lembrar-se dos Portugueses, e abriu os olhos do entendimento a Eytor rodriguez/ pera que visse claramente a treição que lhe querião fazer, e respondeo que não queria coeles partido nenhũ que esteuessem como dantes.

Capit. xl. De como as raynhas mandarão cercar a fortaleza.



Endose os tres irmãos desesperados de poderẽ fazer a treição q̃ determinauão, disserão aas raynhas: que consultarão coeles que pois não podião tomar a fortaleza por treição q̃ a tomassem por guerra, porque não podia ser q̃ tão poucos Portugueses como estauião nela a defendessem a tanta gẽte como elas tinhão/ e mais em inuerno que era ja ho mar çarrado por serem dezanoue de Junho: e parecia que não podião ser socorridos/ e logo ajutarão bẽ. xv. mil naïres e por capitães os tres irmãos, a q̃ derão cuydado daq̃la epressa. E tẽdo esta gẽte jũta pera darẽ na fortaleza hũ Arel grãde servidor delrey de Portugal e amigo de Eytor rodriguez etrou d supito na fortaleza cuberto

tõ hũ panopor não ser conhecido/ e lhe disse que se goardasse porque estaua muyta gente junta dos inimigos pera ir logo pelejar coele. E isto dito sem mais detença se tornou a sayr: o que ouuido por Eytor rodriguez mādou cortar hũas palmeyras que fazião hũ ecuberto do delhe podião dar combate. E andã do hũ sete ou oyto homens cortãdo as/ acodio Balapulã gozipo agnauandose de as cortarem/ e apos se se descobrião tão desupito quinze mil homens q os Chriştãos da terra que morauão ao derredor da fortaleza não tenerão tempo de meter nela suas fazēdas: e ho melhor que poderão se acolherão a ela cõ suas molheres e filhos: e isto podcrão fazer porque a artelharia da fortaleza jugaua muyto riço que assi ho mādou Eytor rodriguez como viõ os inimigos/ com quem matou deles obra de vinte cinco em quanto durou ho combate que foy ate noyte/ e eles roubarão e queymarão as casas dos Chriştãos da terra q se acolherão á fortaleza/ e matarão hũ Portugues chamado Beronimo vaz que ádaua fora da fortaleza por hũ homizio, e dous escrauos e hũs quatro carpiteiros e pedreiros da terra/ porq trabalhauão na fortaleza. E nesta reuolta deitarão muyta peçonha no poço da fortaleza e em outro seu vezinho, quematou logo quantos peixes andauão neles, e despois ho mandou Eytor rodriguez alimpar e fazer nele hũ forte repairo pera ho defender aos inimigos, que logo assentarão algũas estácias com bombardas roqueyras

q mouros q ali inuernauão lhe emprestarão das suas naos, e coesta artelharia tirauão á fortaleza e com muytas frechas: mas por ser a artelharia fraca não lhe fazião dāno/ e porque a nossa lbonão fizesse muyto fizerão muytas cauas pera se acolherem: e isto de noyte que de dia não oulauão de trabalhar por não se descobrirem a artelharia/ com q os Portugueses tirauão posto que era de noyte atinando ao tã das enxadadas. E coestes tiros perdidos matarão algũs dos inimigos/ que tambem tinhão tento quando os Portugueses salauão, e tirauão muytas frechadas pelo que era necessario aos da fortaleza de vigiar e armados: e nove dias continos teuerão este trabalho/ e assi de corridas q os inimigos fazião á fortaleza de q sempre ficauão no campo passante de vinte mortos cõ a artelharia, e dos Portugueses forão feridos algũs de frechadas e antreles foy Duarte varela genrro Deytor rodriguez q tinha consigo ate trinta homens de que cinco estauão muyto doētes: e coestes esperaua em nullo senhor de se defender a tamanha multidão d' inimigos como defendeo não tendo na fortaleza mais que arroz/ porerem pera oyto meses/ e este se comeo na fortaleza cozido em agoa tal em quanto durou ho cerco, e ás vezes ratos pera que lhes parecesse que comião carne.

Capit. xli. De como dõ Aleiro d' meneses mandou socorrer a fortaleza de Coulaõ per dom Afonso de meneses.



A hora q os inimigos
poserao cerco sobre a
fortaleza, hũ Chatim
de Cochim seruidor
del rey de Portugal
que estava em Coulão / partio lo-
go pera Cochim e foy dizer a dom
Alfonso de meneses o que passava. E
vendo ele ho perigo em que ficava a
fortaleza por a pouca gente q tinha
pera a defender / mandou em seu so-
corro dõ Alfonso de meneses filho
do conde dom Pedro muyto esfor-
çado canalezro, que foy em hũa fus-
ta com dezanove homes mal arma-
dos e sete deles espingardeiros, e
hũ pouco de biscoito, e duas pipas
de carne / e duas carteirolas de pol-
vora: e com quãto era inverno quis
nosso senhor dar jazigo ao mar que
a fusta foy a saluamento e poucos
dias chegou ao porto de Coulão /
onde os inimigos a servirão com as-
faz de frechadas e bombardadas e
com hũ espingardão ferirão ho co-
mitre da fusta de hũa perigosa fe-
rida: e dom Alfonso se vio em grãde
fadiga porque não tinha para o em
que podesse desembarcar, nẽ Eytor
rodriguez não tinha nenhũ que tu-
do lhe quey marão os inimigos. E
vendo que não avia outro remedio,
mandou hũ homem a nado, que fos-
se dizer a dom Alfonso que se chegaf-
setanto a terra, que podesse nela ho
esporão / e que desembarcaria com
gẽte que lhe mādaria da fortaleza /
e mandou ho alcaydemor com vin-
te homes: e em saindo da fortaleza
começou de jugar a artillaria que
estava daquella banda, porque em-
baraçasse os inimigos que por serẽ

tantos não tinham em conta os pe-
louros. E vendo que dom Alfonso
desembarcava poserao fogo às suas
bombardas, e desparauão frechas
sem conto / e foy hũa bem perigosa
desembarcação. E com tudo aprou-
ue a nosso senhor q nenhũ dos por-
tugueses nã o foy ferido / e todos se
recolherão e saluo a fortaleza com
as armas e adargas bem cubertas
de frechas: e coeste socorro chega-
uão os que estavam nela a cincoẽta,
com que os inimigos tenerão gran-
de desprazer parecendo lhes que de
cada vez que a fortaleza teuesse ne-
cessidade de socorro lho mādariao
de Cochim. E os mouros q hi in-
uernauão e desejavão muyto o ver
tomada a fortaleza lhes diziao que
não se enganassem, porque em Co-
chim não avia mais gente com que
podessem socorrer a fortaleza posto
que visso teuesse necessidade, porq
a leuara ho governador toda ao es-
treito: e mais que aquella fusta não
hia pera mais que pera leuar a Co-
chim os que estavam na fortaleza /
por isso que trabalhassem pola arrõ-
bar porque os não leuasse: e despo-
is tomariao a fortaleza. E cuy dan-
do os Mayres que isto era assi assenta-
rão hũa bombardeta grossa na fus-
ta e afadigauãna muyto riço, e ma-
tarãlhebũ remeyro. E que vendo
Eytor rodriguez assentou com dõ
Alfonso que fossem tomar aquella
bombarda, pera o que sayrão hũa
ante manhaã com trinta homes
e remeterão aa estancia, e derão
nos Mayres que a goardauão: a
que acodio logo Balapulã goripo
que era ho capitão daquella estacia.

z começarão d' pelejar z logo Duarte varela a que era encomêdado que com certos homens tomasse a bombardarda remeteo a ela pera a tomar / mas acharã aliada no repairo cõ hũs cabres tão fortes que nũca os poderã cortar com as espadas : z vendo que a não podião levar a deixarão / z também porque a gente recrescia muyto q̃ foy forçado a Eytor rodriguez recolherse o q̃ fez cõ algũa afrõta / z ficarão sete dos inimigos mortos , z mais leuaramlhe a camara da bombardarda com q̃ por hũs dias lhe impedirão q̃ não podesse iugar ate que fizerão outra , z dos Portugueles não foy nenhũ ferido. E não deixãdo ainda os inimigos de perseguir a fusta com outras bombardas miudas , acordarã dom Afõso z Eytor rodriguez de a mandar a Cochim. E assi ho fizeram , z por bombarãdar ja muyto grosso não pode mais chegar que a calé z hí inuernou , z como a fusta se partio de noyte que os inimigos a não virão partir , q̃ndo foy menbã que a não virão cuydarão q̃ a gẽte da fortaleza se fora nela como lhe os mouros dizião , z mais porquenão parecia ningũe pola fortaleza : z os mouros lho affirmarã mais. E cuydando as raynhas que era assi mandarã a seus capitães que dessem na fortaleza z a tomassem : pera o que se ajutarão todos cõ grãdes alegrias de gritas z de tãger de trõbetas , z melhorando suas estâncias remeterão á fortaleza z começarão de lhe dar bateria cõ suas bombardas / z porque a principal era a portada da fortaleza / z Eytor rodriguez

se temeo que a quebrassem mandou poer algũs homens em hũa goarita que estava lobrea a porta pera q̃ a defendessem com grãdes pedras z panelas de poluora / z fez len capitão a hũ Pero lourenço criado del rey de Portugal , z ele pos se embaixo no patio da fortaleza com vinte homens armados z mandou abur a porta pera que os inimigos entrassem se quisessem. E vendo eles a determinação dos Portugueles não ousarã de cometer a porta , mas tirauão multidão de frechadas , z os Portugueles espingardadas z bombardadas / z assi esteuerão bẽ duas horas z setornarã os inimigos a recolher a suas estancias ficando mortos obra d' trita z dos nossos nhũ.

Ca. xliij. Do q̃ socedeo na guerra aos Portugueles z aos inimigos.



Endo as raynhas z os príncipes quão pouco dãno fazião aos da fortaleza estauão muyto agastados , em tanto que quiserão disstir da guerra se os mouros lhes não forão a mão estranhandolho muyto : z prometendolhe que os Portugueles se auião de entregar / assi de cãsados dese defenderem como da fome q̃ os auia da pertar. E desesperados de socorro por ho gouernador ser ao estreito dõde os rumes ho auião de desbaratar / z não auia da uer quẽ socorresse a fortaleza , por isso que esperassem de a tomar / z fizeram outra camara á bombardarda grossa tal como a que lhe tomarão

os Portugueses e deitaua pelouro de ferro o peso de dez arratões com que tornarão a tirar a fortaleza / e lhe desmancharão os curuchos das torres, com quãoto erão muyto fortes: por em nas paredes dos muros não amegauão os pelouros na da, e não auia dia q não metessem na fortaleza ceto, assi desta bombar da como doutras mais pequenas: e Deos seja louuado nunca ferirão nem matarão ninguém, saluo hũ escrauo de dom Afonso de meneses. E com toda esta opressão q os da fortaleza tinhão, principalmẽte de comerem tão mal como digo sentia se tão efforçados pa fazer mal aos inimigos q quasi todos os dias sayão da fortaleza a cortar lhe os palmares / que era a mayor offensa do año q lhes podião fazer, e assi ho sentia eles muyto, especialmente Matanatrini que estava por capitão de hũa estância onde era a principal destruyção dos palmares q os Portugueses fazião por terem ali os inimigos grande colheita: de que os Portugueses sepre nestas saydas matauão algũs dos que lho sayão a defender. E ho capitão desta gẽte que saya era as mais das vezes do Afonso que neste cerco seruió muyto bem. E vendo Eytor rodriguez como os inimigos sayão a defender ho cortar das palmeyras, mandou lhe deitar hũa cilada detras dũs valos dobra de quinze espingardeiros e bẽsteiros, e mandou a Duarte varela que com dez homens fosse cortar as palmeyras da parte da estância de Balapulá goripo, que logo sayo a lho defender com algũa Ma-

res / de que os da cilada matarão sete ou oytos / e Duarte varela se recolheu, seguindo hoos inimigos: a que fez rosto junto do poço como muyto bõ caualeyro que era / e mandou aos bẽsteiros e espingardeiros que dessem hũa curriada nos inimigos / e assi ho fizeram: e hũ Simão aluarez criado de Eytor rodriguez acertou a Balapulá goripo hũa espingardada por ambas as coras q lhas vazou e q broui he ho osso dũa que logo cayo no chão: ao que Duarte varela acodio pera ho tomar e coele Luyz aluarez esgrimão da feytoria, Afonso ferraz / Antonio da costa, Diogo de gounea, Pedro lourenço e outros caualeyros, e trouou se hũa brava peleja por sobrenir tanta gente dos inimigos que quasi afogaua os nossos, e por isso não poderão catinar Balapulá goripo / e Duarte varela foy ferido com hũa espada na sola do hũ pé, e Afonso ferraz foy ferido doutra de q depois morreo / e Antonio da costa de duas frechadas / e assi outros: e recolheram se com muyta afrõta / e nem por isso deixauão de sayr a cortar os palmares, o que fazião cada dia / e de cada vez matauão gente aos inimigos e lha ferião / e dos nossos não morrerão mais que estes q digo. E assi durou ho cerco ate oytos dias de agosto em q acontecerão outras muytas cousas que não escreuo por ordẽ por as não saber particularmẽte, mas os Portugueses ho fizeram sempre tã bẽ com ajuda de nosso senhor q os inimigos se espantauão: e assi foy este hũ dos hõrrados q os portugueses fizeram na India.

Capit. xliij. De como a raynha de Comorim pediu paz a Eytor rodriguez e se leuato ho cerco da fortaleza.

E enganadas as raynhas do Coulaõ e de Comorim q̃ não podião tomar a fortaleza pois ho não poderão fazer e perto de dous mezes que estauão sobrela, arrepende ranse muyto de terẽ começada a guerra/porque vião que fizerão nisto sua perda. E a raynha de Comorim quísera que pedirão paz ao capitão, e a de Coulaõ lhe disse que ele auia de star escãdalizado delas e nã auia de querer paz/que melhor seria mandala pedir a dom Aleixo de meneses q̃ ficaua por governador. Mo q̃ a raynha de Comorim não quis consentir, dizendo que a quem ela fizera a guerra a esse auia de pedir a paz. E a raynha do Coulaõ nã quis senão mandala pedir a dom Aleixo/ a quem mandou hũ seu pulã pedindo perdão do que fizera/ e prometêdo de ser dali por diante muyto fiel a el rey de Portugal/ pedindo lhe quemandasse lá com quẽ assentasse a paz/porque não se atreuia a assentala com Eytor rodriguez. E dom Aleixo despachou logo pera irẽ fazer este negocio Diogo pereyra de Cochim, e Cherinamarcar e Patemarcacar mouros que fossem coele. E etretanto que hião a raynha de Comorim q̃ desejava da assentar paz com Eytor rodriguez mãdou lher recado por hũa molher Chriistã da terra chamada Cochicale muyto conhecida dos Portugueses, que

chegou á porta da fortaleza hũa noyte dos oyto dias de agosto rendido ho quarto da prima: e conhecida quem era despois de chamar/ e dizendo que queria falar a Eytor rodriguez da parte da raynha de Comorim/ foy leuada diante dele: e ficando com dom Afonso e com ho alcaide mor/ e Ruys aluarez escriuão da feytozia. Ela lhe disse q̃ a raynha de Comorim e ganada pela de Coulaõ q̃ lhe auiaõ de tomar a fortaleza per hũ artil q̃ Salã pulã goripo e seus irmãos tinhão ordenado pera isso, se leuantara cõtre le e lhe fizera guerra, do que se arrependia muyto e confessaua que errara: e lhe pedia q̃ quisesse coela paz, porque queria ser muyto grande seruidor del rey de Portugal/ e varia pera a fortaleza toda a prouisão de mantimentos de que teuesse necessidade: e dali por diante mandaria a seus filhos e a sua gẽte que mais não fizessem guerra á fortaleza. E preguntada por Eytor rodriguez se trazia algũa carta de crẽça da raynha: e dizendo que não/ lhe respondeo que a trouuesse ou viesse algũ pulã principal coela, e que entãõ responderia a bem de feyto. E ela disse que si traria, porq̃ a raynha desejava muyto a paz: e assi foy que logo ao outro dia á noyte ao q̃rto da modorra tornou e coela Chaneipulã muyto principal na casa da raynha que entrou com seguro Deitor rodriguez/ a quem despois de dar hũ grande presente de mantimentos da parte da raynha, lhe confirmou tambeem com hũ seu recado ho mesmo que Cochicale lhe dissera a noy

repassada, pedíndolhe que alê de cõ
firmar a paz lhe quisesse dar segu-
ros pera as suas naos nauegarẽ/ e
que deuia de folgar de lha cõfirmar
por a nossa fortaleza estar em sua ter-
ra/ e ser feita contra sua vontade e
de seus pulas: e mais por não qrer
mandar assentar paz cõ dõ Aleixo
como fizera a raynha de Coulão, se
não coele. E contou a Eytroz rodri-
guez como sabendo a raynha q Di-
ogo pereira estava em Caicoulão, q
vinha por mandado de dom Aleixo
pera assentar as pazes cõ a rainha
de coulão, lhe mādara dizer q não
entrassem em Coulão/ senão que se
acharia mal. E de tudo isto Eytroz
rodrigues mādou muytos agarde-
cimentos á raynha/ e da sua parte
lhe outorgou a paz/ prometêdolhe
que quando se ouuesse da assentar de
todo, ele apresentaria ho muito grã
de serviço q ela fazia a elrey d' Por-
tugal em desistir da guerra e socor-
rer á fortaleza a tam bõ tempo. E q
ela estimou muyto, e fez logo afa-
star a sua gente de guerra: e mādou
aos seus areys que mandassem aos
pescadores de sua terra que leuassem
cada dia pescado á fortaleza. E tam-
bẽ a raynha de Coulão desistio da
guerra: e Eytroz rodrigues ficou de
saprẽssado dela/ sem em todo ho tẽ-
po que durou lhe ferirẽ nem mata-
rẽ mais que os que disse.

Capit. xliiij. De como Cherina
marcar, e Patemarcas mouros
estoruarão que a raynha de Cou-
lão não assentasse a paz que co-
metia, e de como se fez despois.



Sabendo Eytroz rodri-
guez como Diogo pe-
reira e Patemarcas e
Cherina marcar esta-
uão em Caitecoulão/ e não ousa-
uão de passar dali cõ medo do raynha d'
Comorim. e creueo a Diogo pereira
que se fosse em hũ tone por mar á
fortaleza/ e que os mouros se fosse
polo rio: e assi ho fizerão. E chega-
do Diogo pereira a fortaleza disse a
Eytroz rodrigues como dõ Aleixo
ho mādaua ali pera reformar a paz
cõ a raynha de Coulão: a cuio re-
qimento aqueles dous mouros vi-
nhão. Do que se Eytroz rodrigues
aqueyrou muyto/ dizêdo que aque-
les mouros erã inimigos dos portugue-
ses, como ho erão quantos auia na
India, e que lhe parecia que por sua
causa senão auia de fazer a paz/ que
ele não cõcedesse sem a raynha com-
pir logo hũs apontamentos, q fo-
rão os seguintes.

Que dẽtro naquele anno auia de
pagar duzentos e oytẽta bares de
pimenta que deuião a elrey pola fa-
zẽda que fora tomada a Antonio de
sa: e assi setẽta e dous bares q deuia
da quebra do peso da pimenta da
carga do anno passado: e mais tre-
ze bares que semontauão em certo
dinheiro que lhe deuia, como estava
per conta certa.

E auia de pagar todo quanto se
roubara assi aos Portugueses, co-
mo aos Christãos da terra, quando
se pos ho cerco á fortaleza: e assi to-
do ho dãno que receberão em quan-
to durou a guerra de escrauos q fugi-
rão pera os inimigos: e mais auia lo-
go de corregger todo ho danificamẽto

to que na fortaleza fosse feyto.

E que os dereytos da igreja de sam Thome que ho modelcar dos mouros tinha tomados despois da guerra lhe fossê logo tornados: e por castigo d'isso se dessem pera sempre á igreja de sam Thome todos os dereytos que pertencião á mezquita dos mouros. E que os mouros de Cochim, Cananor e doutras partes que ajudarão naquella guerra não podessem mais tornar a Coulaõ / somente terião hí seus feytores.

Que Balapulágoripo e seus irmãos pola treição que quizerão fazer em tomar a fortaleza mudê sua viúenda pera hũa legoa da fortaleza / e achando os de Changuacheripa a fortaleza os podessê matar.

Que a raynha de Coulaõ e a de Comorim e os regedores pola treição e guerra que fizerão pagassem cem bares de pimenta, e assi se obrigassem a dar dousmil bares pera a carga que se esperaua de fazer / e isto polos preços de Cochim.

E que dissesse á raynha e ao regedor q se não quisessem outorgar e comprir estes apontamentos que foubessem certo que em todos os portos del rey de Coulaõ não ficaria nao assi suas como estrangeiros q não fossem tomadas ou metidas no fundo como de inimigos.

E coestes apõtamentos foy Diogo pereyra falar á raynha de Coulaõ indo coele Ruys aluarez escrivão da feytoria, ficando por eles arrefens na fortaleza: e forão coeles patemarmar e cheirinamarmar / que tanto que lhes foy lido perãte

a raynha hoapontamêto que dizia que auia de pagar a quebra da pimenta, não ho poderão soffrer / e apartandose logo com a raynha lhe disserão q se auisasse que por nenhũ modo assentasse a paz com a condição daquele apontamento / porque não somente ella era perdida em pagar a quebra da pimenta e poer tal costume / mas os mercadores de Cochim e de todas as outras partes em que vendião pimêta a el rey de Portugal. E como a raynha cria muyto nestes mouros / tomou seu conselho e não quis assentar a paz: e assi se tornou Diogo pereyra coeles pera a fortaleza se tomar nenhũ assento com a raynha. E este auimento derão em os dom Allexo mandar a Coulaõ: do que se Eytor rodriguez aqueixou muyto cõ Diogo pereyra, porq logo foy certificado do conselho que derão aa raynha, e disselho desenganando os que se a raynha não pagasse a qbra da pimenta q ella perderia mais do que ganhaua, e ho mesmo auia de ser dali por diante em Cochim e nas outras partes onde se compraua pimêta pera carregação das naos. Evendo Diogo pereyra que sua estada em Coulaõ era de balde tornou se a Cochim cõ os mouros, e com quanto não se tomou assento na paz, não tornarão as raynhas a fazer guerra á fortaleza e despois se fez a paz.

Capit. xlv. De como ho governador partio Dormuz pera a Índia e os nossos tomarão duas naos de mouros / e do mais que passou.



O governador que inuernaue em Ormuz deixando assentado tudo o que era necessario se partito pera a India na fim de agosto / e foy ter a Mazcate onde estava a armada dos nauios grossos / e ali forão ter coele os mouros que hão em goarda de Jeronimo de Sousa e dos outros nossos. E sabendo ho governador o que passaua, fez merce aos mouros, e mandou por eles hũ rico presente a seu seño polo galhado que fizera aos nossos: e depois se partiopera a India e leuou a rota da ponta de Diu / e naquela traueffa topou per diuersas vezes duas naos de mouros que forão tomadas e hũ se rendeo sem peleja / e outra tomou por força d'armas Ruyuaç pereyra (que se ajuntou em Mazcate com ho governador) e ajudou ho Aluno fernandez de macedo / e foy tomada cõ morte de muytos mouros que se defenderão valentemente. E tomadas estas naos foyse ho governador d'ereyto á ponta de Diu com determinação de ho tomar se ho achasse pera isso, que assi dizia que lho mandaua el rey seu senho selhe não dessem nele fortaleza: e porem que fosse sem morte de gente. E isto não dizia ele de praça, somente que bía pera recolher Fernão martinzenangelho que estava hi por feytoz auia ãnos: e chegado á barra surgio e mandou chamar Fernão martiz, de quem soube que Deliquiaz não estava em Diu que ho mandara el rey de Cambaya fazer guerra aos resbutos, e que em seu lugar deixara Deliquesaca seu

filho / e por seu governador hũ seu parente mouro e tartaro de nação chamado bagamabmut / e q̃ Diu estava forte com baluartes que tinhamo muyta artelharia: e de continuo estauão no porto cincoenta sessenta fustas bem artilhadas. E sabido isto polo governador chegou ali Gaspar da silua, que como disse leuaua a capitania de hũnao da armada de Jorge de brito: q̃ passado ho inuerno partio coele de Moçambique onde inuernou / e foy tanto a baixo que foy ter a Diu / e conhecendo a nossa frota se chegou a ela / e deu ao governador hũa via de cartas que lhe trazia del rey de Portugal, em que lhe mandaua q̃ não lhe querêdo el rey de Cambaya dar fortaleza em Diu que fizesse guerra a Cambaya e procurasse por tomar Diu com ho mayor resgoardo que podesse que lhe não matassem gente. E sabendo ho governador q̃ Diu estava tão forte / dissimulou pera outro tempo / e mādou dizer a Delique, que pois se pay ali não estava que não se queria mais deter / e foy se a Goa com determinação de tornar sobre Diu com grãde armada. E sabendo em Goa como aquele inuerno fora morto o noyte João viegas alcayde mór da fortaleza / não fez sobriço nada: posto que se dizia publicamente que ho mandara matar ho capitão, e o Goa se foy a Cochim, onde achou Jorge de brito cõ os capitães q̃ inuernarão coele saluo Gaspar da silua: e Jorge de brito lhe deu cartas del rey de Portugal / em q̃ lhe mādaua fazer muytas cousas como direy a diante.

Capit. xlvj. De como Meliqueaz mandou hũ embaixador ao gouernador pera saber se se apcebia pera ir a Diu.



Meliq̃saca filho de Meli q̃az capitão de Diu vêdo a pouca detença que o gouernador fizera no seu porto. E sabêdo despois a frota que fazia em Cochĩ, porque logo le soube pelos mouros, sospetou se seria pera ir sobre Diu: por que ainda q̃ a paz estava assentada entre seu pay e elrey de Portugal bẽ faba i q̃ ueatinha quebrada, cõ trazer as fustas que trounera dar mada todo ho tpo de Lopo soarez assi cõtra os nossos / como cõtra seus amigos / e q̃ ho gouernador podia cõ rezão fazerlbe guerra: e q̃ faria aquela armada pera ir sobre Diu, e por cõselho de Bagamabmut, pera saber se era assi e a brãdar ho gouernador dalguã colera se a teuesse: mādoulbe hũ ebaixador, que foy hũ mouro hõrrado chamado Camalo / a q̃ principal mēte encomendou muyto que trabalhase por saber ou êtender cõ q̃ determinação ho gouernador fazia aquela armada: e deulbe hũ carta de crença pera ho gouernador a quem mandou dizer que lbe pesara muyto de se ir tão asinha do seu porto / por lbe não poder fazer parte dos seruiços que desejava como seruidor del rey de portugal e muyto grande amigo dos seus gouernadores, e pois ho não podera ver ho mandaua visitar por aquele embaixador / e saber se

mandaua dele ou de sua cidade alguma cousa: porque ho faria como vassalo del Rey de portugal q̃ era. E mandoulbe hũ carro triumphal muyto fermoso e marchetado cõ muytos laços de marfim, e pera ho tirarem quatro bois dandadura, q̃são de muyto preço: e tinhão os cornos muyto bẽ dourados / e este mouro foy em hũa nauera: e chegado a Cochim deu sua embaixada ao gouernador e ho carro q̃ lbe leuaua: cõ que elle folgou muyto pera ho mandar a elrey seu senhor, como mandou nas naos q̃ aquele año forão cõ a carrega pera ho reyno. E sendo ho gouernador auisado por algũs q̃ ho sospetara que Camalo vinha a descobrir terra se era pera Diu a armada que se fazia: não ho quis despachar e deteuo com dissimulações ate que ho leuou consigo quando partito pera Diu / porque não fosse dar noua a Meliqueaz que hia.

Capit. xlvij. De como Meli q̃saca e Bagamabmut souberão que ho gouernador hia a Diu e de como se fortalecerão.



Espachadas as naos da carga que auia de ir pera portugal: partito se pa goa pa da hi se ir a Diu e leuou em sua companhia ho embaixador de Meliqueaz, que entêdendo bem ho porque ho gouernador ho detinha como se vion no mar apartou se hũa noite dele, e tirou seu caminho pa Diu

ondechegado contou a Abelique-
faca e a Bagamabmut o que en-
tendera no governador, e como
lhe fugira: e caíndo ele na mesma
sospeita que ho seu embaixador ti-
nha, fortaleceo logo Diu ho mais
q pode. Do baluarte do mar ao da
terra atranessou hũa cadea de fer-
ro muyto grossa: q se leuātana e a
baixaua, pa ha nossa armada não
poder entrar. E se fosse caso que se
aquela cadea quebrasse ou cortasse
mandou a de dentro dela poer cer-
tas naos cheas d pedra e de terra
cō rōbos por baixo tapados pera
que em a cadea quebrando os des-
tapassē e se fossem ao fundo, e im-
pedissem que a nossa armada não
podesse entrar no porto. E fortale-
ceo os muros e baluartes d mais
artelharía do q tinhão, e detras
desta cadea estauão as suas fustas
muyto bem artilhadas, e a fora a
muyta soma d artelharía: e muni-
ções que tinha, ajūtou a mais gē-
te de guerra q pode a fora a que ti-
nha de contínuo que era toda esco-
lhida. E assi ficou Diu hũa força
grandissima.

C Cap. xlviii. De como ho go-
uernador se partio pera Diu, e
chegou ao seu porto.



Depois que ho embaixador del rey d Câ-
baia desapareceo da
conserua do gover-
nador: seguiu ele por
sua viagem: e visitã-

do de caminho as fortalezas da
costa foy ter a Goa: onde despois
desua chegada, chegou Antonio

correa de Malaca: q achãdo noua
ē Cochī da rota q ho governador
leuaua, se foy logo apos ele pa ser
no feyto d Diu. E acabãdo ho go-
uernador dese fazer prestes de to-
do em Goa: se partio pera Chaul
onde ho estaua esperando parte da
armada: que com a que bta coele se
auia dajuntar ali toda. E chega-
do a barra de Chaul fez no mar
conselho com todos os capitaēs
da frota, e fidalgos, e pessoas pri-
cipais q hião nela. Em q declarou
como lhe el rey mādaua tomar
Diu se lhe não dessē nele fortaleza:
e ali foy assinado per todos q Diu
se deuia de tomar se lhe não dessem
fortaleza, porque não se toman-
do se criaria ali hũa força que des-
pois daria muyto que fazer, e q
pera ho trato de Malaca cōpria
muyto a seruiço del rey de Portu-
gal: de ter fortaleza ē Diu. Isto de
terminado mandou ho governa-
dor a hũ fidalgo chamado Pero
lourenço de melo capitão de hũ
galeão, que por saber bē das cou-
sas da guerra fosse diãte, com hũ
caualeiro chamado Jorge diaz ca-
bral q tinho ho mesmo saber: que a-
prendera ē Italia cō muytas mos-
tras de grande valēcia, e que vissē
ābos a desposição d Diu: e por on-
dese poderia cōbater auēdo disso
necessidade: e assi mādou coeles al-
gũs capitaēs de fustas e bargan-
tis. E abalou apos eles com todo
ho resto da armada que seria bem
doitenta velas, antre naos gros-
sas, galeões, nauios redondos,
gales, carauelas, fustas, e bar-
gantis, de que os capitaēs princi-

país/forão dom Aleixo de menezes/ dom João de lima/ Christo uão d'la Christouão correa, Ruy vaz pereira, Pero loureço de melo, Dinis fernâdez de melo, Francisco de mendoça, Andre de souza chichorro/ Lopo dazeuedo/ dom Jorge de menezes/ Diogo fernandez de beja/ Frâncisco de tauora/ Antonio de brito de souza/ Sernimo de souza, Frâncisco d' souza tavares, Antonio raposo/ Rafael perestrelo/ Rafael catanho/ Jorge dalbuqrq, Jorge d'brito/ Andre diaz/ Pero da silua/ Antonio correa, Aires correa, Fernão gomez de lemos, Munio fernâdez de macedo, Bôçalo d' loule, Antonio de brito, Bôçalo pereira, Gaspar doutel, e Manuel velho. E nesta armada bião perto de tres mil Portugueses: e ela muyto bẽ apercebida d'artelbaria/ e de grãde somma de munições de guerra: q'a parecer de todos era pa tomar Diu. A cuja barra ho gouernador chegou na entrada de Feuerreiro, e ao surgir da armada: por Christo uão correa e Bôçalo de loule birẽ surgir diante de dom João de lima que ja estava surto: ouue ele menẽcoria, e por não ter lugar onde surgisse diante deles: senão á lagia leuouse e foy surgir sobzela. E por dom João surgir naquele lugar: parece que cuidarão algũs capitães q' era pera baterẽ a cidade per mar. E começouse toda a gẽte dal noraçã, e poerse em armas: e de certos nauios tirarão algũas bõ bardadas/ e foy a cousa de maneira, q' os mouros cuidarão verda-

deiramẽte q' os q'rião cometer: e se os portugueses bo fizerão tomarã a cidade por auer nela pouca gẽte/ e essa cõ grãde medo: porẽ acodirão todos aos muros e baluartes. E Bagamahmut e Abellq se mãdãrão logo q'ixar ao gouernador d'zẽdo: q' le auita pazes atrele e Abellqaz, q' como lhe q'ria tomar a cidade. Ele respõdeo q' não q'ria/ que aquilo era desmãdo de gẽte de guerra: que esteuessem seguros. E mandou logo a todos os capitães que esteuessem quedos: e a dõ João de lima: que se leuasse donde estava e laisse pera fora: e querẽdo bo ele fazer não pode por vazar a mare/ e ouuera de ficar ã seco: e perderse ho galeão se lhe não acodirão e ba teis cõ q' bo rebocarão pera fora. E se os mouros q' estauão nos muros pelerão fogo a sua artelbaria meterão muytos dos nossos nauios no fundo. E sabẽdo ho gouernador ho risco q' correo ho galeão de dõ João de lima/ e pola reuolta de q' foy causa: ouue tamanha menẽcoria q' bo mãdou chamar e prẽdeo tirandolhe a capitania do galeão. E passada esta furia q' lhe algũs fidalgos falarão bo soltou/ e lha tornaua a dar: e ele a não quic' agravãdose muyto do gouernador, e tornou se pera Cochĩ. E ho gouernador deu a capitania do galeão a Munio fernâdez d' macedo: e a sua carauela deu a Manuel de macedo seu irmão.

Capit. xlix. De como ho gouernador se vio cõ Abelliquesaca e com Bagamahmut.



Meliquefaca e Bagama
bmut que virão no seu
porto bũa frota tão po-
derosa como ho gover-
nador leuaua/ ouuerão grãde me-
do de ho governador q̃rer tomar
a cidade: e se algũa esperança ti-
nhão de não ser assi, era a nossa fei-
tozia que estaua e Diu. E por isso
prêderão Fernão martiz euange-
lho ho freytor: e outros q̃ estauão
coele/ pera que não fugissẽ pera a
frota. E despois dauer algũs reca-
dos antreles e ho governador so-
brelhes mādãr pedir Fernão mar-
tiz e leles lho não quererem dar
foy concertado antreles que se
vissem: ho que tambem Bagama-
bmut não queria consentir por
que se receana que nesta vista fosse
tomado pelos nossos com Abeli-
quesaca/ e por derradeiro se vi-
rão ãbos cõ ho governador õdese
chama a calbeta: e este lugar esco-
lho ho governador por ser enfor-
mado por Pero loureço d' melo e
por Jorge diaz cabral, q̃ tinha a ci-
dade daquela parte ho muro bai-
xo: e se fazia ali bũa grande praya,
e que se podia dar cõbate ou esca-
lar a cidade. E pera ho governa-
dor ho ver cõ os outros capitaes:
quis que a vista fosse ali/ e que ele
estaria no mar com algũs capitã-
es. E Abeliq̃faca e Bagamabmut
em terra com algũa gente, e assi se
fez. E a concrusão de sua pratica
foy dissimular ho governador que
não bĩa pera tomar Diu/ nem fa-
zer he guerra: somente bĩa cõ aq̃la
armada por mandado del Rey de
Portugal seu senhor: pera da sua

parte pedir a Beliqueaz que lhe
deixasse ali fazer bũa fortaleza em
q̃ podesse ter segura sua feitoria/
porque lhe não acontecesse ho que
em Calicut, Coulaõ/ e Abalaca,
acontecera/ e não querendo que a
fizesse: q̃ não deixasse estar bi mais
sua feitoria/ e q̃ sobristo lhe disses-
sem ho que determinauão. E eles
respõderão que Beliqueaz não es-
taua na cidade/ e que eles não po-
dião dar fortaleza: nem entregar
lhe Fernão martiz com a feitoria
sem licença de Beliqueaz: porque
em quanto a tiuessem na cidade es-
tarião seguros de lhes não fazer
guerra: e isto disse Bagamabmut
por que entendeo no governador
que lhe aua de fazer guerra. E po-
sto que ho governador repriçou a
esta reposta, não tomarão outra
cõcrusão: e assi se apartarão. E
Bagamabmut fortaleceo logo aq̃
le lugar: porque como era muyto
prudente entendeo bem ho gover-
nador que determinaua de dar na
cidade por aquele lugar. E aqui se
fez despois bũ baluarte/ a que os
nossos chamarão de Diogo lopez
por se chamar assi ho governador
que foy causa de se fazer/ em se en-
tender nele que auia de cometer
por ali a cidade que com bũm ba-
luarte naquele lugar ficaua for-
te de todo.

Capit. I. De como ho gover-
nador se mudou, do conselho
que tinha de tomar Diu: e de
como mandou ver ho rio de
Abadre faba pera fazer hi for-
taleza.



Depois disto não se sou-
be a causa porque afro-
rou ho governador do
impeto cō que hia pera
tomar Diu/ e esfriou tãto disso:
que sem querer cōselho publico ē
que propoſeſſe as causas que auia
pera ho não tomar, e cada hũ di-
ſeſe ho q̃ lhe parecia. Chamou hũ
dia a ſua camara (onde eſtaua ſo
cō ho ſeu ſecretario) a cada hũ dos
ſeus capitaes: e fidalgos da fro-
ta. E diſialhes bẽ ſabeis que foy
aquí noſſa vinda por mādado del
rey meu ſenhor pera tomar eſta ci-
dade/ que eu cuidey q̃ poderemos
tomar: pola calbeta que os mou-
ros fortalecerão logo, depois que
virão que eu vi quam fraco eſtaua
ho muro da quella bāda/ e pera ſa-
irmos em terra e eſcalala, os mu-
ros ſam muyto altos/ e nela ha
muyta gente: vede o q̃ poderemos
fazer, e pera lhe darmos bateria
do mar, diſem-me os bombardei-
ros que lhe não poderemos fazer
nojo/ porque não tirarão certo
com ho arfar dos nauios, agora
vede ho que vos parece. E quan-
do os capitaes, e fidalgos: ſe vi-
rão perguntar da quele modo ten-
do aſſentado quanto importaua
tomarſe Diu/ ſe Abeliſqueaz não
deſſe fortaleza: ficarão muy eſpan-
tados daquele modo de fazer con-
ſelho. E entendendo no governa-
dor que não queria pelejar todos
por lhe fazer a vontade/ diſiã
que não pelejaſſe, e do que cada
hũ diſia fazia ho ſecretario hum
termo e aſſinauamno. Mas Fran-
ciſco de ſouſa tauares que tiuha

do governador que ſe Diu ſe com-
bateſſe eſteueſſe antre ho baluarte
do mar e ho da terra na ſua nao:
por lho aſſi pedir/ não lhe pare-
ce ndobem ho que ho governa-
dor diſia/ não quis diſer ſe não a
verdade, e diſſelhe que por mais
gente que aquella cidade tiueſſe/
nem por mais altos que os mu-
ros foſſem: que deuia de deſembar-
car e trabalhar por eſcalar a cida-
de/ porque não ho fazendo aſſi
pareceria grande couardia/ e os
mouros perderiã de todo ho cre-
dito que tinham em nos: e teriã
ouſadia de andar com ſuas fuſtas.
E outro tanto fez Diogo fernan-
dez de beja que lhe diſſe com gran-
de menencorea, que ja era tem-
po que ſe não foſſem ſaõs de Diu
e que não ſe auião de ir ate lhes
não q̃brarẽ os braços e as p̃nas/
e q̃ nunca auião d̃ ter outro tempo
como aq̃le pa tomar Diu. E cō tu-
do ho governador não quis pele-
jar: do q̃ ſe todos eſp̃atuaõ muy-
to e auia ātreles grãde murmura-
ção. E quando a gente dar mas
vio que ſe tardaua em dar comba-
te a cidade: ficarão todos muyto
deſcontentes/ polo grande aluo-
roço que leuauão pera a comba-
ter, e muytos dagastados diſiã
mal do governador: e quenão po-
dia ſer ſe não que fora peitado de
Abeliſqueſaca que não pelejaſe por
não tomar a cidade: e aſſi outras
couſas q̃ diſa a gēte miuda quando
os p̃ríſes ou capitaes não fazẽ as
couſas ſegũdo ſeu parecer: e depo-
is diſto foy Fernão martiz ho ſey-
tor d̃ Diu cō recados d̃ Abeliſqueſaca

z de Hamabimut ao governador
z tornou a eles cō reposta sobrelhe
darê lugar para fortaleza, z que fi-
caria a hi Diogo fernãdez de veia
cō gente z nautos para a fazer. E
Diogo fernandez foy a terra al-
gũas vezes ver ho sitio onde se fa-
ria, z tomar medidas do chão que
seria necessario z tudo erão dissi-
mulações. E neste tẽpo mādou ho
governador Antonio correa ao
rio de Madrefaba cinco legoas d
Diu, a ver se se poderia hi fazer for-
taleza porque bẽ sabia que a não
aunia d fazer e Diu/ z mādou coele
Johão de Coimbra piloto mor da
India pa sōdar horio z hũ Diogo
dela puẽte mestre das obras de pe-
draria para ver ho sitio da terra,
z se aunia pedra para fazer cal: z fo-
rão e bũia cotia por irẽ mais dissi-
muladamẽte/ z eãrados dẽtro na
barra do rio forão Johão de coim-
bra z Diogo dela puẽte por ele aci-
ma na barquinha da cotia ate a
ponoação de Madrefaba para to-
mar e formação daquilo a q hãõ:
z vẽdoos os mouros hir daquela
maneira como sãõ sospeltosos/ sos-
peitãdo q hãõ fazer algũ mal prẽ-
derãnos z mādãrãnos a Belique-
faca/ z auẽdo vista da cotia e que
Antonio correa ficaua/ el bõbarde-
arãna de maneira q correo muyto
perigo d a meterem no fundo: sem
Antonio correa se poder sair por
ser enchente de mare: z sayose com
vazante sem mais esperar porque
bem soube que erão presos Johão
de coimbra z Diogo dela puẽte, q
achou em poder do governador
quando chegou a ele, que lhos ti-

nha Belique mandado logo co-
mo lhos verãõ. E eles disserãõ ao
governador que se podia fazer bũia
boa fortaleza em Madrefaba.

Capitolo .li. De como auendo
ho governador vir inuernar a
Ormuz deixou na India em seu
lugar a dom Aleixo d menezes.



Por isso determi-
nou ho governador
de a fazer naquele
rio pois não podia
em Diu: porque da-
li aueria trato para
Balaca: z para çofala z faria tan-
ta guerra a Diu q Beliqueaz auẽ-
ria por bem de ter verdadeira paz
com os nossos, z se forçadamen-
te não ouuera vir inuernar a Or-
muz cometera de fazer logo a for-
taleza/ mas não podia por esta ida
que aunia de fazer: z determinou
de fazer a fortaleza quando torna-
se/ z que teria mais tempo para
isso. E em sua ausencia deixou ho
poder de governador a dom Alei-
xo de menezes: a quem mandou pe-
ra Cochim cõ as gales para hi in-
uernar, z que na entrada do ve-
rãõ seguinte tornaria coelas a Ma-
drefaba onde ho acharia fazendo
a fortaleza. E despachou a Jorge
dalbuquerque para Balaca: z que
fosse com dom Aleixo ate Cochim
onde lhe daria embarcação, z
assi a Jorge de brito para Balu-
co z Rafael catanho z Rafael pe-
restrelo para a China / nas suas
naos: z todos forãa debaixo da bã-
deira de dõ Aleixo ate Cochim.

Capit. liij. De como ho governa-
dor mandou pedir a Nizamalu
co senhor de Chaul lugar pera
fazer hũa fortaleza: e se partio
pera Ormuz.



Dartido dō Aleiro de
menceſes, por ho go-
uernador ter necessi-
dade de mantimētos
pera a viagē Dormuz
foy tomalos a Chaul: e deixou no
porto de Diu a Diogo fernādez de
Beja por capitão mor de Manuel
de Macedo e de Anrique de mace-
do capitães d̃ duas caravelas, pe-
ra que recolheſſe Fernão martinz
e a feitoria/ que bẽ ſabia q̃ lhe não
auiaõ Deliq̃ nem Bagamabmut
de dar fortaleza. E mandoulhe q̃
tãto que ouueſſe a feitoria/ q̃ lbes
pubricaffe a guerra/ e ſe foſſe a Or-
muz. E deſpois diſto como digo ſe
partio pera Chaul: e por os noroe-
ſtes ſerẽ riſos ſe foy a ilha de Dan-
da, que tinha porto abrigado, e bi-
lhe leuarão os mātimentos. E de
Danda mādou Fernā camelo por
embaixador a Nizamaluco ſenhor
de Chaul pera que lhe deixaffe fa-
zer hũa fortaleza em Chaul: e ele ef-
pedido, ſe partio pera Ormuz na
fim d̃ Feureiro: e forão coele eſtes
capitães Nuno fernādez de mace-
do/ Chriſtonão de ſá/ Ruy vaz pe-
reyra. Pero loureço de melo/ Lo-
po dazeuedo, Frãciſco de ſouſa ta-
uares. Francisco de tauora. Anto-
nio de brito de ſouſa/ Pero da ſil-
ua. Ayres correa. Antonio correa
Gaſpar doutel, Gonçalo pereira/
e Manuel velho. E deſpois de ir-
ter a Mazcate foy fazer agoada a

Teubi ou Teiue como lhe todos
chamão. E partido dahi na entra-
da de Mayo dia de ſancta Cruz, a
pareceo hũa nao de mouros q̃ vi-
nha de Ormuz: e ho primeiro capi-
tão que chegou a ela foy Frãciſco
de ſouſa tauares: e entregandose
lhe os mouros a leuou ao governa-
dor/ que poſto que ſoube q̃ era de
Cābaya/ e que leuaua ſeguro/ lho
não quis goardar/ por amor da
guerra que lhe auia de ſer feyta, e
mandou tomar a nao pera el rey e
quãtos bião nela: e forão achados
nela vinte mil pardaos em tangas
e fazenda que valia mais/ e ho go-
uernador pediu a Francisco de ſou-
ſa tauares que foſſe nela te Ormuz
pa ir bẽ goardada: e ele o fez aſſi.

Capit. liij. De como Diogo fer-
nādez de beja ouue Fernão mar-
tinz/ e os outros que eſtauaõ e
diu, e ſe foy pera Ormuz.



Diogo fernādez de be-
ja q̃ ficaua no porto
de Diu pera fazer a
fortaleza: bẽ enten-
deo, q̃ lhe não auia
Delique ſaca de dar lugar pera a
fazer: e que tudo aquillo forão ma-
nhas pa antreter ho governador
que não tomaffe a cidade: e q̃ ho fi-
zerão ali ficar por diſſimulaçãõ/
cuy dando q̃ tendo em Diu teriã
a noſſa paz ſegura. E tendo ele iſto
por certo/ trabalhou por auer Fer-
nã martinz e os outros na nao/
em que não ouue tamanha goarda
deſpois q̃ ſe ho governador foy co-
mo dantes. E por iſſo ouue facil-
mente a fazenda del rey com cor

de ser ho fato dos nossos que esta-
uão em terra. E despois de ser a
fazenda na nao recolheose Fernão
martiz hũa noyte com os outros:
e logo ao outro dia Diogo fernã
dez mandou publicar a guerra a
Beliquesaca, mandandolhe dizer
que despois de Beliquiaz assen-
tar paz com Afonso dalbuquerque:
os governadores da Índia lha
goardarão sempre/ e ele não: porq̃
logo em tempo de Lopo soarez ar-
mara fustas e fazia guerra a nos-
sos amigos/ e mandara fazer re-
presaria no nosso feytoz que nunca
quisera dar ao governador com
quanto lho mandara pedir tantas
vezes: e cuydando que ho engana
ua lhe prometera fortaleza que ho
governador sabia que lhe nã auia
de dar, nê ho deixara ali pera mais
que pera ver se podia auer ho fey-
toz e os outros nossos, e que ago-
ra que os tinha soube se que el rey
de Portugal mandaua quebrar a
paz/ e que lhe fizessem guerra da-
li por diante: e que lho fazia saber
porque os Portugueses não fa-
zião guerra aa treição como os
mourros se nã de praça. E despois
que Diogo fernandez mandou es-
tereado a Beliquesaca, disselhe
Fernão martiz que se fossem logo
porque as fustas de Diu auião de
sayr logo a pelear coele/ e que cor-
ria risco porque andauão cõ muy-
ta gête e artelbaria. E Diogo fer-
nandez se rio/ dizendo que se vies-
sem q̃ as meteria no fundo/ e vin-
da a maré sayrão logo as fustas e
Agamahmut por capitão mór, e
mãdou jugar toda artelbaria mui

fortemête, e que se chegassem aos
nossos navios e que os cercassem/
principalmente a nao de Diogo fer-
nandez/ em que ferirão muytos e
matarão algũs, e apertarão tão
rijo pera a cercarem com quãto os
nossos lhe tirauão com artelbaria
que a Diogo fernandez lhe pare-
ceo mal esperalos que erão muy-
tos em demasia, e estava ja em tã-
to aperto que lhe foy necessario
cortar as amarras cõ que estava
surto, porque não ouue vagar pe-
ra leuarem as ancoras/ e ho mes-
mo fizeram os outros navios, e
dãdo aas velas acolherãse todos
tres a Ormuz: ôde chegarão auêdo
dez dias q̃ o governador chegara.

Capit. liij. De como partirão
de Cochim Jorge dalbuquerque
pera Malaca e Jorge de brito
pera Maluco.

Dom Aleixo de meneses
que foy pera Cochim
despois que laa chegou
despachou Jorge dalbu-
querque que auia dir por capitão
pera Malaca/ e seu genro dom
Sancho anrriq̃z por capitão mór
domar. E sendo prestes a armada
que auia de leuar, se partio de Co-
chim a vinte cinco d'abril de mil e
quinhentos e vinte hũ/ e ele foy c̃
hũa nao q̃ auia nome sancta Bar-
bara, e Rafael catanho que bía pe-
ra a China em outra, e Dinis fer-
nandez de melo em hũ navio: e iriã
nestas tres velas perto de duzen-
tos homens d'armas todos Portu-
gueses e atreles muytos fidalgos

z gête escolhida/ z despois de par-
tido Jorge dalbuquerque partiose
Jorge de brito pera ir a Maluco a
seys dias do mes d' Mayo/ z leuou
bua armada de oyto velas/ de que
a fora ele que hia nua nao forã por
capitães Christouão correa dum
galeão/ Francisco godiz/ z Chris-
touão pinto de dous navios de ga-
uia: z Lourenço godinho de bua
carauela, z Antonio de brito seu
irmão de Jorge de brito doutra q̃
ficou em Cochim acabando de se a-
parelhar/ z Gaspar galo de bua fu-
sta. E em toda esta armada não le-
uou mais de trezêtos homens/ por
que os que hião dirigidos pera ir
coelelbe fugirão quasi todos como
souberão que auião de ir a Malu-
co. q̃ ho descobrio ho governador
tanto que vio as prouisoões de Jor-
ge de brito/ z isto por lhe q̃rer mal.

Capit. lv. De como dom Jorge
de meneses foy em ajuda del rey
de Cochim contra el rey de Ca-
licu.



Este tẽpo aua guer-
ra antre os reys de
Cochi z de Calicu,
como semp ateli fo-
ra: z a causa era por
amor da morte dos
príncipes de Cochim que ho rey d'
Calicu passado matara nabatalba
que ouue coeles no passo do vao: z
porque queymou Cochim z ho de-
struy o como disse no liuro primei-
ro desta historia: z mandaua ho co-
stume dos reys de Cochim que q̃l
quer deles auia de vingár esta inju-
ria, cõ matar qualquer rey de Ca-

licu, ou outros tãtos dos seus pri-
cipes, como forão mortos pela gẽ-
te de Calicu no passo do vao: z que
auia de fazer outra tal destruyção
em Calicu como fora feito em Co-
chim, z despois lauar se el rey de co-
chim nos tanques del rey de Cali-
cu: z coisto ficaua satisfeito z vin-
gado de sua injuria. E porque ain-
da nenhũ rey de Cochim tomara
esta vingança duraua a guerra an-
trele z ho de Calicu/ que como era
mais poderoso de gente, hialbe se
pre melhor na guerra: z porisso el
rey de Cochim pedio socorro adõ
Aleixo de meneses que ficaua por
governador/ que posto que el rey
de calicu era amigo del rey d' Por-
tugal, não negou ho socorro a el
rey d' Cochim pelo foster que não
fosse desbaratado, ficaua el rey de
calicu mais poderoso, do que era
cousa muyto perjudicial pera ho
estado del rey de Portugal: z man-
dou em sua ajuda a dom Jorge de
meneses filho de dom Rodrigo de
meneses caualeiro de muyto effor-
ço, com que mandou trinta Por-
tugueses bẽsteiros z espingardei-
ros com que pelejou tã valentemẽ-
te em ajuda del rey de Cochim cõ-
tra el rey de Calicu, que ho desba-
ratou muytas vezes: z em que dõ
Jorge fez cousas muyto assina-
das que não conto particularmẽ-
te/ porque as não soube se não em
soma. E vendose el rey de Calicu
desbaratado tãtas vezes recolheo
se pera suas terras que dantes an-
daua polas del rey de Cochim/
que não sabia seruiços nem honr-
ras que não fizesse a dom Jorge q̃

teue consigo todo ho inuerno com
licença de dom Aleixo pera estar se-
guro del rey de Calicut.

Capit. lvi. De como sabendo el
Rey de Portugal quã mal se ga-
stauão as rendas do reyno Dor-
muz, mandou recolher o que so-
beijaua do gasto do reyno: e pera
ho saber mandou que ouuesse of-
ficiaes Portugueses nalfande-
ga Dormuz.

Quando Afonso dalbu-
querque tomou a pri-
meira vez Dormuz des-
pois o desbaratar Co-
seatar e sua armada fezse elrey Dor-
muz que etão era vassalo del rey de
Portugal por se dar por vencido.
E pedindo mia a Afonso dalbu-
querque / fezse vassalo del Rey de
Portugal / e confessou per hũa es-
criptura publica assinada por ele e
por Coseatar, e polos principais
Dormuz, e assinada de seus feios q̃
da mão del rey d̃ Portugal recebia
ho reyno, e se obrigaua dali por diã-
te a pagarlhe vinte mil paraflus de
parias cadãno: e este contrato mos-
trou el rey de Portugal despois a
doutores theologos quelhe disse-
sem se ho reyno Dormuz era seu / e
dizendolhe que si, ho teue dali por
diante por seu. E sabêdo que era ti-
ranizado polos goazis Dormuz q̃
gastauão mal trezentos mil cruza-
dos quelhe dizião querendia a mas-
sa do reyno, e determinou de saber
se era assi, e achando ser verdade a-
uelos e fazer deles todo ho gasto
do reyno e ho resto ajutalo em the-

souro. E pera isto quis poer officia-
es na alfandega Dormuz e nas ou-
tras dos outros lugares do reyno
e mandou ao governador por hũa
prouisam q̃ foy na armada de For-
ge de bruto que fosse meter de posse
estes oniciaes que mandaua / e fi-
zesse duas fortalezas em Dormuz a
fora a que estaua feyta, hũa no Bã-
del que era onde descarregauão as
naos / e outra em outra parte, porq̃
pera segurãça da terra erão ambas
ali necessarias, e q̃ as prouesse am-
bas darteiharia e de gente / em que
entrarião oy teta homens de caualo:
e q̃ nenhũ dos nossos pousasse na
cidade senão que se recolbessem to-
dos a estas fortalezas porque este-
uessen ali seguros se se el rey Dor-
muz quisesse alevantar por amor
dos officiaes que se punhão, e que
posse no mar boa armada pera
môrsegurança da terra. E pera ca-
pitão Dormuz mandaua el rey de
Portugal a Diogo de melo cõ grã-
des poderes que arribou da ilha
da madeira como ja disse / e ficou
dom Garcia continho na capitania
em que dantes estaua. E assimãda-
na el rey de Portugal que ouuesse
em Dormuz almotacẽ môr Portu-
gues / e que dali por diante ouues-
se balanças e pesos como os d̃ Por-
tugal, e que dissesse ho governador
a elrey Dormuz q̃ aquilo não auita
deser mais que aquele anno, pera o
que ele despois saberia, e assi lho es-
creueo pedidolhe q̃ se não escadali-
zasse, porq̃ tudo era pa seu pueito.
E despois de ho governador estar
em Dormuz deu a carta del rey de
Portugal a elrey Dormuz quelhe

escreuia sobre aquilo e pedi o helicê
 ça pera ho executar. E el rey Dormuz
 ficou bem salteado com tal no
 ua, porque vio q̃ aquilo era tomar
 lhe ho reyno / e mostrou que daua
 licença de boamente / porq̃ lhe pa
 receo que se a não desse que ho prin
 cipal do reyno: e disse ao governa
 dor que era necessario falar aos offi
 ciaes mouros pera lhes tirar bo es
 candalo q̃ d'isso auia de ter. E em
 vez de lho tirar aqueixou selhe do q̃
 lhe fazia, do que se todos indina
 rão muyto, e dizião que não era pe
 ra se sofrer. E Raix xarafo que era
 goazil por morte de Raix noradin
 seu pay foy o que mais sentio isto q̃
 nenhũ por amor do seu mando que
 era mór que ho de todos: e como ele
 era muyto prudente, e via que ho
 tempo não era por eles / conselhou
 a el rey e aos officiaes que dissimu
 lassem, e não mostrassem nenhũ de
 contentamento polo q̃ ho governa
 dor fazia, porque se ho mostrassem
 lembrarlhehião temer se de se leuan
 tarem, e temêdo se d'isso deixaria tã
 ta força em Dormuz, assi no mar co
 mo na terra que não podessem coe
 la posto que se quisessem levantar /
 por isso que fizessem muyto bõ ro
 sto: porque quanto ho governador
 lho visse melhor tanto mais segura
 ria: e disse a el rey q̃ lhe dissesse q̃ ho
 reyno Dormuz era del rey de Por
 tugal / que podia fazer dele o q̃ qui
 sesse, porque de tudo ele e seus vassa
 los erão contêtes / e assi ho disse el
 rey, e que possesse ho governador os
 officiaes quando quisesse. E auido
 este cõsentimento, forão postos os
 officiaes q̃ el rey de Portugal mã

daua prouidos pera isso / que erão
 Manuel velho por iuyz d'alfande
 ga e prouedor das rêdas do reyno,
 Ruy varela por thesoureyro / e por
 escriuães Abiguel do vale, Ruy gõ
 çaluez da costa, Alente diaz / Mu
 no de crasto, Diogo vaz, e quatro
 mouros: de que hũ auia nome Co
 jehamet, homem antigo na alfande
 ga Dormuz / e que sabia muy bem
 os segredos dela / e este os disse a
 Manuel velho que por servir el rey
 peitaua este e outros pera q̃ lhe des
 cobrissem a verdade do que rendia
 ho reyno: e assi estaua cõ Manuel
 velho por goazil d'alfandega Raix
 delamira irmão de Raix xarafo ho
 mem fiel e grande amigo dos nos
 sos. E postos estes officiaes na fan
 dega / pos se tambem por almotacé
 mór hũ João lopez / q̃ mandou por
 seu regimento que ouuesse em Dor
 muz pesos e balanças como e por
 tugal: do que se todo ho pouo escan
 dalizou muyto / e dizião que ja ho
 reyno Dormuz era de todo dos nos
 sos / e q̃ os mouros erão seus cati
 uos. E porem el rey era muyto bem
 tratado, e daua selhe largamête ho
 necessario pera seu gasto: e Raix xa
 rafo era somente ao que vinha mal
 deste partido / porque se lhe tiraua
 gastare se per sua mão as rêdas do
 reyno e tiranizalo, o que então não
 podia fazer.

Capit. xlvij. De como tendo el
 rey D'Alfonsa delbaratado ho
 bidalcão mandou dizer a Ruy
 de melo capitão de Goa que fosse
 tomar as tanadarias da terra
 firme, e de como as tomou e fica
 rão del rey de Portugal.



Dissando se isto e Ormuz succedeo na India, que estando bo Hidalcao pera ir cercar Goa com seys centos mil homens de pe

e de caualo e cem bombardas grossas com determinação de a tomar: querendo nosso senhor acodir a tamanbo perigo como este fora pera os nossos, se levantou supitamente guerra antre bo Hidalcao e el rey de Marsinga/ e em hũa batalha foy bo Hidalcao desbaratado e fugio com perder muyta gente. E prosseguido el rey de Marsinga a vitoria/ lhe tomou a cidade de Rachol e a de Bilgão, e outras muytas: pelo que aquellas tanadarias da fralda do Salagate vezinhas de Goa ficaram desemparradas. E como el rey de Marsinga por ser tão rico como ja dissemos tinha necessidade delas, e desejava de auer todos os caualos que hão a Goa, e que bo Hidalcao não ouuesse nenhũ / mandou dizer a Ruy de melo capitão de Goa q̃ ele tinha ganhado por força varias ao Hidalcao a cidade de Bilgão com toda sua comarca ate bo mar/ em que auia tanadarias que rendião mais de cincoenta mil pardaos d'ouro/ de que fazia doação a el rey de Portugal pera todo sempre por amor da amizade q̃ sempre desejara de ter coele, e por amor da uer todos os caualos q̃ hão a Goa que fosse ele entre tanto tomar possedas tanadarias. E despois de vido bo governador lhe mādaria seu embaixador pera assentarem suas cousas. E Ruy de melo lhe respon-

deo com muytos agradecimentos assi de sua parte como do governador, prometēdolhe que acerca dos caualos se faria tudo o que fosse razão/ e que ele ficasse contente. E determinando de ir tomar a tanadaria de Salsete que estaua mais perto, ajuntou duzētos de caualo dos nossos todos moradores em Goa/ de que ele hia por capitão/ e perto de setecentos de pé os mais deles dos nossos/ e espingardeyros e besteiros, cuja capitania deu a Ruy iusarte de melo seu sobrinho: e passando a Salsete em almadias e ja gadas, como não achou ninguem que lhe resistisse tomou logo posse daq̃la tanadaria por el rey de Portugal. E assentada a terra que assentou em obra de dez dias se tornou pera Goa deixado por tanadar mór a Ruy iusarte, a que deixou vinte cinco de caualo dos nossos e cincoenta espingardeiros de pé/ e seys centos piães da terra os mais deles frecheiros/ e ordenados por suas capitancias: deixandolhe por regimento que tomasse posse das tanadarias de Pondá e Bardes, e possesse nelas tanadares Portuguezes logo nomeados/ que lhe obedecerião. E Ruy de melo não se deteu mais, porque não era necessario que como não auia quem defendesse a terra abastaua Ruy iusarte com aquela gēte pera a tomar e assentar. E tornado ele pera Goa, Ruy iusarte se foy a Pondá/ e tomado posse dela pos hi por tanadar a Antonio raposo alcayde mór de Goa e casado nela e despois tomou as outras e Ruy iusarte tinha seu assento em

terra de Salfete no pagode de Sardes: e tinha por seu feytor a hũ dos nossos casado em Goa que auia nome João lobato/ e por seu escrivão Aluaro barradas, e eles arrecadauão as rendas de todas as tanadarias que Ruy iusarte visitaua dali donde estava. E auendo dous mezes que estava em posse delas teue por certeza que hã sobrele dous capitães do Hidalcão, que se hia restaurando da rota de Rachol. E como perdia tanto naquelas tanadarias quis ver se as podia cobrar/ e pera isso mandaua a aqueles dous capitães que digo ambos Canarins/ hũ chamado Banaique e outro Rapanaique com tres mil piães, e não mandaua outra gente, assi por auer os nossos por poucos como por ter necessidade dela pera a guerra que ainda tinha com el rey o Marlinga. E sabido isto por certo de Ruy iusarte/ mandou logo recado a Ruy de melo que amanheceo hũ dia em Salfete com toda a gente de cavallo de Goa que era a que disse. E junto cõ Ruy iusarte esperarão q viessem os inimigos: que não vierão cõ medo do socorro que era vindo a Ruy iusarte: e sabendo Ruy de melo que estauão recolhidos em tres aldeas determinou de ir sobreles, e logo naquele dia q chegou á mea noyte partio pera lá por não ser sentido e chegou lá antemanhã, e posta sua gente em ordem deu na primeyra aldeia. E sentindo ho capitão dos inimigos os nossos não se atreuendo a lhe resistir fugio logo/ o que vido sua gente fez outro tanto: de modo q os nossos não teuerão trabalho

coeles/ e Ruy de melo mādou que dessem nos da terra cuidando q se defendessem, o que eles não fizeram polo que Ruy de melo mādou que os não matassem/ porem que os catinassem: e forão catinos cento e trinta almas/ e logo os outros capitães fugirão/ e Ruy de melo tornou a assentar a terra: e sabido por ela ho desbarato destes capitães não osarão outros de tornar a buscar os nossos que ficarão em paz.

Capit. lviii. De como Rair parafo puocon ho sogro del rey Dormuz que ho fizesse levantar contra os nossos.



Endo Rair parafo como os officiaes Portuguezes permanecião na alfandega Dormuz tinha disso tamanho descontentamento, como a quem se tiraua ho vso do dinheiro que ela rendia que ele gastaua dantes á sua vontade: e auendo isto por injuria lhe daua muyto tormento: e com grande trabalho ho encobria: porque não entendendo ho governador o que ele sentia não se apercebesse pera o que determinaua de fazer que era levantar se/ e nisto era todo seu cuidado: porque levantandose e deitando os nossos fora Dormuz, não somente lhe parecia que ficaua liure da sugeição em que estava, mas ainda ficaria senhor del rey e do reyno assi como ho erão os goazis antes que esteuessse a obediência del rey de Portugal. E trazendo este proposito não lhe achou outro melhor remedio pera que ouuesse

se effeyto que prouocar ao sogro del
rey Dormuz que lhe parecesse bem
este leuantamêto. E nisto ouue pou
co que fazer, porque ele era hũ Xe
que que entre os mouros sam aui
dos por sanctos / e este era tão im
migo dos nossos q̃ dizia aos mou
ros que muyto mór merecimento
tinha hũ mouro de matar hũ fran
gue que de dar quãto tinha desmo
las e fazer quantas romarias ou
uesse no mundo. E como ao Xe que
lhe pareceo bem leuantarse elrey cõ
tra os nossos, começou de lho con
selhar : e como todos os mouros
pola mayor parte sam desagardecí
dos logo elrey tomou seu conselho
sem lhe lembrar em quanta obriga
ção era aos nossos que ho liurarão
do catiueiro em que ho tinha Raix
bamet : e tendo ho Alfonso dalbu
querque em seu poder, e assi a cida
de lha tomou / e a ele deu liberda
de, e fez rey liure com tanta honrra
como disse no terçeyro liuro. E de
terminado elrey de se leuantar, e
matar todos os nossos: mandou fa
zer gente á terra firme per hũ mou
ro chamado Abiramahmet mora
do, em que Raix xaraso tinha gran
de confiança: e assi tornou elrey em
sua graça a Raix xabadim, aquele
que Jorge dalbuquerque quísera
prender em Mazcate como disse a
tras / e mandou lhe per sua carta
que se uessena fortaleza Dorfacão,
e ali estaria com gẽte de guerra ate
ver seu recado.

Capit. lix. De como ho capitão
mór Antonio correa pelejou em
Babarem com elrey Aborim e
ho desbaratou.



Este tempo estava le
uantado contra elrey
Dormuz hum rey seu
vassalo e tributario, q̃
se chamaua Abocrim
rey da ilha de Baharê, de q̃ja faley
no liuro terçeyro e senhor de hũa
cidade chamada Laçã no sertão
Darabia, duas jornadas do mar
dõde se crião os melhores caualos
Darabia, e tem grande comarca / e
dela parte a Cafila, que daquelas
partes vay a Abeca, cujo caminbo
he jornada de dous meses porque
vay de vagar : e assi era senhor de
hũa fortaleza que ha nome Catifa
na terra firme Darabia dez legoas
de Baharem. Este era casado com
hũa filha do senhor de Abeca e ti
nhão os mouros por sancto / e
era muyto esforçado e valente ca
ualeyro : e despois que se leuantou
cõtra elrey Dormuz e lhenão quis
pagar as pareas que pagaua dâtes
trazia muyto grande armada deter
radas que passauão de cento e corê
ta, e esta fazia arribar a Baharem
quãtas naos hião dos lugares da
quele sino persico pera Dormuz: com
o q̃ elrey perdia muyto do q̃ redia
a sua alfandega: a fora as pareas q̃
perdia de Abocrim. E vendo ele co
mo lhe ho governador punha offi
ciaes Portugueses na alfandega
pera recolherem as rendas que ren
desse, disse lhe que pois era vassalo
delrey de Portugal que lhe tornas
se Abocrim a sua obediencia, dando
lhe conta do que passaua ania an
nos. O qual he ho governador cõ
cedeo: e determinando de ho fazer
assi disse a Antonio correa seu sobri

nho que ele lhe tinha dada a capitania mór de hũa armada que auia de mandar á ponta de Diu a esperar as naos de presa ate que ele fosse: e que auia de mandar outra a Baharem dizendolhe a que, que visse se a queria antes. E ele a quis por ser de mais honrra que de proueito, e deixou a da ponta de Diu. E sabendo Diogo fernandez de beja que hi estava como Antonio correa engeitara a capitania mór da armada de Diu por ir a Baharem / foyse logo ao governador e mostroulhe hũ alnara del rey pera lhe dar a capitania mór da armada de Diu que ateli nã mostrara pola não tirar a Antonio correa por ser muyto seu amigo, e ho governador lha deu. E aceita da por Antonio correa a epresa de Baharem / partiose pera lá a quinze de Junho de mil e quinhẽtos e vinte hũ e hia em hũ galeão: e forão seus capitães Gonçalo pereira que hia em outro / e fernandeanes de sonto mayor que hia em hũa galé, e João pereira em hũa caraue la / e Lourenço de moura, e Christouão çarnache em duas fustas / e em outra outro, cujo nome não soube: e nestas velas hião quatro cẽtos Portugueses / e hia coele Raix raro capitão mór da armada del rey Dormuz que era de duzentas terras em que hião tres mil mouros mil e quinhentos frecheiros e outros tantos lanceiros, e no caminho lhe deu hũ temporal que fez arribar a frota del rey Dormuz / e os nauios da nossa, saluo a capitaina e a caraue la de João pereira / e coele somete chegou a Baharem e sur

gio diante de hũa cidade do mesmo nome muyto grande de casas grandes de pedra e cal com chaminés, e varãdas pera sol e gelosias nas genelas e ali tinha el rey Abocrim seu assento / e por esperar por Antonio correa, de que tinha certeza q̃ sabia bem da guerra estava bem apercebido / e tinha a cidade cercada da banda do mar de hũa tranqueira de duas faces de largura de dez palmos entuihada de terra e darea com algũs portaes pa seruetia da praya / e assentada nela muyta arte lbaria, e goardauãna doze mil Arabios postos em estancias, e tinha trezentos o caualo a mayor parte acubertados / e quatrocentos Persianos frecheiros, e vinterumes espingardeiros cõ algũs outros que tinha insinados a esse efficio. E chegado Antonio correa a Baharem surgio ao mar onde steue seys dias esperando por sua armada que se ajuntou coe leno cabo deste tẽpo, saluo duas fustas / de q̃ hũa arribou a Dormuz e a outra veyo despois de ele ter desbaratados os inimigos. E chegados os nauios, e assia armada del rey Dormuz quis Antonio correa saber a gente que tinha pera ver se podia poyar em terra, e não achou mais de duzentos e vinte homens que fossem pera poyar em terra / de que os cento erão fidalgos e criados del rey / e os cincoenta espingardeiros e bẽsteiros. E os outros homens darinas dos da India, e a outra gente era do mar que auia de ficar em goarda da armada: e com quanto se achou com tão pouca gente / e sabia que a dos

Inimigos era tanta como disse as-
 sentou de poyar em terra com con-
 selho dos outros capitães e dos
 principais da frota: esperando to-
 dos em nosso senhor que os ajuda-
 ria / e quísera cometer os inimigos
 vespéra de Sãtiago, se não fora por
 Raixarafo, que por certas cirimo-
 nias de sua seyrta não quis então: e
 por isso alargou a couia pera os vi-
 te sete de Julho, que foy hũ sabado
 e quísera cometer com sua gẽte por
 hũa parte, e que Raixarafo come-
 tera com a sua por outra pera se ver
 o que cada hũ fazia. E ele nã quis/
 dizendo que el rey de Portugal e
 el rey Dormuzerão irmãos / por is-
 so auia sua gente de ir junta: e isto
 era com medo segundo despois pa-
 receo. E acabado ho conselho / os
 capitães se tornarão a seus nauios,
 e eles com sua gente se confessarão
 e encomẽdarão a nosso senhor: por
 que ho feyto era muy perigoso por
 a gente dos inimigos ser tãta, que
 auia bẽ trezentos pera cada hũ dos
 nossos: porẽ Antonio correa tinha
 tamanha confiança em Deos e em
 nossa senhora que esperaua de leuar
 a vitória, e toda aquela noyte selbe
 encomendou muy deuotamente. E
 quando veyo ao sabado pola ma-
 nhaã se embarcou cõ sua gente nos
 bateys e barquinhas da frota / e
 Xarafo com sua gente por ser muy-
 ta se pos em grandes jangadas de
 madeira que os paraõs das suas
 terradas auião de rebocar: e saindo
 ho sol abalou Antonio correa com
 todos os seus pera terra leuando a
 dianteira Alyres correa seu irmão
 que hia cõ ho seu guião, e hião coe-

lecincoenta homens espingardey-
 ros e bẽsteiros e assi algũs fidal-
 gos. E como ja era baixa mar e diã-
 te da cidade fosse ho mar muyto a-
 parcelado tocarão os bateys a tiro
 despingarda dela: e não podendo
 dali passar arremessou se logo a gẽ-
 te nagoa que lhe daua pola braga
 sem auer quem a podesse ter. Anto-
 nio correa sayo tambem pola agoa
 e mandou ficar nos bateys a hum
 Tristão de crasto homem de confiã-
 ça / a que mandou que não recolhes-
 se nos bateys ninguem sem seu reca-
 do. El rey Adocrim estaua neste tẽ-
 po na tranqueyra com sua gente, ef-
 forçandoa como valente caualeyro
 e fazendo jugar sua artelharia que
 desparaua muy amiude, de q̃ Deos
 milagrosamente liurou os nossos/
 que sayrão na praya bem cansados:
 e logo Alyres correa que leuaua a
 dianteira como disse arremeteo aa
 tranqueyra com os que ho acompa-
 nbauão per antre muytas frechas
 sem conto e pelouros despingarda
 que os inimigos tirarão: despois
 que os nossos forão na praya que
 por mais que elas forão não deixa-
 rão de remeter á tranqueyra / onde
 logo os espingardeyros e bẽsteiros
 matarão muytos mouros / e dos
 nossos forão feridos Alyres correa
 de duas frechadas e outros muy-
 tos. E estãdo em grande perfia / os
 nossos por entrar e os mouros por
 lho defender: chegou Antonio cor-
 rea com a bandeira e com ho resto
 da gente em corpo, e deu Sãtiago
 nos mouros per hũa aberta que es-
 taua antre a tranqueyra e as casas,
 e foy ho impeto dos nossos tãto fu-

rioso que fizeram retirar os mouros pera dentro da cidade matandoos ás lançadas. E nisto acodio elrey com hũ tropel de gente de caualo, e hũ grande magote doutra depediante, e dão nos nossos tão delupito, e apertando os tão riço ferindo muytos deles que os fizeram retirar pera a praya: andando elrey sempre diante dos seus e poe dosenos lugares mais perigosos e pelejando com tanto efforço que era couisa de spanto: e como os inimigos fizeram retirar os nossos carregauão decada vez outros de nouo, e como as suas lanças erão muyto mais cõpridas que as dos nossos chegauãlhes sem lhes eles poderem chegar: e por isso recebião muyto dano tanto que não ho podendo os nossos soffrer se retirarão bem pera junto dagoa. E foy a reuolta tamanha que Alyzes correa foy derribado com grandes feridas de lanças e frechas e carregarão sobrele muytos mouros pera ho matar e ferirão de trezelãçadas despois de derribado: e senão fora por Aleixo de Sousa e Ruy correa q̃ lhe acodirão matarãno: mas eles pelejarão ambos tão valentemente, e matarão e ferirão tantos mouros que os fizeram afastar e liurarão Alyzes correa ficando ambos muyto feridos. E certo q̃ fizeram hũ feyto dino de grande memoria, e em que ganharão muyta honrra: e por outra parte tambem Antonio correa teue afaz que fazer, porque mandaua como capitão: e pelejaua como soldado com que tinha dobrado trabalho de todos e andaua muyto can-

sado e ferido no braço dereyto: e assi a mayor parte de sua gente / por que toda pelejou aqui com marauilhoso efforço ajudando os nosso senhor: porque doutra maneyra não he decrer que tão poucos como os nossos erão resisistsem a tão grande multidão de inimigos / matado e ferindo muytos deles: e a elrey matarã nesta reuolta dous caualos em que andaua / hũ primeyro e despois outro: e tambem os mouros ficarão tão cansados e feridos que lhes conueo apartarense pera descansar / o que foy grande folego pera os nossos que tambem fizeram ho mesmo. E Antonio correa mandou leuar seu irmão e outros muytos feridos aos bateys. E isto feyto que sentio que os nossos estauão algũ tanto descansados tornou a arremeter aos mouros / bradando todos por nossa senhora: e parece que polos seus rogos desfechou nesta arremetida hũ dos nossos espingar deiros a sua espingarda em elrey e ferio ho em hũa coxa tão mortalmente que lhe foy forçado sayrse da batalha: e coele algũs de caualo dos mais hõrrados. E ele ido como os mouros se virão sem capitão fugirão a quem mais podia: e por Antonio correa ter a sua gente muyto ferida e cansada, e ele estar do mesmo modo deixou os ir e nã os quis seguir / posto q̃ muytos bradauão que os seguissem: e contentouse cõ a merce que lhe nosso senhor fez em lhe dar hũa tão famosa vitoria como esta foy em obra de duas horas sem dos nossos morrerem mais de cinco, e hũ deles foy hũ fidalgo cha

mado Jorge pereyra, e hũ mourisco Chriſtão, Antonio correa, que em toda a batalha ho defendeo da morte/ adargando ho sempre com hũa adarga/ e de muyto frechado cayo morto: e forão feridos ſeſenta e tantos os mais deles de lanças a mão tence, e dos mouros a fora el rey Abocrim que morreo dahi a dous ou tres dias morreo ho governador d Baharê: peſſoa muyto principal e ſeys homẽs principais ſeus parentes, e trinta de caualo e trezẽtos de pé, e muytos feridos: e forão mortos muytos caualos deſpigardadas. E por hõrra deſta tão famosa vitoria, deu deſpois o muyto alto e muyto poderolo rey dom João de Portugal ho terceyro, a Antonio correa que podesse meter em hũ quarto do eſcudo das ſuas armas a cabeça dũ rey mouro/ que agora tras/ e outra por timbre no elmo em memoria da del rey Abocrim que lhe deſpois foy cortada.

Capit. lx. De como morreo el rey Abocrim. E de como Antonio correa mandou a ſua cabeça ao governador com a noua da vitoria, e da ſepultura que lhe foy feyta.

Encida a batalha chegou Raixarafo a Antonio correa com ſua gente: com que ateli eſtenuera nagoa ſem deſembarcar, eſperando o que ſucedia aos noſſos. E ſe eles forão vécidos preſumioſe que ſe ouuera de leuantar cõtreles, e iſto eſtaua claro polo odio q̃ lhes tinha, e polo q̃ deixaua ordido em

Dormuz. E Antonio correa diſſimulou coe ho deſauegonhamẽto de deſembarcar a tal tempo, e mādou aos ſeus mouros que ſeguiffeſſem ho alcanço aos inimigos. E eles remeterão pola cidade moſtrãdo que ho fazião/ mas deſpois que forão dentro não ho quiſerão fazer e meterã ſe a roubala: onde logo Antonio correa entrou com a bandeira tangendo as trombetas diante/ e foy ter às caſas del rey que erão muy grandes e ſumptuoſas/ e junto de las achou hũa galeota q̃ os rumes tinhão feyta, que algũs lhe cõſelharão que mādasse queymar: mas ele não quis. E feytos ali muytos caualeyros, ſidalgos e outras peſſoas honrradas que lho requererão, não quia mais paſſar auãte por ſer tarde q̃ era meyo dia, e tornou ſe a frota pera fazer curar os feridos, e deixou a cidade em poder de Raixarafo: que tomou dela poſſe por el rey Dormuz, e de caminho mādou Antonio correa poer fogo a cẽto e cõrenta e ſete terradas q̃ el rey Abocrim tinha. E na noyte ſeguinte eſtando todos dormindo ſe acendeo ho fogo na biracora da capitaina/ e foy arcuolta tamanha que todos os feridos ſe leuantarão a acodir/ e era ho fumo tamanho q̃ não antia q̃ẽ podesse decer abaixo a apagar ho fogo, e deſpois de muyto traballho foy apagado. E neſta enuolta quebrarão os pontos das feridas q̃ ſi a todos os feridos, e foy neceſſario tornarẽnos a curar: mas niq̃ũ ho ſentio com ho grãde prazer que tinhão da vitoria paſſada. No outro dia foy Antonio correa a terra

com os que poderão ir coele pera lá
çar a galeota que disse ao mar: e a
quele dia lhe fez ho terreyro com
muyto grande trabalho por a tran
queyra dos inimigos estar diante q̃
nã era ainda derribada: e ao outro
dia a lançou ao mar com muyta fa
diga/ porq̃ os nossos erã poucos
e não podião, e os de Xaraso não a
judauão: e Antonio correa ajuda
ua como qualquer com quanto esta
ua ferido no braço dereyto, em que
padeceo grande dor, e por auer a ga
leota pera el rey sufria tudo. E lan
çada ao mar lhe pos nome Mocri
na por amor del rey Mocrim: e deu
a capitania dila a hũ Gaspar correa.
E auendo cinco dias que fora a ba
talha, foy lhe dito por hũ mouro da
terra, e por outro de Raix xaraso q̃
el rey Mocrim era morto, e ua noy
te seguinte ho auião vir enterrar a
Catifa. E Raix xaraso lhẽ requẽro q̃
ho mãdasse tomar ao caminbo por
quanto fora tredoza a el rey Dor
muz, e era necessario quelhe cortas
sem a cabeça/ e que ele mandaria a
isso sua gẽte. E Antonio correa ho
consentio/ e foy hũ parẽte de Raix
xaraso chamado Raix çadradim q̃
foy por capitão de doze terradas
cõ que tomou ho corpo del rey Mo
crim e ho leuou a Antonio correa q̃
lhe mandou cortar a cabeça: que os
mouros de Raix xaraso cauacarão
por dentro tão sutilmẽte que ficou
a pele do rosto com os olhos e nar
izes: e despois a rechearão dalgo
dão cõ hũa aselha na moleyra por
q̃ desepodia tomar/ e parecia viua:
e Antonio correa a mandou a Dor
muz ao governador com a noua do

que tinha feyto/ e leuou a Balthesar
pessoa e Ruy correa q̃ forão e hũa
fusta. E coesta noua recebeo ho go
uernador muyto grande prazer cõ
os nossos/ e el rey Dormuz com os
mouros / e fizerão todos muyto
grandes festas. E ho governador
foy dar graças a nosso seõor á igre
ja com todos os fidalgos. E ele e
el rey Dormuz mãdarão fazer hũa
sepultura a esta cabeça na praça
Dormuz: por honrra de cuja foy e
por memoria dAntonio correa e dos
que fizerão aquelle feyto, e forão a
bertos nela dous letreiros hũ na
nossa lingoa, e outro na Persiana
que dizião.

E A quinze dias do mes de Mayo
de mil e quinhentos e vinte hũ, che
gou ho governador Diogo lopez
de sequeyra a Dormuz, e achou ho
rey no de Baharem e Catifa leuã
tado contra el rey Dormuz, e man
dou lá Antonio correa seu sobri
nho cõ setenta e quĩos e quatrocentos
homẽs e pelejou com Mocrim rey
da dita terra/ e a sua cabeça jaz a
qui: morrerão muytos mouros e
algũs Christãos e forão muytos
feridos. E os mouros vẽdo seu des
barato lhẽ etregarão logo Catifa:
e tambem trouue hũa galeota que
os rumes tinhão feyta que agora
anda em poder dos Portugueses.
E ho governador mandou fazer es
ta sepultura por honrra do rey que
morreo como bõ caualeyro: e por
memoria dos Christãos.

Capit. lxi. De como Forge dal
buquer q̃ chegou a Macê/ e de
terminou de restituyr no reyno
ho príncipe q̃ leuaua da India:

Despois de Jorge dalbuquerq partido pera Malaca com a frota q disse/ seguiu sua viage ate chegar á ilha de camatra z surgir no porto de Pacem/ pera q se podesse restituyse naqle reyno ho principe herdeiro dele como lhe ho governador dera por regimento. E surto neste porto com toda sua armada, teue maneyra como fez saber aos principais de Pacem a causa de sua vinda. E isto em segredo/ porque ho tirano ho não soubesse z se posesse em recado. E eles com ho aluoroço da vinda de seu verdadeyro rey q muyto desejauão/ se forão os que poderão secretamente a capitaina: z bñ lhes mostrou Jorge dalbuquerque ho príncipe z ho Moula: q eles folgarão muyto de ver/ z lhe disserão que sua vontade era muy boa pera ho receberem por senhor, mas quenão ousauão com medo do Tirano. E nesta pratica soube Jorge dalbuquerque que ho Tirano estaua muyto fortalecido em hũa fortaleza juto da pouoação que era hũa legoa pelo rio acima: z era hũa tranqueyra larga feyta em quadra que cercaua hũa pouoação pequena onde ho Tirano moraua perto da outra grande que lhe ficaua como arrabalde. E nesta tranqueyra auia muyta artelharía: z z da banda do norte era cercada de sapal z terra paulada/ z tinha a entrada dali per hũa ponte. E em hũ canto da bda do sul tinha hũa porta/ z daquela parte era cercada de cana chea da goa. Dentro desta tranqueyra no meyo da pouoação estauão as ca-

sas do Tirano cercadas doutra tranqueyra da mesma maneyra da de fora cõ duas portas peqnas, hũa da banda do sul z outra do leste. E a forteza ser tão forte estaua nela seys mil homens de peleja, os mais deles frecheiros, z muytos de zarauatanas. E com quãto Jorge dalbuquerque isto soube: como era muyto efforçado/ z sabía q ho príncipe tinha justiça pera aquirir ho reyno/ determinou d pelejar cõ ho Tirano se não quisesse por bñ soltar ho reyno: z assi lho mandou dizer. Do q se ele escusou/ dizêdo q ho reyno era seu, z mais que queria ser vassalo del rey de Portugal, z pagarlhe pareas: q Jorge dalbuqrq engeitou, dizêdo que el rey de Portugal nã queria por vassallos senão os dereytos herdeyros dos reynos, z nã os q os tinhão por força. E vêdo a contumacia do Tirano/ determinou de pelejar coele: z pera ho notificar a seus capitães, os chamou a conselho, z ajuntou se coeles hũ fidalgo chamado Manuel da gama q hi era chegado de Malaca e hũ nauio da armada pera fazer arribar a Malacaca os jûgos de Pegú, q por nã irêa Malaca hião de scarregar a Pacê. E jutos os capitães, Jorge dalbuqrq lhe ppos ho regimêto q trazia do governador a cerca d restituyr ho príncipe d Pacê e seu reyno: z ho poder de gête q tinha ho Tirano/ z como estaua fortalecido. E a gête que ele tinha que não seria mais q duzêtos dos nossos. E todos forão dacordo q pelesasse/ z q nosso senhor os ajudaria pois tinhão a justiça de sua parte.

Cap. lxiij. De como el rey Dauru foy sobre Pacempera pelejar cõ o tirano q̃ tinha o reyno vsurpado.



Endo isto assentado a certou se chegar a Pacem el rey Dauru com grande exercito, que tinha guerra com ho Tirano / e hia pera ho destruyr por amor do principe que era seu parête. E sabida por Jorge dalbuquerque sua chegada / porque era amigo del rey de Portugal / lhe mādou dizer por hũ mouro natural de Pacem: que ele era ali vindo pera restituyr ho principe de Pacem no reyno / e destruyr aquele Tirano q̃ ho tinha vsurpado. E porque sabia que era amigo del rey de Portugal / lhe pedia que se afastasse donde fosse a peleja, e lhe deixasse a ele só aquela em presa: e porque a sua gente / e a do Tirano toda andaua dũ trajo mandasse aos seus q̃ no dia da batalha posessem na cabeça hũs ramos verdes pera os desenferencarem dos inimigos / porque os nossos auão dauer por esses a todos os que os não teuessem. E el rey Dauru foy dıssõ contente / e mandou pedir a Jorge dalbuquerque que lhe fizesse mercede do despojo q̃ ficasse dos inimigos despois que os nossos não quisessem mais: porq̃ esperaua em Deos que lhe auia de dar vitoria. Feyto este concerto / fez Jorge dalbuquerque saber aos naturaes da terra como auia de dar na trāqueyra e em que dia, e mandou lhes que se afastassem do caminbo por onde auia dır / e que teuessem outro tal final como os Aurus.

Capitolo. lxiij. De como Jorge dalbuquerque desbaratou e matou em hum combate ao Tirano que tinha vsurpado ho reyno de Pacem.



Endo ho dia em q̃ se auia de dar ho combate / estã do os nossos cõfessados daquela noyte os assoluuo du clerigo ante manbaã / e despois de almoçarem forãse pelo rio acimãnos bateys ate onde desembarcarão / e em terra fez Jorge dalbuquerque tres escoadrões de sua gente que erão duzêtos homens: do primeyro q̃ foy de sessenta homens era capitão dom Sãcho anrriquez, e hião coele Rafael catanbo / e Dinis fernandez de melo. Do segũdo que era doutros tantos foy dom Afonso de meneses filho do conde de Cantanhede caualeyro muyto esforçado. Do terceyro leuaua Jorge dalbuquerque com ho restante dos duzentos homens / e accompanhauãno Abauel da gama, Antonio de Abiranda dazeuedo, Garcia chainho, Eytor de valadares / frãcisco bocarro: e outros fidalgos e caualeyros. E nesta ordem ao som de suas trombetas abalou pera a fortaleza ao lōgo de hũ esteiro que passou per hũa ponte / e serião douos tiros de espingarda donde desembarcou a fortaleza / e dũ cabo do outro estaua todo ho caminbo cheo de gente / assi da terra como dos Aurus q̃ todos estauão e fauor do pıncipe e faziã grãdes alegrias. E chegado dom Sancho perto da

fortaleza começa a artelharía a desparar, e a nossa espingardaria lhe respondeo, que por ser muyto pouca loaua muy pouco: porê começou de fazer muyta obra, porque os nossos sem nenhũ medo cõ quãto erã poucos remeterão á tranqueyra pela banda do sul / e chegarã nela e derribando muytos dos inimigos com as espingardas. Mas como eles erã rãtos como disse sostinhã se muy esforçadamente: e nisto chegarão dõ Afonso de meneses e Jorge dalbuquerque com seus esquadrões, e tomarão toda aquela banda da tranqueyra encheo, combatêdo a muyto fortemente. E vendo Dinis fernandez de melo quão occupados os inimigos estauão na defensão da tranqueyra / remeteo á porta q̃ estaua daquella banda cõ Daniel da gama / e Eytor de valadares / e Francisco bocarro: e arrombarão a porta com hũ vay e vê: e ainda nã foy arrõbada quãdo muytos dos inimigos acodem a defendela com frechadas tão bastas / assi darco como de zarauatana que quasi q̃ occupauão todo ho vão da porta. E cõ tudo os quatro entrarão ás lançadas, e apos eles outros muytos: e aqui se renouou a batalha cõ grande furia. E era milagre de nosso senhor ver tão poucos como os nossos erã antre tanta multidão d'inimigos. E sabêdo Jorge dalbuqr̃ q̃ como a fortaleza era êtrada acodio á porta e entrou d'entro, e cõ sua entrada se recolherão dos inimigos pera as casas do Tirano, e outros pera a banda do norte: e os nossos ficarão de rosto com as casas do Ti-

rano que como disse estauão cercadas em redondo doutra tranqueyra tão forte como a primeyra. E aqui estaua a principal força desta fortaleza por ho Tirano ter ali suas molheres e filhos / e as dos seus principais e suas fazendas. E Jorge dalbuquerque a cometeo cõ sua gente feyta em hũ esquoadrão / e hũs tirauão cõ as espingardas aos que estauão encima, outros sobião por escadas que pera isso leuauão / e sem temor das pedradas / frechadas e lançadas dos inimigos seguin dauão a cima, e dali saltarão embaixo apos os inimigos que ja de quebrados se retirauão, e abrindo hũas portas que a trãqueyra tinha entrarão os outros que estauão de fora: e apertarão tão riço com os inimigos, que não tẽdo coraçã de se defender por verem q̃ de cadauey os matauão mais começarão de despejar pera a banda do norte, e sayão se per hũa pôte que estaua daquella parte com suas molheres e filhos. E começando os inimigos de vazar por aquela ponte, foy dõ Afonso de meneses por acerto ter a ela com corenta dos nossos. E dese joso de matar ainda mais dos inimigos dos q̃ aquele dia tinha mortos deu neles com os que hião coele / e apertou os tão riço que os fez tornar pera dentro. E vendo eles q̃ lhes não ficaua onde se podessem saluar / determinarão de morrer defendendose, e assi ho fizerão que nenhum não ficou do Tirano ate ho menor, tirando algũs que catiuarão e assi muytas molheres, e a peleja duraria tres horas de relo-

gio/em que morrerão dos inimigos tres mil segúdo se despois soube, e os quatrocentos forão dos principais, e dos nossos morrerão quatro e forão muytos feridos: o que foy mais milagre de nosso senhor que força humana.

Capít. lxiij. De como ho príncipe foy recebido por rey d' Pacê: e de como Jorge dalbuquerque fez hũa fortaleza em Pacem.



Quando a fortaleza foy saqueada pelos nossos e ho rofulho que lhes ficou foy logo apanhado pelos Aurus / cujo rey se foy pera Jorge dalbuquerque, e lhe deu ho prolfaca de sua victoria com palauras de muyta alegria polo tirar de trabalho e mais de duvida se vencera ou não: e ficou muyto mór amigo e seruidor del rey de Portugal que dantes por ter tais vassallos. E sabendo Jorge dalbuquerque que ho Tirano fora morto na batalha com os que ho seguião, e que não auia dauer contradicção em restituyr ho príncipe no reyno / mandou logo dar pregões que todos os da terra se juntassem pera lho entregar. E que eles fizerão logo aquele dia: e com muyto prazer lhe forão fazer reuerencia ás casas do Tirano, onde ho Jorge dalbuquerque apousentou. E obedecido ho príncipe por rey / e entregue da cidade: tornou se Jorge dalbuquerque com todos os nossos a armada que estaua na barra: a cuja entrada da banda de leste determinou de fa-

zer hũa fortaleza pera assefego da terra, e pera estar a feytoria del rey de Portugal que assi ho trazia por regimento. E aquele era ho melhor lugar por estar pegada com ho mar por onde podia ser socorrida: e mandou dar conta desta determinação a el rey: pedindolhe que pois el rey de Portugal queria també ter ali aquela fortaleza pera segurança de seu estado, e não lhe ser feyta outra treição como a passada que ho ajudasse a fazela: e pois não tinha necessidade da que ho tirano deixara por estar pacifico na cidade, que a mandasse desfazer: e lhe mandasse a madeira pera fazer a que dizia, e gẽte pera que a fizesse. Ao que logo el rey satisfez e tudo, e a fortaleza foy feyta em breue tempo com muros / baluartes e torres de madeyra / e cercada de cava. E ela acabada e muyto bem artilhada deu Jorge dalbuquerque a capitania a dom Sancho anriquez seu gẽro, e deixou feytor, escriuães e outros officiaes e cẽ homens por todos. E posto que Antonio de miranda dazeue do lherequisiteo que lhe desse a capitania da fortaleza / porque ho gouernador lha dana por hũ aluara q̃ lhe mostrou. E ele não quis, dizendo que ho gouernador não podia passar tal prouisam, por el rey lhe conceder que podesse dar por tres annos a capitania de qualquer fortaleza que fizesse: e assi ficou dõ Sãcho por capitão da fortaleza.

Capít. lxiij. De como Jorge de Brito foy morto em Achem com outros muytos de sua armada.



Rosseguido Jorge de brito por sua nauegação pe-
ra Malaca foy ter á bar-
ra da cidade Dacheim na
ilha de camatra, q̃ hereyno como a-
tras disse, e he hũa cidade grãde ao
pé de hũa lōbada q̃ se faz á tre a cida-
de e hũ rio, de modo q̃ a lombada
lhe fica por padraſto. He de casas
terreas de paredes de terra cuber-
tas dola / somente as casas del rey
tem algũa policia: he muyto abas-
tada de mantimentos / pouoada
de mouros / e seu rey era tambem
mouro e tinha pouco estado e pou-
ca renda. E com tudo grande guer-
reiro e capital inimigo dos Por-
tugueses, e trabalhaua por lhe fa-
zer quanto mal podia: e porque Jor-
ge de brito sabia isto, e principal-
mente por cobrar a fazenda que ali
fora tomada de dom João delima
e doutros fidalgos como disse a-
tras surgir na sua barra. E surto
dentro no rio / mandou dizer a el
rey que se espantaua muyto dele
querer ser inimigo dos Portugue-
ses sendo todos os outros reys
da ilha de camatra seus amigos /
mandandolhe apontar o que lhes
tinha feyto / principalmente a to-
mada da fazenda que digo: rogan-
dolhe que logo lha mandasse an-
tes que anoytecesse / e não lha mã-
dando que iria por ela. El rey des-
pedio ho mellegeiro com dizer que
responderia: mas não respondeo /
porque não determinaua de fazer
couza algũa do que lhe Jorge de
brito pedia / antes lhe resistir quã-
to podesse pera o que se percebeo
ho melhor que pode efforçando sua

gente. E vendo Jorge de brito que
tardaua a resposta del rey / deuse
por respondido que queria guerra,
e chamando a conselho seus capi-
tães e outros homens honrrados
da frota: propos algũs males que
el rey Dacheim tinha feytos aos
Portugueses, polo que deuia de
ser castigado / antes que tomasse
mais atreuimento do que tinha.
Ho que todos acordarão que se fã-
zesse / e que ao outro dia pola ma-
nhã dessembarcassem: o quereceã-
do el rey Dacheim trabalhou polo
impidir / mandando fazer aquela
noyte hũa estancia sobre a lomba-
da em que mandou assentar algũs
berços pera que tirarassem aos
nosſos / não somete ao desembar-
car / mas se quisessem sobir acima:
e mandou a hũ seu capitão que a
goardasse com obra doytocentos
mouros os mais deles frecheiros.
Jorge de brito como foy manhaã
abalou pera terra nos bateys da
frota com a gente de lanças / espa-
das / e adargas. E os besteiros e es-
pingardeiros bião todos na fusta
de Gaspar galo apartados, por
que auião de ir na dianteira / e
bião assi pera desembarcarẽ logo
juntamente e se pozem de golpe em
ordem: o que não poderia ser indo
espalhados pelos bateys. E logo
a desauentura que aqui auia da con-
tecer começou logo aqui de dar si-
nal / porque como vêtasse ainda ho
terrenho e a fusta era grande e hia
bem carregada não a deixaua ele
remar tâto como os bateys q̃ bião
mais boyantes e se remauão me-
lhor: o que foy causa de chega-

rem a terra muyto primeyro que a fusta / e em desembarcando começã os mouros de desparar os berços que estauão na estancia / com quelhenão fazião nenhũ nojo por estarem muyto ao sopé da lombada. E que vendo ho capitão dos mouros como era homem esforçado / quis ver se por sua pessoa cõ os seus podia defender aos Portugueses que nã sobissem pola lombada / e lançase correndo por hũa ilhargada com a mayor parte dos seus: dando grandes gritas / e tirando muyta soma de frechadas. E que vendo Jorge debrito lhe pesou de não esperar pela fusta em que hião os bêteiros e espingardeiros, e então conheceo ho erro que nisso fez, porque se os teuera muyto facilmente castigara aqueles mouros contra quem mandou que fosse Lourenço godinho com os de sua capitania pera os fazer ter. E parecendo lhe que ganhada aquela estancia da lombada não tinhão os mouros mais força / com desejo de se despachar a si não quis esperar pelos espingardeiros e bêteiros / e remete cõ os outros capitães pela outra ilhargada da lombada que estava despejada / e não parou ate chegar á estancia: de que logo fugirão esses mouros que hi estauão sem ousarem de fazer nenhũa mostra de resistencia / e a fugida destes e ver ho seu capitão que pelejava com Lourenço godinho a estancia ganhada, forão causas pera q̃ ele não tardasse muyto em deixar a peleja e se acolher sem hũa parte nẽ outra receber nenhũ dano. Neste tempo estava el rey Da

chem prestes com mil homens muyto bem armados á sua vfança e quatro alifantes armados / e ouvindo estes a grita e reuolta que hia onde estava a estancia sayrão algũs fora da cidade a ver o que era: e em aparecendo vïo os João serrão que era ho alferes do Jorge debrito: e como homem leue do siso sem lho ele mandar remete pola ladeira abaixo pa onde aparecerão os inimigos e apos ele todos os outros quando ho virão partir, sem valer a Jorge debrito bradar lhes que se teuessem: porq̃ sua tenção era esperar polos bêteiros e espingardeiros, e dar na cidade com toda a gẽte posta em ordẽ. E quando vïo que não podia meter nela aqueles foyse coeles: os inimigos que sayrão da cidade em vêdo ir os Portugueses se recolherão pera a cidade, õde el rey estava com toda sua gente e alifantes. E entrãdo os nossos apos os inimigos que cuydauão levar de vencida, derão com bo corpo da gente que os cercarão antre as casas: e começarão de os ferir muyto riço õ todas as partes / assi com frechas como com lanças darremesso cõ que lhes dauão muyto mortaes feridas / de que os primeyros que morrerão forão João serrão ho alferes / e hũ Ayres coelho / e hũ Gaspar fernandez que hia por feytor de Maluco homẽ muyto valente caualeyro, e tão conhecido por tal que vïsse el rey dom Manuel a Jorge debrito quando lhe pedio a feytoria parele que era melhor pera matar hũ mouro que pera ser feytor. E este Gaspar fernandez foy tomado por hũ

elifante que ho refinou pera ho ar
 z da pancada que deu quando cay o
 morreo/ ou ho acabarão de matar
 os inimigos que de cada vez aper-
 tauão mais os nossos, q̃ pelejaão
 com muyto efforço/ principalmete
 esses capitães z homens do briga-
 ção: por em os inimigos erão tãtos z
 os tinhão tão apertados que lhes
 não aproueitaua pelejar: z todos es-
 tes q̃ digo forão feridos z mortos,
 z antre eles Jorge de brito: com cuja
 morte os q̃ ficauão forão logo des-
 baratados z fugirão seguindo os
 inimigos apos eles, matando z fe-
 rindo neles. E indo assi encōtrarão
 com Lourenço godinho que hia ca-
 mínho da cidade/ z quando os vio
 vir daquela maneyra/ voltou tam-
 bem a recolherse aos bateys/ deixã-
 do deseparados os q̃ fugião sem
 os querer recolher nem fazerse em
 corpo coeles: pelo que os inimigos
 lhes poderão ainda fazer mais mal
 z os seguirão quasi ate a praya, on-
 de os nossos mais desaliuados dos
 inimigos se recolherão aos bateys
 sem a fusta de Gaspar galo poder
 ainda chegar por dar em seco. E re-
 colhendose os nossos hũ Ruys ra-
 poso z Pero veloso ábos criados
 del rey, z da criação de Jorge de bri-
 to perguntarão por ele/ z achando
 que não era embarcado/ disserão q̃
 nunca deos quise se que sembarcas-
 sem sem ele/ z tornaranse a meter an-
 tre os inimigos a buscalo/ z matan-
 do muytos deles forão mortos: z
 coestes matarão os mouros bem
 setenta homens todos escolhidos z
 de nome / z forão feridos muytos
 mais despantosas feridas que lhes

derão com lanças darremesso que
 lhes passauão as coiraças, mas es-
 tes viuerão despois todos, z dos
 mouros morrerão muyto poucos.

Capit. lvi. De como por morte
 de Jorge de brito succedeo na capi-
 tania de Maluco Antonio d' bri-
 to seu irmão z do mais q̃ passou.



Escolhidos os nos-
 sos cō tamanha per-
 da como digo, Lou-
 renço godinho se a-
 possou da armada/
 z encomendou as ca-
 pitãias dos nauios aos escriuães
 deles, z por conselho de todos se
 partirão logo dali pera ho porto
 de Pedir que he a diante / porque
 não saysem os inimigos z os toma-
 sem: z como os nauios não tinhão
 capitães ouue algũs que se quise-
 rão leuatar coeles z irse a diuerfas
 partes a fazer presas. E estando assi
 dous dias despois de ali estarẽ che-
 gou Antonio de brito / z sabendo a
 morte de seu irmão foy se pera a ca-
 pitãina / onde antre outros papéis
 achou hũ aluara del rey: em que lhe
 daua a capitania de Maluco por
 morte de seu irmão, z por ele tomou
 posse da frota / z foy de todos obe-
 decido por capitão mór, z proueo
 logo as capitãias dos nauios dã-
 do a do galeão de Christouão cor-
 rea a hũ fidalgo chamado Antonio
 de melo, z a do nauio de Christouã
 pinto a Lourenço godinho / z a de
 Francisco godiz a hũ Francisco de
 brito chamuão dos oliuais, z
 a da carauela de Lourenço godinho

a hũ seu irmão q̃ auia nome Pero
botelho, e a do sua carauela a hum
Pero fernandez piloto. E reparti-
das estas capitãias se foy ao por-
to de Pacê onde ainda achou For-
ge dalbuquerque, a que algũs ami-
gos daluorços e nouidades acon-
selharão q̃ podia tirar a capitania
de Maluco a Antonio de brito e
dala a outrem q̃ era a dada sua por
Forge de brito morrer debaixo da
sua jurdição, e não ser ainda feyta
a fortaleza de q̃ auia de ser capitão,
e que ho aluara da sucessam Anto-
nio de brito não se entendia se não
sendo seu irmão ja capitão da forta-
leza: e por isto quisera Forge dalbu-
querque lançar mão da armada. E
defendendose Antonio de brito por
muytas rezões, vierão a concerto
que se os capitães da armada Dan-
tonio de brito fossem contentes de
lhe obedecer por capitão mór q̃ ho
fosse: e se a Forge dalbuquerque q̃
ele podesse dar a capitania a quem
quisesse. E forão tomados os vo-
tos dos capitães, mestres/pilotos
e homens honrrados da armada, e
por todos votarem q̃ querião An-
tonio de brito por seu capitão mór
lhe ficou a capitania, e foyse cõ For-
ge dalbuquerque a Malaca onde esta-
ua Garcia desá por capitão da for-
taleza, que a entregou logo a Forge
dalbuquerque por virtude da sua
prouisam: e por nã ser ainda a mou-
ção pera Maluco ficou Antonio d
brito em Malaca ate ser vinda. E
com tanta e tão boa gente como se
ajuntou em Malaca, cessou a arma-
da delrey de Bintão delheir cor-
rer como dantes.

Capit. lxxij. De como ho gouer-
nador Diogo lopez de sequeyra
mãdou por capitão mór Diogo
fernandez de beja a Cambaya, e
do quelhe aconteceo.

Despois da partida Dan-
tonio correa pera Baha-
rem em Agosto/mãdou
ho governador que esta-
ua em Ormuz a Diogo fernandez
de beja capitão mór da armada que
auia vir fazer guerra a Cambaya q̃
se partisse, e que ho esperasse da pó-
ta de Diu ate ho rio de Madre fa-
bá onde esperaua de fazer a fortale-
za que ouuera de fazer em Diu. Mo-
que ho governador não teue nenhũ
segredo antes ho disse publicamẽ-
te. E coeste regimẽto se partio Dio-
go fernandez, cujos capitães forão,
Aluno fernandez de macedo no ca-
morim grande, e Gaspar doutel e
hũ nauio redondo, e Manuel de
macedo em hũa carauela. E parti-
do Ormuz aos vinte de Agosto, e
chegando a costa de Cambaya na
paragem da cidade de Patane to-
mou ele dous zãbucos de mouros
q̃ hião da outra costa: e Aluno fer-
nandez ouue vista d hũa nao de mou-
ros que lhe fugio/porque em lhe ti-
rando hũ bombardetro nosso hũa
bombardada deu na relinga da ve-
la e rompeu, e em quanto a remẽda-
rão acolheose a nao. E dali foy lo-
go ter coele outra muyto grande q̃
hia do estreito e leuaua por cada
banda dez bombardas roqueyras,
e hião nela cento e vinte mouros
brancos de peleja muytos deles es-
pingardeiros a fora outros, e mo

lheres e meninos e carregada de muyta mercadaria: e ele lhe deu caça ate a encaualgar. E vendo os mouros que os tomam parece que confiados na grandeza da sua nao: que espedaçaria bo galeão se bo encontrasse em cheo, poserão a proa nele indolhe de balrauento: e se ele não arribara ouuerão de partir polo meyo: tão poderosa era a nao. E como ela ficou tão perto do galeão mandou Nuno fernandez aos mais dos nossos que se metessem na alcaçoua do galeão: e cobrir a entrada com hũ pano: porq os mouros vendo pouca gente lhe não ouuessem medo e não fugissem: e assi foy: por onde a nao foy logo aferrada por proa: a que cinco ou seis dos nossos acodirão com Nuno fernandez, e entrarão dentro coele: e os outros ficarão de popa por onde cuydarão que se a nao abalroasse. E como os mouros se virão entrados arremeteram a Antonio daraujo, que foy bo primeiro que entrou: e derálhe hũa cutilada por hũa perna. E bo segundo foy Aluaro de brito: filho de Nuno borges: a que ferirão na cabeça sobre hum olho: de maneira que logo bo derribarão: e a Nuno fernandez com hũ zaguncho per hũa ilbarga: com que lhe desentressolharam as couraças. Os outros mouros tambem se poserão polo bordo da nao, e tirarão muytas frechadas, pedradas, e espingardadas: e era abarrafunda muyto grande. E estão os nossos que estauão na nao neste perigo, e sentindoo os que fica-

uão no galeão socorrerão lhe. E dando Santiago nos mouros entrarão por popa: e destes que entrarão obra de quatorze começaram de pelejar com os mouros: q os outros meteranse logo a roubar a nao. E com a peleja dos nossos afroxarão os mouros de proa e desaliuarão Nuno fernandez: e os outros por acodirem aos de popa: onde os nossos matarão a mox parte dos mouros: principalmẽte os bombardeiros que logo os conbecião polos murroes: e os outros forão cativos com toda a mais gente da nao: que foy logo passada ao galeão. E porque não auia agoa pera tantos mandou Nuno fernandez a dous bombardeiros nossos que estenelles a bordo com senhos marroes e matassem coeles todos os mouros homens: e assi bo fizerão, e deitauãnos ao mar, e somente às molheres e meninos derão a vida. E despois de baldeada a mox parte da fazenda da nao no galeão: mandou Nuno fernandez a dous carpinteiros que lhe fossem fazer dous rombos pera se meter no fũdo. E eles com medo fizeram ilhos: tampequenos que pode entrar pouca agoa. E tambem porque despois de saídos: algũs mouros que se esconderão na nao: vendo os rombos que lhe fizerão: e sentindo como a deixauão tapar a lhe os buracos, de modo que a nao se nam foy ao fundo. E isto seria ate as noue horas do dia. E cuidando Nuno fernandez que a nao ficaua bem arrombada deixou ha.

Cap. lxxviii. De como Hagamahmut saio com algũas fustas de Diu a pelejar com os nossos, e os desbaratarão: metêdo no fũdo bo nauio de Gaspar doutel.



Como isto fosse obra de seis legoas de Diu / ouuerão os mouros vista dos nossos. E sabendo bo Abeliqaz que ia hiestana / e sabia q os nossos estaũão coele de guerra, mãdou logo a Hagamahmut q saisse cõ ate. xviii fustas aos nossos / e ele ho fez assi: Comque eles quando virão as fustas ficarão todos bem agastados, porque como auãdo de passar Gol fão trazião a artelbaria abatida: e as portinholas do lume dagoa calafetadas / porque lhe não etrasse bo mar dentro, e vinhão os nauios assaz deimpachados com fato: o que algũ tanto foy descuido dos nossos capitães, porque como ouuerão vista da costa de cambaya: e mais tam perto de Diu logo le ouuerão daperceber: e mais sabêdo que as fustas lhe auãdo de sair em auendo vista deles: assi que vendo as os nossos quiserão se aperceber, mas elas não lhe derão lugar pera isso. E Hagamahmut mandou a duas que tomassẽ a nao dos mouros e a leuassem a Diu: e assi ho fizeram / e as outras repartio pera que pelejassem com os nossos segundo lhe pareceo q abastarião pa isso. E como ho vêto era calma tercaualhe bẽ pera a peleja. E os nossos quando virão repartir as

fustas cuidarão q não fosse a cousa como foy: por em os mouros que leuaũão edeterminação de os destroirem de todo / remeterão bũs e outros ao nauio q lhes coube: e cercarannos polas popas / e começaram de os lacudir com a artelbaria que trazião muy boa, e os nossos ali nhũa pola causa q digo / principalinete ao lume dagoa: que a dos altos como as fustas erão rasteiras não lhe podia fazer noio: nem os nossos não lho podião fazer cõ outras armas / porq os mouros tirauão em roda vna tanta espingardada, e frechada / que era passmo. E bo primeiro nauio com que apertarão foy bo de Gaspar doutel que stana mais alanco: e metianno no fundo quanto podião, bo que ele vêdo: e quenão podia escapar determinou de aferrar com os inimigos posto que erão muytos em demasia / porque por ser muy esforcado lhe pareceo q se poderia assi ajudar deles: e coesta determinação mandou atracar bo batel pera se meter dêtro com os do nauio: bo que eles não quiserão dizendo que os mouros erão tantos que parecia doudice cometelos: e ele respondeo que melhor era doudice que couardia porque não podia ser mayor que deixar se assi morrer como deixarão / porque não tardou muyto q se acabou bo nauio dencher dagoa de popa: e adernãdo dela leuantou a proa pera cima e foy se ao fundo / com morrerem os mais dos nossos: e algũs q escaparão nadãdo forão tomados dos mouros com grandes gritas que

dauão com prazer de tamanha vitória/ e muyto mais esforçados q̃ dantes forão ajudar seus companheiros/ que pelejauão com bo capitão mor e com Aluno fernandez. (que de Manuel de macedo parece que não fazião conta por a sua cara uela ser pequena) e os que cercarão ho capitão mor lhe derão hũa bombardada ao lume dagoa abaixo do conues que ho meterão no fundo se não acodirão logo cõ hũ bacio de prata dagoa as mãos q̃ não se achou outra pasta de chũbo/ e pregado hũ coiro por cima vedouse a agoa que não entrasse: e cõ tudo ainda ho ouuerão de meter no fundo segundo apertauão coele/ se ho não defedera ho seu batel que era hũ batelão grande com hũa tilha em que trazia hũ camelo e dous falcoẽs: que varejarão tã bem as fustas/ q̃ as fizerão afastar de lonje, e assi ficou liure ho capitão mor e não lhe matarão ninguẽ. E como Aluno fernãdez não teuesse outra tal defensão/ os mouros q̃ ho cõbatião ho apertauã tã riço que quanto parecia sobela agoa do bordo ate agauia era cuberto d' frechas que os inimigos pregauão nele: e coisto tanta bombardada que não se lhe podia ninguẽ em parar. Porque estando hũ bõbardeiro no conues com hũ falcão as costas pera tirar aos inimigos, dalhe hũ pelouro polos peitos e matouho: e outro entrou por hũa porrinhola da despêia do galeão q̃ sta na calafetada por ser ao lume dagoa, e leuou as pernas ao despenheiro, e hũ pedaço dum hombro a

Aluaro de brito que staua ali ferido: e passando auante matou hũa molher, e leuou hũa mão a hũ menino, e hũa nadega a hũ homẽ: e assi ferio outras quatro pessoas, e forão por todas noue: e outro pelouro q̃ leuaua d' mestura hũa roca deu na cabeça do escriuão do galeão e lenoulha: e assi matou outro homẽ criado do bispo q̃ então era delamego/ e agora he arcebispo d' Lisboa/ e ferio despois bẽ sete pessoas. E quis nosso senhor q̃ estando os nossos neste tamanho aperto começou de ventar algũ vento que era antre terrenho e viração que assi como começou começarão os nossos de fazer caminho, mas nem por isso as fustas deixarão de os seguir às bombardadas: por q̃ como ho vêto era galerno podião com os nossos nauios, e apertarã nos tanto que os fizerão meter na enseada de Cambaia, indo com tãta necessidade dagoa q̃ a cada pessoa se não daua mais que mea fiã dagoa por dia: e isto os apertaua mais que as fustas/ se não quando lhes da hũa trouxada seca: e foy tam riça que as fustas se acolherão ho mais q̃ poderão, e tornaranse a Diu. E vêdo os nossos as fustas acolhidas surgirão/ e surtos lhe sobreueio outra trouxada molhada com que se fartarão dagoa: e apõs ela forão dar coeles dous zãbucos de mouros de Brava/ carregados de sacros pretos, e Sãdalo brauo: e tomados foise ho capitão mor a Chanla tomar agoa e mantimentos/ que estaua hi hũ feytoz nosso chamado Diogo parç

z tomado ho de que tinha necessi-
dade tornouſſe a buscar ho gover-
nador/ pera lhe dizer que não cu-
raſſe de cometer fazer fortaleza em
Madre faba: por que ſoube q̃ Ade-
liqueaz ſoubera dos noſſos que es-
caparão do nauio de Gaspar dou-
tel/ a determinação do governa-
dor de querer hí fazer fortaleza em
tornando Dormuz z logo ſe aper-
cebera pera lho deſeder, z por iſto
foy grande mal deſcobrir ho go-
vernador ſua determinação como
atras diſſe: que ſe a não deſcobrira
poderaffe ali fazer fortaleza. E
Diu não dera deſpois tanto traba-
lho como deu.

Capit. lxi. De como partio de
Portugal dom Duarte de me-
neſes por governador da In-
dia, z de como chegou lá com to-
da ſua armada.



Abendo el Rey de
Portugal que na
India começauão
dauar aluoroço d̃
guerra, z q̃ alguũs
Reys z ſenhores
começauão de declinar da obedi-
ência z acatamento que dantes ti-
nhão ao ſeu nome: quis mandar
hũ governador que tornaffe a reſ-
taurar iſto no primeiro eſtado. E
pera iſſo escolheu a dom Duarte
de menesẽs capitão da cidade de
Tangere em Africa, onde em muy-
tos annos tinha dado aſſaz d̃ teſte-
munho de ſeu eſforço z valentia
contra os mouros em muytas ba-
talhas que vencera: z é lhe entrar

tanto pola terra que chegou aos
Môtes claros (couſa que os mou-
ros nũca cuidarão, z que os muy-
to mais eſpantou que todo ho paſ-
ſado) z por eſta experiencia que a-
uia de dom Duarte, z por ſer filho
do cõde de Larouca: prior do Cra-
to z alferes mor del Rey lhe deu
ele a governação da India cõ muy-
ta auantajem do que ateli fizera
aos outros governadores. E deſ-
pachada ſua armada ſe partio de
Liſboa a cinco de abril anno de mil
z quinhentos z vinte e hũ. E os ca-
pitães que leuou forão eſtes/ dom
Luis de menesẽs ſeu irmão que le-
uaua a capieania mor do mar da
India: Martim aſonſo de melo de
Santarem que leuaua hũa viajem
pera a China/ por capitão mor de
tres naos aſora a ſua: cujos capi-
tães erão Alasco fernandez conti-
nhor Diogo de melo, ſeus irmãos
z Pedromẽ irmão do eſcribeiro
mor que hião por capitães deſta
armada, z João d̃ melo da ſilua,
que hia pera capitão de Coulaõ
z Vicente gil filho de Duarte triſ-
tão hum armador. E partida eſta
armada ſem lhe acontecer couſa
que ſeja pera contar/ chegou a coſ-
ta da India em Agoſto: z eſtando
ſurta ſobre Baticala / chegou hí
dom Aleixo de menesẽs, que como
abriu a barra de Cochim ſe par-
tio com tres gales/ de que erão ca-
pitães, dom Jorge de menesẽs,
Franciſco de mendoça/ Andre de
ſouza chicorro/ que hia caminho
de Madre faba a buscar ho gover-
nador Diogo lopez. E dando re-
zão a dom Duarte do eſtado em q̃

a India estaua seguiu sua via. E dom Duarte se foy a Cochim onde se apoucentou na fortaleza / e começou logo dufar do officio de gouernador.

Capit. lxx. De como Antonio correa ouue a ilha de Baharê / e a fortaleza de Catifa: e se tornou a Dormuz.



omo el Rey Mocri foy morto / hũ seu sobrinho chamado Xequemet a que a gente da terra obedecia mandou pedir seguro

ro a Antonio correa pera lhe birlar pera lhe entregar a ilha d Baharem e a fortaleza de Catifa: por que todos os da terra qrião estar a seruiço del Rey de Portugal / e em final de aquilo ser verdade lhe mandou dous caualos Arabios. Este recado lhe leuou hũ mouro homẽ muyto aluo e rosado, vestido ao modo Teneziano de pano de cor de bredo. E dado por Antonio correa ho seguro viole com Xequemet / q lhentregou a ilha e fortaleza, com condição quelhe desse passagem pera a terra firme a ele e a gente estrãgeira: e Antonio correa lhe deu tambem cõ condição / quenão leuasse nenhũas armas nẽ caualos de que tinba muytos. E feita a entrega coestas condiçoẽs, foy dada a passagem a Xequemet e a sua gẽte: e passou os Raix xarafo nas suas terradas: e despois que passarão ho mesmo Xarafo foy tomar posse de Catifa por el

Rey d Portugal, e por el Rey Dormuz. E Antonio correa fez gouernador de Baharem Raix bubaca, hum mouro Arabio capitão principal, e muyto bom homẽ de que a gente da terra foy muyto contente. E restituído todo ho reyno de Baharem a el Rey Dormuz, e ficando tudo em paz partiose Antonio correa caminho Dormuz aos doze d'Agosto e não esperou por Raix xarafo, por ter grãde receyo que achasse ja ho gouernador partido pera Cambaia porquenão leuaua em regimento que estenesse em Baharem mais que ate vinte cinco de Julho: porque cõpria ao gouernador partir cedo pera Cambaia / porque desejaue de fazer a fortaleza em Madre faba antes q de Portugal fosse outro gouernador. E pola pressa q Antonio correa teue de sua partida deixou dauar muytos caualos e outras coufas ricas / que ficarão em poder de Raix xarafo e ele as deixou por fazer ho que deuia: e birlar a tempo ao gouernador que fazia dele muyta conta: de quem foy muyto bem recebido chegãdo a Dormuz. El Rey Dormuz ho mandou logo visitar dizẽdo que ho não fazia per si por estar doente de hũa perna. E Antonio correa ho foy ver, e ele lhe fez muyta bõrra: e lhe mādou dar hũ terçado douro / e hũa adaga / ambos muyto ricos e hũ caualo selado com hũa sela e goarnição d prata, e peças d brocado e outras peças de seda: e a seu irmão q bira coele outras / e hũa adaga e terçado ambos ricos: e assi mādou dar

peças ricas a todos os capitães e fidalgos que foram coele na armada que ho acompanharam / pedindo a todos muytos perdoes de lhes dar tam pouco: porque se fora senhor de todas suas rendas como dantes quelhes pagara os gastos e os trabalhos como merecia. E depois de chegado Antonio correa / chegou da hi a algus dias Raix parafo co sua armada, e entrou muyto soberbo por hir com os nossos e succeder a cousa ta bem como succedeo.

Capit. lxxi. Do conselho que ho pay del rey Dormuz lhe deu q não fizesse treição aos nossos. E de como a treição foy descuberta ao governador.



Quando Raix parafo de Sabarê trouue mais proposito de fazer coel rey Dormuz que se levantasse, porque vinha muyto poderoso de gente: que toda a da armada que leuou a Sabarê era sua, e por ser goazil Dormuz e filho de Raix noradin, cuja feitura erão os mais de seus moradores tomou mor atreuinto para se levantar: e por isso falou logo com elrey como chegou: e sabendo que estava em proposito de se levantar persuadio ho que permanecesse. E sabendo ho pay del rey que ele tinha esta determinação como velho / sabedor e prudente lhe fez hũa fala: em que lhe trouue a memoria os beneficios que recebeira D. Afonso dalbuquerque que e ho li-

urar do catueiro de Raixhamet / e em ho restituir no reyno tẽdo tudo em seu poder: e que sempre ho tratara como a filho, e assi recebeira muytas amizades dos nossos: e posto q elrey de Portugal lhe tomasse sua fazenda não era de modo que lhe não ficasse largamente ho necessario pera seu gasto, e que pois ele não tinha dâtes mais (por que ho resto se gastaua a vôtade do goazil) não lhe desse gastalo elrey de Portugal porque coisso ficaua seguro das treições que auia em Ormuz: porque ele não lhe auia de tomar mais que a fazêda com partir coele, e ho goazil não somente se auia de contentar de lha tomar mas ainda a vida como costumauão: por isso que lhe rogaua que se não levantasse. E com quanto este conselho era como de pay, persuadio ho mais ho de seu sogro fozore que que sempre ho matinaua que se levantasse. E começadoffe isto do denar / Raix de lamixá q sabia parte desta cousa como era grãde amigo de Abanuel velho co que era copanheiro nalfadega, disselhe hum dia: que Raix noradin seu pay lhe deixara ecomêdado quando morrerá que fosse sempre muyto leal aos nossos / porque eles ho restituirão em sua honrra q lhe Raixhamet tinha vsurpada e ho vingarão dele: e porquelhe ele prometterá ho fazer assi / lhe queria descobrir hũa cousa em que hia muyto ao governador: e isto fazia porque ho tinha por irmão e queria que ganhasse as aluifaras disso: e descobriolhe como elrey tratava de

se levantar / e determinaua de mã
dar queimar a frota do governa-
dor porque não teuesse em que se a-
colher: ou deixalo pera depois q̃
se fosse e tomar a nossa fortaleza.
E cuidando Abanuel velho que da-
ria nisto grande noua ao governa-
dor / depois que soube que Abira-
mahmet morado, e ho Xequerão
os que mais conselhauão el Rey
que se levantasse: rogou a Raix de-
la mirá que quisesse dizer aquilo
ao governador / e ele disse q̃ diria
sendo ele lingoa (porque sabia bem
a Persiana) e dizendo ele quasi fo-
raõse a casa do governador: hũ dia
pola festa / o delhe descobrirão em
segredo ho que disse: do que ho go-
vernador não fez nhũ caso nẽ rece-
beo coisso nhũa alteração: e Aba-
nuel velho dissimulou cõ Raix de-
la mirá dandolhe muytos agardi-
cimẽtos da parte do governador.
E ainda sobristo porque parecia a
Abanuel velho q̃ ho assiesego Dor-
muz estava na morte do Xequer / e o
Abiramahmet morado / ofereceo-
se ao governador pera os matar se-
cretamẽte quãdo bião de noyte pe-
ra casa del Rey / per hũ lugar secre-
to quelhe dissiera Raix dela mirá /
e ho governador não quis. E não
abastou este auiso que lhe estes do-
us derão mas a inda sobristo Raix
bahmet outro irmão de Raix xara-
fo disse ao governador que se que-
ria ter Dormuz em paz que quando
se fosse pera a Índia não deixasse
nele ho requefogro del Rey, e ho
governador atẽrou tão pouco por
isso que não lhe perguntou a causa
porque ho dizia, nem como ho sa-

bia, nem menos tomou seu conse-
lho: E sobrestelhe deu Frãscisco de
souza tauares outro. Que sabendo
ele q̃ Raix xabadim estava e Orfa-
cão da mão del Rey Dormuz, que
dantes se mostraua escandalizado
dele mandandoho prender: disse o
ao governador e que lhe parecia a
quilo muyto mal / e que era pera
se entender que el Rey de Dormuz
queria ordenar algũa treição / e
por isso ho tinha ali: que deuia vir
sobrele e tomalo. E ho governa-
dor fez sobristo algũs cõselhos. E
acordou se que fosse sobre Orfacã
e o tomasse: e por derradeiro não
quis fazelo por ser muyto confia-
do. Porém a verdade não se soube
saluo que se dizia que estava muy-
to descontente por el Rey de Por-
tugal não deixar em seu arbitrio /
e no parecer do conselho da Índia
a maneira de como se auião de po-
er os nos nossos officiaes na fan-
daga Dormuz se não taixar logo la-
tudo: e dizia quel Rey escriuia na
area: e por este desgosto parece que
não comprio ele ho regimento del
Rey, que era mandar lhe que fizes-
se em Dormuz duas fortalezas, e
recolhesse a elas todos os nossos
que morauão fora da fortaleza, on-
de deixaria oytenta homens de ca-
ualo / e no mar hũa boa armada:
porque desta maneira ficarião os
mourros enfreados pera se não le-
uantarem: e de tudo isto ho gover-
nador não fez cousa nenhũa / mas
ainda ho dinheiro que rendia a al-
fandega / que el Rey mandaua que
se recolhesse em hũ coïre, e que ho
tenesse Abanuel velho em poder,

ho entregou a el Rey Dormuz e lá estava: e a frota q̃ deixou a Manuel de Sousa tauares capitão mor Dormuz/ foy hū nauio em que ele andasse/ e hūa carauela de que era capitão João de meira, e em hūa galeota Francisco de Sousa bravo, e em hūa fusta Fernão daluarez dega, e em todas tam pouca gente que não era nada: ho que vendo ho capitão da fortaleza dō Garcia continbo lhe peoio e requereo que lhe deixasse mais gente, e que olhasse como ficaua a terra bolida: e ele lhe deu então trezentos homens. E dizendo dom Garcia que era pouca gente/ disse lhe ho governador que deixasse a fortaleza e que a daria aquem a defendesse com aquela gente.

Capit. lxxij. De como ho governador mudou ho conselho que tinha de fazer fortaleza em Madre faba/ e a começou em Chaul.



Sairando ho governador Dormuz tam bem apercebido pela ho grande perigo em que ficaua/ apercebeo sua partida para a India. E dissimulando el Rey Dormuz a treição que queria fazer/ rogou lhe que deixasse algum nauio pera lhe levar hū embaixador que queria mandar a el Rey de Portugal, e assi hūa tenda rica e outras peças que lhe queria mandar de presente: que fingio que se estava fazendo. E ho gover-

nador deixou a Pero da silua de meneses capitão hūa nao que leuasse este embaixador: e isto feito partio se na fim de Setembro/ com fundamento de fazer hūa fortaleza no rio de Madre faba/ e pera isso leuaua a nao Serra de que hia por capitão Aires correa/ carregada de petrechos e munições necessarias e algũs rumes catiuos, pera ajudarem ao trabalho. E chegando a ponta de Diu que não achou Diogo fernandez de beja com sua armada/ ficou espantado de ho não achar polo que lhe tinha mandado: e parecendo lhe que seria a correr a costa foy surgir na barra de Diu. Ho que logo Deliquiaz soube/ e como tam bem sabia que dom Duarte de meneses era chegado pera gouernar a India/ mandou ho dizer ao governador com tenção: que se hia pera lhe fazer guerra que lha não fizesse: Por em ho governador não lhe respondeo nada/ e deixou se estar. Ho que vendo Deliqueaz mandou logo muyta gente a Madre faba, receando que ho governador quisesse ir lá fazer fortaleza como tinha sabido polos nossos/ que tomarão do nauio de Gaspar doutel: e assi mandou meter mais gente e artelharia nas fustas que estauam a vista do governador. Que estando assi furto os rumes catiuos que estauão na nao Serra quisessem antes morrer que viuer catiuos, e por isso buscarão maneira pera poerem fogo em hum payol onde estava poluora em que se

acendeo de maneira que nunca lhe poderão valer que não ardesse a não e quasi quantos estauão nela, e foy se ao fundo. E ficando ho governador muyto agastado por este desastre: e por se perderẽ os pertrechos e munições pera fazer ali a fortaleza, e lhe serem necessarios outros: e os não ter: e lhe parecer que os teria em Chaul: determinou de ir lá fazer a fortaleza, e por isso se foy para lá, e na foz do rio achou Diogo fernãdez de beja, que lhe contou como lhe os mouros meterão no fundo do nauio de Gaspar doutel e desbaratarão a elle e aos outros capitães: e como Adeliquiaz tinha fortalecido Adadre faba, porque não podesse fazer lá fortaleza: polo que se eletirou daquela determinação: e assentou de a fazer em Chaul, sobre o que tinha mandado Fernão camelo ao Misa maluco. Esta fortaleza fez por fazer algũa cousa: que le achaua corrido de não ter feito nada, e da pouca segurança que deixaua em Ormuz: do que ele andaua assaz descontente, e assi ho dizia. E porque as naos em que adauão logo de azerello e Christouão de saerão da carreira mandou os daqui pera Cochim: e ele entrou pera detrás do rio, e foy surgir com toda a armada diante de Chaul: onde achou Fernão camelo com reposta do Mizamaluco: que daua licença pera se fazer a fortaleza: com condição que lhe mandasse ali vender cada anno quatrocentos canaños Arabios. E com tudo pesaua lhe muyto de se fazer segundo ho governador foy auisado: e por isso se confe-

derou logo ho governador com Adamonacodá hum mouro honrado natural da terra: e muyto principal nela: e ho peitou tanto que lhe deu maneira como ounesse pedra e fizesse cal, pera fazer a fortaleza: e assi lhe desse madeira e outros materiais necessarios para ella. E pera se fazer este concerto hia ho governador cada dia a terra: e de noyte tornaua a dormir a frota: e neste tempo mandou fazer hũa tranqueira bem fortalecida d'artelharia pera se defender se viessem inimigos: em quanto fazia a fortaleza: e isto por que receue por noua certa que Adeliqueaz se vinha a Baçaim pera ver se lhe podia impedir que não fizesse fortaleza: por que lhe pesaua muyto de a ter tam vizinha de Diu: e por em despois se soube que Adeliqueaz não era ho que hia a Baçaim, se não Bagamabmut por seu mandado: e que leuaua todas as fustas: e por isso ho governador se fortalecia, e de dia estaua em terra dando ordem aos que tirauão a pedra e fazião a cal, e de noyte hia dormir a frota: e a gente comũ ficaua em terra.

Capitulo. lxxiij. De como dom Aleyro de Benezes chegou a Chaul, e de como Bagamabmut capitão de Adeliquiaz correio per mar aos nossos



Este tempo chegou dom Aleixo de menezes a Chaul, e cõtoou ao governador como era chegado dom Duarte de menezes por governador. E com tudo se deixou estar ate ser feita algũa parte da fortaleza: e auendo algũs dias que dom Aleixo era chegado, se levantou supitamente hũ grande rumor antre a gente da terra, dizendo que vinha Meliqueaz. E como os nossos ho ouuissẽm foy tamanho ho medo em algũs, que se embarcarão logo sem mais esperar: e outros dezião ao governador que se embarcasse, porque Meliquiaz trazia mugto grãde armada e muyta gente, e se ho esperassem em terra que os moradores dela se ajuntarião coele e os tratarião muito mal. E ho governador não quis tomar tal conselho: antes acodio aos que se embarcauão, pelejando coeles d'palaura porq̃ se embarcauã sem seu mādado deteneos. E nisto veo ter coele Antonio correa, q̃ com q̃nto ouuio ho rumor que hia, não deixou douir hũa missa que estaua ouuindo: e acabada foy ajudar ao governador a deter os que se embarcauão, que era sem causa, porque Iha gamahmut era o que vinha, e não Meliqueaz: e este ainda longe, e trazia sua armada. E sabendo ho governador a verdade, mandou a dõ Aleixo que saísse ao mar, a pelejar com os inimigos, e que fosse em sam Dinis, e que ho acompanhassẽm outros dous galeões e a carauela de Manuel de macedo, e as tres ga-

lões: em que por trazerem pouca gente mandou ho governador meter algũa de sua armada, o que todos fazião de maa vontade, assifidalgo: como dos outros: e a rezão d'isso era por andarem descontentes do governador, e por verem que aqui lonão era peleja em que se ganhasse honrra, por ser de perigo sem se ninguem poder aproueitar de suas forças. E com tudo Francisco de soula tauares se embarcou na galé de Francisco de mendoça: e indo dõ Aleixo polorio abaixo acalmoulhe ho vento e não pode sayr dele, e virão os nossos que andauão os inimigos às bombardadas com hũa nao nossa: e esta era de Pero da silua de menezes, que vinha Dormuz onde ficara esperando polo embaixador e presente que el rey de Dormuz dizia que auia de mandar a el Rey de Portugal: e vendo Pero da silua que tudo erão dilações não quis mais esperar e partiõse: e indo pera entrar no rio de Chaul topon os inimigos que andauão nas fustas que ho cercarão logo, tirandolhe muytas bombardadas: e como os nossas vinhão desapercebidos não poderão aproueitar se de sua artilharia. E por a nao ser pobre, e as bombardadas dos inimigos muytas, meterãna no fundo: e ho capitão com os mais q̃ vinhão nela forão afogados: e algũs que ficarão sobela agoa forão tomados. E antes da nao ser metida no fũdo quizeralhe dõ Aleixo socorrer por estar a vista: e mandou às gales q̃ socorressẽ a remo, o q̃ elas fizerã, e ao sair da barra como ja a nao era me

tida no fundo chegarão as fustas /
 e meterão se coze às bôbardadas
 tam rito que os fizerão deter: e na
 galé de do Jorge matarão tres ho-
 mões cõ hũ tiro e assembrarão muy-
 tos. E assi estauerão ate a tarde que
 dom Aleixo sayo fora: mas como o
 vento era contra ıro foy lbe forçado
 surgir na costa, e por isso não pode
 chegar às fustas que stauão a sua vi-
 sta: de q̃ aquela noite fugio hũ dos
 nossos q̃ fora catiuo na nao de Pe-
 ro da silua, que contou a dō Aleixo
 o que lbe acôtecera. E como foy ma-
 nhaã os nossos se fizerão á vela pe-
 ra pelejar com os inimigos, que como
 os virão ır juntos em corpo, e q̃ as
 galés e bateis ficauã coeles ela por
 ela: e cuydando que saisse toda a ou-
 tra que sabião que staua dentro: re-
 tirarã se contra Saçaim / dōde tor-
 narão dali a dous dias, estando de
 fora da foz Andre de souza dando
 goarda a hũ nauio nosso que estaua
 esperando pera entrar com a maré:
 e Andre de souza ho goardaua, por
 que em quanto ali estuessa não vies-
 sem os inimigos e ho metessem no fũ-
 do / como fizerão a Pero da silua.
 E sintindo dom Aleixo q̃ estaua ain-
 da no rio a vinda dos inimigos: temẽ-
 do que trataassem mal Andre de sou-
 za sayo fora cõ sua armada: e vendo
 quã pouca era pelejarão coela às bô-
 bardadas: no q̃ se deterião bẽ tres
 horas: e morrerã algũs dos nossos
 na galé Dandre de souza: e Hagamab-
 mut ficou muy soberbo de se-
 ter tãto cõ os nossos: e por ver que
 não saya a outra armada a pelejar
 coele / que cuidaua q̃ lbe auia medo.

Capitulo xxiij. De como os nossos
 pelejarão algũas vezes com Ha-
 gamabmut: e de como ho gouer-
 nador determinou de se partir pe-
 ra Cochim.



Por se ho governa-
 dor recear q̃ os imi-
 gos saisssem na pon-
 ta da barra / onde
 andauão os canou-
 queyros tirando
 pedra pera a fortaleza / mandou a
 Francisco de mendoça que na sua
 galé se pegasse com terra, e impe-
 pedisse que não saysssem os inimigos
 em terra: e dom Aleixo com a ou-
 tra armada lbe ficasse á vista dẽtro
 no rio. E logo ao outro dia que isto
 foy feito em começãdo a viração q̃
 seria as dez horas do dia / foy Ha-
 gamabmut cometer Francisco de
 mendoça / estando dom Aleixo com
 os outros capitães a tiro de falcão
 e a vista: mas por amor da viração
 que era por dauã lbe não pode so-
 correr: e com tudo mandou lbe aju-
 dar cõ a artelbaria, que os inimigos
 tĩnhão em muyto pouca conta que
 lbe não fazião nenhũ danno por as
 fustas serem rasteiras e ela tirar de
 longe. E como Hagamabmut sabia
 que dom Aleixo não podia acodir
 a Francisco de mendoça / por amor
 da viração que lbe era contra ıra, a
 pertauao muyto pera ho aboltuar:
 o que vendo seu comitre disselbe q̃
 arribassem porque doutra maneira
 não se podião saluar: e por que lbe ti-
 nhão ja quebrada a estanteirola / e
 desgoarnecida muyta parte das o-
 bras mortas. E com tudo Frãcisco
 de mendoça por que não parecesse q̃

fugia não quis arribar dando vela, mas mandado arriar a amarra mādou-se alar por ela: e chegou-se pera a nossa frota e ela parele, que a nossa artelharía ho pode ajudar e nem por isso os inimigos se deixaram de chegar auante/ e tornarão a jugar as bôbardadas muy forte mente/ e durarão nisto bem quatro oras de relógio: e ficado muytos mortos na gale de Francisco de mendoça/ e tres na de dō Jorge de menezes. Foyse Bagamahmut muyto contente/ posto que com muytas fustas desaparelhadas. E dom Aleixo se deixou ficar porque não pareceffe q se recolhia com medo dele: q assi ho cuidaria os da terra/ por terem para si que os inimigos podião mais que os nossos e por isso se deixou ficar: e assi ho mandou dizer ao governador. E posse na boca da barra onde esteve dous dias esperando por Bagamahmut que estava nos Ilheos de Chaul dali a hũa legoa concertando suas fustas. E vendo dō Aleixo que não hia foyto buscar levando as tres gales, e a caravela de Manuel d macedo/ e hũa fusta e ho batel de são Dinis com hũ tiro grosso/ e hia nele Francisco de Sousa tauares, e dom Aleixo hia na gale de dom Jorge de menezes. E sabêdo Bagamahmut como dō Aleixo ho hia buscar, auendo a quilo por quebra de sua honrra: e que perderia a gente da terra ho credito que tinha nele de poder mais q os nossos, vendo que ho hião buscar: fayo a receber dom Aleixo/ e cometeo os nossos por em não com

a furia q acostumava. E começou-se antreles hũ jogo de bombardadas, de que muytos dos remeiros dos inimigos forão feridos, e dos nossos algũs. E vendo Bagamahmut hir a cousa daquelle maneira como ventou a viração/ mandou surgir sua frota a balrranêto da nossa: que tambem surgiu por que por ho vento ser por dauante não se podião chegar aos inimigos: e assi estueirão toda a noyte seguinte. E ao outro dia tornou dom Aleixo a pelejar com os inimigos/ e jugarão as bombardadas ate que veyo a viração que os estoruou: e então se tornou dom Aleixo a boca da barra/ esperando que tornasse Bagamahmut como tornou: e dō Aleixo lhe falo: e despois de jugarem as bôbardadas se tornou a boca da barra: e por espaço d vinte dias tenerão este trabalho/ sem se fazer de hũa parte nem da outra nhũa cousa notauel/ se não desaparelharense hũs aos outros com a artelharía: e matarense remeiros hũs aos outros. E neste tẽpo mādou ho governador fazer em hũa das pontas da barra da banda do sul hũ repairo a maneira de baluarte com cestos cheos de terra em que mādou assentar algũa artelharía/ pera que tirasse aos inimigos quando fossem cometer dom Aleixo: pera q ho escusasse d pelejar cõ ele/ e tirar os nossos de perigo e trabalho. E ho cõselho d fazer este baluarte lhe dū hũ caualeiro chamado Pero vaz por mão homẽ d bõ efforço sabedor da guerra por acostumar muito tpo em Italia õde

andara. E ho governador lhe deu a capitania desta estância de que fazia tirar aos inimigos quando vinhão/ que por isso não tornarão dali por diante tão aminde/ porque a artelharialhes fazia dano. E com tudo Pero vazhia dormir de noyte á frota porque os inimigos ho não tomassê, e deixava a artelharial só. E que foy dito ao governador, e q̃ prouesse naquilo porq̃ os mouros não fossem de noyte tomar aquela artelharial. E ele respondeo/ que como a auiação os mouros ô tomar. E sendo ja na fim Doutubro mandou Gôçalo deloule na sua carauela cõ recado a el rey de Portugal do que fizera em Ormuz, e como fazia aq̃la fortaleza: posto que mal dizêtes disserão que mandaua nela muyto dinheiro/ porque lho não tomassem quando chegasse a Portugal, e por dissimular a mandaua com aquele recado. E fazêdo ele aq̃la fortaleza, punha grande diligencia por se acabar, cõ quanto Magamabmut não deixava ô lhe correr muytas vezes: e como ho governador não tinha mais que vinte pipas de poluora quando se começara esta guerra/ hia selhe acabando quãto podia/ e não lhe vinha outra que mandara buscar a Goa, porque ja ho não tinham por governador/ e esperauão cada dia por dom Luys de meneses capitão moor do mar pera quem a goardauão. E vendo ho governador q̃ lha não mandauão: e que se a que tinha se gastasse como se gastava/ que se gastaria de todo/ e gastandose seria forçado arribar com toda a frota e deixar a fortaleza porq̃ os nos-

los não terião com que se defender dos inimigos/ o que seria grande perda do seruiço del rey seu senhor e abatimento de sua honrra: pelo q̃ determinou de os nossos não sayrê mais a pelejar com os inimigos, somente que os enrotassem da estância que digo. E que se acordou em conselho, e assi se fez dali por diãte/ e se ouue algũa peleja foy pouca cousa: e a estância se fortificou mais e poserão nela quinze dos nossos que a defendessem com Pero vaz. E como não ouuesse poluora mais que pera defensão/ e a torre da menajem da fortaleza estueesse no primeiro sobrado/ posto que ainda não auia muro se não a tranqueira: determinou de se hir pera Cochim, porque selhe chegaua ho tempo da partida pera Portugal: e auia de leuar consigo Antonio correa/ e dom Aleixo. E determinando isto deu a capitania da fortaleza a Anri que de meneses/ e a capitania mor da mar a Diogo fernandez de beja, por consentimento dos fidalgos capitães das gales/ que auião de ficar debaixo da sua capitania: e Antonio correa ho soube deles desimuladamente/ por mandado do governador que receaua q̃ não quisessem: e por isso não ousaua delbe dar a capitania mor: e deixou lha a nao frol da rosa pera em que andasse, e Santa cruz que era velha/ e as tres gales em que ficarão por capitães aqueles q̃ adanão dâtes: e hũa fusta e a carauela d̃ Manuel d̃ macedo: e leuou a outra frota d̃ velas grossas e ele em sam Dinis: cuja capitania deu a Frâçisca de souza tauares.

Cap. lxxv. De como despois de os inimigos desbaratarem Andre de souza chichoarro/ pelejaram com Diogo fernandez de beja e ho matarão. E de como ho governador deu a capitania do mar a Antonio correa e se foy pera Cochim.



Estando Diogo fernandez d' fora da barra surto com sua armada, saio ho governador com a de sua conserua, e sorzio a oras do sol posto pera esperar ho terreno com que auia d' fazer sua viagem. Enisto andaua Bagamabmut ba vista com sua armada/ q' nunca dali saya goardado a barra que não entrasse nhũ nauio nosso: e em quanto ali andarão tomarão algũs por força em tempo que lhe os nossos não poderão acodir. E vendo os inimigos ho governador surto porque fazia calma, e os seus nauios que erão grossos não se podião ajudar: começarão de ho rodear a remo fazendolhe sobrançaria como quem tinha ho tempo por si/ com ho que se Diogo fernandez agastou muyto: porq' a sua nao em que tinha toda sua fazenda estaua dentro no rio onde receaua que entrassẽ os inimigos/ e lha metessẽ no fũdo como acostumauão: e por isso mandou pera a boca da barra Andre d' souza chichoarro na sua gale que agoardasse se os inimigos quisessem entrar. E ele ho fez assi: e surto na boca da barra e se çarrado a noite. Bagamabmut como ho

vio surto foy logo sobrele cõ trinta fustas/ e derão lhe tanta bõbardada toda a noyte que lhe desparelharão a gale: e despois que foy de dia lhe matarão setebomẽs e a leyjarão e hũ braço Aleixo de souza chichoarro seu irmão/ e tinhãno abalrroado pera ho entrar. E estãdo neste aperto socorro dom Jorge de meneses que estaua mais perto e tinha a gale mais remeira que as outras, e no meio do caminho tirou hũ tiro por final que hia: cõ que se os de Andre de souza esforçarão tanto q' cobrarão nouas forças pera resistir aos inimigos/ que os não entrassem: que sentindo ho socorro que vinha se ajuntarão todos de popa da gale. Ho que vêdo dom Jorge mandoulhes tirar cõ hũ tiro grosso de proa, quedando por antre as fustas dos inimigos arrombou algũas: do que auêdo as outras medo se afastarão por mais q' lhe Bagamabmut bradou q' ho não fizessem: e achando dõ Jorge lugar por onde etrasse abalrrou com Andre de souza tirando os nossos muytas espingardadas e setadas: e como as duas gales se ajuntarão começou hũ grãde peja cõ os inimigos/ que se afastarão d' todo por sobre vir Diogo fernandez na gale de Francisco de mendoça: e leuaua tres bateis armados e hũ esquife e cõ sua vinda fugirão os inimigos que nunca os Bagamabmut podeter: e tãbẽ lhes matarão gête e arrõbarão fustas: e Diogo fernandez etrou na gale Dãdre d' souza e vêdo quã desbaratada estaua mandoulhe q' se fosse mostrar

ao governador que estaua surto ao mar / e ele com dom Jorge ficarão goardando a barra: e Diogo fernández sepaffou á galé de dom Jorge. E ao outro dia em amanhecendo estãdo as galés afastadas por espaço de mea legoa bñda da outra veyo Magamabmut com sua armada, q̃ era de trinta fustas, e achando menos a galé Dandre de souza / creio q̃ deficar ao outro dia de todo destróçada não estaua ali. E como as outras galés não erãdo mais de duas não as teue em conta ainda que ho governador estaua a vista por estar amarrado e ventar terrenho que sabia quelhe auia d'impedir que não podesse socorrer as galés: e por isto determinou de tomar a de dō Jorge que estaua na diãteira / e foy ho cometer a remos dizendo aos seus sua determinação / mandandolhes que trabalhassem por lhe quebrar ho masto e os remos porq̃ lhe não fugisse. E eles trabalharão por isso depois que chegarão a ela que foy em saindo ho sol, e cercandoa por proa começasse hũ muy brauo jogo de bombardadas d'ũa parte e doutra / e a fumaça era tamanha que nem hũs nem outros parecião. E os nossos que estauão nos bateys em vez da judarem dō Jorge e Diogo fernandez acolheran se com medo detras da popa da galé porque os não pescasse a artelharía dos inimigos: no que Diogo fernandez nã atetou por a grande occupação q̃ ele e dom Jorge trazião em fazer e iugara sua artelharía porque os não aferrasse os inimigos, q̃ trabalhauã quanto podião por lhes: chegar

depois de lhe furarem ho masto por duas partes / e quebrada a mór parte dos remos: e arrombada a galé polo costado em sete ou oito partes. E que vendo ho comitre dando a galé por despachada se ali mais esteneffe quis cear coela: e assi ho disse a Diogo fernández e a dom Jorge: dizendo que ali estauão na diãteira, e toda a furia da artelharía dos inimigos quebraua neles / e que ceando se meterião antre os bateys, e a outra gale e ficarião em renque, e assi se reparterião os pelouros dos inimigos por hũs e polos outros / e não receberião tanto dãno. E que parecendo bem a Diogo fernandez mandaua como capitão mór que se fizesse: por em dom Jorge foy á mão ao comitre, dizendo que como se auião de cear se tinhão a mór parte dos remos quebrados, e ho não auião de poder fazer: antes sem necessidade mostrarião aos inimigos ho dãno que tinhão recebido, e que por isso lhe fugião. E os inimigos crendo ser assi os seguirião sem nenhũ medo e os aferrarião / e tanto ganharião de se cear, e arrancando hũa espada disse ao comitre que ho não ceasse ninguem / ou que lhe cortaria a cabeça com aquela espada, se não que remassem auante / e mostrasse aos inimigos que deseiauo de lhe chegar / pera q̃ lhe quebrassem a soberba q̃ tinhão / e q̃ leuassẽ diãte os bateys q̃ os auião muyto da judar. E q̃ pareceo bẽ a Diogo fernández e lhe louuon seu conselho. E porque soube que os bateis estauão acolhidos detras da popa

da gale passou-se lá pa os fazer passar auante/ e estando sobre a positiça chamádo lhes judeus rapazes porque fazião de vagar ho q lhes mandaua. Sobreuem nesta cõjunção/ hũ pelouro da parte dos inimigos: e deu em hũ pião dũ falcão/ donde resuando foy dar a Diogo fernandez em hũa ilhargã/ e meteolhe as armas por dentro da carne: e deu coe no chão morto. E porque a gente não desmayasse com sua morte, átes que ho vissem ho mandou emburilhar em hũa manta dum remeiro: e assi ficou sua morte atabafada, que a não souberão mais que algũs q ali estauão, que dom Jorge esforçou. E trabalhauão por se defender com a arte lharã/ que todos erão ja bombardeiros, por ser morto ho condestabre e outros muytos. E não auia quem mandasse a gale por ho comitre estar ferido, e quasi que não auia nhũ que ho não fosse: ou de bombardadas ou de frechadas. Ho que vendo os remeiros da gale dando a por desbaratada, como erão gentios e mouros, e querião mal aos nossos por os trazerem catiuos quizeram se levantar: e dizendo aos inimigos que estauão perto ho estado dos nossos, chamauãnos que fossem tomar a gale. E dom Jorge que os entendeu/ leua da espada e ferio sete ou oytos deles: de modo que os outros com medo estenerão quedos. E porque não auia quem mandasse a gale/ mandou dom Jorge a hũ remeiro mouro que sabia disso que a mandasse, e quelhe daua liberdade: e lhe fa-

ria merce/ e ho mesmo fez a dez ou doze Christãos q trazia degradados porque ho ajudassem a pelejar: e assi ho fizeram. E animando-se os nossos coeste refresco tornaram a pelejar de nouo. E prouue a nosso senhor q vendo os inimigos assi tornar como quer q os tinhão por tomados/ enfraquecerão/ de maneira que se afastarão/ e mais pelo dano que recebião dos nossos. E vendo os dom Jorge afastar por lhes amostar que estaua a sua gẽte esforçada: e assi por amor da gente da terra qstaua na praya vendo a peleja, meteose na sua barqueta coesses que couberão e foy apos eles hũ pouco: sendo ja meo dia/ que tanto durou a peleja. E os da terra estauão muy espantados de os nossos se liturarem dos inimigos/ e muyto mais de se eles afastarem sendo tantos. E tornando dom Jorge a gale mandou a foz gir, e embandeirar com muyta festa porque cressem os mouros que ficara a vitoria coele e lhes qbrar os corações: e esteue surto ate horas de vespera que veio a viração: que se foy pera ho governador, e contou-lhe ho que passaua. E auendo de leuar ho corpo de Diogo fernandez a soterrar a terra/ foy desarmado passadas quatro oras que era morto: e acharão que lhe não saira nenhũ sangue. E tirádo-lhe hũa Cruz que tinha ao pescoço lhe começou de gotejar pelos narizes, pelo que pareceo q na Cruz estaua a virtude d lhe não sair sangue, e porque pola morte de Diogo fernandez era necessario deter-

se ho gouernador algũs dias mandou dom Aleixo pera Cochim na carauela de Manuel de macedo: e sentio tanto a morte de Diogo fernandez pola afronta que os nossos receberão q̃ desejou de a vingar/ e esteue com determinação de ficar na India aquele anno por amor de a vingar, e não lhe dera ficar na India com outro gouernador: porque tinha hũa carta del Rey de Portugal, em quel he daua poder que sendo caso que ficasse na India cõ outro gouernador, que inuernasse em Cananor com trezentos homens: em que ho gouernador não entenderia: por em não quis por algũs respeitos. E cõcertadas as galés/ e feyta algũa poluora que se fez em pilões deu a capitania mór da armada que ficaua de Chaul a Antonio correa ate que chegasse dom Luys de meneses / e deu lhe ho galeão sam Jorge pera andar nele: e mandoulhe que fizesse hũ baluarte na outra ponta da barra da banda do norte/ pera que defendesse a entrada aos inimigos: e porque ele tinha pouca poluora recolhesse a armada pera antre âbos os baluartes, e dali pelejasse coeles. E dado este regimento partio se pera Cochim hũa quinta feyza vinte sete de Dezẽbro, e em Dabul topou dom Luys de meneses que hia pera Chaul: e prosseguindo daquĩ sua viagem foy ter a Cochim/ onde dom Duarte estava apousentado na fortaleza: e por que ele sabia que ho gouernador ho auia de ser ate se embarcar pera Portugal por prouisam del rey, e sendo gouernador auia de pousar na for-

teza, lhe mandou dizer como che- gou que lha despejaria se quisesse pousar nela. E ele não quis, e pousou em casa de Diogo pereyra ate se embarcar.

Capit. lxxvj. De como Jorge dalbuquer que capitão de Malaca e Antonio d brito forão sobre el rey de Bintão/ e do quelhes a conteceo.



Etido Jorge dalbuq̃r que de posseda fortaleza de Malaca vendo ho tẽpo desposto pa se vingar do rey de Bintão e ho destruyr determinou de ho fazer antes que Antonio de brito se partisse pera Maluco/ porque com a gẽte de sua armada/ e a que tinha da ordenança de Malaca era assaz pera por em effeyto sua determinação por mais forte que Bintão esteuesse. E com tudo enformouse de sua disposição e sitio: que era per esta maneyra. He hũa ilha pto da terra firme, terra baixa e despeso aruoredo alto e grosso regado de muytas ribeyras pequenas. A pouoação que he grã de se chama Bintão que quer dizer estrela. Esta situada ao lôgo do rio ou braço do mar que cerca a ilha: he de casas terreas cubertas dola/ saluo as del rey que estão em hũ alto. Da cidade atrauessã hũa ponte de madeira pera a terra firme, e diãte dela se faz ho porto a que entrão por hũ canal. Nesta ilha fez seu assento el rey q̃ foy de Malaca despois que foy deitado do Pago tomã doa a hũ mouro malayo seu vassalo

que era senhor dela, e fortificou a grande lemente: fazendo no canal algũs arrecifes com muytas pedras que hi mandou deitar, e assi meter muytas estacas de paos muyto compridos e grossos que fazião a passagem por ali muy difficullosa e perigosa e estremo / e os nauios auiaõ de ir muyto de vagar por ser em voltas, e ficauão descubertos a muyta artelharía que estava em terra ao lãgo em hũa tranqueyza fortissima q̃ cercava a cidade toda em redondo feyta dũs paos de bũas vigas que naquela terra chamão paos ferro: por que tẽ sua natureza em serẽ tão duros que não apodrecem nagoa / e era de duas faces e entulhada cõ seus baluartes da mesma madeira: de modo que era tão forte ou mais que hũa de pedra. E alem disto a terra da banda do sertão era tudo vasa de boa altura: e dũdo isto foy auisado Jorge dalbuquerque / e porẽ que se podia sobir pola tranqueyza sem escadas. E como este era o principal ponto de que se ele esperaua dajudar pera tomar aquella força / assentou de todo de ir sobre ella / porque desfazendose ficaua el rey tambem desfeito pera não poder fazer guerra a Malaca ao menos tão cedo. E praticado isto cõ Garcia de Sá, Antonio d brito e outros capitães e fidalgos: foy acordado per todos que compria muyto ao seruiço del rey de Portugal fazer-se aquella viagem / que começarão no mes d outubro de mil e quinhẽtos e vinte hũ / e forão bem seys cẽtos portuguezes embarcados em nauios nossos e lancharas / de que

a fora Jorge dalbuquerque forão capitães Antonio de brito e os da sua armada / Garcia de Sá, Anrriquez / Duarte coelho e outros fidalgos e caualleyros a q̃ não pude saber os nomes. E chegado Jorge dalbuquerque á barra de Bintão surgio com toda a frota: e auiaõ conselho sobre a maneyra que teria pera dar na cidade, acordouse q̃ a não cometesse pelo canal do porto pola difficuldade e perigo que auia em ir por ele: e tambem por estar no porto a armada del rey de Bintão: mas que cometesse por hũ baluarte da tranqueyza que estava da mão dextera afastado do porto por hũ pequeno espaço / porque por terra lhe faria menos nojo a artelharía q̃ por mar. Isto determinado que foy hũ dia atarde, encomendarãse todos a nosso senhor aq̃la noyte por ser ho feyto muy perigoso / e manhaã clara desembarcarão leuãdo Garcia de Sá a dianteira com Antonio de brito, e em poyando em terra foy medonha cousa de ver a multidão das bombardadas e espingardadas sem conto que despararão os inimigos: esforçados por Laqueriximena hũ valentissimo mouro parente del rey de Bintão e seu almirante do mar / e muyto espremitado e sabedor na guerra / e por isso lhe el rey encomẽdou a defensão daquelle baluarte, em que os inimigos virão que os portuguezes encaraũão, a que ele logo acodio com bem quatro mil homens muytos de les espingardeiros e os outros fre

cheiros de arco e zarauatana: e dou
tras armas diuersas com q̃ tirauã
aos nossos em roda viua: porq̃ em
quanto os portugueses desembar
carão/nunca ho ar esteve desocupa
do de tiros de todos estes artificios
que digo: em tão q̃ em hũ momẽto
cairão mortos dos portugueses al
gũs vinte: e forão feridos mais de
setenta. E hũ destes foy Garcia de
sa, que passando auãte por entre tã
tos pelouros de bõbardas e espin
gardadas chegou cõ algũs de sua
cõpanhia ao baluarte: porq̃ os ma
is como digo forão derribados, fe
ridos e mortos. E Garcia de sa a
chou ho baluarte de tal modo q̃ nũ
ca podẽ sobir por ele: como fizerão
crer a Jorge dalbuquerque q̃ se po
dia sobir sem escadas. E palhe não
ficar nada por fazer do q̃ ho obriga
ua ho muyto esforço que tinha, mã
dou a dous criados seus que ho a
judassem a sobir, o que eles fizerão
cõ grãde valẽtia, sem temor de infi
nitas lançadas que os mouros lhe
arremessauão: e de hũa foy Garcia
de sa ferido em hũa perna tã brava
mente q̃ cayou: e os mesmos criados
ho tomarão e leuarão a embarcar.
E assi foy ferido hũ dõ esteuão dõ ca
stro de hũa bõbardada em hũa per
na: e leuãdo hũ seu criado lhe deu
outra bõbardada na cabeça q̃ ho a
cabou de matar. E foy tambe aqui
morto hũ fidalgo chamado Jorge
de melo: e outros a que não pude sa
ber os nomes. E vendo Jorge dal
buquerque tamanho destroço em
tã breue tempo, conheceo ho erro q̃
fez em se crer no q̃ lhe disserão/ q̃ se
podia sobir a trãqueira sem escadas

e q̃ não acertara em as não trazer.
E assi em pépos em conselho cõ al
gũs capitães e fidalgos que seria bõ
recolherse/ porq̃ não auia de fazer
mais que matarêlhe e ferirêlhe q̃n
tos leuaua: e recolheose cõ a perda
que digo: de que os mouros ficarã
muyto soberbos, e tomarão ousa
dia pera fazerẽ tãta guerra a Jorge
dalbuq̃rã como lhe dõpois fizerão.

Capit. lxxvij. De como Antonio
de brito se partio pera a ilha da
Jaoa.



Es pois dõte desbara
to recolhidos todos
a frota forãse a ilha dõ
Cincapura: e ali se es
pedio Antonio de bri
to dõ Jorge dalbuq̃rã

e com sua armada de seys nauios se
guiu sua rota pera a ilha da Jaoa/
cujo sitio e fertilidade dõsẽno liuro
terceiro, dõde foy tomar porto na ci
dade Dagacim: com determinação
de tomar mantinẽtos, porq̃ estana
de paz cõ os portugueses, do tẽpo
de Afonso dalbuquerque: e des pois dõ
os ter tomados mandou ho seu ba
tel a buscar agoa a ilha da madura,
quasi pegada com a da Jaoa: e cuy
dando os que bião no batel q̃ sayão
ẽ terra de seus amigos sayrão muy
to seguros: e como os da terra os vi
rão de scuy dados creceolhes a cobi
ça dõ lhes fazerẽ mal por a pouca fir
meza de sua amizade: e derão sobre
les tãto de supito q̃ os catinarão: e
tomarãlhes ho batel cõ hũs berço:
q̃ leuaua: e Antonio de brito cõ quã
to requeio q̃ lhos dessem pois tinhã
paz cõ os portugueses nunca os po

de auer senão por resgate. E aqui ficou nesta ilha ate homes de Janeiro seguinte esperando moução pera a ilha de Banda/ donde auia de partir pera Maluco como direy a diante no liuro sexto.

Capitu. lxxviii. Decomo Jorge dalbuquerque se tornou pera Malaca: e o como Laquerimena lhe começou defazer guerra.



Quando el rey de Bintão quão mal se ouuerão os portugueses naquele feyto, e camanbo defarrão a aquele fora/ teueos em muyto pouco, e tanto q Jorge dalbuquerque se defamarrou do porto pera Malaca mandou a pos ele Laquerimena com obra de vintelâcharas darimada de fornecidas de gête e artelharía/ qo bia esbôbardeando. e Jorge dalbuquerque voltou algũas vezes sobrele pera o abalroar: porẽ ele se goardaua disso/ que não era seu fundamento senão perfiguilo e tomarlhe algũ nauio se ho achasse desmandado. E assi foy ate Malaca/ onde se Jorge dalbuquerque recolheo: e Laquerimena ficou no mar por onde andou dissimulando sem querer pelejar com a nossa armada, posto q lhe sayo por vezes, ate que vendo tẽpo entrou no porto/ e queimou dous iungos de mercadores carregados. E tornando se recolher acodio hũ Gil simões capitão de hũ bargantim com certas velas q estauão prestes, e foy a pos eles. E vendo ele q não erão mais de cinco ou seys, esperou as/ porq viu q podia ali fazer presa. E Gil si-

mões ou o muito esforçado, ou por apagar a fama q tinha de couardo/ segundo se despois disse/ vendoo esperar adiantouse dos outros: e foy abolroar coele: e como os mouros erão muyto mais q os q hião coele na lanchara foy deles entrado/ e morto com todos os cõpanheiros despois de pelejarẽ muy esforçada mente e venderem bẽ suas vidas. E os outros capitães vendo esta lanchara tomada não oufarão de ir mais por diantecõ a peleja por se rẽ muyto poucos, e recolheran se a Malaca. E despois disto lhe sayo muytas vezes a nossa armada, e nunca quis pelejar coela/ porq não queria mais q andar fazendo aqles saltos: e desta maneira fazia a guerra de que os portugueses não recebĩam mais dãno que a opressam daqles rebates, que como a nossa armada andaua tambẽ no mar podĩã ir matimentos a Malaca e estaua farta e abastada.

Capit. lxxix. Decomo Bastião o souza partio de Portugal pera fazer hũa fortaleza na ilha de sam Lourenço. E o porqã não fez.



Este año de mil e quinhẽtos e vinte hũ/ determinou el rey dom Manuel de Portugal de mandar fazer hũa fortaleza na ilha de sam Lourenço por ter por enformação que auia nela muyta prata e gĩngibre q esperaua dauer: e tambẽ pera que as naos da carga da especiaria indo pera a Índia faserẽ ali agoada e irẽ por fora da ilha de sam Lourẽ

co q̃ era mais segura nauegação pa
se passar a Índia que por Moçam-
bique/ e determinãdo de fazer esta
fortaleza deu a fundação dela e pri-
meira capitania a Bastião de Sousa
hũ fidalgo natural Deluas, de que
fiz menção no liuro segundo, e deu
lhe duas naos de capitania/ ele por
capitão de hũa/ e ao da outra não
soube ho nome. E nela hião os offi-
ciaes necessários pera edificarem a
fortaleza: e assi pedra, cal/ e outros
materiaes pera sua edificação: e par-
tido de Portugal foy ter á ilha de
sam Lourenço sem a outra nao que
se apartou de sua conserua por hũa
muyto grande e braua tormenta q̃
lhes sobreueo: e não achando aquí
a nao esperou por ela algũ tempo, e
vendo que não hia pareceolhe q̃ era
perdida: e por lhe falecerem os ma-
teriaes e officiaes com q̃ auia de edi-
ficar a fortaleza a deixou de fazer, e
dali se foy a Moçambique, onde não
achou a nao nem noua dela: e por ser
passada a moução d̃ passar a Índia
com as detenções q̃ fizera ouue din-
uernar em Moçambique, donde par-
tio pera a Índia no anno d̃ mil e qui-
nhentos e vinte dous: e atrauessan-
do aquele golfão topou a outra nao
cujo capitão lhe disse q̃ chegara pri-
meiro q̃ ele á ilha de sam Lourenço
e cuy dando que era perdido se par-
tira. E dali forã ambos ter a Índia
a saluamento: e tendo palaura do
governador que lhe daria ajuda pe-
ra tornar á ilha de sam Lourenço a
fazer a fortaleza, chegou dom Pe-
dro de castelo branco/ que com ou-
tros dous capitães partira de por-
tugal no mesmo anno, como direy

a diante/ e leuou hũa prouisam ao
governador del rey dom João ho
terceiro de Portugal (que succede-
ra no reyno por falecimento delrey
dom Emanuel seu pay) em que lhe
mandaua quenenhũa fortaleza das
que el rey seu pay mandara fazer na
Índia de nouo, se fizesse: porẽ que as
que esteuessem começadas se acabas-
sem. E por esta causa não foy Basti-
ão de Sousa fazer a fortaleza a ilha d̃
sam Lourenço.

Capit. lxxx. De como se leuanta-
rão os Chins contra os Portu-
gueses que estauão em Cantão:
e prenderão ho embaixador del
Rey de Portugal/ e os q̃ estauão
coele.



Es pois d̃ partido Si-
mão dandrade pera
Malaca/ e ficando
os Chins muyto des-
contentes dele/ fale-
ceo el rey da China/
que estaua muyto bẽ com os Por-
tugueses: e o que lhe succedeo assi co-
mo era muyto desuiado de sua condi-
ção, assi ho foy tambẽ em ser pouco
amigo dos nossos: e logo ouuio ho
embaixador del rey de Sintoão/ que
seu antecessor não quis ouuir em
muytos annos q̃ auia q̃ andaua na
corte: e isto porque a primeira vez q̃
lhe falou lhe disse muyto mal dos
nossos/ de que tambẽ ho disse a este
rey que digo/ chamãdo lhe ladrões
e que hião com pequena armada es-
piar as terras alheas/ e despois cõ
ho muyto poder que tinhão na In-
dia tornauão a tomalas: e que assi

fizerão a Malaca que era del rey de bintão que estava lançado fora dela sam causa. E porq̃ se ele tinba por seu vassalo se socorria a ele pedindo lhe ajuda pera se restituir em Malaca, e que lhe pedia muyto q̃ os nã consentisse em sua terra / porq̃ sua idalã não era senão a espiala pera despois a tomarê: e ao menos que ho não fizessem por ela ser tão grande como era / e dariao fadiga no mar onde erão muyto poderosos. E nisto foy lhe noua do aluoroço q̃ os que forão com Simão vãdrade deixarão em Cantão. E isto e o que lhe o embaixador del rey de bintão disse, e outras causas que particularmente não pude saber, imprimio tanto em el rey / e naqueles que ho aconselhauão / que mandou prender ao nosso embaixador / e os outros que estauão coele / e mandou q̃ estencessem apartados hũs dos outros / e que lhe fosse tomada toda sua fazenda, e scripta e aualhada: e dizem hũs que cõ tristeza adoeceo / e morreo ho embaixador: outros q̃ morreo com peçonha. E porq̃ eu nã pude saber as particularidades disto ho digo assi em soma: e tambẽ o mais que passou no aleuamtẽto da China contra os nossos: que ou polo el rey mandar, ou como quer que foy / os Chins tomarão em Cantão os nossos quatro iungos carregados de pimenta e sandalo / e outras mercadorias q̃ erão del rey de Portugal e de partes / e stado eles furtos no porto / de que os nossos que hã neles se aluarão com assaz de fadiga, e se recolherão a hũa nao de dõ muoimmanuel que estava sur-

ta: acujo capitão não pude saber ho nome / senão que na defenla da nao ho fez fracamete quando os Chins derão sobrele, e se não forão os nossos dos iungos que se acolherão a ela e a defenderão valentemente ela fora tomada: e não somente a defenderão, mas se tiuerão algũ tiro grosso d'artelbaria toda a frota dos inimigos fora metida no fundo, posto q̃ era grande. E escapando os nossos deste perigo acolheranse caminho de Malaca / onde chegarão na fim de Outubro de mil e quinhentos e vinte e hũ / e derão noua do levantamento da china: e disto se tirou inquirição em Malaca / que se leuou carrada a el rey de Portugal: em que forão tiradas a limpo algũas causas deste levantamento / que como digo não pude saber / e porisso as não disse.

Capitul. lxxxj. De como Bagamabmut deu hũ combate a Antonio correa, e quísera tomar ho baluarte do outeiro e foy desbaratado. E de como dom Ruys de meneses chegou a Chaul: e Antonio correa se foy pera Cochim



Bartido ho gouernador pera Cochim logo ao sabado seguinte / que forão vinte noue de Dezembro / foy Bagamabmut surgir com a viração sobre a barra de Chaul, com suas trinta e seys fustas muyto melhor fornecidas de gente, armas, e artelbaria que dantes: e trazia muytos de sobressalen

te de casa de Belique fartaquis: e Abexins em que tinha muyta confiança/ por serem pessoas de feyto. E Hagamahmut surgiu em lugar onde lhe a artelharia da nossa frota não podia fazer nojo: e ela estava surta na barra antre ambos os baluartes. E não queria Antonio correa sair dali por lho mandar assi ho governador/ por os inimigos não pelesarem coele/ e lhe fazerem gastar a poluora, que receava muyto faltar lhe primeiro que lhe fosse de Cochim. E ao domingo vendo Hagamahmut que Antonio correa não faya a pelejar coele/ lhe esteue fazendo muytas algazaras/ pera ver se ho podia prouocar a isso. Ele que ho entendeo deixou se estar onde estava. E a segunda feira acabando de vêtar ho terreno, que seria as dez horas do dia/ abalou Hagamahmut com toda sua armadã indo a remos, e chegando a tiro de bombardas dos nossos pos as fustas em ala diante deles, e começou delhes tirar com a artelharia. E Antonio correa lhes mandou tirar com a sua e muyto temperadamente porque se lhe não gastasse a poluora. E a tenção de Hagamahmut era vsar de hũ ardil que lhe dera hum xequemafamede que era xequede Chaul que encubertamente queria grande mal aos nossos/ e pesaua lhe da fortaleza que se fazia em Chaul/ e desejaua de os ver destruidos: e por isso mandou conselhar a Hagamahmut que tomasse ho nosso baluarte da barra que estava ao pé do outro onde estava ho facho dos nossos: e que se possesse as bombardas

das com os nossos: e entre tanto mandasse algũas fustas a tomar ho baluarte que digo, e desembarcarião em hũa calbeta na costa/ e dali iria a gente ter ao baluarte por cima do outeiro/ porque os nossos lhe não podessem tirar com a artelharia: e ele daria guia que a leuas se/ como deu por Hagamahmut ser contente do ardil. E pera ho poer em obra mandou apartar obra de dezoze fustas/ que se forão dreytas á calbeta detras do outeiro/ de que posarão em terra obra de duzentos homens gente muyto luzida/ e guiandoos hũ criado do xequem que encaualgarão ho outeiro onde estava ho facho por hũ caminhotã estreito que não cabia por ele mais que hũ homẽ diante do outro, e todo isto se via da nossa frota: e muyto adamẽte os inimigos decerão do outeiro, e remeterão ao baluarte q̃ estava ao pé dele/ parecendo lhes q̃ ho não poderia Antonio correa socorrer por se defender de Hagamahmut: e que ho baluarte teria tam pouca gente que logo ho tomariã: e ele pouca tinha, que não erão mais de trinta homens/ e estes escolhidos/ que Antonio correa mandara ao sabado que fossem lá estar, receando que os inimigos ho fossem tomar/ e foy por capitão destes hũ valente caualheiro e bẽ practico na guerra que auia nome Pero vaz por mão, que com os que ho acompanhauão se pos logo em defenſa/ a quem hũa aproueitaua por as bombardadas sem conto que tirauão as fustas que deitarão os inimigos em terra, e hũa delas leuou a Pero

vaz polas pernas, que ádaua sobre hũa parede do baluarte, armado é hũ arnes efforçando os seus / e ele cayo embaixo, e doutras morrerã outro caualeiro chamado Simão ferreira, e ho condestabre do baluarte e hũ bombardeiro. E em quanto os pelouros affichouão que era cousa espantosa, decerão os inimigos tam denodados do outeiro que perderão as mãos na estacada que cercava ho baluarte / dando grandes gritas: e começando de despende tanta frechada e espingardada que cobrião ho ar. E era cousa medonha de ver os nossos tam poucos metidos antre tantos generos de cousas pera os matarem, e muyto de louvar a nosso senhor como os goardaua / e eles como pelejaão e se defendião dos inimigos que os não entrassem, estando detras de hũa sebe, que disse era ho baluarte. E todos ho fazião tam valentemete / que nunca Romãos, nem Gregos assi pelejarão. E Antonio correa que tudo isto via, receando que os mouros tomassem ho baluarte, mandou em seu socorro a Ruy vaz pereyra no seu batel, e a outro capitão em outro com obra de cinquenta ou sessenta homens, em que hiã muy bons caualeiros. E vendo os inimigos este socorro / tendo ho baluarte no aperto que digo / começaram o com medo de se recolher de pressa: e os nossos que os entenderão derão a pos eles e matarão muytos antes que se embarcassem e embarcados fugirão. E bagamabmut q peleja ua com Antonio correa como vio ho desbarato dos seus alar

gouse da peleja ao remo e foy surgir onde estaua dantes / levando muytas das fustas desaparelhadas e arrombadas, e com os mastos quebrados das bombardadas dos nossos, e muyta gente morta. E dãdo Antonio correa muytas graças a Deos de se ver assi desapressado foy correr os nauios de sua armada pera ver se auia algũs mortos: e não achou nenhũs / salvo dos remeiros, e estes poucos. E despois foy ver ho baluarte, em que achou mortos os que disse / e os outros todos muyto feridos, e as adargas e rodellas cubertas de frechas: e a de hũ. Pero de queyros tinha vinte e sete: e a de Abanuel da Cunha vinte cinco: e todo ho baluarte e muyta parte ao derredor dele iucado delas: e ao derredor estauão trinta mouros mortos, que os do baluarte matarão: e pola praya quasi outros tantos que matarão os que forão socorrellos: e estes parecião todos honrrados, em terẽ cabayas de chamalotes e fotas finas e terçados de prata, e muytos tinbão espingardas. E mandando Antonio correa cortar as cabeças a todos as mandou ao nosso feitor de Chaul chamado Diogo paez / que as leuasse a Xequê Afamede, porque soube que os mouros de Chaul affirmauão que ho baluarte era tomado polos inimigos, e folgauão muyto: principalmente Xequê Afamede que dissera ao dia dantes que ao outro auia de ser o que auia de ser / como que auião de matar todos os nossos. E quando os mouros souberão o que foy / e

e virão tantas cabeças dos mor-
 tos, que eles cuydauão que auião
 de matar os nossos ficarão muyto
 espantados. E ho Reque conbecço
 entre as cabeças a de seu criado q̃
 foy mostrar ho caminho do baluar-
 te aos inimigos: e fez por ele grande
 pranto. E ao outro dia mandou
 Antonio correa enforçar polas per-
 nas em forcas que mandou fazer
 na praya/ os mouros que morrerã
 na peleja pera que os vissem os das
 fustas. E ficou Bagamahmut coi-
 sto tam quebrado, que nunca mais
 cometeo os nossos posto que esta-
 ua diante da praya. E despois disto
 mandou Antonio correa fazer ho
 baluarte/ que foy feito em dous
 dias e meo muyto forte: e pos nele
 por capitão hũ Aluaro de brito/ e
 deulhe vinte espingardeiros pera
 ho goardar. E estando alli chegou
 dom Ruys de meneses a hũa segun-
 da foyra ao meo dia. E entregando
 lhe Antonio correa a armada, se
 foy pera Cochim em hũ galeão cha-
 mado sam Marcos. E foy coe le dõ
 Jorge de meneses: porque sobre ter
 tambem seruido naquela guerra: e
 ser dom Ruys seu parentel betira-
 na a capitania da galé em que an-
 daua/ e a deu a outro fidalgo cha-
 mado dom Gasco de lima. E des-
 pois de ser chegado dom Ruys a
 Chaul/ porque Beliqueaz tinha
 desejo de fazer paz com ho gover-
 nador, por ter fama de quam esfor-
 çado caualeiro fora em Africa mã-
 dou recado a Bagamahmut que
 não fizesse mais guerra aos nossos
 e assi ho fez.

Capit. lxxxiij. De como Rair ra-
 rafo e el rey de Ormuz se leuãta-
 rão cõtra os nossos que estauão
 na cidade e na fortaleza.



Artido ho gover-
 nador Diogo lopez
 de sequeira pera a
 India, começou a
 entrar em Ormuz
 a gẽte que Rair ra-
 rafo mandara fazer na terra firme:
 do que logo Coje Abexir estribei-
 ro mór del rey Ormuz deu auiso a
 Manuel velho: com que tinha muy-
 to grande amizade. E ele ho foy di-
 zer ao capitão dom Garcia conti-
 nho que não deu por isso, sem lhe
 lembrar ho grande perigo em que
 estaua. E mandou dizer a el rey de
 Ormuz que pois dera presente ao
 governador, que rezão seria dalo
 tambẽ a ele. E el rey por dissimular
 coele lhe mandou dous caualos e
 hũ terçado/ e cinto e adaga ricos:
 e tambẽ porque esperaua de cobrar
 tudo muyto cedo. E nesta conjun-
 ção indo Manuel velho/ Ruy va-
 rela, Miguel do vale, e algũs ou-
 tros folgar ate ho cabo da cidade
 forão auisados por Coje abixir/
 que não tornassem por onde hião
 porque os auião de matar, o que
 eles assi fezerão não tornando por
 ali. E tampouco não aproueitou
 saber tudo isto dom Garcia pera
 ter mays algũa goarda na forta-
 leza, e a mandar vigiar milhor que
 dantes: nem pera mandar recolher
 a ela muytos dos nossos que pou-
 sauão fora/ porque os não mata-
 sem, se fosse verdade ho leuanta-

mento que tam claramente se dizia / e pera ho que Rair xaraso com muyta pressa se fazia prestes, armando muytas terradas pera queimar com elas a nossa frota: e armando estancias de artelbaria pera combater os nossos na fortaleza. E de tudo isto ho capitão não queria ver nada nem sabelo, posto que a obra se mostrava por si e alem disso lho dizia: e tamanho foy seu descuydo, que mandandolhe hũ mercador Baneane dizer por hũ scripto que fosse certo que na noyte seguinte se auia os mouros de levantar e matar todos os nossos que pousauão na cidade: Como que lhe dissera que ho levantamento dos mouros era mentira que descansasse / assi se deitou muyto descuydado em sua cama, sem prouer acoussa nenhũa: nem somente mandar a Johão de meira capitão da carauela, nem a Francisco de souza ho brauo capitão da galeota que fossem la dormir / e ficarão aquella noyte na fortaleza: E não abastou este escripto que lhe mandou ho Baneane / mas a inda sendo Manuel velho auisado por hum mouro que o baste por si, porque ele ouuira aquele dia no babazar (que he a praça) hũ pregão da parte de Rair xaraso / que matassem todos os nossos que pousauão na cidade / e que auia grande aluoroço nos mouros: e com quanto Manuel velho disse isto a dom Garcia não fez mais que polo scripto do Baneane, nem Manuel velho com quanto isto soube se

quis recolher a fortaleza nem deu auiso aos outros nossos que pousauão pola cidade que erão muytos, .i. os officiaes da alfandega e ho ouuidor que auia nome Aluaro pinheiro, e ho almotace mor / e os doentes que estauão no spital. E recolhidos os nossos a suas pousadas com tamanho descuydo. Aquela noyte que era de hũa terça feira na entrada de Nouembro / estando todos no primeiro sono: derão os mouros neles / e primeiramente ho Xabandar Dormuz deu por mar na nossa fusta em que não estauão mais de dous grometes / que quando sintirão os mouros se esconderão com medo: e ho Xabandar lhe mandou poer ho fogo, e cuydando que ficaua de maneira que se acendesse logo / foisse a carauela que deixou porque os nossos que estauão nela começarão de se defender com muyto efforço, e por isso ho Xabandar os deixou. E sena carauela e na fusta ouuera capitães e gente como auia de ser: a frota dos inimigos fora desbaratada / e eles não poserão em effeito seu proposito. E ido ho Xabandar sairão os dous grometes que estauão na fusta / e apagarão ho fogo que andaua nela. E por este feito que ho Xabandar fez tam mal lhe mandou el Rey Dormuz poer hũa beatilha como a molber por desonrra / e em quanto os mouros fazião isto no mar / cometerão outros a alfandega que estava dous tiros de besta fortaleza / e outros as casas do ouuidor.

z dos outros nossos, que pou-
são pela cidade, dando grandes
gritas com prazer de lhes pare-
cer que os auião de matar a todos.
E crendo então Manuel velho/
que era verdade ho levantamento
dos mouros trabalhou com os que
pousaão coele/ z quasi em camila
cô lanças z adargas se acolherão fu-
gindo pera a fortaleza: o que pode-
rão fazer por lhe ainda os mouros
não terem tomadas as portas por
onde sayrão. E quis nosso senhor q̃
era a maré vazia, que ao não ser não
podera recolherse na fortaleza sem
perigo de se afogarê/ por ser ao lon-
go dela cuberto d'agoa cô maré. E
vendo ja ho capitão dō Garcia cou-
tinbo q̃ ho levantamento dos mou-
ros era d' verdade/ achouse muy sal-
teado por estar muyto desapercebi-
do pera sofrer terco como se espera-
ua: z ho principal desapercebimen-
to era não ter agoa que estaua a cis-
terna da fortaleza chea de lenha, z
ela não tinha outra agoa nem lugar
perto donde se ouuesse: z també hū
cobelo que estaua sobre a porta da
treição q̃ saya ao mar estaua cheo
de lenha/ z nenhum tiro d'artelha-
ria estaua concertado/ nem posto
onde auia destar/ z a reuolta era
muy grande pola cidade assi da gri-
ta dos mouros como dos nossos/
que ouue algũs que se defenderão/
assi como foy ho ouuidor z algũs
Christãos da terra que se acolhe-
rão ao sp̃ital, z dali se defendião
porque erão casas fortes, que ou-
tras forão logo arrombadas z mor-
tos quantos estauão dentro/ z elas
queimadas. E por ser de noyte não

quis o capitão que lhe socorressem
da fortaleza polo perigo que se niss-
so corria.

Capit. lxxxiij. De como os mou-
ros começaram de bater a fortaleza,
z de como dom Garcia man-
dou pedir socorro á Índia.

E ainda a manhaã come-
çou de se levantar gran-
de labareda de fogo no
madraçal ou casas on-
de pousa ha ho ouuidor, z assi no es-
p̃ital, que os mouros poserão po-
los não poderem entrar: polo que
se conheceo na fortaleza que ainda
ali estauão algũs dos nossos viuos.
Que conhecendo dom Garcia mã-
dou os socorrer por vinte cinco dos
nossos/ em que entraão Manuel
velho, Ruy varela/ Diogo forão/
Vicente dias, z Gonçalo vieira/ q̃
todos hião bem armados. E quã-
do chegarã ao Madraçal onde pou-
sa ha ho ouuidor acharão algũs
mouros com que pelejarão, z salua-
rão algũs dos nossos, z assi Chri-
stãos da terra, porem ho ouuidor
era ja morto, z morreo affogado
do fumo. E com ele z com outros
que morrerão a ferro forão mortos
bẽ sessenta. E quando se os nossos
recolherão teuerão bũa grande pe-
leja cô muytos mouros que lhe quĩ-
serão tomar a dianteira, z muytos
dos inimigos forão feridos z mor-
tos: z os nossos forão todos feridos
z se recolherão á fortaleza/ z reco-
lhido dō Garcia se aparelhou logo
pera se defender/ mādando assentar
a artelharía nos lugares necessa-

rios/ e repartio as estâncias por esses principaes que estauão na fortaleza. E assi se despedio Jobão de meira com recado ao governador de como a fortaleza ficaua cercada pera que mandasse socorro: e Francisco de Sousa ho brauo se foy logo pera a sua galeota, que foy alada pera junto da fortaleza porque os mouros a não queimassem. E neste tempo estaua hũa nao de Manuel velho carregada de tamaras (que em Ormuz chamão congo) pera hir a India/ e por as tamaras serem necessarias na fortaleza pera suprirem por pão de que estaua muyto minguada: acordou-se que a nao fosse descarregada: e depois desfeita pera que da sua madeira se fizessem reparios a artelbaria, e assi algũas estancias de que auia grãde necessidade/ porque na fortaleza não auia nhũa: e porque os mouros auião de querer impedir chegar-se esta nao a fortaleza determinou-se que Francisco de Sousa com a enchente dagoa a leuasse a toa na sua fusta ate ho mais perto da fortaleza que podesse ser: e por terra acoderia Manuel velho cõ vinte cinco espingardeiros dos nossos pera defender que não chegassem os mouros á praia, e sairia pola porta da treição defronte dõ de a nao estaua: isto determinado foy logo posto e feito. E os mouros que ho virão acodirão logo muytos a pelejar com os nossos assi com os que estauão em terra como com os que atouão a nao por mar apertando os fortemente/ e com tudo os nossos derão com a

nao em seco junto da fortaleza: e por a peleja ser muy grande/ e os mouros muytos / forão mortos algũs dos nossos assi na fusta como em terra/ e hũ deles foy hum Gonçalo vieira homẽ muy esforçado/ e os outros quasi todos feridos: e dos mouros tambem ho forão muytos/ e algũs mortos: porem como digo a nao foy recolhida/ e desfeita pera reparios da artelbaria, e pera algũas tranqueiras de que depois ouue necessidade. E neste tempo adoeceo Francisco de Sousa que estaua na sua galeota com algũs dos nossos goardandoa que a não tomassem os mouros: e por sua doença lhe foy forçado recolher-se a fortaleza: polo que ho capitão mandou a esses principais da fortaleza que goardassem a galeota aos quartos, ho que eles recusarão por amor da estância da praya que varejava a galeota. E cõselharão ao capitão q̃ a não mandasse goardar, por q̃ lhe auião de matar alia gẽte sem seruir de nada, e q̃ seria melhor pou-pala pera defender a fortaleza: e ho capitão tomou seu cõselho. E ficando a galeota sem goarda logo os mouros a queimarão. E nestes dias chegou ao porto Ormuz hũa nao do capitão q̃ vinha da India carregada darroz e de açucar, e doutros mâtímẽtos/ e foy surgir diãte da põta em q̃ estaua a nossa fortaleza: e sabendo os nossos a carega q̃a nao trazia tã necessaria pera ho tempo pola necessidade q̃ auia de mâtímẽtos na fortaleza/ quizerão descarregar logo a nao.

ho capitão não quis, não se soube
cô que determinação. E como q̃r
que os inimigos adauão muyto aler-
ta pera fazerem dâno aos nossos
teuerão a nao em espia sabêdo que
trazia mantimentos, e hũa noite
lhe poserão ho fogo, que andando
bem ateado nela / foy visto da for-
taleza de que logo ho capitão mã-
dou tirar com a artelharía cuidan-
do que fizesse coisso afastar os imi-
gos: que fazendo escarnio dos nos-
sos tiros porque lhe não empecião
daão grandes gritas. E vendo
ho capitão que não aproueitauão
os tiros / mandou a Ruy varela e
a Manuel velho, que fossem com
algũs espingardeiros fazer afas-
tar os mouros: e eles ho fizeram al-
si saindo pola porta da treição / e
começarão de sacudir os mouros
que não vião os nossos com a grã-
de claridade do fogo que os cega-
ua. E vendo os mouros que de ca-
da vez mais caião muytos mortos
a fastarão se antes que ho fogo se a-
teasse de todo: então chegarão os
nossos / e apagando parte do fo-
go salvarão ainda algũ arroz: que
os ajudou a manter algũs dias.

Capit. lxxxiii. De como sabendo
Manuel de Sousa tauares q̃
el Rey Dormuz estava levanta-
do, foy socorrer a nossa fortale-
za: e do que fez em chegando.



Manuel de Sousa tauares
capitão mor do mar, andaua co-

mo disse goardado a costa dos nou-
taques: e por hũ grãde temporal
que lhe deu se acolheu ao porto de
Mazcate: onde nesta conjunção
foy ter Tristão vaz da veiga que
estaua por feytoz em Calayate: e le-
uaua cõsigo obra d trinta dos nos-
sos: e estando aquí chegou recado
del Rey Dormuz ao Req̃ de Maz-
cate como era levantado contra a
nossa fortaleza / que fizesse ele ho
mesmo / e matasse os nossos que hĩ
estauão na feitoria: e ou por ele ser
leal aos nossos ou por não querer
obedecer a el Rey Dormuz parecẽ
dolhe que não auia de poder hir a-
uante com aquele feyto: respõdeo
a el Rey Dormuz que não auia de
ser contra os nossos, antes auia
de perder a vida por eles: e ho mes-
mo disse a Manuel d Sousa a quem
mostrou as cartas del Rey Dor-
muz, que lhe deu por isso muytos
agardecimentos, com promessa
de lhe serem feitas muytas mer-
ces em nome del Rey d Portugal
por aquele seruiço que lhe fazia: e
ẽ final d isso ele lhe deu algũas pe-
ças ricas: e esta lealdade não vlon
ho reque de Calaiate, que sabendo
ho recado del Rey Dormuz matou
logo esses Portugueses que esta-
uão na feitoria: e ho mesmo fizera
a Tristão vaz e aos outros que fo-
rão coele se la esteuerão / e tomou
a feitoria: ho que foy logo sabido
em Mascate. E nisto chegou a hĩ
tambem Johão de meira que hĩa
pedir socorro a Índia / e contou a
Manuel d Sousa ho leuãtamento d
el Rey Dormuz: ho q̃ sabido por ele
ordenou sua partida pa Dormuz:

z deu hũ paraõ q̃ trazia a Tristão
vaz da veiga pera ir nele com os q̃
trounera de Calayate. E feyto isto
entendeo Manuel de souza em Tri
stão vaz que induzia a Fernão dal
uarez carnache que não fossem coe
le a Dormuz/ z se fossem fazer presas
nas naos dos mouros que etão vi
nhão da India. E que entendendo
Manuel de souza dissimulou z to
mou esses ber ços que tinha ho pa
raõ de Tristão vaz, z disselhe que se
passasse ao seu galeão/ z que hi iria
mais seguro. E que Tristão vaz ou
ne por grande afrõta, z não se quis
passar ao galeão, antes deixando
Manuel de souza se foy caminho
Dormuz, z em hũa agoada que to
mou lhe matarão mouros dous
homens/ z milagrosamente pode en
trar em Dormuz pola grande arma
da de mouros que andaua no mar
goardando que não entrasse nenhũ
nauiõ nosso na fortaleza. E cõ quã
to Manuel de souza isto sabia, z as
si ho grande numero de gente que
estaua sobre a nossa fortaleza não
quis deixar de lhe socorrer: não lhe
lembrando ho perigo que corria nũ
so/ z a perda que perdia que erão
bem vinte mil cruzados que ganha
ranas presas que fizera se se deixara
andar pola costa, que de todas quã
tas presas fizesse tinha a sexta par
te, por esta maneyra. Fazia se o todo
ho monte tres partes tirando pri
meyro a vintena pera ho governa
dor. E destas tres partes erão as
duas pera el Rey de Portugal/ z
hũa se partia pelo meyo, a metade
pera ho capitão mór do mar Dor
muz/ z a outra pera a gente da ar

mada. E partido Manuel de souza
cõ Fernão daluarez carnache pera
Dormuz amanheceo hũ dia sobela
ilha de Queixome / onde lhe a cal
mou ho vento com que auia dêtrar
no porto Dormuz, z por Queixome
ser dela obraõ legoa z mea foy Ma
nuel de souza visto da fortaleza, z co
nhecendo se fer ele/ sabendo dõ Gar
cia quão pouca gente trazia / ouue
medo querecebesse dãno da arma
da dos mouros/ que era de duzen
tas terradas bem artilhadas z for
nidas de muytos frecheiros z ou
tra gente de guerra: z por isso man
dou a Tristão vaz da veiga que arti
lhando bem ho paraõ em que viera
ho fosse socorrer, posto que estaua
muyto ferido de quando sayra na
agoada. E ele foy leuando consigo
algũs dos nossos q̃ forão poucos/ z
em ho paraõ saindo pera onde sta
ua Manuel de souza/ apartarãse
muytas terradas pera atalharem
ho paraõ que se não fosse ajutar cõ
Manuel de souza/ z chouião sobre
le bõbardadas z frechadas sem cõ
tõ/ z os q̃ hião no paraõ tãbẽ despa
rauão espingardas z bõbardadas
q̃ farte. E passãdo cõ muyto perigo
ouuera dir ter em outro, por q̃ vêdo
Manuel de souza vir ho paraõ, z
quão pouca gente trazia, cuydou
que era cilada, z q̃ deitauão os im
migos assi aquele paraõ: pera que
cuydãdo ele que era dos nossos ho
deixasse chegar a si z ho metesse no
fundo/ z cuydou que viria ali hum
João gonçaluez goarda mór Dor
muz que era arrenegado, z queren
dolhe mandar tirar com hũ tiro,
chegou mais ho paraõ z foy conbe

cido Tristão vaz: e por isso Manuel de Sousa mandou que não tirassem. E chegado ho paraó a ele determinou de se recolher á ponta da fortaleza porq̃ começaua de decer a mare: e com grande presteza mandou a Fernão daluarez e a Tristão vaz que se atoaassem polas popas á proa e popa do seu galeão / e deixando no paraó e na fusta algús homens darinas com os bombardeiros se recolhessem com a outra gête ao galeão: o que eles logo fizeram. E em quãto se fez foy cuberto de frechas ho masto do galeão / tãtas erão as frechadas que os mouros tirauão, e assi muytas bôbardadas de que nosso senhor quis goardar os nossos. E todavia Manuel de Sousa se foy com a decente caminho da pōta: o q̃ vendo os mouros por mais que os nossos lhes tirauão com a artilharia se chegarão tanto a eles que entrauão na fusta e no paraó / e isto antes que Tristão vaz e Fernão daluarez se recolhessem com os outros ao galeão / e eles matarão ás lâçadas quasi todos os que quiserão entrar. E hũ condestabre da fusta chamado Jaques matou bem seys mouros com hũ marrão / e os outros ho fizeram ali todos muyto bem: porque a fora matarem todos os que quiserão entrar ferirão outros muytos. E recolhidos ao galeão forão sempre pelejãdo com os mouros ate chegarem á ponta da fortaleza em cuja praya dom Garcia tinha mandado assentar hũa esepa com q̃ tirarão aos inimigos que seguitão os nossos / e coeste tiro arrombarão muytas terradas e

meterão outras no fundo / em que forão mortos muytos dos inimigos, e dos nossos forão frechados oytenta, e hum morreo na batalha que durou de pola manhã ate hũa hora despois de vespera. E quando despois quizerão amainar a vela do galeão não podião cō as muytas frechas que estauão pregadas no masto, e despois que veyo a maré se fizeram na praya muyto grandes bardas delas. E desta batalha ficarão os mouros da armada tão escarmentados que nunca mais ousarão de cometer Manuel de Sousa q̃ ficou no mar por amor de goardar ho galeão e a fusta.

Capit. lxxxv. De como os mouros derão bateria á nossa fortaleza, e do que os nossos fizeram.

Endo Rair xarafo quão desuiada lhe sayra a obra ho pensamento que teue: e de leuar os nossos do primeyro lanço e matalos cō lhes tomar a fortaleza, determinou de lhe dar bateria pera coela lhe desfazer os muros da fortaleza e entra-los: porque lhe parecia que vindo coeles ás mãos q̃ se lhe não auião de poder defêder por quão poucos erão, e os seus serẽ doze mil homens e os mais deles de feyto: e destes erão seys mil frecheiros / e espingardeiros. E determinando ele de bater a fortaleza por conselho de hũ turco q̃ auia nome Mira aidel grãdesabedor na guerra, mādou fazer hũa estácia nas cascos delrey e outra na casa onde fora ho nosso espirital,

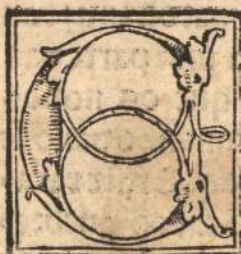
que ficaua á tre a fortaleza e os paços del rey / e afora os tiros que tirauão destas duas estâncias auia outros muytos espalhados pelos paços que tambem tirauão a fortaleza / e tam amiude que não oufaua ninguê da parecer nela por aquela parte / por onde lhe os nossos não podião fazer nhũ dano: e fazêdo os mouros muyto aos nossos principalmente da estancia do spirital, ouue ho capitão conselho de dar naquela estancia, por ser iũto da fortaleza: e a casa ser fraca q̃ era de paredes de barro, e cuberta dola: e podia se arrombar com hũ vay e vem: ho que se encomendou a Ruy varela e a Daniel velho que ho fossem fazer, cõ quarẽta homẽs: q̃ que os mais leuarião panelas de poluora pera logo pegarem coelã fogo, na casa em que estaua a estancia. E ao outro dia amanhecendo estando os mouros bem sem cuidado de os nossos saírem / sairão eles e derão na casa tãgendo as nossas trombetas: e cõ hũã vigã de que fizerão vay e vem derão cõ hũ pedaço da parede no chã / que fez portal por onde os nossos podessem êtrar. Ao que os mouros que goardauão a estancia acodirão logo cuidando que fossẽ os nossos mais do que erão: e defendião se fortemente se não forão as panelas de poluora q̃ os nossos leuauão, cõ que algũs tirarão aos mouros e queimarão e estes como lançarão as panelas / seruiãse despíngardas que leuauão: e começaram a derribar nos mouros q̃ ho não podẽdo sofrer fugirão / ma-

tando cõ tudo dous dos nossos: que entrarão na casa e tomarão a artelbaria, que leuarão a nossa fortaleza / com ajuda doutros q̃ lhe socorrerão pera os ajudar a leuar a artelbaria: que como digo leuarão deixando posto fogo na estancia ou casa / cujos telhados arderão logo por serem dola / e ficou de maneira que os mouros não se poderão mais aproueitar dela. E ficando Raixxarãso magoado de assi desfazer aquela estancia: e lhe leuarẽ os nossos a artelbaria q̃stãna nela mãdou assestar hũ tiro grosso ao sope dos paços del rey, que ficaua defronte da porta principal da fortaleza: e estaua este tiro embuçado porque os nossos ho não vissem e se goardassem dele. Como não virão se não quando ele tirou hũ pelouro de ferro coado com q̃ vazou a porta da fortaleza. E vendo ho capitão que q̃bradas as portas ho êtrarião os mouros, acodiu logo a mãdar entulhar por dẽtro a porta com areã, e ho entulho foy tam largo que ho tiro não podia fazer nojo: e pera quebrar ho tiro dos imigos mãdou assestar outro tãbem grosso na igreja, que estaua em hũ cobelo de fora da porta da fortaleza. E porq̃ tinha por certo a hũ Antonio fernandez condestabre do galeão de Daniel de souza, mandou lhe que lhetirasse ho que ele fez: e quebrou ho tiro. Com cujo prazer os nossos derão hũã grãde grãta / e assi ficarão liures daquela estancia: porẽ ainda ficarão aos mouros duas daquela parte / e outras duas da parte do

mar, e bñã delas estava na rabada-
ria/ que tirava ao longo da praya:
que com baixa mar era seruentia an-
tre ho mar e a fortaleza, por òde os
nossos andauão: e os mouros tira-
uão ali como q̃ lho querião tolher.
Isto que vêdo Manuel de Sousa mã-
dou poer de fronte no mar a fusta
de Fernão daluarez degá com gran-
des arrombadas de cairo/ porq̃ a
artelharía dos inimigos lhe não fizes-
se nojo: e mandoulhe que tirasse aa
estancia dos inimigos/ e assi ho fez
ele: e como eles não tinham com q̃
se emparar dos nossos tiros mor-
rião coeles muytos: polo que ouue-
rão por seu barato valeu aantar a es-
tância/ e com outras duas que lhes
ainda ficauão da bñã do mar não
cessauão todas as noytes de bater
a fortaleza por aq̃la parte, e de dia
com outras duas da banda do ser-
tão: assi que continuamente lhe da-
uão bateria/ com que não fazião tã-
to nojo nos muros, nem nos cobe-
los da fortaleza por a artelharía
ser miuda/ quanta era a oppressam
que dauão aos nossos tolhêdo-lhes
que não apparecessem. E coisto e com
a fome que ja auia antre os nossos
fugirão pera os mouros algũs del-
la gente baixa, e disserão a Raixara-
rafo que na fortaleza auia grande
fome: e que auia muytos doentes
dela e do trabalho que leuauão. E
auendo obra de quinze dias que du-
raua a bateria/ vendo Raixarafo
ho pouco dano que a fortaleza rece-
bia: e quam seguros os nossos esta-
uão/ tomou conselho com Adiraay
del/ ho turco que disse: que lhe acõ-
selhou que escalasse a fortaleza, e q̃

lhe parecia que a tomaria/ por que
a sua gente era muyto mais q̃ a nos-
sa em demasia/ e mais folgada/ e a
nossa doente e cãhada do trabalho
e da fome: e que cometesse també a
porta do alcayde mór, quebrando a
com hũ tiro. E parecendo isto bẽ a
Raixarafo mãdou logo fazer muy-
tas escadas pera este feito.

Capit. lxxxvi. De como os mou-
ros quizerão escalar a fortaleza: e
os nossos lhes quebrarão a esca-
da com a artelharía/ e de como
vendo os mouros ho dano que
recebião dos nossos com medo
do socorro da India despejão
acidade.



Ordenãdose assi is-
to/ com que os nos-
sos correrão gran-
de risco de serem to-
mados se ouuera ef-
feito/ quis nosso se-
nhor que fugio hũ mouro da cidad
pera a nossa fortaleza/ e descobrio
o que os mouros fabricauão: o que
afrigio muyto aos nossos/ porque
vião ho grande perigo que era. E q̃
sabido pelo capitão ouue conselho
sobre o que faria, e acordouse que
pera quebrarem as escadas possẽ
sobre as ameas dos muros e dos
cobelos vigas muyto grossas com
grãdes pedras nelas e atadas por
cabos: e nas goaritas e cobelos da
fortaleza esteuessem jarras de pol-
uora e panelas pera deitarem sobre
os inimigos. E por que se fosse cousa
que cometessem a porta do alcayde
mór/ que ferrassem logo os esteos

de hũa ponte que tinha diante por onde entravaõ, e que ficasse tão pouco por ferrar que quebrassem logo com qualquer peso / e que deitasse debaixo muyta ola e lenha seca: pera que caindo a ponte com os mouros lhe acodissem com poluora com q se acedesse a lenha e os queimasse. E estando os nossos apercebidos como digo, saíram hũ dia os mouros com as escadas pera escalam a fortaleza por hũa parte / e vinha grande corpo de gente dar mas coelias / dando grandes gritas de prazer cuidando que ja os nossos erã tomados: que logo acodirão ao muro e cobelos que estauão daquela parte, e despararão a artelharia nos inimigos / que como vinhão em corpo não somente matou muytos deles / mas qbrou a mox parte das escadas / que era o que os nossos pretendião, e com tamanho dano se recolherão os inimigos. E a rixarafo vendo as suas escadas quebradas não quis tornar a intentar de fazer outras / porque lhe pareceo q era escusado poder escalar a fortaleza, e tornou a dar bateria. E mādou armar hũ trabuco em hũ patio dos paços del rey com que lançase pedras na fortaleza e matasse os nossos. E assi fora se os mouros souberão tirar com ho trabuco, mas não sabião, e errauão a fortaleza. E juntamēte coisso começou de criar hũa parede de oytto pés de largo, por de tras doutra que estaua da banda do oeste em q tinhão hũa estancia / cōtenção de crescer tanto a parede em alto q sobeiasse por cima da fortaleza pera assentar ali a artelharia e

tirarẽ dentro o que se assi fora, forã os nossos destruidos e ninguẽ não ousara da parecer. E fazendose assi esta parede Daniel velho que vigiava daquela parte tão perto daquelle parede que ouuio bater hũa noite / conheceo que era obra que se fazia / e chamou Ruy varela que vigiava hi perto / e assentando que se fazia parede disserão ao capitão, que despois que assentou que se fazia parede da outra banda daquela velha / mādou lhe dar bateria com duas esperas / que atroarão a parede de maneira que se fez hũa abertura de dous dedos do alto abaixo / e assi fizeram algũs buracos, por onde ho capitão assentou q se metessẽ jarras de poluora pera se lhe dar fogo. E antes disto mādou poer muytos capacetes em paos ao derredor das ameas do muro quanto sobejassem hum pouco por cima das ameas, que cuidassem os mouros q erã homens: e mādou embaiderar a fortaleza e tanjer as trombetas e repicar ho sino da vigia / pera que os mouros cuidassem que era vindo socorro á fortaleza, e lhes qbrar os corações: o que eles cuidarão ouuindo estas alegrias / e vendo tantos capacetes e murrões acesos. E na noite seguinte que fazia grande tormenta de vento nordeste forão Daniel velho e Ruy varela leuando jarras, e panelas de poluora que fizeram meter polos buracos que esta uão feitos na parede velha, e coisso algũ ola. E do pe da abertura fizeram hũ formigão grosso de poluora ate a fortaleza: donde despois de recolhidos lhe poserão fogo / que cor

rendo por ele entrou pola abertura
 e deu na ola de que se acendeo nas
 jarras e dali em búa estância que ali
 estava em que logo ho fogo pegou e
 dela saltou nos paços e deles se co-
 meçou datear pola cidade começan-
 do de se atear em casas dola que esta-
 uão nos terrados, que como ja dis-
 se estão tam perto hús dos outros
 pola estreiteza das ruas que logo
 saltava ho fogo dús nos outros e
 nunca por mais que os mouros tra-
 balharão polo apagar quando se co-
 meçou datear na estancia nunca po-
 derão: e ho grande vento que fazia
 ho acendeo tão que fez muyto grã
 de perda nas muytas casas q̃ quei-
 mou pola cidade e mais acabou de
 derribar a parede velha o de foy pos-
 to e ela derribada ficou descuberta
 a noua que seria daltura de tres bra-
 ças e de comprimento dum grã de
 tiro de pedra: e do cobelo de Ruy
 varela e do de Daniel velho a de-
 ribarão com as duas esperas que
 digo e tam bem quebrarão ho tra-
 buco por ficar descoberto que se via
 da nossa fortaleza, e tudo isto fazião
 os nossos com grandes gritas e tã-
 jer de trombetas e repicar de sinos,
 q̃ quebrava muyto ho coração aos
 inimigos vendo quam mal lhes bía
 e que os nossos lhe não auíão medo
 e não somente lhes foy feito este da-
 no mas outros muytos pola cida-
 de com hū cão pedreiro que tirava
 tiros perdidos e outros muytos
 que deu no seu alcorão. E por isto e
 porque se Raix parafo temeo que vi-
 esse focorro da Judia tam supita-
 mente como viera Daniel de sou-
 sa e a nao de dom Garcia e ho pa-

rao de Tristão vaz: determinou cō
 el Rey de despejar a cidade e trise-
 pera a ilha de Queixome e assi ho
 fizeram despejando primeiro a gen-
 te toda sua fazenda: e quando se el
 Rey sayo com toda a gente da cida-
 de que foy búa noyte mādou Raix
 parafo poer lhe fogo porque se os
 nossos não lograssem dela.

Capit. lxxv. Do que passou
 antre os nossos despois que os
 mouros despejaram a cidade.



Conhecendo eles a
 causa do fogo como
 foy manbaã lhe forã
 acudir e ho apaga-
 rão despois dter fei-
 ta muy grande per-
 da e apagado acharão ainda al-
 gũas tamaras e cisternas com a-
 goa que senão acharão se perderão
 todos com sede por não auer na for-
 taleza agoa nenhua e quasi nenhús
 mantimentos porque auia perto d
 dous meses que durava ho cerco e
 tamanha foy a estreiteza da regra
 porq̃ se dava a agoa e os mātimen-
 tos q̃ a cada pessoa se não dava por
 dia mais que dous pequenos puca-
 ros dagoa e dous paës mais pe-
 quenos que hū punho cada hum e
 não comião coeles mais que bũas
 poucas de tamaras e coesta regra
 não ficou na fortaleza gato nem ra-
 to que não fosse comido e assi se co-
 merão oyto caualos q̃ nã auia mais
 na fortaleza e estando os nossos cō-
 tentes pola agoa que acharão nas
 cisternas despois da ida dos mou-
 ros sobreueolhes hū grande de-

saíre/ pera que lhe prestasse mal/ e
foy q̃ como na cidade ficassem muy-
tos gatos dos mouros como se vi-
rão sem gente, hiãose com fome pe-
ra a fortaleza/ e entravão polas bõ
bardeiras/ que os nossos taparão
por se desapparearem deles: e como
os gatos não acharão por onde ir-
á fortaleza: e a sede os apertava dei-
tarãse nas cisternas pera beber ne-
las/ e afogauãose dentro: e quando
os nossos souberã isto/ ja estava a
agoa danada/ porẽ pola necessidade
q̃ tinhão coziãna/ e assi a bebião: e
com tudo perdeose muyta. E tornã-
do a necessidade a crescer como dan-
tes/ ouue se conselho, que fosse Ma-
nuel de souza tauares com sua arma-
da a buscar agoa: e primeiramente
á ilha Danguão, que he hũa parte da
de queixome. E por Manuel velho
saber bẽalíngua foy no paraõ com
Manuel de souza/ e no caminho q̃
mou duas naos de mouros que es-
tauão surtas: e não podẽdo tomar
agoa em Danguão passou auante a hũ
lugar chamado Sid, quatorze le-
goas de Dormuz/ e hi tomou agoa
e se tornou com grande prazer dos
da fortaleza, com quãto a agoa não
foy tanta que lhe mataisse a sede: e a
fome dos mantimentos era de ca-
da vez mais. E ho mesmo auia an-
tre os mouros porque indoeles bus-
car mantimentos á terra firme hião
demandar a ponta da nossa fortale-
za pela banda do norte, ho que en-
tendendo os nossos os esperavão
ali nõ paraõ e na fuita/ e tomando
os lhes dauão fũdo e muy poucos
escapauão desta morte: pelo q̃ eles
mudarão a seruentia pela banda do

sul, onde parece que quis nosso se-
nhor que se leuantou naquele canal
por onde as terradas dos mouros
hião hũ baleato segundo seu tama-
nho e feição/ e este as coçobrava
com tanta diligencia que parecia q̃
não viera ali pera outro fim: ho que
vendo os nossos louuarão muyto
a nosso senhor por tam bom socorro
como aquele fora: e leuauão grande
passatempo em ver como ho balea-
to coçobrava as terradas dos mou-
ros/ que vendose tão perseguidos
assi dos nossos como do baleato,
não ousarão de sair de Queixome
abuscar mantimentos: pelo que foy
a fome tamanha entre eles que morre-
rão muytos. E cuidando eles que
fosse assi entre os nossos, pera ho sa-
berem fizeram fugido a hũ mouro
principal que auia nome Cojeselal
talebo/ grãde priuado del rey Dor-
muz e conhecido dos nossos: com
que se deitou dando a entender que
hia desauindo del rey Dormuz. E sos-
peitando ho capitão ao que bia lhe
mádou dar pão e agoa muyto boa
que tinha em jarras/ dizendolhe q̃
comesse afouto q̃ tinha muyto man-
timento. E ho mouro bebia a medo
como que receava que fosse a agoa
salobre dos poços da ilha: e q̃ndo
a achou doce espantouse: e muyto
mais porque os nossos meterão hũ
tanque de pão na boca da cisterna
que estava cheia de lenha/ e ho tan-
que dagoa doce, de que tirarão per
ante ho mouro cõ hũ coco per hũa
corda curta: e ele cuidou que a cis-
terna estava cheia dagoa/ e ho mes-
mo lhe fizeram crer em hũa tulha a
que fizeram outro sobrado hũ dedro

abaxo das bordas, e cobrirão o trigo como que estava chea: do q se ho mouro espantou muyto polo grande discurso do cerco/ e como el não vinha a saber mais que aqui lo tornou a Queixome dali a alguns dias. Enisto ho capitão da fortaleza se começou de cartear com el Rey Dormuz, e mandaua fazer a Queixome per hũ Antonio fernandez cristão nouo e seu criado que era lingoa: e el Rey lhe mandaua tão bem cartas e presentes/ ho que pareceo mal a esses fidalgos e caualeiros e officiais del Rey/ e estranbaram ao capitão ho que fazia: dizendo que ho não auia de fazer assi por que eles estauão na quela fortaleza que era del Rey aquem auiaõ o dar conta dela. E dizendo dom Garcia que ele era capitão que faria ho que quisesse/ disserãolhe que não faria nem ho podia fazer sem seu cõselho/ e quissẽrão no prẽder e fazer outro capitão: se não chegara neste tempo dom Gonçalo coutinho seu irmão, que vinha da India em socorro da fortaleza.

C Capit. lxxviii. De como dom Gonçalo coutinho foy em socorro da fortaleza Dormuz. E de como el Rey Dormuz foy morto por mandado de Raixxarafo.



Porque Johão o meirã que ho foy pedir á India chegado a Cochim/ onde achou dom Duarte/ e Diogo lopez, deu-lhe as cartas de dom Garcia em que con-

taua ho estado em que ficaua a fortaleza: sobre ho que ouuerão ambos cõselho coesses fidalgos capitaes/ e pessoas principais da India: em q Diogo lopez dizia que por quanto dom Luis de meneses capitão mór do mar estava occupado na fortaleza de Chaul que fosse logo em socorro dos nossos Francisco de Sousa tauares no galeão sam Dinis, e do Duarte não quis dizendo que aquilo pertencia a dom Luis/ seu irmão q mandaria ho socorro que fosse necessario ate ele poder hir/ e que hiria inuernar a Dormuz. E acordado isto screneolhe logo que mãdasse ho socorro/ e ele mãdou a dom Gonçalo coutinho por ser irmão de dom Garcia: e foy no seu galeão que leuou carregado de mantimentos/ e com a gente necessaria. E disse q dom Gonçalo em chegando foy primeiro a Queixome que entrasse na nossa fortaleza, e visitou el Rey Dormuz aquem vêdeo muyta parte dos mantimentos que leuaua, e por isso lhe deu muytas peças ricas, afora ho dinheiro que se mõtava nos mantimentos. E desembarcado ele na fortaleza cessarão as dissensões que auia antre os officiais da fortaleza e pessoas principais dela e ho capitão: porque dom Gonçalo ho favoreceo com sua chegada: e coeste socorro acabarão os nossos de ficar o todo seguros dos mouros/ antre quem neste tẽpo auia grandes imitações principalmente antre Raixxarafo/ e Miramahmet morado, que era muyto priuado del Rey Dormuz porque el Rey lhe dormia com sua molher, e por esta priuança lhe

queria Raix parafo grande mal/ e tambem a el Rey a que determinou de tirar a vida, e que faria Rey que quisesse pera ter toda a governança do reyno como no tempo passado teuera seu pay: e assentado isto com seus parentes, emcomendou a morte del Rey a Raix ramixir: que ho afogou secretamente com a corda de bú arco. E assi foy comprido ho que seu pay del rey lhe pronosticou quando lhe conselhava que não se levantasse cõtra os Portugueses porque lhe não auisao de tomar mais que a fazenda/ e os mouros a fazenda e a vida. E morto el Rey fez Raix parafo Rey Dormuz a Patra mahmetra que fora filho d Raix ca fardim: a que Afonso dalbuquerque tomou Dormuz a primeira vez como disse no liuro segudo, e este fez Raix parafo Rey porque lhe dormia cõ sua may: e morto el Rey fugio logo Miramahmet morado, e Raix parafo ficou com toda a governança do reyno.

Capit. lxxxix. De como Diogo lopez entregou a governança da India a dom Duarte de meneses/ e separtio pera Portugal.



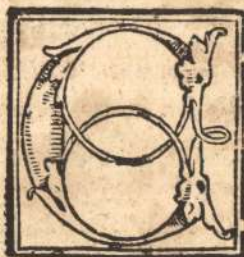
Assãdose estas cosas e Dormuz fezse prestes a armada que auia de hir pa Portugal. E carregadas as naos entregou Diogo lopez de sequeira a governança da India a dom Duarte de meneses/ dandolhe ele conhecimento de como a recebia com tanta gente, tanta artelharía, e tantos nauios. E isto feito embarcouse Diogo lopez, e coele dom Aleixo de meneses, e outros muytos fidalgos que tinham acabado de servir seus carregos na India/ e outros quehião pedir satisfacão d seus seruiços/ e em Dezebroy de mil e quinhentos e vinte e hum se partirão de Cochim pera Portugal, onde com ajuda de nosso senhor chegou esta armada a quenam soube ho que aconteceo na viagem.

Aus Deo.

Acabou se de empremir a presente obra per João da barreira e João aluares em a muyto nobre e sempre leal cidade de Coimbra. Aos xv dias do mes de Outubro. de A. D. liij.



Preuillegio que el Rey nosso senhor deu a Fernão lopez de
Castanheda pera todos os liuros da historia da India.



El Rey faço saber a quantos este meu aliuara virem, que Fernão lopez de Castanheda Bedel da faculdade das artes da vniuersidade de Coimbra me deuou dizer que ele tinha feytos dez liuros da historia da India que começauão do descobrimento dela: Dos quaes tinha impressos aa sua custa ho primeiro liuro, e queria emp- n-ir os outros. E porque auia mais de vinte annos q- ndaua occupado no fazer da dita historia: e tinha leua do n-ss- m-uyto trabalho e feito m-uyto gasto de sua fazenda: me pedia que ouuesse por b- que pessoa alg-ua não podesse empremir os ditos liuros se naoele Fernão lopez: nem os vender, nem trazer de fora do reyno polo t- po, e sob as penas que me bem parecesse. E visto seu requerimento, e auen do respeito ao trabalho que tem leuado em fazer os dito liuros, e a despe sa que n-ss- tem feita, me praz que por tempo de dez annos, que se come çar-ão da feytura deste em diante, pessoa alg-ua de qualquer qualidade q- leja, não possa empremir, nem mandar imprimir os ditos liuros da dita hi storia da India, nem cada h- deles, nem os possa trazer, nem mandar vir impressos de fora do reyno: se não ho dito Fernão lopez, ou quem seu po- der pera isso teuer. Sob pena d- qualquer impressor ou libreiro, ou pessoas que os ditos liuros ou cada h- deles empremir, ou v-der, ou teuer em sua casa, ou trouuer empremidos de fora do reyno, perder os volumes que lhe forem achados, e pagar cinco-eta cruzados, a metade pera os catiuos e a outra metade pera quem os accusar. Este se imprimira no principio ou cabo de cada h- dos ditos liuros. Pelo qual mando a todos os corre gedores, iuyzes e iusticas, officiaes e pessoas d- meus reynos e senhorios que ass- ho cumpr-ão e goardem, e faç-ão inteiramente cumprir e goardar, porque ass- ho ey por b- Este me praz que valha, e tenha forza e vigor, co mo se fosse carta feyta em meu nome, por m- ass-ada e passada por mi- nha chancelaria, sem embargo das ordenaç-ões do segundo liuro, que ho contraio disp-õe. João de leyras ho fez em Almeyrun, a quatorze dias de Junho, de. **MDLIII**. **A**nuel da costa ho fez escreuer.

~~ma Lopez~~
~~de castanheira~~

